

SABEDORIA DO EVANGELHO



5º Volume

CARLOS TORRES PASTORINO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

CARLOS TORRES PASTORINO

Diplomado em Filosofia e Teologia pelo Colégio Internacional S. A. M. Zacarias, em Roma – Professor
Catedrático no Colégio Militar do Rio de Janeiro e Docente no Colégio Pedro II do R. de Janeiro

SABEDORIA DO EVANGELHO

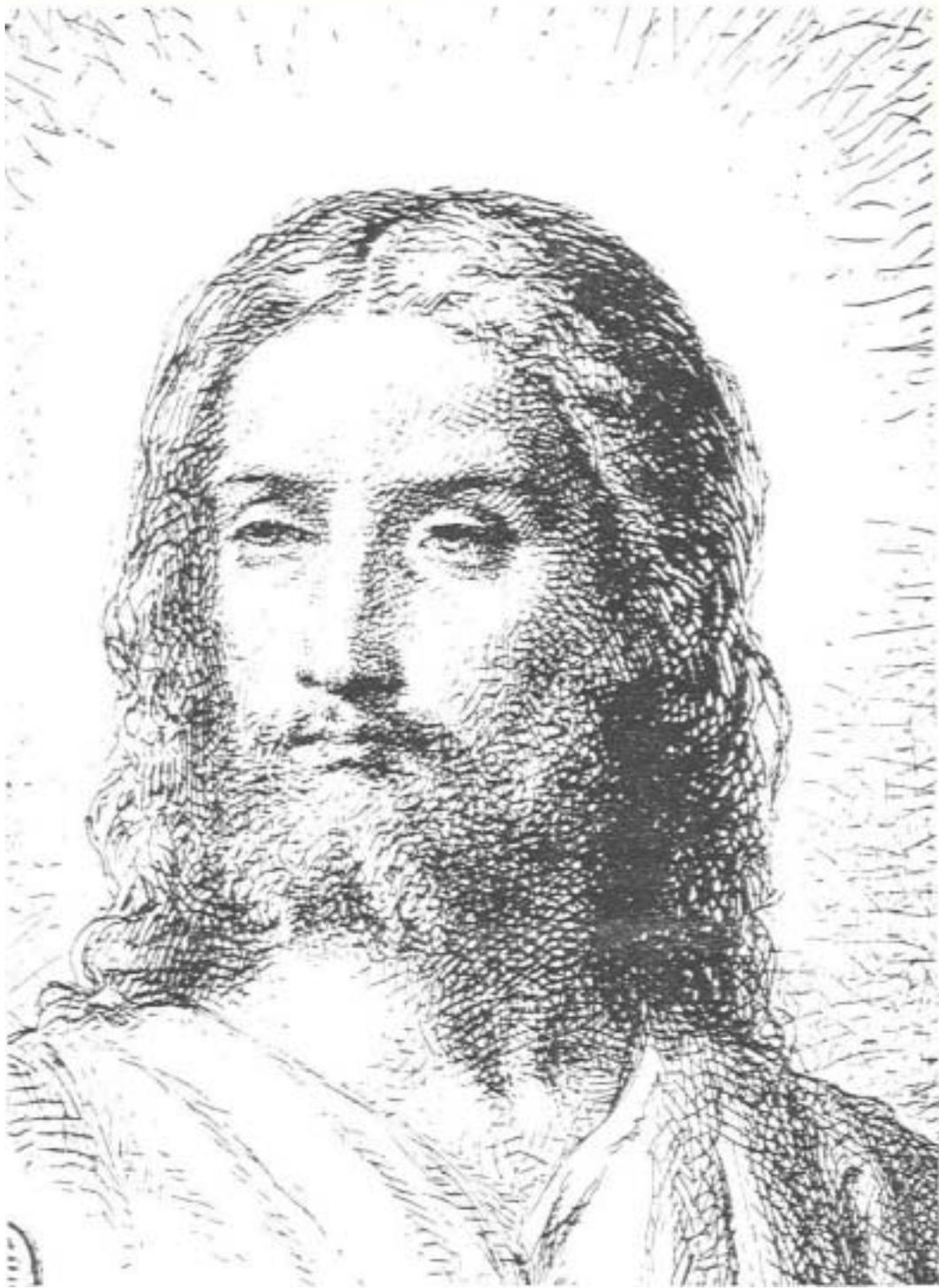


5.º Volume

Publicação da revista mensal.

SABEDORIA

RIO DE JANEIRO, 1964



OS 72 EMISSÁRIOS

Luc. 10:1-16

1. Depois disso, o Senhor consagrou outros setenta e dois e enviou-os de dois em dois adiante de si, a todas as cidades e lugares, aonde ele estava para ir .
2. E disse-lhes. "A seara, em verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos; rogai, portanto, ao Senhor da seara que envie trabalhadores para sua seara.
3. Ide, mas atenção! Eu vos envio como cordeiros no meio de lobos.
4. Não leveis bolsa, nem alforje nem sandálias; e a ninguém saudeis pelo caminho.
5. Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro. "Paz a esta casa",
6. e se ali houver algum filho de paz, sobre ele repousará vossa paz; e se não houver, ela tornará para vós.
7. Permaneei nessa mesma casa, comendo e bebendo o que vos oferecerem, porque o trabalhador é digno de sua recompensa. Não vos mudeis de casa em casa.
8. Em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei o que vos oferecerem,
9. curai os enfermos que nela houver e dizei: "aproximou-se sobre vós o reino de Deus";
10. mas no cidade em que entrardes e não vos receberem, saindo pelas suas praças, dizei:
11. 'até o pó que da vossa cidade se nos pegou aos pés, nós vo-lo sacudimos; todavia, sabeis que o reino de Deus se aproximou'.
12. Digo-vos que, naquele dia, haverá mais tolerância para Sodoma do que para aquela cidade.
13. Ai de ti, Corazin! Ai de ti, Betsaida! porque se em Tiro e em Sidon se tivessem manifestado as forças que se manifestaram em vós, de há muito sentadas em saco e cinza teriam modificado a mente.
14. No entanto, haverá mais tolerância para Tiro e para Sidon no dia da triagem, do que para vós.
15. E tu, Cafarnaum acaso te exaltarás até o céu? Descerás até o hades.
16. Quem vos ouve, me ouve; quem vos rejeita, me rejeita; e quem me rejeita, rejeita aquele que me enviou".

Mat. 11:20-24

20. Começou então a invetivar as cidades onde se manifestaram suas maiores forças, porque não modificaram sua mente:
21. "Ai de ti, Corazin! Ai de ti, Betsáida! porque se em Tiro e em Sidon se tivessem manifestado as forças que em vós se manifestaram, de há muito elas teriam modificado sua mente em saco e cinza.
22. Mas digo-vos que no dia da triagem haverá mais tolerância para Tiro e Sidon, que para vós.
23. E tu, Cafarnaum, acaso te exaltarás até o céu? Cairás até o hades; porque se em Sodoma se tivessem manifestado as forças que em ti se manifestaram, ela teria permanecido até hoje.
24. Digo-vos, porém, que no dia da triagem haverá mais tolerância para a terra de Sodoma, que para ti".

Começamos o comentário por Lucas que nos apresenta um pormenor com exclusividade: a consagração dos setenta e dois discípulos.

O verbo *anadeíknymi* usado por Lucas (*anadeíxen*) exprime literalmente “mostrar elevando”, ou “mostrar no alto” e, nas escolas iniciáticas expressa a consagração da criatura ao grau do sacerdócio onde se permanece “em evidência” perante o público.

Há uma variante séria: setenta? ou setenta e dois?

Os códices B, D, M, R, os minúsculos a, c, e, a Vulgata, as versões siríacas curetoniana e sinaítica, e a armênia, trazem setenta e dois.

Os códices aleph, A, C, L, X, gama, delta, psi, pi, os minúsculos b, í, g, e as versões siríacas gótica e etiópica, escrevem setenta.

Parece aos hermeneutas que setenta foi uma correção, para estabelecer paralelismo com o Antigo Testamento, como o diz expressamente Tertuliano (Patr. Lat. v. 2, c. 418) ao salientar a semelhança entre os doze apóstolos e os setenta discípulos, com as doze fontes e as setenta palmeiras de Elim (Êx. 15:27 e Núm. 33:9).

Realmente o número setenta é frequente, como se vê no caso dos setenta anciãos (Ex. 24:1, 9; Núm. 11:16ss; Ez. 8:11) que se transformaram nos setenta membros do Sinédrio (Fl. Josefo, Bell. Jud. 2, 20, 5 e Vita, 14); os setenta reis (Juízes, 1:7); os setenta sacerdotes de Baal (Dan. 14:9); os setenta anos normais da vida humana (Salmo 89:10); os setenta siclos de resgate (Núm. 7:13), os setenta cúbitos de altura do Templo (Ez. 41:12), etc.

Infelizmente não nos foram conservados os nomes desses discípulos da Segunda “leva”, embora dentre eles tenham sido propostos os substitutos de Judas (José Barsabbas, o Justo, e Matias). tendo este último (At. 1:21-26). Eusébio (Hist. Eccl 1,12) cita alguns nomes colhidos na tradição oral.

Jesus os enviou (apésteilen) para onde? O evangelista não o esclarece, embora diga que “iam aonde Jesus estava para ir”. Não se trata, porém (como em Luc. 9:52) de preparar-Lhe pousada, mas apenas para conquistar novos adeptos. Em vista do episódio de Marta e Maria (Mat. 10:38-42) que está próximo a este, supõe Lagrange que estavam nos arredores de Jerusalém.

Foram enviados dois a dois, como ocorrera com os Emissários (Marc. 6:7, vol. 3) e como parece se tornaria praxe daí por diante (cfr. At. 13:2; 15:27, 39, 40; 17:14; 19:22).

Jesus demonstra querer apressar-se para que, antes de partir deixe três gerações de discípulos preparados. Ordena-lhes, pois, que orem para que venham muitos outros (cfr. Mt. 9:37, 38) para serem preparados trabalhadores. Evidentemente, nem todos os convidados se mostraram aptos para o serviço. Disso já se queixara Gregório Magno (P. L. v. 76, c. 1139): *ecce mundus est sacerdotibus plenus, sed tamen in messe Dei rarus valde reperitur operator; quia officium quidem sacerdotalem suscipimus, sed opus officii non implemus*, isto é: “eis que o mundo está cheio de sacerdotes, e no entanto, na seara de Deus raríssimo é o trabalhador; porque recebemos, na verdade, o encargo sacerdotal, mas não cumprimos os deveres do encargo”.

Da alocução preparatória, conserva-nos Lucas alguns excertos: são eles avisados de que serão como cordeiros entre os lobos, já que não disporão das mesmas armas que os adversários nem poderiam pensar em desforços nem vinganças (cfr. Luc. 9:54).

As instruções ministradas à primeira leva dos doze (cfr. Mat. 10:5-16; Marc. 6:7-11 e Luc. 9:1-6; vol. 3) são aqui repetidas: nem bolsa, nem dinheiro, nem alforjes, nem sandálias, ou seja, nenhuma preocupação com o preparo da viagem; confiança absoluta na Providência divina; pobreza total e nenhuma perda de tempo para cumprimentar nem para conversar com amigos. Ao entrar na casa para anunciar o reino de Deus, a saudação será uma emissão de fluidos de paz. A expressão aqui é mais completa que em Mat. 10:12 (veja vol. 3). E temos a garantia assegurada de que essa emissão atingirá seu objetivo, envolvendo e penetrando os que estiverem aptos a recebê-la. E se acaso ninguém for digno, o jato emitido voltará para quem o irradiou.

Também não deverão mudar de casa em casa para não desapontar nem magoar seus primeiros hospedeiros e também para fixar um centro de sua pregação, onde possam ser facilmente encontrados, por quem quiser ouvi-los. Na casa em que se fixarem, poderão aceitar alimentos sem constrangimento (cfr. Mat. 10:10), pois "o operário é digno de seu salário". Observemos que Lucas emprega o termo *misthós* (salário) ao passo que Mateus, no trecho que acabamos de citar, emprega *trophes* (alimento); Paul Vulliaud, "La Clé Traditionnelle des Évangiles", pág. 137, sugere que essa divergência se prende às palavras *m'hiro* (seu salário) e *m'hiato* (seu alimento) que só diferem em uma letra no hebraico. A idéia é repetida em outros pontos do Novo Testamento, de que, quem dá o pão espiritual, pode receber sem escrúpulo o pão material; no entanto, cremos que isso não justifique a "venda" de pregações e atos religiosos por dinheiro (mesmo que se procure enganar a Deus e a si mesmo, utilizando sinônimos e eufemismos: "troca" ou "espórtula", etc.). Eis outros locais: "não amarrarás a boca do boi quando debulha" (Deut. 25:4, citado em 1.ª Cor. 9:9 e em 1.ª Tim. 5:18); "digno é o trabalhador de seu salário" (1.ª Tim. 5:18); "Será que não temos o direito de comer e beber"? (1.ª Cor. 9:4); e mais adiante: "O Senhor ordenou aos que pregam o Evangelho, que vivam do Evangelho" (1.ª Cor. 9: 14).

Esse princípio vale não apenas para a casa que o hospeda, mas para toda a cidade. E para que também se dê além do pão do Espírito, a predisposição para ele, o Emissário terá o poder de curar os enfermos, como faziam os terapeutas essênios. Aqui, porém, não são citados o poder de ressuscitar os mortos", nem a proibição de pregar fora de Israel (esta última, aliás, também não enumerada por Lucas no cap. 9).

Entretanto, onde não fosse encontrada receptividade, se retirassem sem mágoa, mas também sem levar coisa alguma da cidade, nem mesmo a poeira na sola das sandálias. Não obstante a mensagem devia ser entregue, de que o reino de Deus se aproximou deles.

A culpa da rejeição é grave. E, em estilo oriental, são trazidas à meditação comparações vivas e chocantes entre cidades: Corazin e Betsaida opostas a Tiro e Sidon, e Cafarnaum oposta a Sodoma.

Corazin, cidade da Galiléia, na ponta norte do Lago de Tiberíades, um pouco a leste de Cafarnaum. É identificada com as ruínas de *Khisbet Kerázeh*, a 4 km ao norte de *Tell Houm*.

Betsaida, hoje *El-Aradj*, a 2 km a leste de onde João se lança no Lago Tiberíades e na margem deste. É a Betsaida-Júlias, de Felipe, construída em homenagem à filha de Augusto (cfr. vol. 1 e vol. 3).

Tiro, hoje Sour, cidade da Fenícia, no litoral mediterrâneo.

Sidon, hoje Saida, capital desse país, 18 km ao norte de Tiro, também porto do Mediterrâneo (cfr. Mat. 15:21 e Marc. 7:24; vol 4).

Cafarnaum "cidade de Jesus" (vol. 2, ver também vol. 1 e vol. 2), situada na Galiléia, a 60 km ao norte de Jerusalém.

Sodoma, antiga cidade, celebre por sua destruição pelo fogo, na época de Abraão e sempre citada como exemplo (cfr. Gén 10:19; 13:10, 12,13; 14:2, 8, 10, 11, 17, 21; 18:16, 20, 22, 26; 19:1, 24, 28; Deut. 19:23; 32:32; Is. 1:9, 10; 3:9; 13:19; Jer. 23:14; 49:18; 50:40; Thre 4:6; Ez. 16:46, 48, 49, 53, 55, 56; Sof. 2:9; Amós, 4:11; Mat. 10:15; 11:23, 24; Luc. 10:12; 17:29; Rom. 9:29; 2.ª Pe. 2:6; Jud. 7 e Apoc. 11:8).

As oposições são feitas no estilo figurado, da suposição do que teria sucedido se uma causa tivesse sido interposta, e lançado o resultado no futuro, "no dia da triagem". Já vimos que "triagem" é o sentido certo da palavra *krísis*, geralmente traduzida por "juízo" ou "juízo" (cfr. vol. 2 e vol. 3). Se tudo o que foi feito em Corazin e Betsaida, deixando-as surdas e empedernidas, tivesse sido realizado em Tiro e Sidon - cidades "pagãs" - estas teriam radicalmente modificado sua mente (*metanóêsen*). Porque em Corazin e Betsaida, como em Cafarnaum, Jesus "manifestara ("fizera nascer" egénonto) as suas maiores forças" (kai pleístai dynámeis autóu). Cafarnaum, então, poderia Ter sido "exaltada até o céu", em virtude de nela Ter residido por três anos o Mestre; mas por tê-lo rejeitado, cairia até o "hades": ao recusar a luz, escolhera as trevas. Trata-se evidentemente de comparações "por absurdo", pois se refletissem a realidade, sem dúvida o Cristo teria pregado naquelas cidades, e não nestas. Anotemos,

porém, que em nenhum ponto do Novo Testamento se fala da pregação de Jesus em Corazin; deduzimos, daí quanto as narrativas são resumidas a respeito da ação de Jesus no planeta (cfr. João 21:25).

Aos setenta e dois, tanto quanto fizera aos doze, é atribuída delegação plena, no mesmo pé de igualdade: todos são Emissários ("apóstolos") que representam Jesus como embaixadores plenipotenciários: "quem vos ouve é como se a mim mesmo ouvira; quem vos rejeita, a mim mesmo rejeita; e quem me ouve ou rejeita, está ouvindo ou rejeitando o Cristo, uno com o Pai, que impulsionou ou "enviou" o Filho. E esta verdade vale até hoje, para os que receberam a tarefa da pregação falada ou escrita.

A expressão "sentadas em saco e cinza" é tipicamente bíblica: v'schaq va-epher iatsiah, (Isaias 58:5).

Esta lição é preciosa, porque nos revela o plano executado por Jesus, quando de sua estada na Terra. Em primeiro lugar, convoca doze elementos e lhes dá um curso intensivo de iniciação, revelando-lhes os "segredos do reino". Aptos a passar adiante os ensinamentos, são eles enviados dois a dois. Cada dupla consegue (naturalmente por indicação de Jesus), exatamente mais doze elementos, sobre os quais, possivelmente, exercessem direção. Seis vezes doze, formaram, então, os setenta e dois discípulos convocados, que se aproximaram do Mestre para ouvir-Lhe os ensinamentos e serem, por sua vez, iniciados nos "mistérios do reino". Daí a necessidade que Pedro sentiu (At. 1:21) de designar um substituto para Judas, a fim de chefiar o grupo dos doze que ficara acéfalo e poder, dessa forma, prosseguir no trabalho silencioso.

Agora, novamente, Jesus envia os setenta e dois, em duplas. São, por conseguinte, trinta e seis grupos, cada um dos quais convocará doze novos iniciados, perfazendo, portanto, o total de 432 discípulos, que estariam espiritualmente aptos a divulgar o ensino iniciático do Mestre. Creemos que esta nova teoria não poderá ser tachada de imaginação nossa, já que, na 1.ª Cor (15:5-6), Paulo relata que os "discípulos" englobavam exatamente os setenta e dois MAIS os quatrocentos e trinta e dois (que somam 504), quando diz: "Apareceu (Jesus) a Cefas, e depois aos doze: depois apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez". Ora, "irmãos" (adelphoí) era o termo técnico para designar os companheiros de iniciação. Portanto, quando Jesus desencarnou, deixou, ao todo, 516 discípulos já iniciados e pronto para o trabalho da divulgação de Sua doutrina, garantindo, assim, a continuidade do ensino. Estivesse, pois, a humanidade preparada, e dentro de poucos anos mais a Terra se teria podido transformar pois no 12.º envio dessas duplas (dois já haviam sido feitos), teríamos 4.353.564.672 "irmãos", ou seja, a população toda do planeta! Mas a humanidade se encontrava (e se encontra ainda!) muito retardada no caminho evolutivo. Aguardemos com paciência, até que a Lei se cumpra.

Essa maneira de agir explica-nos por que Jesus escolheu pequena aldeia desconhecida e se manifestou a homens socialmente sem posição destacada, pois já eram humildes por sua própria condição. E por isso o cristianismo se difundiu entre o povo pequeno, mais apto a receber a lição e a transmiti-la. Não eram as grandes pregações nos centros populosos e cosmopolitas, que visassem a uma impressão e a um aplauso externo, mas facilmente sufocáveis pela bacanal do "mundo". Jamais interessou ao Mestre, que SABIA como agir, a aprovação exterior da personagem transitória: Ele queria a transformação íntima e profunda, a CRISTIFICAÇÃO REAL. E por isso tem sempre falhado os grandes pregadores de multidões, e têm obtido êxito os Mestres escondidos e silenciosos, quase anônimos das grutas da Índia ... Todas as vezes que o culto se propaga horizontalmente entre milhares de crentes, crescendo em número, com pompas e rumores e trombetas, observamos que se trata de um movimento de superfície que encrespa as águas, mas não as revolve, que entusiasma, mas não dura. Frutos só poderão ser colhidos, quando o trabalho é realizado verticalmente, na profundidade do ser. Daí a decepção de tantos pregadores célebres, que falam a milhares de criaturas entusiasmadas e dispostas a sacrifícios "naquela hora", mas que não chegam a transformar nenhuma: as sementes lançadas se esriolam ao sol, ou são comidas pelas aves do céu, ou sufocadas pelas ervas daninhas (cfr. vol. 3).

Que os setenta e dois foram iniciados mostra-nos o verbo anadeíknymi: "elevar, mostrar no alto", e portanto, "consagrar como sacerdote".

As instruções, iguais às do primeiro lote de doze, revelam que estavam no mesmo grau, tanto que lhes foi confiada tarefa igual. Os requisitos foram os mesmos para os dois grupos. O termo "enviou"

(apóstelen) é o mesmo. Por que só dão aos primeiros o título de “apóstolos”? Todos os oitenta e quatro o foram, legítima e oficialmente consagrados por Jesus. A Tradição não os reconheceu? Observe-mos um fato: o mais antigo documento da tradição escrita, a DIDACHÊ, em seu cap. 11, vers. 3 a 6. diz: “enquanto aos apóstolos e profetas, agi conforme a doutrina do Evangelho. Ora, qualquer apóstolo que chegue a vós, recebei-o como (vindo) do Senhor. No entanto, não permanecerá mais que um dia só. Se houver necessidade, mais um dia. Mas se ficar três dias, é falso profeta. Ao sair o apóstolo, nada leve consigo, a não ser pão, até a nova hospedagem. Se pedir dinheiro, é falso profeta”. Raciocinemos. Se houvesse apenas os doze, a comunidade cristã os conheceria imediatamente, e saberia quais eram os verdadeiros apóstolos. Como, entretanto, eram mais de quinhentos, fácil seria que algum aventureiro se apresentasse como sendo “apóstolo”, não no sendo.

No vers. 9, de Lucas, traduzimos o verbo éggiken (perfeito de eggízó) por “aproximou-se”, e não como nas traduções correntes: “está próximo”; e também eph’humín, traduzimos por “sobre vós”, literalmente. Pode parecer algo duro”, no português, mas exprime a idéia original: o reino dos céus, que é a realização interna, no coração já fez sua aproximação, chegando do Alto, das vibrações mais elevadas, para atrair a si o Espírito, convidando-o a corresponder ao chamado e unificar-se com o Amado.

Para apenas acenar ao sentido dos termos usados: Corazin significa “o Segredo” e Betsaida, “Casa dos Frutos”. Realmente elas revelam a chave usada pelo Mestre: buscar os frutos em segredo, pela iniciação INTERNA. E lamenta-se: quem sabe se não obteria maior êxito se o tivesse feito em Tiro, ou “força” ou em Sidon, a “caçada” (vol. 4), ou seja, se lançasse à humanidade uma “cacada à força”? Quem sabe se ao invés de “Casa do Consolador” (Cafarnaum) se agisse na “aridez” (Sodoma), isto é, com dureza, os resultados teriam sido melhores?

Depois do desabafo, vem a confirmação de que os setenta e dois estavam no grau do sacerdócio, capazes de passar adiante a iniciação: é a alusão ao logos akoês, à “palavra ouvida”: quem vos ouve, me ouve, e quem me ouve, ouve meu o Pai”. A linha da tradição (parádosis) iniciática divina prossegue na Humanidade. O essencial é que a “palavra ouvida” seja realmente o Logos DIVINO, e não o logos dos homens. Quando o ensino (logos) é verdadeiro e testificado pelo CRISTO, sua rejeição apresenta consequências graves: o afastamento da vibração divina, que é repelida, e a queda nas ilusões de falsas e vazias teorias humanas, que a nada conduzem, que nada constroem, que levam à perdição.

COINCIDÊNCIAS

Há certas coincidências em nossas vidas que nos causam impressão. Eis alguns exemplos, cuja descoberta nos alegrou:

- 1) Nos comentários evangélicos (“Sabedoria do Evangelho”) adotamos o princípio (vol. 1) de escrever com E (maiúsculo) a palavra Espírito, quando nos referíamos à Individualidade; e com “e” (minúsculo), espírito, quando quiséssemos designar a personagem, a psychê. Ora, no ano passado (1967) chegou a nossas mãos o volume “The Hidden Wisdom in the Holy Bible”, da autoria de Geoffrey Hodson (The Theosophical Publishing House, Adyar, Madras 20, Índia, 1963). Lemos aí, na pág. 58, nota I: “Throughout this work, in order to reduce ambiguity concerning the meaning of this term to a minimum, a capital initial is used when the unfolding, immortal, spiritual principle of man is meant, e. g. Spiritual Soul. The term “Ego” is also used to denote this centre of the sense of individuality in man. A small “s” is used when the psyche, the mental and emotional aspects of the mortal personality, are referred, - e. g. soul”. A única diferença é que, na personalidade, denominaríamos aspecto “Intelectual”, e não “mental”.
- 2) Outro ponto de coincidência ocorre quando consideramos em nossos comentários, como símbolo da individualidade no homem (do homem-futuro) a figura de Jesus, ou seja, quando os evangelistas atribuem esta ou aquela ação a Jesus, e quando Jesus age deste ou daquele modo, isso representa em nós o que deve fazer a individualidade, o Eu Profundo (vol. 1). Lemos em Hodson: “Jesus Christ Who personifies God’s Spirit and presence within man” (pág. 63).

- 3) Quando dissemos que as pessoas citadas historicamente nas Escrituras representavam, além de seu papel histórico, a caracterização de uma qualidade ou defeito humano, ou um veículo, um plano de consciência (vol. 1). Na obra citada, lemos: “The second key is that each of the persons introduced into the stories represents a condition of consciousness and a quality of character. All actors are personifications of human nature, of attributes, principles, powers, faculties, limitations, weaknesses and errors of man” (pág. 63).
- 4) Afirmamos ainda (vol. 3) que até mesmo a história do povo hebreu, como outras, representavam os passos da evolução do Espírito. Eis o que diz o autor na página 90: “The third key is that each story is thus regarded as a graphic description of the human soul as it passes through the various phases of its evolutionary Journey to the promised Land, or Cosmic Consciousness – the goal and summit of human attainment”.
- 5) Quando comentamos o caso da “Samaritana”, salientamos (vol. 2) a incongruência do pedido de Jesus: “Chama teu marido”, esclarecendo que isso alertava para um sentido mais profundo. Citemos Hudson (página 93): “incongruities are clues to deeper meanings”, o que é explicado longamente nas páginas seguintes.
- 6) Dissemos que os fatos narrados nas Escrituras se realizaram mesmo (vol. 1) e o simbolismo deles é extraído por quem o consiga. Mas o simbolismo não invalida a realização dos fatos, como pretendem alguns ocultistas. Escreve Hodson (pág. 208): “Thus whilst the historicity of Bible is not contested, the idea is advanced that the related incidents have both a temporal, historical significance AND a timeless meaning, universal and human”.

Em numerosos outros pontos a obra de Hodson concorda com a nossa “Sabedoria do Evangelho”, embora divirja em muitos outros. Dissemos, no início, que esse fato muito nos alegrou. Com efeito, verificamos que as mesmas idéias foram captadas por várias criaturas, em continentes diferentes e longínquos; e não sabemos se terão aparecido as mesmas idéias em outros lugares, pois assim como essa obra levou quatro anos a chegar a nossas mãos, outras podem ter sido divulgadas sem que as conheçamos.

Alegra-nos o fato, pois segundo Allan Kardec, quando as mensagens são recebidas por diversas pessoas, em lugares diferentes, isso constitui uma prova de sua autenticidade. E uma confirmação indireta do que escrevemos, conforta-nos o espírito, porque nos demonstra que estamos sendo fiéis pelo menos nesses pontos, :não traindo o pensamento emitido do Alto.

O SAMARITANO

Luc. 10:25-37

25. E então levantou-se certo doutor (da lei), tentando-o e dizendo: "Mestre, que farei para herdar a vida imanente?"
26. Ele disse-lhe: "Na lei, que está escrito? Como lês?"
27. Respondendo-lhe, disse; "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de toda as tuas forças, e de todo o teu intelecto, e a teu próximo como a ti mesmo".
28. E disse-lhe (Jesus): "Respondeste corretamente; faz isso e viverás".
29. Mas, querendo justificar-se, ele disse a Jesus "E quem é meu próximo"?
30. Replicando, disse Jesus: "Certo homem descia de Jerusalém a Jericó e caiu entre ladrões que, tendo-o não só despido como batido até chegá-lo, foram embora deixando-o meio-morto.
31. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote e, vendo-o, passou ao largo.
32. Igualmente um levita, vindo a esse lugar e vendo-o, passou ao largo.
33. Certo samaritano, porém, viajando, chegou junto dele e, vendo-o, teve compaixão.
34. E aproximando-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando sobre elas azeite e vinho; e colocando-o sobre seu jumento, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele.
35. E no dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao hospedeiro, e disse "Cuida dele, e o que quer que gastes a mais, eu te pagarei no meu regresso".
36. Qual destes três te parece ter-se tornado o próximo do que caiu entre ladrões?
37. Respondeu-lhe: "O que teve misericórdia para com ele". Disse-lhe Jesus: "Vai também tu fazer do mesmo modo".

A lição é de extraordinária beleza em sua simplicidade. Como tantas outras vezes, o doutor da lei (*nomikós*) quer "tentá-lo" (*ekpeirázōn*). Sua pergunta, que visa a entabular uma discussão, é semelhante às apresentadas por Mat. 22:34-40 e Marc. 12:28-34. Mas as circunstâncias e a resposta variam de forma a mostrar-nos que se trata de episódios diferentes. O sistema de fazer perguntas para embaraçar o interlocutor era habitual entre os doutores da lei e os escribas (*grammateus*) que, em se aproveitando de seu profundo conhecimento da *Torah* e dos comentários do *Talmud* e da *Mishna*, com facilidade confundiam os outros, firmando então seu conceito de sábios perante o público.

Para ganhar terreno, logo de início, Jesus inverte os papéis e responde com nova pergunta, exatamente dentro do campo que, para o doutor, era o mais fácil: o da *Torah*: "Que diz a *Torah*"? Mas, a fim de evitar longas citações, limita o que deseja como resposta: "como lês", isto é, como a entendes em suas palavras escritas?

A resposta é pronta e clara. tirada do Deut. 6:5 (que resume Deut. 6:4-9 e 11:13-21, bem como Núm. 15:37-41) e que duas vezes por dia os israelitas repetiam no início do *sema* (oração). A segunda parte é extraída de Lev. 19:18, não fazendo parte do *sema*. Mais tarde (Mat. 22:40) Jesus dirá que "nestes dois preceitos estão resumidos toda a lei e os profetas".



O BOM SAMARITANO

Desenho de Gustavo Doré, Gravura de A. Gusmand

Jesus aprova plenamente a resposta e aconselha o indagador a cumprir o que disse. Mas a derrota tinha sido muito rápida, e o doutor não se conforma em sair de cabeça baixa. Volta à carga com outra pergunta, sobre a qual, fácil lhe seria estabelecer a discussão desejada: "e quem é meu próximo"? Para os israelitas, "próximos" eram os pais, os filhos, os parentes, os da mesma religião, os da mesma raça, nessa ordem de precedência. Os "pagãos" e samaritanos não constituíam "o próximo, mas o adversário.

Ao invés de permanecer no terreno teórico, fácil para provocar controvérsias interpretativas, Jesus passa à prática, com uma "parábola". Coloca o caso num "homem", sem esclarecer se era judeu ou pagão; não lhe importa a nacionalidade nem a religião. Vem então a situação "de fato": ele descia de Jerusalém (a 800 metros de altitude) para Jericó (que se achava a 250 metros abaixo do nível do mar). A estrada era árdua e íngreme e atravessava regiões desertas, para além do monte das Oliveiras, partindo à *el-Azariéh*. Fácil ser atacado por salteadores de estradas, numerosos naquela época, que se aproveita-

vam dos viajantes solitários. O "homem" foi envolvido por um desses bandos, e tiraram-lhe tudo, até a roupa do corpo, deixando-o nu e, além disso, o cobriram de pancadas, largando-o ferido.

Estava esboçado o quadro. Agora chegam as personagens. para estabelecer os confrontos.

A primeira é um sacerdote, cujo ofício lhe impunha o amor aos semelhantes e o socorro aos necessitados. Mas ele olha o desgraçado ferido e nu, e não quer complicações: dá uma volta para passar o mais longe possível (*antiparélthen*, caminha do lado oposto). Ora, o sacerdote, tanto quanto o levita (servidor do Templo, da tribo sacerdotal de Levi) deviam conhecer o preceito da Lei: "se vês o asno de teu irmão ou seu boi caído na estrada, não te afastes, mas ajuda-o a levantar-se" (Deut. 22:4) e mais ainda: "se encontras o boi de teu inimigo ou seu asno perdido, o levarás a ele, e se vês o asno de teu inimigo caindo sob o fardo, não te abstenhas: ajuda-o a descarregá-lo" (Êx. 23:4-5). Se esses eram os preceitos para com asnos e bois, a *fortiori* se referiam aos próprios seres humanos, fossem amigos ou inimigos. Mas os dois se afastaram.

Entretanto, aparece na estrada um samaritano, que se compadece do ferido e o atende com misericórdia e humanidade. Lava-lhes as feridas, segundo o costume da época, com óleo e vinho, e coloca-lhes ataduras, embora precárias. Carrega-o sobre seu próprio jumento, caminhando a pé, a seu lado, até a próxima hospedaria ou "Khan". Lá cuida melhor dele, pernoita, e na manhã seguinte, ao partir, "tira" (da cintura) dois denários, que entrega ao hospedeiro para as despesas futuras com o ferido. O denário era a importância correspondente a um dia de trabalho (cfr. Mat. 20:2), e dois seriam mais do que suficientes para atendê-lo até o restabelecimento. Mas podia dar-se a necessidade de mais: o samaritano pensa em tudo: ao regressar pagará o que tiver faltado. E segue viagem tranquilo pelo dever cumprido. Não cogitou de indagar a nacionalidade, nem a religião de quem necessitava: fez.

Terminada a parábola, muito psicologicamente Jesus não lhe tira a ilação moral: deixa esse encargo ao doutor, obrigando-o a pronunciar-se categoricamente, passando de inquisidor a inquirido: "Qual dos três foi próximo do ferido"?

A resposta veio sincera e correta, mas teria sido muita humilhação reconhecer que o "samaritano" tinha sido superior ao sacerdote e ao levita de sua religião. Então, responde com um circunlóquio: "o que teve misericórdia com ele".

Aqui Jesus encerra a discussão com a superioridade do Mestre que ensina. Já havia tomado essa posição depois da primeira pergunta: "faze isso e viverás"; agora insiste: "age do mesmo modo".

Esta lição é a exemplificação prática do que Jesus ensinou antes, completando a lei (cfr. Mat. 5:43-48 e Luc. 6:27-28 e 32-36: vol. 2).

A expressão "fazer misericórdia para com ele" (*poieín éleon metà autoú*) é um hebraísmo conservado nos LXX, e é empregado só por Lucas aqui, em 1:72 e nos Atos 14:27 e 15:4).

O nomikós, ou doutor da lei (literalmente "o legalista") representa, nos Evangelhos, em seu sentido profundo e simbólico, o intelecto plasmado nos preconceitos de "escolas", sobrecarregadas de preceitos humanos inventados por "intelectuais" do espírito e impostos como princípios e dogmas à humanidade.

Para esses, chega o aviso de que bastam os dois preceitos fundamentais: amar a Deus e ao próximo (templo de Deus). Tudo o mais, como dizia Rabbi Hillel, "são comentários a esses dois preceitos". Jesus, aqui como alhures, aceita os preceitos hilelistas, afastando-se totalmente da escola rigorista de Rabbi Shammai.

A prova do "escolasticismo" do intelecto é a pergunta seguinte, a respeito do "próximo". Aproveitando-a, o Mestre Único lança à humanidade toda uma lição sublime, em forma de parábola, a fim de ser aproveitável a profanos e iniciados.

Para os primeiros, a tese de que temos que amar positiva, eficiente e realmente (comprovando-o nos mínimos atos) aqueles mesmos que "julgamos" inimigos, mas são de fato "nosso próximo". Portanto "ajudar", sem considerar cor, raça, religião, idade, sexo. condição social.

Para os "discípulos" há outros sentidos.

Podemos considerar primeiramente, no plano logo superior ao físico, o espírito desencarnado, assaltado por perseguidores do plano astral e deixado ferido e maltratado. Não são os "ministros" das religiões (sacerdotes) nem os "aliados" (levitas) que poderão prestar-lhe eficiente socorro. Só uma "alma vigilante" (samaritana, veja vol. 2) é capaz de realizar os esforços indispensáveis à sua recuperação, conduzindo-o a um "Posto de Socorro" (hospedaria) ou hospital do mundo espiritual, cuidando que suas forças sejam refeitas, a fim de que possa preparar-se convenientemente para "continuar sua viagem evolutiva", após essa "descida" moral, novamente reencarnando.

Em outro estágio algo mais elevado, podemos discernir, na lição sóbria, o trabalho de elevar um ser, ferido pelas paixões violentas (salteadores), que lhe roubaram todas as qualidades positivas (saúde) e o deixaram intranquilo e desesperançado (caído e chagado). Não são as religiões organizadas (sacerdotes) nem os "companheiros" de romagem (levitas) que poderão prestar-lhe cabal assistência, pois se acham no mesmo plano "adormecido" da personagem humana normal. Só mesmo alguém que já tenha sido despertado para a vida maior do Espírito (samaritano - vigilante) é capaz de trazer-lhe efetivo e eficiente socorro, derramando em suas chagas o óleo (bálsamo do conforto e consolação) e o vinho (interpretação e explicações espirituais), e levá-lo, depois, aonde possa ele libertar-se, pela meditação ao lado de um mestre (hospedeiro), dos danosos efeitos e das consequências dos vícios, e poder assim recomençar, fortalecido, sua evolução, após haver aprendido, em dolorosas experiências, a evitar os perigosos caminhos do mundo, infestados de gozos e paixões traiçoeiras (ladrões e salteadores) procurando manter-se equilibrado no plano espiritual. Atravessará, assim, indene as vicissitudes terrenas e chegará a salvo ao fim da jornada.

No plano iniciático, podemos interpretar a lição como uma indicação do caminho que a criatura per-lustra na Terra. Inicialmente, o homem se lança ao mundo, numa viagem que "desce de Jerusalém" (visão da paz) a Jericó ("a lua dele"), isto é, que baixa suas vibrações, descendo do Espírito pacificado à mutação variável (lunática) da personagem terrena. Na descida, encontra-se com numerosos e variados percalços que o maltratam e ferem, com ladrões de sua paz (sensações) e salteadores de sua espiritualidade (emoções), os quais o reduzem à situação de frangalho humano, a um ser "decaído" na condição de "incapaz" de, por si, reagir e vencer o jogo das sensações desregradas e das emoções descontroladas. O intelecto perde sua ação, e fica paralisado (caído) e nu (sem capacidade para compreender nem raciocinar). O que primeiro chega a seu lado, para a recuperação, é o sacerdote, ou seja, o representante das religiões organizadas (budismo, catolicismo, judaísmo, espiritismo, protestantismo, etc.). O resultado da atuação das religiões é ironicamente salientado: passar de largo, o mais longe possível dos realmente necessitados: falam, mas não agem; pregam, mas não realizam; ensinam, mas não praticam; utilizam a voz, mas não praticam; utilizam a voz, mas não as mãos. Em conclusão, o desejoso de espiritualidade" (ou "mendigo do Espírito") fica na mesma, sem ter como modificar seu estado, amargando as dores e suportando as aflições de seu estado. O segundo com que deparam os "feridos da vida", é o levita. Descrente da ação das religiões que não atenuaram sua sede íntima, coloca nos "aliados" a esperança de recuperação. Outra desilusão soma-se à primeira. Seus companheiros também "passam ao largo" quanto aos problemas profundos, não resolvem as dificuldades íntimas, nada trazem de novo. E, de tudo despojado, nu e caído em sua romagem terrena, a vítima sofre, calada, o choque de retorno cármico de seus erros. Para socorro eficiente e acerto na direção a tomar, só alguém que já esteja desperto e iluminado na senda. Com o óleo balsâmico do alívio e o vinho espiritual das interpretações reveladoras dos Mestres, vem o primeiro e essencial reconforto para as feridas das emoções, e esclarecimento para as dádivas do intelecto. As "feridas" são, então, "enfaixadas" com os panos do amor envolvente, que o destacam do mundo; e o próprio "mestre" assume sobre si uma parte do carma da vítima, carregando-a em seu próprio corpo (o seu jumento) e levando-a a uma Escola Iniciática, onde a deixa para recuperar-se, servindo de "fiador" daquele Espírito. Daí por diante, reconfortado e iluminado, esclarecido e refeito física e intelectualmente, estará apto a caminhar com seus próprios pés.

Daí a grande e preciosa ordem de Jesus a seus discípulos: "vai tu fazer o mesmo", isto é, percorre as estradas do mundo e socorre, com tuas próprias mãos, e derrama tua própria paz como óleo recon-

fortante, e despeja o vinho de teu próprio conhecimento espiritual, e enfaixa com as ligaduras amorosas de teu próprio coração, e assume sobre teu corpo a responsabilidade cármica, e serve tu mesmo de fiador de quantos encontrares aflitos, angustiados, feridos, inertes, caídos, desprezados e desesperados em tua peregrinação pela face da planeta sofredor.

Esta a verdadeira lição. Se fora somente socorrer os "corpos" literalmente feridos, poucas ocasiões teríamos de pô-la em prática. Mas com a interpretação espiritual, sabemos que haverá centenas ou milhares de ocasiões de realizar o preceito do Mestre.

MARIA E MARTA

Luc. 10:38-42

- 38. E aconteceu que, na ida deles, entrou numa aldeia, e certa mulher de nome Marta recebeu-o na casa dela.**
- 39. E tinha uma irmã, chamada Maria, a qual, sentada aos pés de Jesus ouvia o seu ensino.**
- 40. Maria entretanto, estava atarefada com muito serviço; e disse: "Senhor, a ti não importa que minha irmã me tenha deixado sozinha a servir? Dize-lhe, pois, que me ajude".**
- 41. Mas, respondendo-lhe, Jesus disse: "Marta, Marta, estás ansiosa e preocupada com muitas coisas,**
- 42. no entanto, poucas são necessárias, ou melhor, uma só; como Maria escolheu a parte boa, esta não lhe será tirada" .**

Lucas não nos diz qual a aldeia, mas João (11:1) esclarece tratar-se de Betânia, situada no sopé do monte das Oliveiras, na estrada que levava a Jerusalém, 2 km a leste.

Quem hospeda Jesus é Marta, a mais velha, o que significa ser ela solteira. Não fora assim, o marido é que receberia o hóspede. Maria, sem deveres de hospitalidade a desempenhar, senta-se ao chão junto aos pés de Jesus, indiferente ao serviço da casa. Lucas apresenta-a como "uma irmã, chamada Maria", o que afasta a hipótese de identificá-la quer com a pecadora (7:37), quer com Maria Madalena (8:2), ambas já apresentadas anteriormente ao leitor pelo evangelista.

Em suas intermináveis idas e vindas, para preparar a casa e a refeição, Marta aflige-se, ao ver que perde grande parte dos ensinamentos de Jesus. Mas o sentido da obrigação de dona-de-casa é mais forte que o desejo de aprender. Aproveitando-se, então, de uma aproximação, reclama com o Mestre da calma despreocupada de Maria, e pede-lhe que diga à irmã que venha ajudá-la, dividindo a tarefa doméstica.

A resposta de Jesus é clara, e condena as preocupações de Marta, louvando a preferência de Maria. Há duas lições: A, C1, P, *delta* e *pi* escrevem como a Vulgata: "uma só coisa é necessária" (*henós dé estin chreían*); mas a melhor lição é a de *aleph*, B, C2, L e versões coptas, etiópicas e siríacas: "poucas coisas são necessárias ou melhor, só uma (*olígon dé estin chreía hé henós*).

Realmente, de bem pouco precisa o homem na Terra para seu sustento. As complicações e complexidades são criadas pelos desejos do próprio homem, não pela necessidade. Ora, não há razão para preocupações desnecessárias: o essencial é pouca coisa; aliás, o essencial é apenas uma coisa: o reino de Deus.

Assim sendo, Maria é que está com a razão. Escolheu o que é bom, a "parte boa", e esta jamais lhe será tirada. Trata-se da conquista do Espírito que, à medida da evolução, aprende a selecionar o essencial do supérfluo.

Lição curta em seus termos, mas profunda em seus significados. É dada por meio de um fato vivo e autêntico, donde podemos deduzir mais seguramente as conclusões para nosso aprendizado e evolução.

A primeira lição bem compreendida por todos, é que a "vida contemplativa" apresenta, realmente, incontestável superioridade em relação à vida ativa", que é classificada, por exclusão, como a "parte não-boa". Observemos que o Mestre não se refere à primeira dizendo a "a melhor", como que comparando um bem menor a outro maior. Diz, taxativamente, "a parte BOA", opondo-a a uma "parte MÁ". A vida ativa, a que se refere o Mestre é precisamente a de atender ao necessitado, já que Marta preparava, atarefadamente, alimentos para Ele, o hóspede amorosamente tratado.

Mas a lição mais profunda ensina-nos algo diferente. O hóspede divino de todos nós está caminhando conosco, na "ida" do Anti-Sistema para o Sistema. Nessa viagem, permanece hospedado, recebido em nossa casa. E a "dona-da-casa" (significado da palavra "marta") faz todas as honras ao ilustre Senhor. Portanto, trata-se de uma criatura que já atingiu elevado grau evolutivo, que já compreendeu a sublimidade daquele que habita em "sua casa".

Acontece, porém, que essa "dona-de-casa", a personagem, vive atarefada e preocupada com os afazeres do mundo, ao passo que a individualidade, "sentada aos pés do Mestre", procura manter-se em contato permanente com Ele. A queixa da personagem não se faz esperar: quer trazer para sua companhia a individualidade, fazendo-a baixar suas vibrações, para mergulhar no azáfama externo e inútil das coisas materiais.

Recorre ao Mestre, e este, alertando-a para o sem-valor dessas coisas, garante a permanência de Maria ("a exaltada" ou "a extática") em seu êxtase maravilhoso. A contemplação é a "parte boa" da vida: jamais a ação divina afastará um Espírito de sua união plena. As tentações materiais e terrenas poderão pretender influir, para afastá-la dessa união. Mas, do lado divino, jamais provirá uma iniciativa dessas. As crenças terrenas de que a "caridade" material sobreleva e vale mais que a contemplação, podem iludir as criaturas imaturas; mas os que já sentiram a presença do Mestre, SABEM que mais vale um minuto de unificação com o Cristo, que uma vida inteira de agitação caritativa. Então, a criatura evoluída, o ser iniciado, mesmo quando precisa desdobrar-se em atividades externas, só o faz com o espírito "sentado aos pés" de seu apaixonado amor.

Como vemos, lição prática, para ensinar-nos a manter os dois lados em equilíbrio, embora bem distintos um do outro. As tarefas terrenas que nos "ocupam", não nos "preocupem": realizemo-las com os veículos externos, sem nelas imiscuir o Espírito. Este deve permanecer na contemplação e na união divina. Agir com as mãos, meditar com o coração. Andar com os pés do corpo, enquanto o Espírito permanece "sentado" a conversar com o Amigo Sublime. Olhar as coisas com os olhos físicos, mantendo o olhar do Espírito preso às belezas do Amor. Raciocinar com o intelecto, deixando a mente a contemplar o Amor do Amado.

E o evangelista soube, perfeitamente, estabelecer a sequência, dando-nos esta lição logo a seguir à do "samaritano", como que prendendo uma à outra, afim de alertar-nos que o atendimento ao próximo, embora necessário e sublimador, não deve afastar-nos, de modo algum, do ambiente místico da contemplação interior.

O REGRESSO DOS 72

Mat. 11-25-30

Mat. 13:16-17

Luc. 10:17-24

25. Naquela ocasião Jesus disse: "Abençô-te, Pai, Senhor do céu e da Terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios intelectuais e as revelaste aos pequeninos;
26. Sim, Pai, pois assim se torna bom perante ti.
27. Todas as coisas me foram transmitidas por meu Pai; e ninguém tem a gnose do Filho senão o Pai, e ninguém tem a gnose do Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho quer revelar.
28. Vinde a mim todos os fatigados e sobrecarregados, e eu vos repousarei.
29. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou doce e modesto de coração e achareis repouso para vossas almas,
30. porque meu jugo é benéfico e meu fardo é leve".
16. Mas felizes são vossos ouvidos porque ouvem.
17. pois em verdade vos digo, que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram; e ouviram, e não ouviram.
17. Voltaram os setenta e dois com alegria, dizendo: "Senhor, até os espíritos se nos submetem em teu nome".
18. Respondeu-lhes Jesus: "Eu via o adversário cair, como relâmpago do céu.
19. Atenção: dei--vos poder para pisardes sobre serpentes e escorpiões e sobre toda a força do inimigo, e nada, de modo algum, vos fará mal.
20. Mas não vos alegreis de que os espíritos se vos submetam: alegrai-vos antes de que vossos nomes estão inscritos nos céus".
21. Nessa hora Jesus alegrou-se em espírito e disse: "Abençô-te, Pai, senhor do céu e da Terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios intelectuais e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim se torna bom diante de ti.
22. Tudo me foi transmitido por meu Pai, e ninguém tem a gnose do Filho, senão o Pai, e ninguém tem a gnose do Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho quer revelar".
23. E voltando-se para seus discípulos, disse: "Felizes os olhos que vêem o que vedes,
24. pois digo-vos que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram, e ouvir o que ouviram".

Não nos foi esclarecido quanto tempo demorou o trabalho da segunda leva, dos setenta e dois Emissários. Nem se sabe se todo chegaram no mesmo dia, por ter sido antecipadamente marcado um término a essa excursão, ou se foram regressando aos poucos. O fato comprovado pelas anotações de Lucas, é que chegaram "alegres", por haverem realizado com êxito a tarefa missionária recebida.

A impressão causada é que, todos reunidos, foi estabelecida uma assembleia ("igreja", *ekklêsia*), tendo o evangelista resumido, numa frase, a impressão e o relatório deles, salientando a surpresa de terem conseguido "até" dominar os Espíritos desencarnados obsessores.

Jesus responde com uma frase para nós enigmática: *ethéôroum tôn satanãs hôs astrapên ek tou ouranou pesônta*, cuja tradução pode ser dupla, conforme prendamos *ek tou ouranou* a *astrapên* (1.^a) ou a *pesônta* (2.^a):

1.^a - eu via o adversário caindo, como relâmpago do céu;

2.^a - eu via o adversário caindo do céu, como relâmpago.

Alguns autores, aceitando a segunda, vêm na frase uma alusão à "queda dos anjos" (cfr. Apoc. 10:7-9). Nada, porém, justifica tal afirmação. Dizem outros que Jesus "via" as vitórias de Seus discípulos, como derrota e queda dos espíritos atrasados.

Observamos claramente repetido que o "poder" (*exousía*) dado aos setenta e dois foi o mesmo que aos primeiros doze, embora lá (cfr. vol 3) não se tenha acenado a esse poder: "de caminhar sobre serpentes e escorpiões e sobre a força (*dynamis*) inimiga". Sabemos que, de fato (cfr. Marc. 16:18) segundo palavras do Mestre, os que crerem expulsarão espíritos, falarão línguas novas (que não conheçam por outras vias), pegarão em serpentes, nenhum veneno mortal lhes causará danos e, com a simples imposição das mãos curarão enfermos. Os verdadeiros enviados não são atingidos por males externos.

O Mestre afirma que o domínio sobre espíritos obsessores pode causar a alegria da vitória do bem. Mas a alegria profunda e íntima deve ser proporcionada, quando sabemos que temos os "nomes inscritos nos céus". Esta é uma expressão antiga entre os israelitas. Deparamo-la pela primeira vez, profetizada por Moisés, quando diz a YHWH: "perdoa-lhes o erro, ou senão risca-me do livro que escreveste" (Êx. 32:32-33). E aparece ainda em Is. 4:3; Dan. 12:1; Salmo 68:29; Filp. 4:3 e Apo. 20:15. A expressão "ter o nome escrito ou inscrito nos céus" ou "no livro da Vida", significa "estar salvo".

Logo após, Jesus dirige-se ao Pai, numa oração de "ação de graças" (*eucharistía*) em termos que merecem análise.

"Naquela hora (*en autêi têi hôrai*) alegrou-se (*égalliásato*, cfr. Luc. 1:47, vol. 1) em espírito (*tôi pneúmati*)". Alguns manuscritos acrescentam "santo", que é omitido no papiro 45, nos códices E, F, G e H, em muitíssimos minúsculos e em Clemente de Alexandria. Suprimo-lo, porque o sentido não o pede, já que a alegria é do próprio Espírito da criatura, e o de Jesus (cfr. Luc. 1:35) era um Espírito Santo. Nessa suprema alegria espiritual, fala Jesus: *exomologoúmai soi, páter, kyrie tou ouranou kai tês gês*, "abençoo-te, Pai, senhor do céu e da Terra", *hóti apekrypsas tauta*, "porque ocultaste estas coisas" *apò sophôn kai synetôn*, "dos sábios intelectuais", *kai apekalypsas autà nêpiois* "e as desvelaste aos pequeninos".

Preferimos considerar *sophôn kai synetôn* como uma *hendíades* (ver vol. 1) e traduzir "sábios intelectuais", ao invés de "sábios e inteligentes", ou "sábios e hábeis". Com efeito, a dificuldade de aceitar a revelação, reside nos sábios do intelecto, que só atribuem valor aos raciocínios horizontais, recusando a intuição a inspiração, as revelações e o mergulho interno. Os "pequeninos" traduz *nêpiois*, que literalmente significa "infantes", isto é, as criancinhas que ainda não falam: são os humildes que aceitam as coisas espirituais sem pretender falar por si mesmos nem querendo expender suas próprias opiniões personalistas. E continua:

"Sim, ó Pai, porque assim se torna agradável diante de ti" (*naí, ho pater, hótí houútôs eudokía egéneto êmprosthén sou*). É a conformação plena e explícita com a vontade do Pai, que se manifesta sempre através dos acontecimentos que nos ocorrem, independentemente de nossa atuação voluntária. E prossegue: "tudo (*pánta* = todas as coisas) me foi transmitido (*moi paredóthê*) por meu Pai (*hypó tou pa-*

trós mou)", numa declaração explícita de iniciação natural e divina (cfr. João, 3:35). E depois a frase mais reveladora: "e ninguém tem a gnose (*kai oudéis ginóskei* - em Mateus, *epiginóskei*) quem é o Filho (*tís estin hyiós*) senão o Pai (*ei mê ho patêr*), e quem é o Pai senão o Filho (*kai tis estin ho patêr ei mê ho hyiós*) e aquele a quem o Filho quer revelar (*kai hôi eán boulêtai ho hyiós apokalypsai*)". O verbo usado por Mateus é mais forte: "reconhecer" ou melhor, "aprender a conhecer", o que supõe "ter a gnose", o conhecimento pleno ou a plenitude do conhecimento (cfr. João, 6:46). Esse trecho foi classificado como "a revelação do mistério essencial da fé cristã", por Cirilo de Jerusalém (Patrol. Graeca, v, 35, c. 464) e por João Crisóstomo (Patrol, Graeca, v. 58, c. 534).

Voltando-se, depois, para Seus discípulos em particular (os 12 mais os 72), continua a manifestação de alegria plena, numa frase em que os felicita pela imensa ventura de ali conviverem com Ele, na intimidade da vida diária: "felizes vossos olhos por verem o que vedes, que tão ansiosamente foi desejado por profetas e reis, que quiseram ver e ouvir e não no conseguiram". Essa frase acha-se, em Mateus, em outro local, mas trouxe-la para cá pelo indiscutível paralelismo com Lucas.

A seguir aparecem mais alguns conceitos, só em Mateus. São belíssimos, justificando o que a respeito deles escreveu Lagrange ("L'Évangile selon St Matthieu", Paris, 1923, pág. 226): "é a pérola mais preciosa de Mateus". E prossegue (id. ib.): "O principal mérito do estudo de Norden (Agnostos Theos pág. 227-308) é o de ter mostrado que um convite ao estudo da sabedoria seguia normalmente os elogios da sabedoria, isto é, o conhecimento de Deus". E seguem-se os exemplos: "E agora, meus filhos, escutai-me: felizes os que guardam meus caminhos" (Prov. 8:32); "Vinde a mim, vós que me desejais, e saciai-vos de meus frutos" (Ecli. 24:18); "Aproximai-vos de mim, ignorantes, e estabelecei vossa morada em minha escola" (Ecli. 51:23); e sobretudo: "Dobrai vosso pescoço sob o jugo e que vossa alma receba a instrução. Vede com vossos olhos que, com pouco trabalho, conquistei grande repouso" (Ecli. 51:34 e 35).

Mas as frases de Jesus são mais belas que essas e que todas as posteriores que lemos no Talmud: "Efraim, nosso justo messias, possa teu espírito encontrar repouso, pois o trouxeste ao espírito do Criador e ao nosso" (Pesiq, 163a); "Bendita a hora em que nasceu o Messias! Feliz a geração que o viu! Felizes os olhos julgados dignos de contemplá-lo! Pois seus lábios abrem-se em bênçãos e paz e suas palavras são repouso ao espírito" (Pesiq, 140a); "Possas teu espírito repousar, pois repousaste o meu" (Sabbat, 152b).

A expressão "jugo" era comum. No sema (oração diária), o israelita dizia, duas vezes por dia, o "jugo do reino dos céus" e ainda falava no "jugo da Torah", no jugo dos Mandamentos", no "jugo do Santo" ou do "céu", no "jugo da carne e do sangue" (a encarnação), etc. Assim também quanto à palavra "fardo": o "fardo da Lei" (cfr. Mat. 23:4). Por aí vemos como Jesus se servia de palavras e expressões já conhecidas e correntes, mas apresentando-as em conceitos novos e originais. Por isso, todos compreendiam seu ensino externo, mas de tal forma era nova a maneira de dizer, que afirmavam: "ninguém jamais falou como esse homem" (João, 7:46).

Vejam, pois, os maravilhosos conceitos do Mestre: "Vinde a mim (*deúte pròs me*) todos os fatigados (*pántes hoi kopiôntes*) e sobrecarregados (*kai pephortisménoi*) e eu vos repousarei (*kagô anapáúsô hymãs*). Tomai sobre vós o meu jugo (*árate tòn zygòn mou eph'hymãs*) e aprendei de mim (*kai máthete ap'emoú*, no sentido de "tornai-vos meus discípulos"), porque sou doce e modesto de coração (*hóti prays eimi kai tapeinòs têi kardíai*) e achareis repouso para vossas almas (*kai eurêsete anápausin tais psychais hymôn*). Porque meu jugo é benéfico (*ho gàr zygòs mou chrêstós*) e meu fardo é leve (*kai to phortíon mou elaphròn estin*)".

A tradução que fizemos, conforme acatamos de demonstrar, é a que mais se aproxima do texto original, palavra por palavra, embora diferindo das traduções correntes.

Muito temos que aprender neste trecho. Acompanhemos seu desenvolvimento.

Inicialmente o regresso da segunda leva dos novos iniciados, que voltam da sua primeira missão. A comprovação de que se tratava de verdadeiros iniciados, embora ainda no primeiro plano (veja vol.

4) e de que o processo criado por Jesus continuou em expansão, tanto em número quanto em ascensão, são os numerosíssimos "mártires" (testemunhas) que, nos primeiros séculos inundaram com seu sangue a superfície da Terra, tendo sido "o sangue deles, no dizer de Tertuliano, a semente de novos cristãos".

A felicidade dos que iniciaram o "Caminho" (nome da Escola iniciática cristã) sob a orientação de Jesus, é imensa e extravasa de seus corações: verificaram que realmente possuíam os "poderes" externos, que a verdadeira iniciação propicia naturalmente: domínio da matéria na cura das enfermidades, domínio dos espíritos na libertação dos obsidiados.

A frase de Jesus é uma afirmativa de alcance e profundidade incomensuráveis: "eu via o adversário cair, como o relâmpago do céu", ou seja, eu via a vitória do espírito, como emissão fúlgida de luz, provocando a queda e o aniquilamento das personagens (adversárias da individualidade). O Espírito iluminado brilha com fulgor invulgar, aos experimentados olhos do Mestre Vidente, que percebe as mais abscondidas reações de Seus discípulos. A manifestação crística luminosa abafa todos os veículos físicos inferiores, derrubando-os inexoravelmente: caem por terra definitivamente derrotados e consumidos na fulgurante e enceguedora luz espiritual do Cristo-que-em-todos-habita. Nesse sentido, percebemos o significado real e profundo dessas palavras "enigmáticas". A meta a atingir é a união com o Cristo Interno. Nessa união, dá-se a iluminação do espírito (da individualidade). Essa luz "queima" e ajuda a aniquilar os veículos da personagem (o "adversário"). Ora, diz Jesus, enquanto vocês agiam, eu via o adversário cair (as personagens serem anuladas, cfr. "negue-se a si mesmo"), superadas pela luz interna do Cristo, que se expandia "como um relâmpago do céu".

Logo após, entretanto, chega o aviso, com a instrução correspondente: "Atenção! (idou) Dei-vos o poder (exousía) para caminhar sobre serpentes e escorpiões e para vencer a força (dynamis) dos inimigos, nada de mal podendo atingir-vos. MAS não vos alegréis por isso: são coisas secundárias e transitórias; não é o domínio da matéria nem dos espíritos que significa evolução nem libertação do plano terreno: é ter o nome inscrito nos céus".

Segundo as Escolas Iniciáticas, todo aquele que atingia os graus da iniciação maior (sobretudo o 7.º passo), entrava a fazer parte da família do "deus" e, em muitos casos, chegava a abandonar os nomes terrenos da família carnal, para assumir os nomes específicos de suas atividades, isto é, nomes iniciáticos, costume ainda hoje usado em certas ordens monásticas do ocidente e nos ashrams orientais. Isso era comum na Grécia.

Dos filósofos e escritores gregos, chegaram a nós exatamente os nomes iniciáticos, como, a título de exemplo: **Aristoclês** (a melhor chave) que recebeu, mais tarde, o apelido de **Platão** (o "largo") pela larga e vasta amplitude de seus conhecimentos (interessante observar que os autores profanos dizem que o apelido lhe foi imposto "por ter ombros largos ..."), **Aristóteles** (o melhor fim); **Pitágoras** (o anunciador da revelação); **Sócrates** (senhor seguro, ou infalível); **Demóstenes** (a força do povo); **Demócrito** (escolhido pelo povo); **Isócrates** (senhor equânime); **Anaxágoras** (poderoso em público); **Epicuro** (o socorro); **Arquimedes** (primeiro inventor), etc. etc.

Esse mesmo fato de passar a pertencer à "família do Deus" é assinalado por João (1:12) "aos que O receberam, deu o poder de tornar-se filho de Deus", por Paulo (Rom. 8:16) "somos filhos de Deus; se filhos, herdeiros", e por Pedro (2.ª Pe. 1:3) "participamos da natureza divina."

Fica bem claro, portanto que os "poderes" (siddhis) de pouco valem, sejam eles de que natureza forem: domínio de animais traiçoeiros ou venenosos, de espíritos ignorantes ou rebeldes, do próprio corpo e das sensações, das emoções, e até do intelecto vaidoso. Tudo isso é apenas a limpeza do terreno, a desbravamento da mata, a desinfecção do ambiente, indispensáveis a uma caminhada tranquila. Mas não exprime, ainda, a caminhada em si. Mister aprontar todos os preparativos para a viagem, sem o que esta não poderá ser feita; mas, efetuada a total preparação, nem por isso começou a jornada: só tem ela início quando nos pomos a caminho. E só à chegada, no final da estrada, poderemos ter a garantia de estar nosso nome "inscrito no livro da Vida", no registro dos viajantes que chegaram a bom termo, sabendo que Alguém nos espera no pórtico da entrada da cidade.

Tivemos, pois, na escala iniciática, o conferimento de poderes (exousía) para ajudar os outros. E quando a ajuda foi eficiente, comprovada a metánoia, alegra-se o Hierofante Divino em Seu Espírito e entra em êxtase (samadhi) unindo-se ao Pai, pronto para fazer a revelação do mistério máximo da iniciação, ensinando a todos a unificação final com o Verbo (Pai). É então que lhes anuncia que seus nomes foram inscritos nos céus, isto é, que foram aceitos como "familiares de Deus" (Ef. 2:19) e que, portanto, poderão dar o passo supremo, atingindo a cristificação.

Em oração de louvor e ação de graças (no mistério augusto da "eucaristia"), alegra-se por ver cumprir-se a vontade do Pai, que oculta os mistérios do reino (cfr. 13:11) aos "sábios intelectuais" das personagens vaidosas, e os revela ou "desvela" (apokálypsai) aos que são pequeninos no mundo (nêpíois = infantes) e nem sequer sabem "falar" a linguagem do mundo. Esse é o modo agradável ao Pai: "seja feita Sua vontade"!

Passa, então, ao ensino secreto, ao mistério propriamente dito. Confessa, antes, que foi o próprio Pai (o Verbo Divino, o Som Incriado e Criador) que diretamente transmitiu (parédothê) a Ele (Cristo Interno) todas as coisas, todos os ensinamentos e revelações. Nenhum ser humano Lhe serviu de Mistagogo nem de mestre. E revela: "Ninguém tem a gnose (o conhecimento pleno e experimental) do Filho (do Cristo) senão o Pai (o Verbo): e vice-versa, só o Cristo Interno, em cada um, pode ter a gnose (a plenitude experimental do conhecimento) de quem é o Pai. E só o Cristo Interno tem a capacidade, ou poder (exousía), a força (dynamis) e a energia (érgon) de revelá-Lo, a quem Ele julga apto a receber essa gnose do mistério.

Portanto, conforme vemos, nenhum mestre humano, nem mesmo Jesus, pode propiciar-nos, de fora, esse contato divino, essa gnose, essa plenitude: só nós mesmos, em nossos próprios corações, unidos ao Cristo Interno, poderemos, através Dele, encontrar e unir-nos ao Pai. A união ou fusão (que produz a transubstanciação) é que lhes dará o pleno conhecimento experimental (gnose), que só chega precisamente por meio da experiência vivida (páthein). "Conhecer" é unir-se e fundir-se. Daí a expressão bíblica, usando o verbo conhecer para exprimir a união sexual. Só quando se une intimamente ao ser amado é que realmente o Amante o "conhece", e vice-versa. Só quem se unifica com o Pai, com Ele fundindo-se e transubstanciando-se Nele, é que verdadeiramente o conhece. E a união só pode realizar-se entre Pai e Filho, entre o Verbo e o Cristo, entre o Amante e o Amado. Nessa união, incendiando-se e iluminando, é que se manifesta a Luz Incriada, o Deus-Amor-Concreto, que cria e sustenta todas as coisas com seu aspecto de Pai ou Verbo Criador, e que impregna e permeia tudo com seu aspecto de Filho ou Cristo.

Após essa revelação beatifica os novos promovidos com o título de "Felizes" (Bem-Aventurados) e declara que muitos profetas (os iniciantes da escala, na evolução consciente, quando ainda permanecem no uso dos poderes); muitos justos (aqueles que iniciaram o exercício real da própria espiritualização, conquistando mais alguns passos iniciáticos, cfr. vol. 3 e vol. 4); e muitos reis (aqueles que haviam atingido o 6.º passo da iniciação, já tendo todo o conhecimento intelectual dos mistérios e suficiente conhecimento experimental dos mesmos), tinham desejado ver e ouvir esse mistério último, mas não no haviam conseguido.

A iniciação **real** (régia) ou hierofântica conferia ao iniciado, o título de REI (basileus). Plotino dedica sua 5.ª Enéada a essa iniciação. Cfr. também Victor Magnien, "Les Mysteres d'Eleusis", Payot, Paris, 1929, pág 193 a 216. Sinésio (**Patrol. Graeca**, v. 66, c. 1144) no Tratado "Dion", descreve os planos iniciáticos: 1.º, pequenos mistérios (purificação); 2.º grandes mistérios (confirmação e metánoia); 3.º **epoptía** (contemplação); 4.º **holocleria** ou **coreutía** (participantes); 5.º **dadukía** (portador da tocha, ou iluminado); 6.º hierofante ou REI; do sétimo passo, união divina, só fala em seu Tratado "**De providentia**".

Com efeito, após a consagração do iniciado como "rei", havia mais um passo a dar: a deificação (cfr. Plotino, Enéada 6.ª, 9 e 11). Essa deificação é aqui revelada pelo Mestre, que utiliza exatamente as expressões iniciáticas dos mistérios gregos: ver e ouvir (epoptía e Akouein lógon). Todos haviam sido profetas, justos e conquistado o título de "reis" (ou hierofantes). Mas o último passo, a cristificação pela unificação com a Divindade, só o Filho, o Cristo Interno, poderia dá-lo em cada criatura, e concedê-lo aos que Ele julgasse aptos ao "reino dos céus".

Após essa revelação sublime, o Mestre se cala, apagando a personagem, e deixa que Nele se manifeste plenamente o Cristo Interno, pois "nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade" (Col. 2:9). E o Cristo, tomando a palavra convoca os novos hierofantes, convoca a todos nós Seus discípulos de todos os séculos, para que seja dado o último passo: "Vinde a mim"!

É o dramático apelo do Amante ao Amado: "Vinde a mim"! Unificai-vos comigo! E especifica: todos aqueles que estiverem cansados do mundo, sobrecarregados de aflição, fatigados das dores, exaustos das lutas, aniquilados pelo sofrimento, unam-se a MIM, e se sentirão aliviados, repousados, pacificados e felizes, no reduto inatingível da Paz Íntima, na Paz do CRISTO (cfr. João, 14:27).

Convida-os insistente: "Tomai sobre vós meu jugo, porque sou doce e modesto de coração, e achareis repouso para vossas almas". O Cristo é, realmente, o Grande Escondido por Sua modéstia e pequenez (sentido literal da palavra grega tapeinós, cfr. Luc. 1:48, vol. 1) e precisa ser ardentemente desejado e ardorosa e permanentemente procurado, até ser encontrado.

Para experimentar se realmente O amamos, Ele coloca em nosso caminho evolutivo centenas de coisas amáveis, para experimentar-nos, se de fato as amamos mais do que a Ele: conforto, bens, riquezas, prazeres, fama, intelectualismo, glória, arte, religiões, cultos, etc. Só quando, desiludidos de tudo, tudo abandonamos para dedicar-nos só a Ele, é que positivamente comprovamos nosso amor por Ele. Só então o Cristo nos atende e Se revela a nós.

Mas, uma vez que O descobrimos, e a Ele nos unimos, nunca mais nos "perdemos": conquistamos a Paz Absoluta e Indestrutível, porque, sem engano, Seu jugo é grandemente benéfico (chrêstós), é útil a nós, é bom de suportar-se, é confortador, faz-nos bem e faz-nos bons. E o fardo que nos impõe é leve e fácil de transportar, dá alegria carregá-lo, inunda-nos de felicidade levá-lo pelo mundo: é o jugo suave e sublime do AMOR a Ele, o Deus em nós, e o fardo leve e altamente compensador do AMOR ao próximo, que somos nós mesmos com outras aparências externas, e que é Ele mesmo, manifestado sob outras formas.

CURA DE UM OBSIDIADO

Mat. 12:22-30

Marc. 3:22-27

Luc. 11:14-23

22. Então foi-lhe trazido um ob-sidiado cego e mudo, e curou-o de modo que o cego e mudo tanto falava quanto via.
23. E admirou-se toda a multidão e dizia: "Não é este o Filho de David"?
24. Ouvindo-o, os fariseus disseram: "Este não expelle os espíritos (obsessores) senão por Beelzebul, chefe dos espíritos".
25. Conhecendo, porém, Jesus as reflexões deles, disse-lhes: "Todo o reino dividido contra si mesmo será desolado, e toda cidade ou casa, dividida contra si mesma, não subsistirá.
26. Se o adversário expulsa o adversário, está dividido contra si mesmo; como então subsistirá seu reino?
27. E se eu expulso os espíritos (obsessores) por Beelzebul, por quem os expellem vossos filhos? Por isso eles mesmos serão vossos julgadores.
28. Mas se por um espírito de Deus eu expulso os espíritos (obsessores), então já chegou o reino de Deus sobre vós.
29. Ou como pode alguém entrar na casa do (homem forte e roubar-lhe os bens, sem primeiro amarrá-lo? e então lhe saqueará a casa.
30. Quem não está comigo, é contra mim, e quem comigo não ajunta, espalha".
22. E os escribas que tinham descido de Jerusalém, disseram: "ele tem Beelzebul", e "porque pelo chefe dos espíritos (obsessores) ele expulsa os espíritos (obsessores)".
23. Tendo-os então chamado, disse-lhes em parábolas: Como pode o adversário expulsar um adversário?
24. E se um reino se dividir contra si mesmo, esse reino não pode subsistir.
25. Se uma casa se dividir contra si mesma, essa casa não pode permanecer.
26. E se o adversário se levantou contra si mesmo e se dividiu, ele não pode subsistir, mas tem fim.
27. pois ninguém pode entrar na casa do (homem) forte e roubar-lhe os bens, sem antes amarrá-lo; e então lhe saqueará a casa".
14. Estava Jesus expulsando um espírito (obsessor) e este era mudo; e aconteceu que, tendo saído o espírito (obsessor), falou o mudo e maravilhou-se a multidão.
15. Mas alguns deles disseram: "É por Beelzebul, príncipe dos espíritos (obsessores) que ele expelle os espíritos ("obsessores").
16. Outros, para experimentá-lo, pediam-lhe um sinal celeste.
17. Conhecendo-lhes, porém, os pensamentos, disse-lhes: "Todo reino dividido contra si mesmo se esvaizará e cairá casa sobre casa.
18. Também se o adversário se dividir contra si mesmo, como subsistirá seu reino? dizeis que eu expulso os espíritos (obsessores) por Beelzebul.
19. Se eu expulso os espíritos (obsessores) por Beelzebul, por quem os expellem vossos filhos? Por isso serão eles mesmos vossos julgadores.
20. Mas se pelo dedo de Deus eu expulso os espíritos (obsessores) então chegou a vós o reino de Deus.
21. Quando o (homem) forte, bem armado, guarda sua casa, seus bens estão em paz.
22. Mas quando sobrevier outro mais forte que ele e o vencer, tira-lhe toda a armadura em que confiava e reparte seus despojos.
23. Quem não está comigo, é contra mim, e quem comigo não ajunta, espalha".

Mateus e Lucas expõem o fato que provocou a discussão entre Jesus e os fariseus, escribas e doutores da lei, discussão que se estenderá violenta ainda por alguns capítulos.

Foi-lhe trazido um obsidiado (*daimonizómenos*, isto é, dominado por um espírito obsessivo, ver vol. 1), cujo perseguidor espiritual o mantinha cego e mudo (Lucas diz apenas "mudo"). Não é esclarecida a origem do caso; mas para atribuir-se a mudez e a cegueira à ação do espírito, deve ter ocorrido após o nascimento, já se havendo comprovado a possibilidade física de a vítima ter, naturalmente, a capacidade de ver e falar. Jesus atende ao caso e parece que o desligamento foi instantâneo: o ex-obsidiado passa logo a falar e enxergar. Ora, isso constitui um espetáculo inédito para os presentes, de tal forma maravilhando-os, que alguns desconfiam seriamente tratar-se do Messias ("Filho de David").

Outro episódio semelhante é narrado em Mat. 9:33-34, mas as circunstâncias variam. Não obstante, Lagrange, (o. c. , pág. 241) julga que as duas narrativas se referem ao mesmo caso, embora Pirot (o. c. 9.º vol., pág. 158) e Däusch (Die drei altern Evangelien, 1932, pág. 194, citado por Pirot) distingam um de outro.

Neste ponto começam os fariseus e "escribas provenientes de Jerusalém" (nota de Marcos) a lançar sua campanha de descrédito contra o taumaturgo, com a acusação mais insensata que possa ser imaginada nesses casos. Havia, nas sinagogas, os exorcistas "oficiais" (cfr. os ilhos de Ceva, At. 19:14) que obtinham êxito por meio da prece (*sema*) ou da recitação do Salmo 92, ou servindo-se de jejuns e outros ritos. Jesus, ao contrário, de nada se utiliza, ordena, e a libertação é feita. Donde lhe vinha tal poder? O povo vê certo intuitivamente: "de Deus". Mas as que temem a concorrência, e não querem perder o prestígio, levantam maldosa e conscientemente a hipótese absurda e insensata, que até hoje permanece válida nas religiões organizadas. Com isso, pretendem assustar as criaturas simples e tímidas, fazendo-lhes crer que só eles estão com Deus ... E a frase parte, mentirosa e cheia de veneno (e repetida até hoje pelos descendentes dos fariseus): "é por Beelzebul que ele expulsa os espíritos obsessores"!

BEELZEBUL está em todos os códices unanimemente e significa "senhor do fumeiro". A Vulgata modificou o termo para Beelzebub, "senhor das moscas", para identificá-lo com o Baal de Accaron (Ekron), consultado por Ocozias (2.º Reis, 1:2, 3, 6 e 16).

Perguntam os hermenutas por que Beelzebub se transformou em *Beelzebul*. Lembremos que também o filho de Saul, *Ishbaal* "homem de Baal" (cfr. 1.º Crôn. 8:29-40 e 9:35-44) teve seu nome mudado para *Ishboeth* "filho da vergonha" (cfr. 2.º Sam. 2:28, etc). Alguns supõem que isso visava a ridicularizar o nome do deus (espírito-guia) do povo filisteu, que era rival do deus (espírito-guia) do povo israelita. Strack & Billerbeck, ao comentar este passo (citado em Pirot, o. c., v. 9.º, pág. 158) apresentam a hipótese de que as duas palavras são independentes. E cita: "sacrificar ao deus de Israel é *zâbâh*; ora, o sacrifício era feito com fogo. Por ironia, talvez, a fim de dizer que os holocaustos aos outros deuses só produziam fumaça, foi empregada a palavra *zâbal*, que significa "fumeiro". Daí o sacrifício "idolátrico" ser dito *zebel* e a oferta *zibbul*. Ora, Beel-zibbul pode ter-se abrandado em Beelzebul, que passou a designar o "chefe do fumeiro" ou seja, qualquer espírito-guia diferente de YHWH.

Segundo Marcos, Jesus chama os discípulos para perto de si e lhes expõe a resposta à objeção frágil e insensata. Começa afirmando que um "reino" ou uma casa dividida contra si mesmos, não poderão subsistir. Qualquer luta intestina é sumamente prejudicial ao crescimento e progresso; antes, leva facilmente ao desfazimento e à ruína. Este é um princípio tão evidente que se torna argumento irretorquível. Daí é deduzida a ilação: satanás não pode lutar contra satanás, senão seu reino cai em ruína. Aqui temos um dos passos que comprovam que "satanás" não é a personificação de um ser, como pretendem certas teologias, mas a generalização de um princípio; e com isto concordam Lagrange (o.c., pág. 242) e Pirot (o.c., 9.º, pág. 159).

Além desta resposta racional e sensata, vem o argumento *ad hominem*: se assim fosse, por quem os expulsariam os "vossos filhos"? Os exorcistas das sinagogas bem sabem que a força divina é a única eficiente nesses casos. Eles, que têm prática, serão os julgadores autorizados dos fariseus, nessa questão.

E prossegue a argumentação, apertando os contendores em círculos férreos. Se a libertação do obsidiado não é pela força adversária do próprio chefe, logicamente só pode sê-lo por "um espírito de Deus"

(em grego não há artigo). E se assim é, então estamos em pleno “reino de Deus”, que já chegou à humanidade, já chegou “sobre vós” (*eph'humās*, cfr. Dan. 4:21). Observe-se que pela primeira vez aparece aqui a expressão “pelo dedo de Deus” (*en daktylôî theou*), reproduzindo Ez. 8:19; 31:18; Deut. 9:10; Salmo 8:4).

O Mestre apresenta, então, uma parábola, no gênero *mâchâh*, tão usada desde o V.T. (cfr. 2.º Sam 12:1-15, sobre o homem rico e a ovelha; e Is. 5:1-17, sobre a vinha), ou seja, uma comparação desenvolvida, diferindo da *alegoria*, que é uma série de metáforas.

Para saquear-se a casa do homem forte, é mister primeiro segurá-lo e amarrá-lo Sem o que, impossível será roubar-lhe os bens. Ora, para pilhar-lhe a casa, só um homem mais forte o conseguiria. Parece haver aqui uma alusão a Henoque (10:13 e 54:4) que afirma que, nos tempos messiânicos, os obsessores seriam amarrados. O mesmo é declarado no “Testamento de Levi” (sectio 18.º).

Esses são os argumentos que os espiritistas têm às mãos, para responder aos ataques das igrejas organizadas, lembrando aos acusadores que o próprio Jesus já havia previsto essa espécie de desleal combate, quando advertiu: “se chamaram Beelzebul ao dono da casa, quando mais o farão a seus familiares” (Mat 10:25). Com isso comprova-se que os espiritistas são, realmente, os “familiares de Jesus”, pois neles se realiza a advertência profética do Mestre: as mesmas acusações infundadas e maldosas.

O caso finaliza com uma sentença: “quem não está comigo, é contra mim; quem comigo não ajunta, espalha”. Strack & Billerbeck, em seu comentário a este passo, trazem vários exemplos de ditos judeus do Talmud, donde se conclui que havia uma expressão “Juntar”, que significava “não-fazer”: “Juntar os pés”, queria dizer “não andar”; assim espalhar exprimia “fazer”: “espalhar os pés”, significava “andar”. Então, a segunda parte da sentença seria uma confirmação, em paralelo, da primeira: quem não junta (se reúne) comigo, espalha (isto é, faz um caminho inútil, perdendo seu tempo).

A lição para a individualidade não apresenta segredos: está clara no texto.

Observemos o modo de agir de Jesus, já salientada uma vez (vol. 3): Jesus não perde tempo em doutrinar o obsessor: cura o obsidiado. O Mestre tinha capacidade para VER de quem era a culpa, coisa que ainda não podemos fazer. E como sabemos que, em muitos casos, o obsessor é o menos culpado, já que é o encarnado que o obsidia, não podemos discernir culpas nem culpados; então, para não correremos o risco de ser injustos, atendemos aos dois concomitantemente, doutrinando o obsidiado e o obsessor. A diferença de ação depende da nossa incapacidade de distinguir os casos, de saber se o carma já se completou ou não; ignoramos qual o responsável, quais as causas, quem tem razão, etc. Enfrentamos, pois o problema em seu conjunto.

Sabemos, todavia, que isso nos trará aborrecimentos e perseguições, tanto por parte de encarnados presos a preconceitos de “escolas” (religiosa ou científica), quanto por parte dos próprios obsessores e de seus amigos. Alegremo-nos, portanto, quando formos acusados de vencer neste campo “por obra do inimigo”: estaremos seguindo as pegadas do Mestre e colocando-nos na inconfundível e invejável posição de Seus discípulos e familiares.

Outro ponto a salientar é a parábola do “homem forte”. Alude isso à força que realmente possuem os espíritos obsessores, sobretudo se reunidos nas assembleias organizadas no plano astral, com o fito de arrastar os encarnados para sua inferioridade, por espírito de vingança e em vista da intimidade que com eles tiveram em outras vidas. E também, em certos casos, por verificarem que algumas criaturas, que aparentam e fazem questão de demonstrar virtudes e qualidades e, no entanto, secretamente agem de modo totalmente oposto.

Entretanto, ensina-se taxativamente que, embora fortes, sempre o bem é mais forte que o mal, sempre a luz espanta as trevas.

A última lição é uma advertência séria para todos nós: “quem não está comigo é contra mim”. Plenamente real. Todo aquele que ainda não esteja unido ao Cristo, está ligado ipso facto à personagem, o “satanás” opositor do espírito. Está, pois, contra Ele, E assim a segunda parte: “quem comigo não

ajunta, espalha". Qualquer colheita que façamos no campo da personagem é um desperdício que de nada serve. Para haver realmente lucro, mister colher no Espírito, unidos ao Cristo, não importando que seja por meio da personagem, mas desde que não seja só na, e para a personagem.

Desliguemo-nos da matéria, do transitório, das sensações, das emoções, do intelectualismo, dos ritualismos, pomposos e ociosos: tudo isso é um "espalhar" de energias, inútil e prejudicial até, porque daí nada de concreto espiritualmente levaremos para a união com o Cristo Interno. Mas se, ao invés, nos unificarmos com Ele tudo isso nos virá espontaneamente, por acréscimo. Fundidos no Todo, teremos o Todo, seremos o Todo. Desligados Dele, o vazio é nossa herança.

FALAR CONTRA O ESPÍRITO

Mat. 12:31-37

Marc. 3:28-30

31. Por isso digo-vos: "Todo erro e má palavra será relevada aos homens; mas a má palavra do Espírito não será relevada.
32. E quem profira um ensino contra o filho do homem, lhe será relevado, mas o que diga contra o Espírito Santo não lhe será relevado nem neste ciclo nem no vindouro.
33. Ou supondes a árvore boa e seu fruto bom, ou supondes a árvore má e seu fruto mau; porque a árvore é conhecida pelo fruto.
34. Filhos de víboras, como podeis falar boas coisas, sendo maus? porque da abundância do coração a boca fala.
35. O homem bom do bom tesouro tira coisas boas, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más.
36. Digo-vos, pois, que qualquer palavra inútil que tenham falado os homens, darão conta desse ensino no dia da discriminação.
37. porque por teus ensinamentos serás justificado e por teus ensinamentos serás condenado".
28. "Em verdade vos digo, que serão relevados aos filhos dos homens todos os erros e palavras mas que profiram,
29. Mas quem falar mal contra o Espírito, o Santo, não tem resgate neste ciclo mas é réu do erro do ciclo".
30. Porque diziam: "tem espírito não purificado".

Este é um dos trechos mais discutidos no Novo Testamento, pois inclusive os grandes Espíritos não satisfizeram a muitos, com sua exegese. Agostinho, por exemplo, no decurso de suas obras, hesitou a seu respeito, apresentando, sucessivamente, seis explicações diferentes, do que ele chamava "o pecado contra o Espírito-Santo": 1) impenitência final; 2) desespero; 3) obstinação no mal; 4) combate consciente à verdade; 5) presunção; 6) inveja. Não pretendemos, nós também, encerrar a questão: daremos, apenas, mais uma opinião, para ser meditada pelos estudiosos.

Começa Jesus falando de erro (*harmartía*) e blasfêmia (*blasphêmía*). Literalmente, *hamartía* é "erro" no sentido de "errar o alvo" ou "desviar-se do caminho certo", isto é, perder-se (no deserto, no mato), enganando-se de rumo; e *blasphêmía* é a palavra de mau augúrio, a "praga", ou as palavras más proferidas contra coisas sagradas: a palavra que não era lícito pronunciar durante uma cerimônia religiosa, ou dirigida contra deuses e espíritos, exprimindo, ainda, a maledicência contra outras criaturas. À *blasphêmía* (palavra má) opunha-se a *euphêmía* (palavra boa), o elogio, o louvor. Desta, conservamos o resquício em português, quando usamos uma palavra bonita, por eufemismo, em lugar de uma feia ou pesada. Em grego, *blasphêmós* é o desbocado desrespeitoso, o difamador, tanto de coisas sagradas, quanto de outras criaturas.

Ora, o primeiro versículo parece-nos claro: *pāsa hamartía kai blasphêmía aphethêsetai tois anthrôpois* "todo erro e blasfêmia será relevado aos homens"; *hê dé tou pneúmatos blasphêmia ouk aphethêsetai*: "mas a blasfêmia do Espírito não será relevada".

O verbo grego *aphíemi* (composto de *apó* e *iêmi*) significa literalmente "jogar fora", isto é, deixar ir, libertar, soltar; daí poder chegar-se a "relevar" ou "perdoar". Então temos, na primeira parte: "todo erro e blasfêmia será relevado aos "homens".

Na segunda parte encontramos: "mas (*dé*) a blasfêmia (*hê blasphêmía*) do Espírito (*tou pneúmatos*) não será relevada". Forçando-se o texto, pode realmente interpretar-se "do Espírito" como genitivo objetivo, e daí chegar-se, por comparação com o versículo seguinte, a blasfêmia contra o Espírito. Mas acontece que no versículo seguinte a expressão é clara: *eipêi kata tou pneúmatos* "falar contra o Espírito". Se o autor desejasse dar, ao versículo anterior o mesmo sentido que no seguinte, a construção teria sido a mesma, com a mesma preposição *katá*, "contra". Se a não usou, é porque o sentido é outro: trata-se, mesmo, de um genitivo subjetivo. De fato, com o verbo *blasphêmein* são usadas as preposições *eis*, *perí* e *katá*; ou o acusativo, quando tem o sentido de "difamar" alguém; com o substantivo *blasphêmía* é usada a preposição *prós*, além das três acima citadas: jamais o genitivo objetivo.

Compreendemos, então, que os erros e blasfêmias dos "homens", isto é das personagens, serão relevadas. Mas quando provêm do âmagô, do Espírito, não serão relevadas. Os erros das personagens liquidam-se nas personagens: são coisas leves, transitórias, presas a uma única encarnação, e com ela se enterram para sempre: o Espírito não os leva consigo, não os fixa em si, e não produzem carmas negativos porque, de modo geral, não prejudicam a terceiros nem trazem fixação mental danosa. É o que a teologia cataloga como "pecados veniais". Já a ação proveniente do Espírito, procedente do coração, revestida de maldade intrínseca, ou que cause prejuízos a outrem, ou que provoque fixações mentais negativas com influência nas futuras encarnações, essa não será relevada isto é, SERÁ levada em conta - porque a Lei é inexorável, e tudo se paga até o último ceutil.

Escolhemos o verbo "ser relevado", em lugar de "ser perdoado", que aparece nas traduções correntes, exatamente para que não nos prendamos a um "perdão" que NÃO EXISTE. Para certa teologia, concedido o perdão pelo sacerdote (por exemplo, na confissão), fica tudo em ordem. Mas sabemos que o perdão da confissão se refere à culpa, não à pena: é um alívio que conforta a alma (emocional) mas que, nem por isso, garante à criatura a isenção do posterior resgate cármico imposto pela Lei. Nesses casos, o perdão é garantido pelo arrependimento (ou seja, pela metánoia) que é exatamente a *mudança de direção da mente* que, ao invés de caminhar na direção contrária a Deus (direção errada, isto é, *hamartía*) se volta para Ele, demonstrando querer buscá-lo. Portanto "relevar o erro" é bem mais verídico, corresponde muito mais à realidade, do que "perdoar"; essa palavra "perdoar" pode levar a criatura a uma interpretação errônea: como se alguém pudesse "ofender a Deus", e Deus, generosamente, o *perdoasse*. Ora, ninguém jamais poderá ofender a Deus, já que, sendo Deus imutável e inatingível por nossos atos, jamais pode ofender-se nem magoar-se, nem entristecer-se. Nem jamais poderia perdoar o que suporia uma "modificação" em Deus, que é imutável. A mutação de sentimentos e atitudes é inconcebível em Quem é imutável e impessoal. Então, melhor é "relevar", ou seja, "deixar passar". (sentido literal, aliás, de *aphíemi*), não dar importância, não levar em conta. não registrar.

O versículo seguinte é muito mais forte em tudo. Trata-se de um *lógos* de um "ensino". Examinemos a letra: *kaí hôs èàn eipêi lógon katà tou hyiou tou anthrôpou* - "e quem diga um ensino contra o filho do homem" - *aphethêsetai autôi* "ser-lhe-á relevado": *hôs d'àn katà tou pneúmatos tou hagíou* "mas quem diga um ensino contra o Espírito, o Santo", *ouk aphethêsetai autôi*, "não lhe será relevado", *oute en toutôi tõi aiôni oute en tõi méllonti*, "não lhe será relevado nem neste ciclo nem no vindouro".

Não se trata, pois, de palavras, mas da responsabilidade do ensino. Jesus falava aos discípulos, àqueles a quem mandara ensinar, e ao clero israelita, (fariseus, escribas e doutores da lei) cuja principal tarefa era, precisamente, o ensino religioso das massas. Estes últimos estavam ensinando ao povo, mas erradamente, prevalecendo-se, para a "blasfêmia" (atribuir a satanáas uma obra de Deus) da posição especial de que desfrutavam perante o povo. Jesus é de uma clareza contundente: aqueles que ensinarem errado acerca do filho do homem (e aqui, neste ensino, "filho do homem" tem o sentido exotérico de "homem", e não o sentido iniciático, ver vol. 1), isso lhes será relevado. Mas os que ensinarem errado a

respeito de Deus, o Absoluto (o Espírito Santo), a essas a maldade não lhes poderá ser relevada, nem neste ciclo evolutivo (*eon*) nem no vindouro.

A inversão que os homens fizeram do ensino claro de Jesus, é que trouxe a confusão e causou obscuridade ao texto. Tendo ensinado que o maior era o Pai, seguido do Filho, e que a última pessoa, a 3.^a era o Espírito Santo e julgando que o "filho do Homem" era a 2.^a pessoa divina encarnada, eles não conseguiam compreender por que uma blasfêmia contra o Filho seria perdoada, mas não no seria uma contra o Espírito-Santo ... Tivessem tido a percepção exata e correta dos três aspectos divinos: em que o Absoluto Imanifestado é o Espírito Santo, que se manifesta como Verbo Criador (Pai, segundo aspecto) e como Filho (produto da criação do Pai), ser-lhes-ia fácil perceber o sentido profundo da lição.

No texto de Marcos há pequenas variantes: "Em verdade vos digo (*amên légô humín*) que todas as coisas (*hóti pánta*) serão relevadas aos filhos dos homens (*aphethêsetai tois tōn anthrōpân*): os erros e as blasfêmias que blasfemarem (*tà hamartēmata kai hai blasphēmíai hōsa eàn blasphēmēsōsin*). Mas aquele que blasfeme ao Espírito Santo (*hōs d'àn blasphēmēsēi eis tò pneuma tò hágion*) não tem libertação no ciclo (*ouk échei áphesin eis tòn aiōna*) mas é réu do erro do ciclo (*allà enochōs estin aiōníou harmartēmafos*).

Essas palavras demonstram-nos com clareza que, neste passo, "filhos do homem" é sinônimo de "homens", confirmando nossa interpretação de Mateus. Marcos interpreta as palavras de Jesus, que lemos em Mateus, dizendo que o ensino contra o Espírito Santo constitui uma blasfêmia. Mas também esclarece que os ensinamentos (erros ou blasfêmias) dos filhos dos homens contra os filhos dos homens, esses serão relevados: não se revestem de extraordinária gravidade.

Fica, assim, esclarecido o ensinamento de Jesus, que podemos resumir em linguagem atual da seguinte maneira: "Erros, ensinamentos e maledicências de homens contra homens, serão relevados: mas ensinamentos espirituais contra Deus não no serão, nem neste ciclo evolutivo, nem no próximo: terão que ser resgatados".

Jerônimo, interpretando o pensamento generalizado da igreja, atribui aqui a expressão "Filho do Homem" a Jesus, e explica o texto colocando nos lábios do Mestre a seguinte paráfrase: "Quem fala contra o Filho, escandalizado por minha carne e supondo-me apenas homem - sob pretexto de que sou filho de um carpinteiro, tendo como irmãos Tiago, José e Judas - um homem que come e bebe vinho, essa opinião blasfematória, embora errada e culpável, todavia merece perdão, por causa de minha aparência" (Patrol. Lat. vol. 26. col. 81). Louis Pirot (o. c. vol. 9.º pág 160) diz que "o pecado contra o Espírito Santo é chamar diabólico ao que é divino, confundindo o princípio do bem com o princípio do mal", exatamente como fazem muitos companheiros seus, em relação ao Espiritismo.

Para que conheçamos bem, sem perigo de engano, quem está ensinando certo ou errado, é-nos fornecida uma norma infalível: assim como conhecemos a árvore, boa ou má, pelos frutos que produz, também sabemos que os homens que só produzem coisas boas, são os que geralmente têm o conhecimento correto da Divindade. E a prova é dada de imediato, com uma expressão forte: "filho de víboras", prosseguindo: como pode o homem mau falar coisas boas? O homem só fala aquilo de que seu coração está cheio e transbordando. E só virão coisas boas, se o seu coração (seu tesouro) estiver repleto de coisas boas. sendo verdadeiro também o contrário. Trata-se pois de um metro-padrão, com que podemos aquilatar os "mestres" que aparecem, perambulando pelo planeta.

E Jesus prossegue, no mesmo tom de autoridade, afirmando que os homens encarregados do ensino serão responsáveis pelas palavras inúteis, pelo tempo perdido, no grave dever de preparar e acelerar a evolução humana. De grande interesse observar que o evangelista mede as palavras, sempre que cita as frases de Jesus. Note-se que não se fala em "ensino" inútil, mas em "palavra" (*rêma*) inútil. Mas que essas palavras (*rêmata*) inúteis não devem ser proferidas, quando cabe dar um "ensino" (*lógos*). Daí a severidade: quando, "o invés dos ensinamentos (*lógoi*) se proferem palavras (*rêmata*) inúteis, isso será objeto de peso no dia da discriminação, quando houver a separação, por sintonia e dissintonia, entre bons e maus.

Também aqui a interpretação de Jerônimo difere da nossa. Ele define "palavra inútil": "é a que se profere sem proveito para quem a diz e para quem a ouve, por exemplo, se, omitindo coisas sérias, fale-

mos de coisas frívolas e narremos fábulas antigas" (Patrol. Lat. vol. 26, col. 82). Essa interpretação o defeito de apresentar extremo rigorismo, sobretudo vindo ao lado da outra afirmativa: a de que falar contra o Filho do Homem (na interpretação dele) seria um gesto relevável. A contradição é flagrante nessa interpretação: se falar contra a segunda pessoa da trindade, nada acontecerá; mas se proferir uma palavra inútil, terá que dela prestar contas! Daí deduzimos que a interpretação não é a correta.

Com a nossa interpretação, desaparece, também, a contradição com a palavra de Jesus em Mat. 25:31 e seguintes, onde se diz que o homem será justificado por suas obras (e não pelas palavras inúteis). Compreendemos, pois, que na realidade a justificação vem pelas obras (os frutos, que classificam as árvores) e pelos ensinamentos, quando o tem como tarefa específica.

A frase final, também severa, afirma que, pelos ensinamentos ministrados serão os discípulos (e os que se consideram "mestres" na Terra) declarados "justos" (*dikaiôthêsêi*), isto é, ajustados à sintonia do Pai (Som) ou desajustados com essa sintonia (*katadikaiôthêsêi*).

Anotemos, ainda, que neste passo encontramos, pela primeira vez em Marcos a fórmula hebraica *amên* (ver vol. 1). No Antigo Testamento ela aparecia sempre depois (cfr. Núm. 5:22 (2x); Deut. 27.15 a 26 (12x); 1.º Reis, 1:36; 1.º Crôn. 16:36; 2.º Esdr. 5:13; 8:6 (2x); 13:31; Tob. 9:12; 13:23; Is. 25:1; 65:16; Jer. 11:5; 28:6). Nos Evangelhos a fórmula vem sempre antes da afirmativa (exceto em Luc. 24:53). Nas Epístolas e no Apocalipse, também aparece sempre depois. No Evangelho de João, é sempre repetida, em duplicata: "amên, amên".

Ainda em Marcos, o versículo 30 nos esclarece que essas palavras de Jesus foram proferidas a propósito do que estudamos no capítulo anterior, quando o Mestre foi acusado de estar possuído por um espírito atrasado.

Quando estudarmos, alguns capítulos adiante, as invectivas contra os "mestres" – fariseus, escribas e doutores - veremos totalmente confirmada nossa interpretação.

Após as explicações minuciosas do texto, devemos salientar a importância atribuída ao ensino das coisas espirituais. Enquanto se exige preparo técnico e profissional comprovado para o ensino das matérias humanas, qualquer criatura se julga em condições de doutrinar nos assuntos espirituais. E, pior ainda, nas escolas que existem de formação de mestres de religiões (os seminários das religiões organizadas) o ensino de Jesus é distorcido, para adaptar-se aos dogmas criados por homens. Desse ensino, terão os responsáveis que prestar contas.

A advertência enquadra, com severidade, todos aqueles que, tendo recebido a iniciação (como os discípulos ali presentes) são pelo Mestre encarregados de transmiti-los aos pósteros. A honestidade da interpretação deve estar acima de todas as nossas idéias preconcebidas. Temos que ler o que está realmente escrito, mesmo que contradiga nossos pontos-de-vista anteriores, e fazer o comentário rigorosamente dentro do que está escrito, com absoluta sinceridade. E é nessa leitura honesta e nessa interpretação sincera, que vamos aprendendo sem distorções a doutrina verdadeira do Mestre sublime, os legítimos ensinamentos do Cristo, genuínas revelações divinas que até nós chegaram. Qualquer falsa interpretação ou contribuição de nossas convicções pessoais, assume incalculável gravidade, e dela temos responsabilidade total.

A primeira parte do ensino também se torna clara com a exposição feita. Palavras de homens sobre e contra homens, coisas das personagens, que não são carregadas pelo Espírito, mas permanecem na planície no planeta e são enterradas com o corpo: não têm maior importância.

Entretanto, tudo aquilo que se refira ao Espírito, quer dele parta, quer lhe diga respeito, quer contra ele vá, tudo é contabilizado; não que no mundo superior do Espírito haja contabilistas, mas porque essas coisas se fixam na memória espiritual da própria criatura, e dali só poderão ser retiradas com ações da mesma intensidade em sentido contrário, isto é, por meio de resgates cármicos futuros.

*Há coisas que não provocam fixação. Essas não importam, são relevadas, são "deixadas ir" (*aphê-mi*), sejam elas pensamentos, palavras ou ações. Outras, entretanto, se impregnam de tal forma, que*

precisam de um resgate cármico, para que delas nos libertemos; ou atraem, por sua vibração, um choque de retorno, ou prejudicam outras criaturas, que nos vêm cobrar posteriormente o débito que com elas contraímos.

Essa a distinção entre os erros e blasfêmias dos filhos dos homens, contra os filhos dos homens, de personagens contra personagens, e os erros e blasfêmias do Espírito contra o Espírito Santo.

O que vale, na evolução, é a bondade intrínseca e natural, não a forçada nem a interesseira. O bem praticado por exigência da natureza da criatura, não por motivos outros, de "ganhar o céu", ou de esperar "recompensas", ou de "evitar o inferno".

A virtude é a força que surge espontânea nas criaturas evoluídas, quando exatamente não mais se pensa em praticar o bem: ele é produzido da mesma maneira que as ações instintivas, pela necessidade vital com que se respira. Se houver uma luta consigo mesmo, ou qualquer hesitação entre agir de um maio ou de outro. isso revela que ainda não existe virtude nem evolução, embora já se observe louvável esforço para consegui-las.

Exatamente por esse fruto (a bondade natural e espontânea, sem esforço nem intenções de recompensa, sem afetação nem desejo de louvor) é que podemos conhecer a "árvore".

Lição prática, objetiva. fácil de pôr em prática.

AÇÃO DE OBSESSORES

Mat. 12:43-45

Luc. 11:24-26

43. "Mas quando o espírito não-purificado tiver saído do homem perambula por lugares áridos, buscando repouso, e não o acha.
44. Então diz: "Voltarei para minha casa donde saí". E ao chegar, encontra-a desocupada, varrida e arrumada.
45. Vai, então, e leva consigo sete outros espíritos piores que ele, e ali entram e habitam, e a condição posterior desse homem torna-se pior que a anterior. Assim acontecerá também a esta geração má".
24. "Quando o espírito não-purificado tiver saído do homem, perambula por lugares áridos, procurando repouso; e não o achando, diz: "Voltarei para minha casa donde saí".
25. E, ao chegar, acho-o varrida e arrumada.
26. Depois vai, e levo consigo outros sete espíritos piores que ele, e, tendo entrado, aí habitam; e a condição posterior desse homem torna-se pior que o anterior".

Como Mateus a coloca depois do episódio do "pedido de um sinal celeste", e Lucas a situa antes, preferimos não estabelecer nenhuma ligação lógica entre esse fato e o ensino aqui dado, deixando-o como lição autônoma.

Na interpretação vulgar, entendemos a advertência como relativa às obsessões, devendo ter sido dada em conexão com algumas das libertações de obsessores, executada por Jesus, e talvez a mais recente, a do cego-mudo.

O Mestre firma doutrina a respeito da técnica obsessiva por parte dos desencarnados. Perfeito conhecedor do assunto, pode revelar-nos com segurança, há dois mil anos, uma coisa que o ocidente só ficou sabendo, por experiência direta, há um século, com os estudos do Espiritismo de Allan Kardec e seus seguidores.

O obsessor - espírito não-purificado (a + *kátharton*) e, por conseguinte, não-esclarecido (mas não se use o termo contundente e descaridoso "imundo": afinal é um "espírito" filho de Deus, como nós!) - liga-se a uma criatura por quem sente ódio e sede de vingança. Ora, o ódio é o desequilíbrio de um amor, frustrado por qualquer motivo: e quanto maior o amor, mais fundo o ódio. Uma vez ligado fluidicamente à criatura – ou, na linguagem evangélica, "tendo entrado nele" - o obsessor passa a usufruir de todas as sensações e emoções da vítima, ao mesmo tempo que lhe injeta todas as suas próprias sensações, emoções e pensamentos. estabelecendo-se, assim, tenebroso intercâmbio de vibrações barônticas, muito desagradáveis para o encarnado, embora aprazíveis para o perseguidor.

Ocorre que, quando, por ação externa, é ele desligado de sua vítima, se vê coagido a permanecer per vagando no plano astral que, mutável como é, apresenta a cada entidade o aspecto condizente com sua evolução. Em se tratando, pois, de entidades não-evoluídas, a ambiência astral manifesta-se como a exteriorização da imaginação de cada um: região ainda inóspita, árida. ("sem água" = *anhydrôn*), cansativa porque sem postos fixos de referência, já que é instável, onde o "espírito" não encontra repouso, porque sua desorganização mental faz que aí os sítios se modifiquem, a cada alteração do pensamento. O repouso (ou paz) só poderia provir de seu próprio âmago, de seu coração; e justamente aí reside a insatisfação frustrada e a rebeldia inconformada, que se projetam no intelecto, o qual, ao pensar, plasma os ambientes pavorosos em seu redor.

Quando, porém, se vê desligado da vítima e aliviado das pressões fluídicas que o expulsaram daquele posto avançado da luta em que vivia empenhado, se sente descontrolado e confuso e tenta voltar. Ao chegar, novamente atraído pela sintonia vibratória - alguns ex-obsidiados registram sensações desagradáveis pela ausência do peso do perseguidor a que estavam habituadas, e este "vazio" faz que subconscientemente de novo o atraiam para junto de si percebe que há dificuldade em influência a antiga vítima: a "casa" está "desocupada, varrida e arrumada". Significa isso que a personagem visada já se corrigiu de alguns defeitos, colocou em ordem suas emoções, reequilibrando sua aura e se libertou das falsas imagens sugeridas pelo perseguidor espiritual. Talvez, até, tente injetar-lhe novos quadros astrais inferiores, sem encontrar ressonância: perdeu a antiga ascendência.

Regressa, então, descoroçoado, mas não desanima de seus objetivos. Consegue, nas rodas de entidades semelhantes a si, outros sete "piores que ele". A decepção com a evolução de quem ele considera seu inimigo, faz nele crescer proporcionalmente a raiva e o desejo insano de derrubá-lo do ponto atingido, e não aceita obstáculos a seu ódio implacável. Ao lado dos sete novos "amigos", e já a eles subjogado porque devedor de um obséquio que será cobrado até o último centavo e mais os "juros" - embora eles só aceitem a empreitada quando vêem possibilidades de auferir boas vantagens de baixo teor - o ataque é renovado. E a condição última torna-se pior que a anterior.

Jesus termina prevendo e predizendo que assim aconteceria àquela geração má - ou melhor, "enferma" (*ponerá*) - que não está assimilando a profundidade de Seu ensino.

A lição desdobra-se em profundidade maior que a aparente. A escala de valores, como sempre, aplica-se a diversos graus, segundo a interpretação que pode ser dada.

Em primeira plana aparece, sem dúvida, a lição literal, que vimos acima. Trata-se do que realmente ocorre nos casos de obsessão e possessão, por parte de espíritos desencarnados. O texto é claro: é o exemplo da vida diária. Fatos corriqueiros.

Há outra interpretação: após a "conversão" de uma criatura, do materialismo ou da descrença, à espiritualidade, verificamos que foi dela expulso um "espírito atrasado": o da dúvida. Mas logo depois, com a "casa vazia, limpa e arrumada", surgem outros sete espíritos piores, que são: a vaidade de ter alcançado aquela compreensão: o convencimento de sua capacidade pessoal em melhorar; o orgulho de haver galgado um passo a mais na evolução: a auto-satisfação da crença de que realmente é um eleito; a pretensa superioridade que o faz acreditar-se melhor que "os outros"; a arrogância que descaridosamente despreza os outros pecadores; e o pior de todos, a invigilância que se supõe infalível em suas opiniões, em seus julgamentos, em suas condenações.

Esses sete espíritos piores - muito piores - que o materialismo e a descrença, passam a morar naquele indivíduo, cujo estado se tornou muito mais grave do que antes. Huberto Rohden tem uma frase que descreve bem esse caso tão típico e, infelizmente, tão comum nos espiritualistas de qualquer religião: "Livre-me Deus de minhas virtudes, que de meus vícios eu me livrarei".

No entanto, a última frase profética de Jesus, relatada por Mateus, e que amplia o conceito do indivíduo para a coletividade, abre-nos o horizonte para uma terceira interpretação. Diz: "e assim acontecerá a esta geração".

Essa profecia é facilmente verificável, agora, após vinte séculos, em sua realização comprovada.

Aqueles homens que ingressaram no cristianismo, embora o cristianismo não tivesse ingressado neles, e que, portanto, não perceberam o âmago, a base, a profundidade do ensino de Cristo, foram exatamente os que se apoderaram do poder, imbuídos da convicção de se haverem libertado do "espírito" do paganismo e do judaísmo. Expulso aquele espírito, todavia, outros sete piores vieram neles habitar. Convenceram-se de que eram os melhores. Quiçá os únicos que realmente compreendiam e interpretaram a verdadeira religião cristã, numa vaidade sem limitações: incharam de convencimento a ponto de se intitularem, eles mesmos, os legítimos e indiscutíveis representantes de Deus na Terra, herdeiros dos "Apóstolos", fundamentando-se, para isso, no lugar geográfico em que se encontravam, e não no espírito que possuíam,. encheram-se de orgulho, certos de que eram "donos de Deus" e chegaram ao

cúmulo de se julgarem por Ele obedecidos, podendo determinar "por decreto", aqueles que deviam habitar o céu (e mesmo, durante certa época o fizeram, até o lugar do céu que deveriam ocupar ...); dormiram sobre os louros das conquistas de seus postos, com a auto-satisfação de que eram "escolhidos", os "eleitos de Deus", os privilegiados" do planeta: felicitaram-se com a pretensa superioridade de que, quem os não seguisse, estaria condenado, e desprezaram, perseguiram, e espezinharam outros povos, destruindo documentos e monumentos que - por não provirem deles - eram julgados "diabólicos"; cresceram em sua arrogância desmesurada, torturando, queimando, e assassinando, em "nome de Deus" e como delegados Seus, todos aqueles que se lhes não queriam submeter; e finalmente caíram na pior das invigilâncias, solenemente decretando-se a si mesmos como sendo infalíveis, pois o que diziam era o próprio Deus que falava por sua boca. A profecia de Jesus cumpria-se ad litteram: "nem um iota" ...

No capítulo 17 do Apocalipse há outros pormenores proféticos a respeito da " Babilônia a grande" (v. 5), "instalada sobre sete colinas" (v. 9) e que está "embriagada (satisfeita, feliz em sua irresponsabilidade) com o sangue dos mártires (testemunhas) de Jesus", tanto que o vidente "ficou estupefacto ao vê-la" (v. 6).

O ELOGIO DA MULHER

Luc. 11:27-28

27. Aconteceu que, enquanto ele falava essas coisas, certa mulher do meio da multidão levantou a voz e disse-lhe "Feliz o ventre que te carregou e os seios que sugaste".

28. Mas ele respondeu: "Felizes, antes, os que ouvem o ensino de Deus e que despertam".

Dois versículos apenas. Duas frases. Duas revelações.

Ao ouvir encantada os ensinamentos proferidos por Jesus, “certa mulher do povo” eleva a voz, louvando a Deus pela felicidade que a mãe daquele homem deve ter sentido, ao ver seu filho um sábio genial nos caminhos do mundo. Em suas palavras encontramos a primeira realização histórica da profecia de Isabel (Luc 1:42) e das palavras da própria Maria: “Todas as gerações me chamarão bem-aventurada” (Luc. 1:48).

A resposta é imediata. Nela o filho confirma o louvor feito à sua mãe, salientando, apenas, que “mais felizes” são os que ouvem o ensino de Deus, pondo-o em prática. Isso fez Agostinho escrever (Patrol. Lat., v. 40, c. 398): *beatior Maria perficiendo lidem Christi, quam concipiendo carnem Christi*, ou seja: “Maria foi mais feliz realizando a fidelidade a Cristo, do que concebendo a carne de Cristo” (isto é, de Jesus).

Digna de estudo a frase final: *hoi akoúontes tôn lógon tou theou kai phylássontes* (os que ouvem a palavra de Deus e despertam). O verbo *phylássô*, quando usado intransitivamente, exprime “vigiar, despertar, ficar ou manter-se desperto, ou vigilante”, quando empregado transitivamente (com objeto direto), tem o sentido de “guardar, observar”, como “juramentos” (Ilíada, 3,280), “Tratados” (Plut., Morales, 196d), “a palavra” (Plat., Leis, 892 d), a lei (Sófocles, Traquinianas, 616 e Plat., Política) 292 a). Ora, acontece que o texto pode ser lido de duas maneiras:

- a) com o objeto direto antecipado (*tôn lógon*) e não repetido depois do segundo participiô presente: “os que ouvem e põem em prática (observam) o ensino de Deus” (e assim é invariavelmente traduzido em todas as versões correntes);
- b) firmando-se o período como duas orações coordenadas, mas de sentido independente: “os que ouvem o ensino de Deus e os despertam”

Essas frases, que se prestam a duas interpretações são, quase sempre, portadoras mesmo de dois sentidos, que serão percebidos pelos que o conseguirem: “quem tem ouvidos, ouça”.

O que observamos, com absoluta clareza, no trecho, é a lição dada pelo Mestre àqueles que só percebem a personagem encarnada.

Ao elogio da mulher "do povo" (evolução normal das massas, que vê apenas o físico, a parte material), que salienta a maternidade física, de sangue (o ventre que o carregou e plasmou o corpo físico, e os seios que o amamentaram), o Cristo expõe seu ponto de vista espiritual.

Não há dúvida de que a maternidade que plasma corpos constitui algo de essencial para a evolução do Espírito, e portanto recebe felicidade se seu rebento é um dos Espíritos Santificados. No entanto, muito mais ditoso é aquele que cultiva a individualidade e a faz seguir o caminho iniciático que Ele traçou, aquele que "ouve o ensino" (é a expressão estudada no vol. 4), e aquele que desperta para a vida superior, ingressando conscientemente no quinto plano, o do "super-homem".

Não pode haver, quase, termo de comparação entre os dois planos. Enquanto a personagem, transitória por seu fatal destino de "morrer", desaparecerá, dela restando apenas uma lembrança e um exemplo, a individualidade subirá sem limitações, muito acima do espaço e do tempo.

Feliz, sim, a mãe que vê o filho ascender espiritualmente em sabedoria e amor. Mas muito mais feliz aquela que o vê superar essa personagem que ela forjou e alimentou, por haver conquistado o grau supremo de Filho do Homem, de ser desperto na vida Espiritual, consciente de si e do universo, do micro e do macrocosmo. E feliz sobretudo aquele que não apenas vê os outros atingirem esse grau, mas ele mesmo o conquista para nunca mais perdê-lo, porque "ouviu o ensino de Deus", proveniente do Cristo Interno de seu coração e, tendo-o ouvido, despertou do estado de adormecimento na matéria para o de vigilante (samaritano) no Espírito: que sabe o que sabe e faz o que sabe, porque sabe o que faz.



Figura “FELIZ O VENTRE QUE TE GEROU” – Desenho de Bida, gravura de L. Flameng

O SINAL CELESTE

Mat. 12:38-42

38. Então alguns dos escribas e fariseus disseram: "Mestre, queremos ver algum sinal (feito' por ti".
39. Ele, porém, respondeu: "Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal se lhe dará, senão o sinal do profeta Jonas.
40. Porque assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra.
41. Os homens ninivitas se levantarão no julgamento com esta geração e a condenarão: pois modificaram sua mente com a pregação de Jonas; eis um maior que Jonas aqui.
42. A rainha do sul despertará no juízo com esta geração e a condenará: pois veio dos confins da Terra para ouvir a sabedoria de Salomão; e eis um maior que Salomão aqui".

Marc. 8:11-13

11. Saíram os fariseus e começaram a discutir com ele, procurando dele obter um sinal celeste experimentando-o.
12. Ele, suspirando em seu Espírito, disse: "Por que esta geração pede um sinal? em verdade vos digo que a esta geração nenhum sinal será dado".
13. E deixando-os, tornou a embarcar e foi para o outro lado.

Mat. 16:1-4

1. Chegaram os fariseus e saduceus e, para experimentá-lo pediram que lhes mostrasse um sinal celeste.
2. Mas ele respondendo-lhes, disse: "Chegando a tarde, dizeis: Bom tempo, porque o céu está vermelho;
3. e pela manhã: Hoje (teremos) tempestade, porque o céu (está) vermelho e carregado. Hipócritas, sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu, e não podeis (discernir) os sinais dos tempos?
4. Uma geração má e adúltera pede um sinal, e nenhum sinal se lhes dará senão" de Jonas". E deixando-os, retirou-se.

Luc. 11:29-32

29. Como afluíssem as multidões, começou a dizer: "Esta é uma geração má: pede um sinal e nenhum sinal se lhe dará, senão o sinal de Jonas.
30. Pois assim como Jonas se tornou um sinal para os ninivitas, assim também o Filho do Homem o será para esta geração.
31. A rainha do sul despertará no juízo com os homens desta geração e os condenará; pois veio dos confins da Terra para ouvir a sabedoria de Salomão; e eis um maior que Salomão aqui.
32. Os homens ninivitas se levantarão no julgamento com esta geração e a condenarão, porque modificaram sua mente com a pregação de Jonas; e eis um maior que Jonas aqui".

O fato de aparecer duas vezes em Mateus, pode significar que realmente a cena se repetiu. É a opinião de Lagrange, apoiado em alguns manuscritos e versões, bem como na tradição de Taciano, Eusébio e João Crisóstomo, seguido nisto por Pirot, Entretanto, Tischendorf, Hort, Soden, Vogels, firmam opini-

ão contrária, por causa da omissão do Sinaítico, do Vaticano e das versões copta, armênia e siríacas (sinaítica e curetoniana), assim como da tradição de Orígenes e talvez Jerônimo. De qualquer forma, não havendo segurança, resolvemos englobar tudo num só comentário, pois os termos são quase idênticos.

Os fariseus, escribas e saduceus pedem que, como comprovação de seu ministério, Jesus lhes forneça um "sinal celeste". É como podemos entender o *ek* ou *apò tou ouranou*: sinal proveniente do céu (hebraico: *min hachâmail*). Não bastam as palavras e as curas, fenômenos terrenos: querem algo super-natural, tal como (nota Pirot) faz exatamente a igreja católica romana, quando exige dos candidatos à canonização, sinais extraordinários (milagres!). Se Jesus voltasse à Terra, novamente teria que submeter-se às mesmas exigências, e talvez desse literalmente as mesmas respostas ... Os homens eram e são julgados não pelo que SÃO, mas pelo que FAZEM.

Habitados à leitura do Antigo Testamento, conheciam eles os sinais "celestes" realizados como demonstração da autoridade divina: o maná caído do céu (Êx. 16:12ss); Josué que fez "parar o sol" (Jos. 10:12, 13); Elias que faz descer fogo do céu expressamente para provar a legitimidade de sua intervenção, ou faz chover (1.º Reis 17:1; 18:38, 45; 2º Reis 1:10-12); Isaias que fez recuar a sombra no quadrante de Acaz (Is. 38:7-8).

Ora, jamais se deixou Jesus arrastar, pelo que conhecemos das Escrituras e de Sua formação psicológica. a realizar atos espetaculares, embora, segundo Suas próprias palavras, pudesse fazê-lo (cfr. Mat. 26:53). Seus poderes eram usados apenas para beneficiar outras criaturas necessitadas, ou como base de ensinamento para Seus discípulos.

Jesus recusa o sinal, investivando aquela "geração", termo que pode referir-se a Seus contemporâneos em geral, ou particularmente ao clero hierosolimitano, que o condenou à morte e que estava ali presente, por seus representantes credenciados. Qualquer que seja o sentido, a "geração" é acusada de "adúltera e má".

O qualificativo "adúltera" (*moichâlis*) é aplicado no sentido bíblico (veja vol 2 e vol 4). Concordam com isso Pirot (o. c. vol. 9.º, pág. 163) que diz serem adúlteros "os infiéis a seu deus" (sic.); e o jesuíta Padre Max Zerwick (*Analysis Philologica Novi Testamenti Graeci*, Roma, 1960, pág. 31): *defectio a Deo; qui cum populo suo quasi matrimonio se junxit, adulterium in Vetere Testamento appellatur*, isto é, o afastamento de Deus que se uniu a seu povo como em matrimônio, é chamado adultério, no Antigo Testamento".

Entretanto, Jesus abre uma exceção: eles presenciarão novamente o "sinal de Jonas" (Jonas, 2:1), só que, em lugar de ficar "no ventre do peixe", Jesus permanecerá no "coração da terra" (morto e enterrado) três dias e três noites. Na realidade, sepultado numa sexta-feira à tarde (antes das 18 horas), levantou-se no domingo pela manhã, tendo permanecido, pois, parte de sexta-feira, todo o sábado, e parte do Domingo; e duas noites: a de sexta para sábado e a de sábado para domingo. No entanto, Strack & Billerbeck (o. c., pág. 649) cita Rabbi Eleazar bar Azaria (100 A.D.): "um dia e uma noite fazem um 'iona (24 horas), mas um 'iona começado, vale um 'iona inteiro".

A citação de Jonas evoca Ninive, cidade "pagã", mas que atendeu à pregação do profeta e modificou seu modo de agir. E ali, perante o clero de Jerusalém, estava alguém maior (*pleion*) que Jonas.

Outra lembrança é trazida: a rainha de Sabá saiu de sua Terra, empreendendo longa viagem para ouvir a sabedoria de Salomão (1.º Reis 1:1ss). No entanto, apesar de maior que Salomão, Jesus não trepidou em vir pessoalmente ao encontro dos israelitas, para trazer-lhes a sabedoria de Deus: e não O queriam ouvir! Por isso, os ninivitas e a rainha do Sul, são testemunhas contra aquela "geração" incrédula e orgulhosa, no dia do discernimento.

No segundo trecho de Mateus há outro pormenor: Jesus compara os sinais meteorológicos da aparência do céu, que tinham sido observados por eles, com os sinais da época messiânica, predita pelos profetas. Se eles sabiam dizer, ao chegar a tarde "Bom tempo, céu vermelho", e pela manhã: "Temporal, céu vermelho e carregado", como não tinham capacidade de perceber as palavras dos profetas, que haviam falado a respeito do Messias?

A grande ansiedade da personagem humana volta-se para os fenômenos exteriores: sinais, "milagres", manifestações de espíritos, ectoplasmias, materializações, curas espirituais espetaculares, operações realizadas por entidades do astral, etc. etc. A busca é aflita, intessante, angustiosa. Organizam-se centros de estudos, grupos de pesquisa, reuniões médicas; observam-se rituais, armam-se sessões de efeitos físicos, prendem-se os médiuns em gaiolas fechadas a cadeado, e este é coberto com esparadrapo que leva a assinatura dos assistentes, tudo em teatralização bem montada para o aplauso público.

Visa tudo isso, em grande parte, à caça de prosélitos, para aumentar o número de cabeças, como se o valor de um sistema religioso se computasse como a riqueza de um vaqueiro: pela contagem das rezes. E se essas "cabeças" forem "coroadas" pela nobreza do sangue ou da riqueza, isso dá para "encher a boca" de vanglória, como se a matéria pudesse trazer prestígio ao campo espiritual. Organizam-se festas, espetáculos pomposos, exterioridades vazias, com os mais variados pretextos: todos se julgam "merecedores" de assistir a fenômenos extraordinários de toda ordem, realizados no momento preciso em que são desejados. como passes de mágica.

E para movimentar as massas são oferecidas vantagens imediatas, pessoais ou familiares, vindo a seguir a curiosidade inconsequente: ver, ouvir, presenciar: assistir, testemunhar, aprender de fora, como verniz que encobre e lustra um móvel de madeira geralmente ordinária e talvez até bichada no miolo. Criam-se cursos, sociedades, ordens, confrarias, associações, congregações, com o escopo de auto-elogios, de incensação mútua, dos louvores trocados reciprocamente, distribuindo-se ou assumindo-se os títulos mais solenes e pomposos, de mestres, veneráveis, gurus, adeptos, iniciados, swâmis, ... anandas, etc. Quanto mais honrarias e comendas se distribuem: mais comparsas aparecem, em busca de destaques - mas não de trabalho - adorando-se os "cargos", mas não os "encargos".

Em outras palavras, encontramos a curiosidade intelectual que se repasta nos termos complicados, nas etimologias abstrusas, nos segredos "indizíveis", só revelados aos que atingiram determinados graus prefixados numa escala hierárquica artificialmente criada e caprichosamente organizada (ou aos que pagaram as quotas correspondentes a esses graus ...); tudo é feito num sigilo grotesco e ilusório, facilmente desvendável e decepcionante, pois quando se vem a conhecer "o grande mistério", se verifica que é assunto ultra-superado, talvez escrito há séculos ou milênios e que só se acha sem divulgação porque a massa perdeu o contato com línguas antigas (hebraico, sânscrito, grego, persa antigo, copta, tibetano e até latim). Só é mistério porque alguém descobriu como "novidade" e disso se serve para mostrar-se (ou julgar-se) superior aos outros, só revelando sua descoberta aos seus "eleitos". Vale-se desses segredos de polichinelo como de um escabelo para manter-se superior aos demais companheiros, conquistando a auréola de douto ou de sábio, de ser privilegiado, que os ignorantes lhe confirmam.

Os "mestres" legítimos, os que realmente trazem mandato dos planos superiores, jamais agem dessa forma, nem concordam com essas criancices: fazem como Salomão (Sab. 7:13) "aprendi sem hipocrisia, transmito sem inveja". Não procuram agradar nem lhes interessam aplausos, nem aumento quantitativo de discípulos, nem se envaidecem porque conquistam sequazes nas altas esferas sociais, políticas, intelectuais ou financeiras: visam apenas à qualidade, à evolução íntima, preferindo, por vezes, pescadores e publicanos humildes, a doutores da lei e escribas.

Cristo deu-nos a lição, com Seu exemplo e com Suas palavras, como sempre: "nenhum sinal lhes será dado" a esse amontoado de vaidades, a esses que julgam que uma doutrina só pode vencer se tiver a aprovação, o beneplácito e a adesão deles! ... Mas eles passam, e a doutrina, se for boa, se for legítima, permanece durante séculos iluminando as criaturas.

Sinal celeste? Mas "eles" só têm altitude para compreender o "céu" meteorológico, que prenuncia tempo bom ou borrascoso. Mas o "céu" da alma, o "reino dos céus" do coração, lhes está totalmente fora do alcance evolutivo. Por isso pedem sinais exteriores, já que não sabem ouvir a voz silenciosa do Cristo Interno.

Mas só lhes será dado o "sinal de lonas". As palavras relembram a tradição, tal como ficou registrada no livro, embora sentidos outros possam surgir.

Jonas (cujo nome Iona significa "pombo") recebe de YHWH a incumbência de dirigir-se à cidade de Nínive, capital da Assíria, para anunciar que dentro de 40 dias ela será destruída. Fugindo da ordem, o vidente vai a Társis, cidade do sul da Espanha, o extremo oposto ... O navio é sacudido por forte temporal, com risco de naufragar. Jonas apresenta-se como "responsável" daquilo e pede para ser lançado ao mar, o que é feito. Um "peixe" o engole e três dias depois o lança na praia, perto de Nínive, onde ele anuncia a destruição da cidade. Todos nele acreditam e, do rei ao último dos cidadãos, modificam sua conduta, sendo então poupada a cidade, que não é destruída, o que muito decepciona Jonas, que teme passar por mentiroso.

Evidentes a alegoria e o simbolismo, que transparecem de todos os pormenores.

Ao receber ordem de desempenhar sua tarefa, o Espírito pode rebelar-se e pretender fugir: tem o seu livre-arbitrio. Mas as borrascas que surgem no planeta (barco) são tão pavorosas que ele - que invigilante e irresponsável dormia no porão - desperta e acusa-se culpado, solicitando dos senhores do carma a pena merecida. É então lançado no vórtice do plano astral, até que seja "engolido" por um peixe, em cujo ventre passa três dias e três noites ou seja, até que novamente mergulhe no líquido amniótico, qual peixe n'água e, no ventre materno viva o número exato de dias e noites (simbolizado no número perfeito três) e depois é "vomitado", vendo a luz na região certa em que deve cumprir sua tarefa, depois de "renascido" ou "ressuscitado". Ora, mutatis mutandis, é precisamente isso que ocorrerá com Jesus, que ficará no "coração da terra" o tempo necessário, para depois reerguer-se e continuar Sua trajetória no plano que Lhe é próprio.

Podemos alargar os horizontes e verificar que o Mestre ficará oculto durante o signo de "piscis" (até o ano 2.000, mais ou menos), no "coração (ou interior) da terra", voltando a aparecer na era do Aquário.

Outra interpretação, no setor dos mistérios iniciáticos, nos esclareceria que o único sinal que o ser evoluído pode dar, é submeter-se pessoalmente à experiência (páthein) ou paixão, com uma morte, mesmo violenta, mas aparente, podendo dali sair, superando-a e arrebatando-lhe os grilhões. Esse passo deve ser vivido no último plano: supremamente difícil e arriscado, são poucos os que, mesmo "iniciados", podem tentar vencê-lo. Jesus conquistou o seu, e com vitória notável, demonstrando o domínio pleno e o comando seguro dos veículos inferiores: depois de passar o tempo necessário no "inferno" (parte baixa geograficamente, o "coração da terra", ou centro), voltou à vida, como se nada Lhe houvesse acontecido, triunfante e glorioso, conquistando com justiça o título e o posto de "Sumo Sacerdote" (Hebr. 2:20) ou "Rei".

Esse seria o único sinal que Ele daria a "esta geração", ou seja, a "quem tivesse olhos de ver": sua vitória total no setor espiritual, conquistada exatamente, através da derrota do plano material.

O simbolismo místico também está suficientemente claro: para conquista do triunfo espiritual, é mister inicialmente "mergulhar" no coração da terra (no corpo), onde se esconde o Cristo Interno pujante de vida; de beleza. Depois desse encontro sublime, é que virá a superação de todos os óbices e a derrota da morte e das fraquezas. E aqui compreendemos as palavras do Mestre: "eis aqui alguém maior que Jonas, maior que Salomão". A rainha do sul foi buscar longe a sabedoria de um homem, de Salomão. Pois o Cristo, maior que Salomão, está em nosso âmago, esperando por nós, para manifestar-se.

Por que não ir a Ele, não ouvir-Lhe a voz? A alusão ao monarca antigo ajuda esta interpretação, pois as obras que escreveu ("Sabedoria" e sobretudo "Cântico dos Cânticos") são, sem sombra de dúvida, tratados místicos que ensinam a busca do Cristo Interno, para quem sabe entendê-las.

ALMOÇO COM O FARISEU

Luc. 11:37-41

37. Tendo acabado de falar, pediu-lhe um fariseu que almoçasse com ele; e havendo entrado, reclinou-se à mesa.
38. Vendo isto, o fariseu estranhou, porque não se lavou antes do almoço.
39. O Senhor, porém, disse-lhe: "Agora vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas vosso interior está cheio de rapina e maldade
40. Insensatos, acaso quem fez o exterior não fez também o interior?
41. Dai, porém, em esmolas o conteúdo, e eis que todas as coisas são limpas para vós".



Figura “Almoço com o Fariseu” – Desenho de Bida, gravura de Léopold Flameng

Este trecho, privativo de Lucas, arma o cenário de uma série de invectivas, em que Jesus demonstra toda a falsidade dos fariseus, escribas e doutores da lei, falando sem constrangimento, “resistindo-lhes na cara” (cfr. Gál. 2:11), com tal autoridade e firmeza, que ninguém ousou retrucar nem desmentir. Vê-lo-emos no próximo capítulo.

"Um" fariseu, sem citação de nome, sem identificação possível, um dentre a grande coletividade, após ouvir-lhe as palavras, pede que aceite almoçar em sua casa. Jesus acede. Entra-lhe no lar e reclinou-se à

mesa: o fariseu de estranhar; Jesus, o conhecido Rabbi, não fizera as abluções ritualísticas! Já o caso fora anteriormente discutido e explicado (cfr. Mat. 15:1-20; Marc. 7:1-23; vol. 4).

Essas abluções ritualísticas constituíam praxe rigorosa entre os fariseus (pharusim = separados), que as exageravam, exigindo-as de todos sem exceção, no trato diário, sempre que se chegavam à mesa; ao passo que o prescrito em Lev. 15:11-12 estabelece sua necessidade apenas para os homens vitimados por doença venérea. Todavia, de medo hipócrita de ser contaminados sem sabê-lo exigiam eles a ablução das mãos e de todos os recipientes que serviam à alimentação.

O Mestre vai direto ao assunto, mostrando que não é o recipiente físico material (prato ou copo) que necessitam de limpeza. mas o "interior", o âmago, o coração deles, que se revela, no entanto, cheio de "rapina e maldade". Jesus revela perceber que essa exigência rígida constitui um "transfert" psicológico, em que a criatura descarrega no objeto todo o peso da própria consciência, para com isso sentir-se aliviada. Com Sua frase franca, lançando-lhes em rosto o epíteto magistralmente escolhido e que se adapta de pleno ao caso: "insensatos"! (*asynetoi*, isto é, "sem inteligência").

São proferidas, a seguir, duas frases aparentemente enigmáticas: "quem fez o interior, também fez o exterior". É uma oposição entre duas coisas distintas mas que, pelo jogo psicológico, vinham a constituir-se, no fundo, uma só: o interior dos homens e o exterior dos pratos, dos copos, dos recipientes, dos "vasos". Ora, a comparação é válida, mesmo no estilo escriturístico, conforme podemos verificar na literatura posterior, em que o "corpo" físico é considerado o "vaso" da alma, e o homem, o "vaso" da Divindade: "Esse (Paulo) é para mim um vaso de eleição" (At. 9:15); "será um vaso de honra, santificado e útil ao Senhor" (2.ª Tim. 2:21); "para que cada um de vós saiba possuir o vaso em santificação e honra" (1.ª Tess. 4:4); "temos esse tesouro em vasos frágeis" (2.ª Cor. 4:7).

A segunda frase é: "dai porém em esmolas o conteúdo (tà enónta) e todas as coisas são limpas para vós". Observamos o processo de superação dos convencionalismos, por meio do trabalho de doação de si. A interpretação corrente, que atribui a essas palavras o sentido de dar "o que está dentro dos pratos e copos" - ou, pior ainda, a tradução da Vulgata: *quod súperest*, "o que é supérfluo" - como se houvesse referência à doação de bens materiais ou alimentos, constitui uma distorsão da idéia básica, que vem sendo desenvolvida no contexto, ou seja, a oposição entre o exterior dos recipientes e o interior do homem. Conservando-se o mesmo teor interpretativo, verificamos que a doação em esmolas do "conteúdo" da criatura, de sua própria pessoa, de suas vibrações de amor desinteressado, em benefício "dos demais, fará que se esqueçam seus próprios problemas, anulando-se traumas e fobias, e promovendo a tranquilidade da paz interna, a única que pode garantir a pureza de todas as coisas: "tudo é limpo para os limpos" (Tito, 1:15).

A lição que se depreende deste trecho vem de encontro a muitas teorias esposadas por muitas seitas religiosas, sistemas filosóficos e mesmo doutrinas esotéricas.

A distinção estabelecida entre o "recipiente" e o "interior" faz-nos compreender, logo de início, que os termos são usados em sentido metafórico: trata-se do corpo, vaso do Espírito, que é seu interior. Com efeito, a "pureza legal" reter-se-ia unicamente ao corpo físico-denso: corrimentos, fluxos sanguíneos muliebres (menstruação) ou de ambos os sexos (hemorróidas), poluições seminais masculinas (espermatorréia), contatos sexuais com emissão espermática, ou seja, tudo o que estava ligado às partes genitais; ou então, aos casos de cadáveres, que também tornavam "legalmente impuros" os que deles tratavam ou neles tocavam. Tudo isso era, inclusive, extensivo aos que tivessem contatos com os próprios impuros ou com os objetos em que eles tocassem. Essas regras higiênicas tinham razão de ser: evitar o alastramento das doenças venéreas (pelo que também foram proibidas as carnes "remosas", isto é, causadoras de irritações cutâneas e dermatoses), e o perigo de contágio de enfermidades que pudessem ser transmissíveis, sobretudo depois da rápida deteriorização dos cadáveres no clima quente palestino. Daí serem "legalmente impuras" também as doenças julgadas contagiosas. Tudo, como vemos, relacionado com o corpo físico-denso.

Na realidade, já se falara antes da limpeza do coração (cfr. Salmo 23:4), na limpeza do mal (cfr. Is. 1:16), na limpeza da alma (Tob. 3:16). Essa a limpeza do interior a que se refere Jesus (cfr. Mat. 5:8) em oposição à outra.

E o que se deduz deste trecho é uma lição em que o Mestre demonstra que não é a limpeza de corpo que vale, mas a do Espírito. E justamente a tendência de muitas seitas é a de considerar "pecado" o ato físico, sem dar a devida importância ao Espírito, quando o oposto foi ensinado por Jesus: haja limpeza espiritual, que o ato físico pouca importância tem (cfr. 1.ª Cor. 7:9). Muito mais que o contato físico dos sexos, o que importa são os pensamentos a esse respeito (cfr. Mat. 5:28 e 15:19; Marc. 7:21). Não é o ato carnal que torna impuro: é a criação mental. De nada adianta guardar uma castidade física e nutrir pensamentos libidinosos. Será melhor realizar logo o ato e aliviar-se, que arder de desejos incontidos perdendo a paz espiritual, como afirmou Paulo aos coríntios (1.ª Cor. 7:9).

A explicação dessa teoria é dada categoricamente: quem fez o exterior (Com os órgãos sexuais, para serem santamente usados, dentro do amor), também fez o interior, que se revela o único responsável, como guia do conjunto Homem. Não é bastante a pureza exterior; com maior razão, requer-se a interior. De nada adianta lavar e purificar o exterior, o "recipiente", sem que o mesmo suceda com o "conteúdo", que precisa estar "limpo" de maldade e rapina.

Ora, o contrário da rapina e da maldade, é a generosidade e a bondade. Então, para combater os vícios primordiais da usura e do egoísmo, que "sujam" a criatura, o ideal será fazer a doação do próprio Espírito em atos de socorro, de iluminação, de conforto, de assistência. Quem organizar sua vida sem ambição egoísta, sem enclausuramento em si mesmo, mas aprender a dedicar-se integralmente ao próximo, com auto-doação plena, verá que tudo é puro para si, não apenas de pureza "legal", mas de pureza real, que nada consegue manchar.

OS SETE AIS

Mat. 23:13-36

Luc. 11:42-52

13. "Mas ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque fechais diante dos homens o reino dos céus; e nem vós entraís nem deixais entrar os que estão entrando.
15. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque rodeais o mar e a terra para fazerdes um prosélito; e quando feito, o tornais filho da genena o dobro de vós.
16. Ai de vós, guias cegos! que dizeis: quem jurar pelo templo, nada é; mas quem jurar pelo ouro do templo, fica obrigado.
17. Néscios e cegos! Pois qual é o maior, o ouro ou o templo que santifica o ouro?
18. E quem jurar pelo altar nada é; mas quem jurar pela oferta que está sobre ele, fica obrigado.
19. Tolos e cegos! Pois qual é o maior, a oferta ou o altar que santifica a oferta?
20. Quem, pois, jura pelo altar, jura por ele e por tudo o que está sobre ele.
21. Quem jura pelo templo, jura por ele e por quem nele habita.
22. E quem jura pelo céu, jura pelo trono de Deus e por quem nele se senta.
23. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque dizíeis a hortelã, o endro e o cominho, e negligenciais os preceitos mais importantes da lei, que são o discernimento, a misericórdia e a fidelidade; estas coisas, porém, devíeis fazer, sem omitirdes aquelas.
24. Guias cegos! que coais mosquito e engulis um camelo.
25. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque limpais o exterior do corpo e do prato, mas por dentro estais cheios de rapina e injustiça
26. Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também seu exterior se purifique.
42. "Mas ai de vós, fariseus! Porque dais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças, e desprezais o discernimento e o amor de Deus: estas coisas, porém, devíeis fazer, sem omitirdes aquelas.
43. Ai de vós! fariseus! Porque gostais das primeiras cadeiras nas sinagogas e das saudações nas praças.
44. Ai de vós! Porque sois semelhantes aos túmulos invisíveis, sobre os quais passeiam os homens sem o saberem".
45. Então lhe disse um dos doutores da lei: "Mestre, falando assim, a nós também insultas".
46. Respondeu ele: "Ai de vós, também, doutores da lei! Porque carregais os homens com fardos opressivos e vós, nem com um dedo vosso, os tocais.
47. Ai de vós! Porque construís os túmulos dos profetas que vossos pais mataram.
48. e assim testificais e consentis nas obras de vossos pais, porque eles, sem dúvida, os mataram, e vós lhes construís os túmulos.
49. Por isso também disse a sabedoria de Deus: enviar-lhes-ei profetas e emissários, e a alguns eles matarão, a outros perseguirão.
50. para que a esta geração se peça o sangue de todos os profetas derramado desde a fundação do mundo.
51. desde o sangue de Abel, até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e a casa; sim, eu vos digo, que se pedirá a esta geração.
52. Ai de vós, doutores da lei! Porque tirastes a chave da gnose; vós mesmos não entraís, e impedistes aos que entravam".

- 27. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque vos assemelhais a sepulcros branqueados que, por fora, parecem realmente vistosos, mais por dentro estão cheios de ossos de mortos e de todas as impurezas**
- 28. Assim também vós, exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de ilegalidade**
- 29. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque construís os sepulcros dos profetas e adornais os túmulos dos justos e dizeis:**
- 30. Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas**
- 31. Assim testificais a vós mesmos que sois filhos dos assassinos dos profetas:**
- 32. enchei, pois, a de vossos pais!**
- 33. Serpentes, filhos de víboras! Como escapareis da discriminação da geena?**
- 34. Por isso é que vos envio profetas, sábios e escribas: a uns matareis, e crucificareis; a outros, açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade,**
- 35. de tal forma que venha sobre vós todo o sangue justo que se derrama sobre a Terra, desde o sangue de Abel o Justo, até o sangue de Zacarias, a quem matastes entre o santuário e o altar.**
- 36. Em verdade vos digo, que tudo isto virá sobre esta geração".**

Antes de começarmos a análise, impõem-se algumas considerações genéricas para comparação dos dois textos.

Evidente, à primeira vista, que se trata do mesmo episódio, mas cada narrador o apresenta à sua maneira.

Mateus entra *ex abrupto* na matéria ("falando à multidão e aos discípulos", 23:1) e enumera SETE ais seguidos, todos assestados contra "escribas e fariseus", tachados sempre de "hipócritas".

Lucas, ao contrário, ambienta a cena com o almoço oferecido pelo fariseu, e os três primeiros ais (do total da SEIS) verberam apenas os fariseus. Quando um "doutor da lei" - que eram os diretores espirituais do povo toma as dores, protestando que também eles são insultados, o Mestre se volta para ele acrescentando outros três ais contra os doutores.

Dos sete ais de Mateus. Lucas cita quatro: o 1.º, o 4.º, o 6.º e o 7.º, que ele coloca como, respectivamente, 6.º, 1.º, 3.º e 5.º. Os restantes aparecem em Mateus. mas sem o anátema do "ai de vós". Ao todo, portanto, somando os "ais" de ambos os evangelistas encontramos NOVE condenações diretas e taxativas, da maneira de agir dos escribas, fariseus e doutores da lei.

Digna de nota a coragem carismática do Mestre, em verberar o comportamento errado de cara, de corpo presente, sem subterfúgios, sem "mandar recados", não com "indiretas", nem com amaciamentos, mas categoricamente; e isso, é bom assinalar, na casa de um deles, sentado à mesa dele, num almoço

em que era o convidado de honra. Em tal situação, difícil se tornaria a um homem comum tomar essa atitude, reveladora de coragem, de segurança dos próprios atos e da justiça de suas palavras: a posição incômoda de "convidado", sentado à mesa do almoço, talvez nos fizesse pelo menos adiar a reprimenda, numa falsa idéia de gentileza e cortesia, pois nosso espírito fora "comprado" por um gesto de generosidade da parte do transgressor da lei. Ou talvez usássemos de outro expediente: não aceitar o convite, para não comprometer-nos. Jesus age de modo diverso: convidado aceitou. Mas nem por isso escondeu a verdade: disse claramente o que sabia, condenou o erro, verberou a hipocrisia, definiu as posições, impôs sua autoridade.

* * *

Passemos à análise do texto, começando pelo vers. 14 de Mateus: "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque devorais as casas das viúvas sob pretextos de longas orações: por isso recebereis mais pesada condenação". Aparece em alguns manuscritos da Vulgata, é atestado por Taciano e pela versão copta bohaírica (alto Egito), é aceito por Merck e Gramática. Mas a maioria dos críticos (p. ex.: White, Hetzenauer, Nestle, Bover, Pirot, etc.) o recusa, pois se trata apenas de uma transcrição de Marcos (12:40), indevidamente acrescentado a Mateus: pura redundância. Vejamos agora, os "ais", conforme aparecem, Também nós o omitimos no texto.

* * *

1.º de Mateus, 6.º de Lucas: condena a hipocrisia de modo genérico. Segundo Strack & Billerbeck (o. c. vol. 1, pág. 921), Rabbi Nathan (160 A.D.) escreveu: "há dez partes de hipocrisia no mundo: nove em Jerusalém, e uma no resto do universo". Em Lucas se assinala com mais precisão o sentido: os doutores se julgam os únicos capazes de interpretar as Escrituras, "tem a chave do santuário", onde se guardam os livros, e portanto o conhecimento, a gnose. Mas, interpretando mal, não "entram" nem deixam que os outros entrem.

2.º de Mateus: Embora não haja, no Talmud, notícia de atividades proselitistas, sabemos por Josefo (Ant. Jud. 20, 2, 4) que o judeu Eleazar fez o rei Izate e sua corte de Adiabene, circuncidar-se. E nas viagens de Paulo encontramos acenos aos prosélitos pagãos, que ingressavam no judaísmo. A expressão "mar e terra" (literalmente: "mar e sólido": *tên thálassan kai tên xêrán*). "Filho da geena" (hebraico: *benê gêhinnom*) era a filiação metafórica que exprimia dependência ou natureza comum (ver vol. 2).

3.º de Mateus: Não é repetida a fórmula "escribas e fariseus hipócritas", que vem substituída por "guias cegos" (*hodêgoí typhloí*) ou seja, diretores espirituais incompetentes. Realmente Jesus proibira qualquer espécie de juramento (Mat. 5:33-37; vol. 2). Mas os fariseus desobrigavam do juramento pelo templo e pelo altar, mas exigiam seu cumprimento se fosse pelo ouro do templo ou pela oferta que estava sobre o altar. Volta a invectiva: *môroí kai typhloí*, tolos e cegos, que vale mais (que é maior, *meízon*)? O ouro é santificado por estar no templo e a oferta por estar sobre o altar, e não o contrário. Ora, o que mais vale é o que tem o poder de santificar.

4.º de Mateus, 1.º de Lucas: Exemplo concreto de hipocrisia, que faz questão de preceitos leves, como o dízimo das plantas comestíveis e vulgares, desprezando os preceitos graves e importantes. A menta (hortelã, *hêdyosmon*) porque aromatiza os alimentos e servia de remédio para as taquicardias (eram comidos três ovos: um com menta, um com cominho e o terceiro com sésamo); o endro (*ánêthon*), comestível muito usado; e o cominho (*kymínon*) também empregado como tempero e remédio. No entanto, negligenciavam o discernimento (*krísis*), a misericórdia (*éleos*) e a fidelidade (*pístis*). E é acrescentada a fórmula: "devíeis fazer estas coisas, sem omitir aquelas", ou seja, não é que a primeira esteja errada: é que deve ser mantida em sua posição real, em segundo lugar. Em Lucas são citadas: a hortelã a arruda (*péganon*) planta aromática e as hortaliças em geral (*láchanon*), e, como negligenciadas, o discernimento e o amor de Deus (*agápén tou theoú*). No final de Mateus há uma daquelas ironias próprias de Jesus e originais: "guias cegos' coais um mosquito e engulis um camelo" (*hoi dúlízontes ton kônôpa, tèn dè kámêlon katapínontes*). Figura metafórica das mais felizes, para sublinhar o ensinamento dado.

5.º de Mateus: Neste se condena o zelo de limpar o exterior do copo e do prato, embora eles por dentro estejam cheios de (*gémousin ex*) rapina e injustiça (*akrasía*). O sentido é alegórico, já o vimos no estudo do capítulo precedente, ao comentarmos esta condenação em Lucas 11:39-41, onde desenvolvemos o assunto. A sequência confirma-o: limpa primeiro (*kathársin prôton*) o interior, o Espírito, e todos os atos materiais que este realizar serão puros por si mesmos. Não são os ritos, as cerimônias, as observâncias, a aparência de santidade que dão pureza ao Espírito. É exatamente o inverso: se o Espírito for puro, "todas as coisas são lícitas, embora nem todas convenham" porque "nem todas dão o bom exemplo" (1.ª Cor, 6:12 e 10:23).

6.º de Mateus, 3.º de Lucas: São comparados os fariseus e escribas aos sepulcros "caitados de branco". Refere-se ao costume da época. Desde o dia 15 de Adar (um mês antes do 15 de Nisan, quando se comemorava a páscoa), os sepulcros eram caiados de branco, para que ninguém, por descuido, tivesse contato com um túmulo, já que a lei (Núm. 19:16) atribuía impureza legal a esse contato. Branqueados, todos os viam e evitavam. Mas por dentro, continuavam cheios de ossos (*gémousin ostéôn*) de cadáveres e impurezas de toda espécie. Continua o sentido metafórico, mas já agora explicitamente traduzido: "assim vós pareceis justos aos homens, mas internamente estais cheios de hipocrisia e ilegalidade (*anomías*). Em Lucas, a comparação toma sentido mais forte ainda: "sois semelhantes aos túmulos que não são percebidos, e sobre os quais os homens andam sem perceber", ou seja, a aproximação com os fariseus constitui sério perigo para os homens desprevenidos que julgam estar lidando com homens justos, e no entanto internamente estão cheios de podridão.

7.º de Mateus, 5.º de Lucas: Aqui aparecem duas divisões: profetas e justos, cujos túmulos e monumentos são erigidos e ornamentados. A argumentação de Jesus é de lógica cerrada e irrespondível. Com a costumeira hipocrisia, dizem os fariseus: "se tivéssemos vivido no tempo de nossos pais, não teríamos concordado com o assassinio deles". Ora, isso é uma confissão de que eles são os "Filhos dos assassinos", e não os filhos dos profetas e justos. A estirpe deles se prende aos inimigos dos bons não aos bons. Houve quem tivesse visto aí um aceno à reencarnação: hoje, mais evoluídos, não teriam feito o que fizeram outrora: e isso é uma confissão de arrependimento de um ato realizado em vida anterior, na condição em que estavam de ascendentes da geração atual.

Antes de passar à invetiva final, examinemos rapidamente, as duas condenações restantes de Lucas:

8.º (2.º de Lucas): Salienta o orgulho e convencimento desmedidos dos fariseus, que fazem questão dos primeiros lugares nas sinagogas e de serem saudados por todos; essa condenação aparece em Mat. 23:6, texto que no Evangelho, aparece logo antes do que comentamos, mas que, na realidade, foi proferido cronologicamente em época posterior.

9.º (4.º de Lucas): Acusa-os de sobrecarregar a humanidade com fardos opressivos e obrigações insuportáveis, embora não queiram para si nenhum trabalho; também aparece a mesma condenação em Mat. 23:4.

Como final vem uma apóstrofe violenta: "enchei a medida de vossos pais", fazendo-as transbordar. Rabbi Hamnuna escreveu: "Deus não castiga o homem antes que sua medida esteja cheia. Quando se enche, vem sobre ele a necessidade" (cfr. Strack & Billerbeck. o. c. , vol. 1. pág. 939).

Volta aqui a expressão "serpentes filhos de víboras", numa exclamação inflamada de justa indignação pela falsidade que clama aos céus. E a pergunta: "como escapareis da discriminação da geena"? (cfr. em Mat. 3:7 as palavras do Batista).

Contudo, o Cristo ainda envia profetas (médiuns que falando sob ditado); sábios (*sophoús, hebr. hakkâmim*) que falam por sua própria sabedoria, e escribas (*grammatéis*) intérpretes que explicam os textos de uns e de outros. Nada porém adianta: continuarão as matanças iníquas "em nome e para maior glória de Deus", sendo todos perseguidos de cidade em cidade. Nunca, talvez, uma profecia se tenha cumprido tão à risca e durante tantos séculos seguidos! ... A metáfora, na visão plena, inespacial e atemporal do Cristo, engloba os fariseus de todas as religiões, em todas as épocas, de todas as raças.

Depois considera os presentes: vós! "sobre vós é que recairá (*éltê, sem a partícula duplicativa*) o sangue inocente (*haíma dikaíon*), expressão muito usada mesmo em hebraico (*dâm nâqi*) que se derrama

(em grego *ekchynnómenon*, participio presente) sobre a terra (*epi tês gês*, não sobre o *kósmou*, mas sobre o chão). Esta frase retoma a hipótese da reencarnação, acima aventada: esses fariseus aí presentes eram, realmente, a reencarnação dos antigos assassinos, tanto que eles (*vós!*) eram os responsáveis por todos os crimes, desde o sangue de Abel (narrado em Gên. 4:8) até o de Zacarias. Eles, aí presentes, eram os assassinos; eles, aí presentes, responderam por todos esses crimes: “tudo isto virá sobre ESTA geração”. E aí deles, que continuaram reencarnando séculos afora, e continuaram assassinados, já agora “em nome” desse Cristo que os advertira tão claramente!

Quem era esse Zacarias, que Jesus diz ser o filho de Baraquias, morto entre o santuário e o altar?

Esse fato é narrado em 2.º Crôn. 24.20-22. O livro das crônicas é o último livro histórico da Bíblia Judaica, e Jesus demonstra aceitar a historicidade bíblica desde o Genesis até Crônicas, deixando de fora os livros de Macabeus. Portanto, anotemos, os livros dos Macabeus, considerados canônicos pela igreja de Roma, e recusada pelos judeus e pelos protestantes, também não foram ratificados por Jesus. Realmente, Jesus poderia ter citado os assassinatos dos irmãos Macabeus, exemplares de fidelidade e de coragem. Mas, para salientar “todos os crimes narrados nas Escrituras”, limita-se a citar “do Gênesis ao livro das Crônicas”. Digno de registro.

Acontece que Zacarias, segundo o livro das Crônicas, é filho de *Joiadas*, e foi assassinado pelo rei Joas 2.º; não era filho de Baraquias. Jerônimo (Patrol. Lat. vol. 26. col. 174) esclarece: *in Evangelio quo utuntur, Nazaraeni, pro filio Barachiae, filium Joiadae reperimus*, isto é: “no Evangelho usado pelos nazarenos, encontramos filho de Joiada, em lugar de filho de Baraquias”. O mesmo Jerônimo e João Crisóstomo (Patrol. Graeca, vol. 58, col 681) pensam que talvez se tratasse de dois nomes (*diónymos*), conforme glosa de um manuscrito.

Alguns críticos (Klostermanno Lagrange, Loisy, Durand, Prat, etc.) consideram a frase “filho de Baraquias” como uma glosa posterior ao Evangelho de Mateus, já que não existe no códice sinaítico nem no trecho correspondente de Lucas. Realmente, quem era filho de Baraquias era o profeta Zacarias, que nada tem que ver com este aqui citado por Jesus. Mas algum escriba, que já tinha no ouvido o nome do profeta Zacarias, filho de Baraquias, achou por bem acrescentar esse esclarecimento ao texto de Mateus, o que é qualificado de “glosa antiga” (Loisy, *Les Évangiles Synoptiques*, Paris, 1907, tomo 2, pág. 386) e “glosa errada” (Durand, *Évangile selon St. Matthieu*, Paris, 1924, pág. 374).

Que significa exatamente a expressão final “tudo isso (*tauta panta*) virá sobre esta geração”? Jouon (*L'Évangile de N. S. Jésus Christ Traduction et Commentaire du texte original, compte tenu du substrat sémitique*, Paris, 1930, pág. 46) acha que é “o sangue”; Lagrange, (o. c. pág. 452) diz ser “o crime”; Buzy (*Évangile selon St. Matthieu*, Paris, 1946. pág. 310) prefere ver aí “o castigo”.

A lição é ainda uma vez, preciosa: o discípulo, que segue o Mestre, que é dirigido pela individualidade, não pode ser covarde. Deve enfrentar com a Verdade os poderosos da Terra que estejam errados. Qualquer acomodação com o erro é cumplicidade. A verdade precisa ser dita corajosamente, mesmo à custa da vida física - já que a do Espírito ninguém na pode tirar: é eterna. E a verdade participa da eternidade do Espírito. Calar é consentir; omitir-se é concordar; deixar fazer é participar da injustiça. Nada disso faz parte da humildade. Humildade não é passividade: é ação justa, no momento justo. Humildade e coragem não se repelem, não se opõem, não se anulam; ao invés disso, uma corrobora a outra. Quem tem o conhecimento, tem a obrigação de ensiná-lo; quem possui a chave, tem que abrir a porta; quem está com a verdade é coagido a demonstrá-la.

O conceito de que a humildade se esconde e sofre calada, só vale para os casos pessoais, que não afetem a comunidade. O discípulo tem que ser corajoso e enfrentar as feras do circo, quando se trata de testificar a verdade de suas convicções; tem que crescer diante das autoridades, quando estas se encontram no caminho errado; em resumo, tem que revestir-se da couraça do herói e brandir a espada candente da verdade, para verberar os erros que a desfigurem, zurrando a hipocrisia e a falsidade, o orgulho e a vaidade, a mentira e a injustiça.

O exemplo de Jesus é valioso para todas as épocas, em todos os climas. E desde então até hoje os imitadores do Mestre não têm faltado. A História registra casos sem conta de discípulos dignos, que pagaram com perseguições e com a vida a coragem de arrostar a ira dos poderosos.

Também a linguagem forte serve de modelo. A verdade não precisa nem deve ser mascarada nem edulcorada com a desculpa de uma caridade mal interpretada. Dizem que a verdade fere; absolutamente. O que fere é a injustiça, é a calúnia, é a mentira.

Os artistas representam a verdade nua, embora alguns defendam que deve ser recoberta "com o manto diáfano da fantasia". Mas isso pode referir-se aos ensinamentos que não devem ser dados aos profanos; a estes se fala em parábolas, "para que vendo, não vejam, e ouvindo não ouçam" (cfr. Mat. 13:15; Marc. 4:12; At. 28:27; Rom. 11:8), a fim de "não serem dadas coisas santas aos cães" (Mat. 7:6). Mas quando se trata de restaurar a pureza do ensino, a nudez forte da verdade deve aparecer em toda a sua pujança, com os termos próprios, com o sentido exato, sem temores nem subterfúgios.

No entanto, podemos entender as invectivas de Jesus, como símbolo que é da individualidade nossa, quais advertências e reprimendas dirigidas à personagem.

Muito comum, em todos nós, é que a personagem encarnada, com seu intelecto maroto, crie numerosas desculpas para escapar ao controle do Espírito. Enquanto este quer levar uma vida correta e dirigir-se diretamente à meta prefixada por sua linha evolutiva, a personagem inventa situações, forja planos, imagina fugas, envereda por desvios, tudo para sobrepor-se e aparecer, para brilhar e resplandecer, para ofuscar e embair os incautos.

Mergulhada na matéria densa, tendo perdido o contato com o Eu Profundo, volta-se para as exterioridades, onde busca o reconforto dos aplausos externos, das bajulações, das posições elevadas, dos elogios e das falsidades. Não possuindo força interna. não SENDO, procura "aparentar" o que não é, por atos, palavras, posições, afirmativas vazias que não concordam com o âmago. O exterior torna-se brilhante e ofusca a vista dos que só vêem a superfície, enquanto o interior é podridão corrupta.

Para sanar esses males, a Individualidade não deve agir com subterfúgios, mas combater diretamente, empunhando as armas mais eficazes. O Bhagavad-Gita já o ensinara, quando Arjuna demonstra receio de combater "seus próprios familiares" e Krishna, o "cocheiro" (o Eu interno que guia o carro da personagem), o incita a não temer; esses familiares são exatamente os vícios da personagem. A personagem é o "filho único" da individualidade, mas precisa ser corrigido com rigor, para não desviar-se da rota certa. Se acaso se desvia, precisa ser de novo trazido ao caminho certo, embora mediante severidades drásticas.

O simbolismo do trecho ora analisado confirma plenamente a tese do BhatJavad-Gita. Aqui Jesus, a Individualidade, verbera corajosa e veementemente as personalidades cheias de falsidade e hipocrisia. Diz abertamente todos os defeitos e vícios, põe a nu todos os enganos e mentiras, desvela todas as manhas e artimanhas, e revela que "sobre essa geração" (ou seja, nessa mesma personagem, encarnada ou desencarnada) virão todas as consequências dos atos praticados. Diz à psychê e ao pneuma que eles são os responsáveis de todas as ações anteriores, desta e de outras vidas passadas, e de todas as ações erradas colherão os resultados amargos, pela Lei de Causa e Efeito.

Isto porque toda criatura humana é, inegavelmente, um "fariseu e escriba hipócrita", e só depois de muita violência contra a personagem é que conseguirá anulá-la, para que brilhe a luz pura do Eu Profundo.

Esse exame sincero e honesto é indispensável seja feito antes de qualquer promoção nos graus iniciáticos. E se o resultado for negativo, está garantida a permanência no mesmo ponto ... Só se já houver vitórias expressivas, poderá haver promoção. Enquanto a personagem tiver esses defeitos atribuídos aos "fariseus e escribas hipócritas", não há acesso a graus superiores da iniciação. Que isto seja bem meditado por todos aqueles que, impensadamente, recebem títulos e rótulos de mãos incompetentes, sem que tenham, no profundo de si mesmos, a maturidade indispensável obtida com a anulação dos personalismos. Nesses casos, os títulos se tornarão um agravante de farisaísmo, e não uma realidade evolutiva.

O Mestre que tem por encargo "iniciar" os candidatos, em cujas mãos se encontra a responsabilidade pesada e intransferível de verificar a possibilidade de cada um, não pode ser medroso nem tímido: precisa dizer tudo com a franqueza mais rude, a fim de "provar" ou "experimentar" as reações emotivas dos que lhe forem entregues. Jesus ensinou, na prática, como temos que agir, e como têm que agir conosco os encarregados de nossa evolução.

A "caridade" e a "humildade", geralmente interpretadas como emprego apenas de palavras e fórmulas dulçurosas, consistem, ao contrário, em saber agir com firmeza e desassombro, verberando-se os erros de frente e sem subterfúgios, revelando-se os defeitos e deficiências com segurança e até mesmo com certa rispidez, para que se sinta a gravidade dos mesmos. Se não é "com vinagre que se pegam moscas, mas com mel", não é todavia com mel que se corrigem espíritos inveterados nos erros do mundo: "quem ama o filho, não lhe poupa a vara" (cfr. Prov. 13:24). Se referirmos essa verdade em relação à Individualidade diante da personagem, ao Espírito (pneuma) diante do "espírito" (psychê), teremos compreendido toda a tese desenvolvida no Bhagavad-Gita e também aqui, nos "ais" dirigidos por Jesus, o Mestre, a nós todos.

EPÍLOGO DO ALMOÇO

Luc. 11:53-54

53. Quando saiu de lá, os escribas e fariseus começaram a irritar-se terrivelmente, e a importuná-lo com muitas perguntas,

54. armando-lhe ciladas, para surpreender algo de sua boca.

Lucas apresenta o epílogo do almoço na casa do fariseu.

Preferimos a lição: "Quando saiu de lá", atestado pelo papiro 45 (3.º século), pelos códices Vaticano, Sinaítico, Efrem e Régio, pelos minúsculos 33, 579 e 1241, pela versão copta bohaírica e pela siríaca harclense (*ad marginem*) e aceita pelos críticos Tischendorf, Wescott-Hort, Weiss, von Soden, Vogel, Lagrange, Merck, Nestle, Pirot etc.

A outra lição da Vulgata: "Tendo dito essas coisas" parece-nos menos exata, embora apareça nos códices Alexandrino, Beza, Koridethi, nos minúsculos 157, 213 e 1604, nas versões *vetus latina* e siríacas curetoniana e sinaítica. e na armênia.

Diz, a seguir, que os escribas e fariseus "se irritaram" (*enéchein*). O sentido dessa palavra é confirmado pelas versões copta bohaírica ("observaram maliciosamente"); copta-sahídica ("provocaram"); siríacas ("ficaram constrangidos"); peschitto ("ficaram descontentes"); e armênia ("ficaram irritados").

As perguntas sobre os mais variados assuntos tinham por finalidade embaraçar o jovem Mestre, armar ciladas, para que fosse levado a comprometer-se com alguma resposta em falso.

O resultado da ação enérgica em prol da verdade desencadeia, sempre, uma torrente de perseguições que, por vezes, permanecem apenas no terreno das idéias, mas com frequência se materializam em atos contra o afoito que ousou ferir susceptibilidades de criaturas importantes.

É saber sofrer tudo com calma, sem deixar que a perturbação dos atingidos penetre nosso âmago, revolvendo a paz de Espírito.

As tentativas para pôr a perder o discípulo vêm de todos os lados. Há que resistir brava e duramente, já que os ataques chegam dos encarnados e dos desencarnados que com eles sintonizam.

A ADÚLTERA

João, 8:2-11

2. De manhãzinha, veio de novo ao templo e todo o povo ia a ele; e, sentando-se, os ensinava.
3. Os escribas e fariseus conduzem uma mulher, surpreendida em adultério, colocando-a em pé no meio (de todos),
4. e disseram-lhe: "Mestre, esta mulher foi surpreendida no próprio ato de adultério.
5. Na Lei, ordenou-nos Moisés que essas sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes"?
6. Diziam isto tentando-o, para ter com que o acusar Jesus, porém, inclinando-se para a frente, escrevia uma lista na terra, com o dedo.
7. Como persistissem perguntando, ergueu-se e disse-lhes: "O (que está) puro, dentre vós, atire primeiro uma pedra".
8. E, inclinando-se para a frente, de novo escrevia na terra.
9. Ouvindo essa resposta, saíram um a um, começando pelos mais velhos até os últimos, ficando só Jesus e a mulher em pé no meio.
10. Erguendo-se, pois, Jesus perguntou: "mulher, onde estão (teus acusadores)? Ninguém te condenou"?
11. Ela respondeu: "Ninguém, Senhor". Disse Jesus: "Nem eu te condeno. Vai, e não erres mais".

Esta passagem tem sua autenticidade discutida pelos críticos.

Com efeito. vejamos:

I - É OMITIDA:

- a) nos CÓDICES: aleph (Sinaítico) IV séc., Londres; B (Vaticano, grego 1209) IV séc.; Roma; C (Ephrem rescriptus) V séc., Paris; L (Cíprio) VIII séc., Paris; N (Purpúreo) VI séc., Leningrado; T (Borgiano) V séc., Roma; W (Freeriano) IV V séc., Washington; Z (Dublinense) V-VI séc., Dublin; *delta* (Sangalense) IX séc., Saint-Gall; *theta* (Koridéthi) IX séc., Tiflis; *lambda* (Oxonien- se) IX séc., Oxford; *psi* (Athusiano) VIII-IX séc., MonteAthos;
- b) nos MINÚSCULOS: 33, 579, 892, 1241;
- c) na *Vétus Latina* (ítala) mss.: a, f, q, l;
- d) nas versões siríacas.

Não é citado por Clemente, Orígenes. Tertuliano, Cipriano, Nônio nem João Critóstomo.

Realmente, o estilo do trecho é mais de Lucas que de João (cfr. "escribas e fariseus", expressão muito própria dos sinópticos, mas que só neste passo aparece em João); além disso, o episódio interrompe, na sequência, o discurso de Jesus, relatado por João de 7:16 a 8:59. Note-se ainda, que a família 13 dos "minúsculos" coloca essa perícopé depois do vers. 36 do capítulo 21 de Lucas.

II - É TRANSCRITA:

- a) nos CÓDICES: D (Beza, bilingue) VI séc., Cambridge; E (Basiliense) VIII séc., Basiléa; F (Boreliano) IX séc., Utrecht; G (Seideliano I), X séc., Londres; H (Seideliano II) IX séc., Hamburgo; K

(Cíprio) IX séc., Paris; M (Campiano) IX séc., Paris; S (Vaticano grego 354) X séc., Roma; U (Naniano) IX séc., Venedig; V (Mosquense) IX séc., Moscou; *gama* (Tischendorfiano) IX séc., Oxford; *omega* (Athusiano) VIII séc., Monte Athos;

- b) nos MINÚSCULOS família 13; 71, 113, 209, 272, 700. 1071 e muitos outros;
- c) na Vetus Latina (ítala) mss.: b, c, e, ff², j;
- d) na Vulgata (desde Jerônimo, em todos os manuscritos e edições):
- e) nas versões: armênia, bohaírica, e fragmento siríaco-palestinense.

É citado por Ambrósio, Agostinho e Jerônimo.

Não deve impressionar que não apareça nos papiros, já que nenhum dos que chegaram a nós tem os cap. 7 nem 8 de João.

No entanto, essa perícopé é conhecida desde a mais remota antiguidade, pois é citada por Papias (1.º século), conforme atesta Eusébio (*Hist , Eccl III, 39, 17*).

A questão da autenticidade do trecho já era discutida na antiguidade pelo menos pelos que a defendiam, como Ambrósio e Jerônimo, que diz (*Patrol. Lat, vol. 33 col. 553*) que o episódio se encontra em muitos manuscrito, gregos e latinos anteriores a ele (séc. II e III).

Agostinho, no "*De Conjugiis Adulterinis*" II, 7, 6, (*Patrol Lat. vol. 40 col. 474*) afirma que a omissão do trecho em alguns manuscritos é "obra do ciúme dos maridos".

François- Marie Braun (*in Pirot, o. c., vol X, pág. 380*) considera essa tese de Agostinho "pouco convincente" e ingenuamente pergunta: "como, simples particulares, sem autoridade oficial na igreja teriam autoridade bastante para causar essa omissão"? Esse exegeta esquece ou, pior ainda, faz que ignora, que todo o clero (padres, bispos e papas) possuía esposas e família (Jerônimo afirma que conhece mais de 300 bispos casados, e isso no séc. IV). Já Paulo estabelecera "que os bispos deviam ser homens de uma só mulher" (1.º Tim. 3:2).

Nessa época, não havia ainda aquilo que modernamente entendemos por "casamento"; só começou a ser considerado "sacramento" no século XI (por Bonizo), confirmado como tal por Hugo de Saint-Victor (séc. XIII) e por Pedro Lombardo, quando distinguiu os "sacramentos" dos "sacramentais", lançando uma dúvida a respeito de o casamento ser um sacramento, porque estes "conferem uma graça", enquanto os sacramentais são apenas "remédios" (*alia in remedium tantum, ut matrimonium*, Ped. Lomb. 4, 2, 1). Tomás de Aquino (*Summ. Theol. IV, 26 q. 2, art. 1*) afirma, porém, que "o matrimônio confere a graça", solucionando a questão para o catolicismo, embora Duns Scot (IV. 2. q. 1, art. 1. sol. 2 ad 3) ainda fique em dúvida a esse respeito.

Ora, em todo o cristianismo, e mesmo no catolicismo o clero contraia matrimônio, não obstante as recomendações dos Concílios de Nicéia (325) no Ocidente, e de Amyra e Trullo, respectivamente em 314 e 692, no Oriente; do Concílio de Cartago (390/401); da orientação de Leão I (440-461); de Benedito VIII (1022) que decretou que os "filhos de padres seriam servos da igreja"; de um cânon do Concílio de Latrão (1049); das palavras de Gregório VII (1073). Só o Concílio de Latrão, o 10.º (1139), sob a presidência de Inocêncio II. resolveu impor o celibato eclesiástico, com o cânon 7.º, que "proíbe serem assistidas as missas dos padres casados ou amasiados, e declara nulos os casamentos dos padres, dos cônegos regulares, dos monges, ordenando que sejam submetidos à penitência os que contraírem matrimônio".

E não nos esqueçamos de que AINDA ATÉ HOJE, os padres, bispos e patriarcas das igrejas cristãs ortodoxas podem ser casados e manter família, sem que isso lhes diminua a virtude (ao contrário!) e o fervor religioso. A igreja oriental manteve muito mais forte a tradição primitiva do cristianismo.

Ora se tudo isso é conhecido na História Eclesiástica, verificamos que Agostinho apresentou uma razão viável e perfeitamente lógica.

Quanto aos críticos modernos: Wescott-Hort coloca a perícopé no fim do Evangelho de João, entre colchetes; Tischendorf, Soden, Vogels, Merck, Nestle dão-na em tipos menores, na margem inferior da

página: Bover e Pirot aceitam-na no texto; Jouon e Tillmann acusam-na de suspeição; Lagrange, baseado no estilo (crítica interna) nega sua origem joanina.

* * *

De manhãzinha, bem cedo (*óρθου*) Jesus regressa do Monte das Oliveiras para o pátio do templo, e não demora o povo a cercá-Lo. Jesus senta-se e começa a ensinar conversando despreziosamente, respondendo a perguntas, prestando esclarecimentos, tirando dúvidas, solucionando dificuldades, confortando aflições.

É quando surge um grupo de escribas e fariseus que se dirigiam ao templo para submeter a julgamento certa mulher que lhes fora entregue, segundo o preceito da Lei (Lev. 20:10: cfr. Deut. 22:23 ss), por ter sido surpreendida em adultério.

Realmente, em Lev. 20:10, a mulher casada que adulterava era condenada à morte, sem que aí se especificasse qual o gênero de assassinato: a noiva (Deut. 22:23) devia ser lapidada. Segundo Strack-Billerbeck (o. c., vol. 2, pág. 519) a pena da esposa adúltera era a estrangulação. No entanto, pelo fato de aqui acenar-se (vers. 7) a "pedra", não é mister deduzir-se que se tratava de uma noiva.

De qualquer forma, a condenação pelo Sinédrio era simbólica, já que desde o domínio romano, a pena de morte (*jus gladii*) fora retirada do Sinédrio e reservada ao Procurador.

Mas tendo o grupo percebido aquele jovem operário que se arvorava a ensinar e a verberá-los com suas palavras candentes, achou que seria ótima ocasião de embaraçá-Lo. Se condenasse a mulher, contradiria sua doutrina de perdão e rasgaria sua máscara de bondade; se a desculpasse, infringiria a lei mosaica, e poderia ser difamado e condenado. Não havia escapatória. Levam-na, então, a ele e colocam diante dele o fato consumado, que não admitia subterfúgios; e pedem uma resposta categórica sobre o direito.

A mulher é colocada "em pé, no meio" (*stésantes en mēsôî*) e o círculo em torno, atento, aguarda a resposta. Sentado onde estava - talvez no chão à maneira oriental - Jesus abaixa-se um pouco e, inclinando-se para a frente, nada responde, limitando-se a traçar com o dedo, algumas palavras na areia do pátio.

Jerônimo, imaginoso, pretende adivinhar o que Ele escrevia: *Jesus inclinans scribebat in terra, eorum videlicet qui accusabant et omnia peccata mortalium secundum quod scriptum est in propheta: "Relinquentes autem te, in terra scribentur"* (Jer. 13:5), isto é: "inclinando-se, Jesus escrevia no chão todos os pecados dos mortais e daqueles que acusavam, segundo o que está escrito no profeta: deixando-te, escreverão na terra" (Patrol. Lat. vol. 23, col. 553).

No entanto, de nada adiantam as suposições: NÃO SABEMOS o que o Rabbi escreveu. A única indicação que temos, e muito vaga, é o verbo grego empregado, *katégraphen*, que tem o sentido literal de "escrever uma lista" ou "fazer um rol".

Sentindo-se desprestigiados pela indiferença de Jesus, os escribas insistem na pergunta. O Mestre levanta os olhos e devolve a eles o julgamento: "Quem entre vós está inocente, seja o primeiro a atirar a pedra contra ela". E novamente inclinando-se continua a escrever na poeira do chão.

Aproveitando-se do fato de que Jesus não estava olhando, eles foram esgueirando-se e escapando, os mais velhos - e por isso mais prudentes em primeiro lugar. Haviam sido apanhados na armadilha que eles mesmos tinham preparado: verificaram em primeiro lugar, que não podiam apedrejá-la ali, porque os milicianos romanos interviriam, condenando-os por desobediência à lei civil vigente e desrespeito à autoridade de César; em segundo lugar por temerem que Jesus interviesse, declarando também em voz alta os erros deles: quem não nos têm?

Mais alguns minutos de silêncio, e Jesus novamente ergue os olhos do chão; lá continua, de pé, a pobre mulher, rodeada apenas pelo povo, espectador mudo da luta entre as autoridades eclesíásticas constituídas e o operário humilde, sem qualificações oficiais.

Dirigindo-se à acusada, pergunta-lhe onde estão seus acusadores. E, sem esperar resposta, indaga se nenhum deles a condenou. A réplica é singela: "ninguém, Senhor". E o fecho é de ouro, digno do coração maravilhoso e nobre do Mestre: "nem eu te condeno! Vai e não erres mais!"

Aprendemos a lição da piedade pelas fraquezas dos outros (porque, das nossas, sempre temos desculpas que nos parecem definitivas e irrespondíveis). Indispensável, em qualquer situação, que haja "compreensão", pois dificilmente possuímos em mãos elementos para formar um juízo completo e perfeito, de qualquer ação praticada por outrem. No lugar deles, nas mesmas circunstâncias, e com o psiquismo "deles", podemos garantir que agiríamos de modo diverso? Para melhor, ou para pior?

Outra lição a deduzir, com clareza absoluta, é a de que atos externos, praticados pela personagem terrena, não trazem consequências graves para a individualidade: desde que não se causem prejuízos sérios, nem provoquem resultados danosos, nem insuflam contra nós ódios ou revoltas, os simples atos físicos não criam carmas negativos. Então, "não julguemos jamais, para não sermos julgados nem jamais condenemos, para não sermos condenados". O episódio é a confirmação prática dessa doutrina teórica, ensinada pelo Mestre.

No terreno simbólico, a lição é mais profunda.

"Adultério" exprime, sistematicamente, o abandono da religião "oficial". E os escribas e fariseus, ciosos da ortodoxia da religião prática, condenam todos os que se bandeiam para outros cultos. Surpreendida a criatura em flagrante adultério, de submeter-se a culto diferente do "oficial", é levada a julgamento para ser "excomungada", de modo geral sem direito a defesa condenação absoluta e irrevogável. Também aí vale o ensino do Mestre: coisa secundária é render-se culto a Deus desta ou daquela maneira, com este ou aquele nome. O próprio Talmud, no Tratado Avodá Zará, diz: "quando vires o idólatra a orar diante de seu ídolo, não o perturbas: ele pensa que se dirige a Deus e, ainda que esteja errado, Deus lhe aceita a prece". Por que condenar alguém, só por se ter afastado de "nosso modo de pensar e ter preferido um caminho diferente do "nosso", para ir ao encontro do Pai de Amor de todas as criaturas? Se isso constitui hamartía (desvio da rota, erro, no sentido de "vaguear" de caminhar sem rumo: errático, erraticidade, errante, "errar ao acaso pelos campos"), nem por isso merece condenação. O final da estrada é o mesmo: Deus. Jesus recomenda, após afirmar-lhe que não merece Sua condenação, que "não erre, mais", que "não vagueie por outras estradas "

Essa última interpretação explica, também, a razão do interesse oculto de considerar-se apócrifo esse texto.

No campo iniciático descobrimos a individualidade a decidir a respeito das desorientações intelectuais da personagem. Ávido de sensações novas e emoções ainda não experimentadas, o intelecto corre em busca de novos conhecimentos e comete o "adultério" de não mais seguir a trilha que sempre praticara. E quando começa essa pesquisa, a criatura "erra" de déu em déu como abelha em busca de novas espécies de flores, numa erraticidade que acaba corroendo a solidez dos fundamentos de sua fé.

Essa busca indiscriminada, sobretudo para os que não possuem firmeza no arcabouço intelectual - por falta de estratificação de cultura, obtida em séculos de preparação lenta e bem arquitetada - pode causar desfavoráveis rumos e provocar perturbações conceptuais.

Um simples acesso ao 5.º grau iniciático (matrimônio, veja vol. 4) no primeiro plano da iniciação não dá garantias de capacidade mental para essas incursões arriscadas. A fuga desse "matrimônio" (unificação) com o Eu Interno, para adultérios intelectuais em outros setores, pode ser profundamente prejudicial ao avanço evolutivo.

Daí, embora o Cristo Interno não condene, porque a aspiração ao saber (a busca da Verdade) é finalidade altamente valiosa, contudo adverte ao iniciando que não dê largas a seu gosto de erraticidade pelas doutrinas humanas (vol. 4), mas se apegue ao matrimônio real com o Eu Interno Profunda Sabedoria Divina, orientadora da Humanidade por todos os evos e eons, na eternidade sem fim e sem limite!



Figura “A ADÚLTERA” – Desenho de Bida, gravura de Ed. Hédouin

LUZ DO MUNDO**João 8:12-20**

- 12. Então Jesus falou-lhes de novo, dizendo: "Eu sou a luz do mundo: quem me segue, de modo algum andará nas trevas, mas terá a luz da vida"**
- 13. Disseram-lhe pois os fariseus: "Tu dás testemunho de ti mesmo: teu testemunho não é verdadeiro".**
- 14. Respondeu Jesus e disse-lhes: "Embora eu dê testemunho de mim mesmo, meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou; mas vós não sabeis donde venho nem para onde vou**
- 15. Vós escolheis segundo a carne eu não escolho ninguém.**
- 16. E se escolho, minha escolha é verdadeira porque não sou só, mas eu e quem me enviou,**
- 17. e na vossa lei foi escrito que o testemunho de dois homens é a verdade.**
- 18. Eu sou o testemunho de mim mesmo e o Pai que me enviou testifica a meu respeito".**
- 19. Eles lhe perguntaram: "Onde está teu Pai"? Respondeu Jesus: "Não vedes nem a mim nem a meu Pai. Se me vísseis, também veríeis meu Pai"**
- 20. Proferiu essas palavras na câmara do tesouro no templo; e ninguém o prendeu porque ainda não chegara sua hora.**

Aqui aparece o segundo EU SOU, enfaticamente proferido pelo Cristo, a modo de esclarecimento a Seu respeito. Ei-los na ordem em que aparecem no Evangelho de João:

1. Eu sou o Pão da Vida ou o Pão Vivo (6:35);
2. Eu sou a Luz do mundo (8:12);
3. Eu sou a Porta das Ovelhas (10:7);
4. Eu sou o Bom Pastor (10:11);
5. Eu sou a Ressurreição da Vida (11:25);
6. Eu sou o Caminho da Verdade e da Vida (14:6); e
7. Eu sou a Vinha verdadeira (15:1).

Examinemos as comparações com a LUZ.

O Salmista (27:1) escreve: "YHWH é minha Luz" e Isaías (42:6 e 49:6) faz YHWH dizer que porá o Messias "como Luz dos gentios".

No Novo Testamento, o sacerdote Simeão (Luc. 2:32) afirma que o recém-nascido Jesus "é a Luz para guiar os gentios", e Mateus atribui a Jesus a profecia de Isaías (9:2): "Nasceu uma Luz para os que estavam sentados na região sombria da morte". O próprio Mestre ensina que a luz deve ser colocada à vista para iluminar a todos (Mat. 5:15-16) e mais, que Seus discípulos são "A Luz do mundo" (Mat 5:14), isto é, o mesmo título que atribui a si mesmo neste passo.

Em seu Evangelho, João escreveu (1:4) que "a Vida é a Luz dos homens"; e ao falar de Si mesmo, o Cristo confirma que "a Luz veio a este mundo" (João 3:19); cada vez que estou neste mundo, sou a Luz do mundo" (João, 9:5); e mais tarde: "ainda por um pouco a luz está dentro de vós - *en humin* (João, 12:35). E na primeira epístola (1:5) ensina-nos esse evangelista que "Deus é Luz".

Os judeus, desde alta antiguidade, utilizavam a luz no culto, rememorando a nuvem luminosa que os guiara no deserto (Êx. 13:21). Desde Moisés, permanecia perenemente acesa a lâmpada no santuário (Êx. 27:20 Lev. 24:2, 4), além do candelabro de sete braços (Êx: 25:37, Núm. 8:2) com minuciosa descrição. Eis a descrição:

"Farás um candelabro de ouro puro lavrado, com seu pedestal, e sua haste, seus cálices, maçãs e açucenas, formando com ele uma só peça. Seis braços sairão de seus lados, três de um lado e três de outro. Num braço haverá três copos em forma de flor de amendoeira, com uma maçã e uma açucena; na outro braço haverá três copos em forma de flor de amendoeira, com uma maçã e uma açucena e assim em cada um dos seis braços que saem do candelabro. No próprio candelabro haverá quatro copos em forma de flor de amendoeira, com suas maçãs e suas açucenas: uma maçã sob os dois primeiros braços que saem do candelabro, formando uma só peça com a haste; uma maçã sob os outros dois braços e outra maçã sob os dois últimos braços, igual para os seis braços que saem do candelabro. Essas maçãs e braços formarão uma só peça com a haste, sendo tudo obra lavrada de ouro puro" (Êx. 25:21-36).

Salomão colocou, no Templo que construiu sobre o Monte Moriah, em Jerusalém, dez desses candelabros, cinco de cada lado do tabernáculo (1.º Reis, 7:49 e 2.º Crôn. 4:7).

Depois de declarar solenemente que "é a LUZ do mundo", acrescenta que jamais estará em trevas aquele que O siga, tal como ocorria com a nuvem luminosa durante a travessia do deserto em relação aos israelitas. Mas, além da garantia de ter seu "caminho" iluminado, é ainda assegurado que terá em si mesmo "a luz da vida" ou "a luz-Vida" pois já fora dito que "a Vida é a Luz dos homens" (João, 1:4).

Essas afirmativas desagradam aos ouvintes que objetam não poder acreditar num testemunho proferido a favor de si mesmo. Como em João 5:31 (ver vol. 3) dá o Mestre a garantia da veracidade de Suas expressões, pelo fato de ter a consciência desperta em todos os planos, e portanto de conhecer-Se perfeitamente, sabendo de onde vem e para onde vai, o que é ignorado por todos os presentes, que não O conhecem. Observemos que todos os profetas sempre deram testemunho de si mesmos, quando se apresentaram, sendo feita a comprovação da veracidade de suas assertivas pelos frutos que produziam e pelo acerto de suas palavras. Eles mesmos, porém, só se baseavam na força interna que os impulsionava a falar ou a agir. O consenso externo pode testificar a santidade ou não de alguém, mas o "recaído" que o profeta recebe para transmitir e a lição que o mestre sabe para ensinar, só podem ser garantidas pela própria autoridade sua pessoal e pelo conjunto de obras e palavras de atitudes e sentimentos que manifesta. Além disso, a voz do verdadeiro Mestre e do verdadeiro Profeta ecoa dentro do coração dos evoluídos que "sentem" a legitimidade ou não do que é dito.

Aqui aparece novamente o verbo *krino*, que significa "separar, triar, distinguir, escolher", podendo, por extensão, expressar "decidir, resolver, explicar, interpretar, opinar", e mais: "julgar (no sentido de "avaliar, estimar, apreciar") atribuir e adjudicar". (ve:-. vol. 2 e vol. 3). Neste trecho, o sentido "escolher" cabe perfeitamente aos conceitos expendidos: o vulgo geralmente discrimina e escolhe de acordo com as aparências do corpo físico, com a beleza, a elegância, as maneiras e atitudes, o modo de vestir e de falar. No entanto, os mestres de modo geral não escolhem ninguém, mas aguardam e acolhem os que espontaneamente os buscam.

Vem aí a pergunta das personagens, que só dão valor às exterioridades e as coisas palpáveis: "onde está teu pai"? Embora alguns hermeneutas queiram supor que a pergunta se refere a Deus, acreditamos mais designasse mesmo o pai terreno requerido para comparecer ao agrupamento a fim de confirmar ou não as afirmativas de seu filho; seu pai fora invocado como testemunha pelo próprio orador, onde estava ele para ser inquirido?

A resposta é desconcertante e desanimadora, porque constitui um enigma para as personagens, ignoras da Grande Realidade: "Não vedes nem a mim nem ao Pai. Se me vísseis, também veríeis ao Pai". No

âmbito do corpo físico, isso é irreal: quem vê o filho não está vendo o pai, pois são seres destacados. Mas o Espírito é, concomitantemente, a própria centelha do Pai à qual damos o nome de Filho. Como a Centelha é interna (Cristo Interno) e espiritual, jamais pode ser vista com os olhos carnis. Essa mesma frase será repetida, mais tarde, a Filipe (João, 14:9). As traduções correntes trazem, ao invés de "ver", "conhecer". Mas o original grego não é *gignôscô*, e sim *eídô*, que significa "ver". Os tradutores evitaram esse verbo porque não penetraram o sentido espiritual do trecho; não compreenderam que era o Cristo Interno invisível, que falava, e julgaram que era a pessoa física de Jesus. Ora, essa pessoa física estava diante deles, sendo vista por eles; logo, não podiam traduzir *eídô* por "ver", pois seria, no entender deles, um contra-senso, e escolheram um sinônimo, "conhecer". Por aí vemos como os tradutores torcem o sentido do texto, para adaptá-lo à sua mentalidade intelectualista e racional, e não obedecem ao que diz o original, mas "traem" o sentido, tornando perigoso fiar-se na simples leitura das traduções. Ora, o original diz claramente: "Não me VEDES", e isso desnor-teou os ouvintes (que se afastaram) e os tradutores que todos julgavam ser Jesus que estava falando ...

O término abrupto desse discurso, aqui resumido, em que o evangelista se limita a esclarecer o local da entrevista, dá-nos a sensação de que os ouvintes, desesperançados de entender se afastaram, dispersando-se pelos arredores, numa descrença total. O local apontado é o "gazofilácio", isto é, a câmara do tesouro. Ora, aí ninguém podia penetrar. Parece evidente tratar-se das "proximidades" da câmara, mas do lado de fora, no pórtico do átrio das mulheres, onde ficava a abertura por onde eram lançadas as ofertas, como novamente veremos no "óbulo da viúva" (Luc. 21:2), onde se juntava sempre pequena aglomeração curiosa, que os ricos adoravam, por ver comentadas suas doações materiais.

A anotação de que não foi preso "porque não chegara sua hora" é aqui repetida (cfr. João 7:30, vol. 4), como indicação de que nada ocorre sem que soe a hora preestabelecida pela determinação da vontade da Vida.

As lições vão assumindo cada vez maior profundidade simbólica, ampliando o campo de conhecimentos iniciáticos. A cada novo episódio ou lição, mais um passo é dado à frente, tornando-se, inclusive, mais difícil a compreensão e, portanto, a interpretação dos textos.

A afirmativa de SER A LUZ, conforme vimos, é abundante e variada nas Escrituras judaicas e sobretudo em o Novo Testamento. No entanto, a sequência da frase traz aqui nova revelação: o Cristo que fala, usa a mesma expressão que em Mat 5:14 usara a respeito dos discípulos. Não há distinção entre "Vós sois a Luz do Mundo" e "Eu sou a Luz do mundo". Igualdade plena. Ora, não eram as personagens encarnadas dos discípulos que constituíam a luz do mundo mas exatamente o Cristo Interno, que era O MESMO, quer em Jesus, quer em Seus discípulos, quer em qualquer criatura. Todos os que se unificam com o Cristo se tornam, ipso facto, LUZ para o mundo, isto é, para seus veículos.

E a continuação confirma: "quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a Luz da Vida". Trata-se, pois, de seguir, não fisicamente, pois o físico transitório não interessa ao Espírito, mas seguir nos passos da evolução espiritual. Não é uma imitação de atos físicos, mas uma vivência de essência mística. Os que souberem repetir o caminho iniciático do Mestre-Modelo, "não andarão nas trevas", porque terão em si mesmos a "Luz da Vida" ou a Luz viva. A unificação com o Cristo interno equivale ao acender-se da Luz em si mesmo. E ninguém que tenha em si mesmo a luz poderá jamais andar em trevas. As trevas só podem cercar uma lâmpada apagada, nunca uma lâmpada acesa porque a lâmpada tem a luz em si. Ora, se a criatura acendeu em si mesma a luz crística, não conseguirá, nem que o queira, andar nas trevas, porque ela eles objetavam e perguntavam, embora sempre o fizessem manifestando que a mesma iluminará o ambiente circundante. Daí ter escrito João (1.ª João, 3:6): "Todo o que permanece (em Cristo) não erra" e (1.ª João, 5:18): "Todo o que nasceu de Deus (fez seu segundo nascimento unindo-se a Deus) não erra".

As palavras são do Cristo, do Cristo Cósmico que é o mesmo Cristo Interno dentro de cada um de nós. Quem O segue, com Ele unificando-se, participa de Sua luz, acende em si sua própria luz" e portanto se torna capaz de iluminar por si mesmo, tornando-se isento de qualquer erro.

A objeção dos ouvintes é material, proveniente do raciocínio discursivo, como não pode deixar de ser. Essas objeções e perguntas parecem feitas por adversários (fariseus, doutores, saduceus). No entanto, João diz apenas "os judeus", isto é, os "religiosos apegados ainda às religiões ortodoxas", literalmente, "os adoradores". Às vezes as objeções eram dos próprios discípulos chamados (que já eram, como vimos atrás, 516 a frequentar a Escola Iniciática "Assembléia do Caminho"), nem todos evolutivamente adiantados para penetrarem a fundo o sentido e a realidade dos ensinamentos. Talvez perguntassem e objetassem com intenção de aprender. Todavia, fariseus e doutores costumavam mesclar-se aos discípulos, pois Jesus falava de público, e também eles objetavam e perguntavam, embora sempre o fizessem manifestando má vontade e superioridade cheia de empáfia. Aqui, a objeção é típica dos fariseus: o testemunho de um só homem não tem valor.

A resposta do Cristo é de molde a fazer-nos compreender que não era Jesus que falava, mas o Cristo: "sei donde vim e para onde vou", coisa que as criaturas humanas são incapazes de saber em plena consciência. E logo a seguir vem a confirmação, com a assertiva profundamente verdadeira, de que os homens só podem estabelecer o veredicto para a escolha, baseando-se nos atributos externos da matéria, isto é, da carne. Só a aparência, a superfície, os "rictus" faciais, são percebidos e analisados e computados para uma escolha. Aviso importante para as Escolas Iniciáticas: jamais basear a escolha dos elementos para galgar passos superiores, nas aparências exteriores!

Já com o Cristo não ocorre assim. Luz vital do Cosmo, luz vital de cada criatura, habitante do âmago mais profundo, essência última, o Cristo impulsiona tudo de dentro, obrigando a evoluir ("o amor de Cristo nos impulsiona", 2.ª Cor. 5:14). Tudo o que atinge o ponto crítico de maturação é impelido a prosseguir para o próximo passo, seguindo à frente. Essa "escolha" acertada da hora precisa de "elevar" a criatura, só pode ser executada com segurança absoluta pelo Cristo Interno e pelo Pai, pois conhecem melhor a criatura do que ela própria se conhece. Jesus, porém, mesmo em Sua qualidade Incontestável de Mestre, mas Espírito humano, a ninguém escolhe, pois não veio para isso (João, 3:17 e 12:47), mas para salvar o que estava perdido (Mat. 18:11), isto é, para reorientar no rumo certo o que se havia extraviado da rota evolutiva. E quando o homem já se acha unido ao Cristo Interno e portanto com o Pai, já são duas pessoas a testemunhar, o que satisfaz à exigência da lei (Deut. 19:15).

A pergunta feita a "Jesus" a respeito do pai dele, só podia referir-se a José o carpinteiro. Mas como não é Jesus que está falando, mas o Cristo, a resposta desnorteia os ouvintes, que pensavam estar falando a um homem igual a eles, e Quem lhes estava a responder era o Filho de Deus, o Cristo Divino.

Considerada sob esse ponto-de-vista: a resposta é de suma beleza e verdade: "não vedes nem a mim nem a meu Pai". Quem dos humanos pode "ver" o Cristo? Só quem com Ele já se unificou. E quem pode "ver" o Pai? Só quem se unificou com o Cristo. Por isso diz: "se me vísseis, veríeis o Pai".

Só a unificação permite à criatura "ver" o Cristo experimentalmente, fundindo-se na Luz, vivendo o Cristo, mergulhando na Consciência Cósmica, inflamando-se no incêndio de Amor que abrasa sem consumir, que purifica sem desgastar, que abrasa sem aniquilar.

A verdade, conforme vemos, é de profundidade absoluta, e só interpretando-a "em Espírito" pode ser entendida. Ao ser revelada pela primeira vez, traz todo o sabor de lição nova e estonteante: só unificando-nos, "veremos" o Cristo, e vendo-O, veremos o Pai que é UNO com Ele, e portanto também veremos o Espírito. Daí ter ensinado que Ele, o Cristo, é o Caminho da Verdade (Pai) e da Vida (Espírito Santo).

Mais uma observação: diz-nos o evangelista que essas palavras foram proferidas na "câmara do tesouro" no Templo, isto é, no ádito mais recôndito do coração, onde reside o Cristo, o máximo tesouro de nossas vidas. Já escrevemos (vol. 2) e o recordamos atrás que quando o sentido é obscuro ou absurdo, parecendo-nos um erro, aí se oculta algo de simbólico. Para as personagens intelectualizadas, temos que esclarecer que na câmara do tesouro (gazolifácio, como dão as traduções correntes, usando um termo incompreensível) ninguém podia penetrar, e naturalmente o evangelista quis dizer "próximo" à câmara. Mas para as individualidades intuitivas já podemos expor a realidade: o evangelista está certo: é mesmo "na câmara do tesouro (coração) do templo (corpo humano)", que o Cristo pro-

clama a grande verdade até então oculta. Embora também seja verdade o que se diz: nenhum "profano" podia (nem pode) penetrar nessa "câmara do tesouro", se antes não tiver percorrido os passos da "Escola do Caminho".

Por aí, verificamos que os objetantes também não são "externos" (fariseus e doutores), mas os próprios veículos personativos com o intelecto à frente, que não aceitam as realidades do Espírito. Tão comum ouvirmos o intelecto objetar que "não entende" e que "quer ver" com os olhos físicos! Não precisaremos procurar muito longe de nós mesmos essa incredulidade por falta de capacidade espiritual de intuição.

JESUS DECLARA-SE YHWH

João, 8:21-30

21. Disse-lhes então de novo: "Eu me vou retirar, e me procurareis, e morrereis em vossos erros; para onde vou, não podeis ir"
22. Diziam então os judeus: "Acaso se matará? Pois diz, para onde vou, não podeis ir".
23. Disse-lhes Jesus: "Vós sois de baixo, eu sou de cima; vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo.
24. Por isso vos disse que morreríeis em vossos erros; pois se, não credes que EU SOU, morrereis em vossos erros"
25. Perguntaram-lhe, então: "Quem és tu"? Respondeu-lhes Jesus: "Acima de tudo, aquilo mesmo que vos estou dizendo.
26. Muitas coisas tenho que falar e decidir sobre vós; mas quem me enviou é verdadeiro, e o que dele ouvi, isso falo ao mundo".
27. Eles não perceberam que lhes falava do Pai.
28. Disse, pois, Jesus: "Quando desenvolverdes o Filho do Homem, então conhecereis porque EU SOU e nada faço de mim mesmo, mas como me ensinou o Pai, assim falo.
29. Quem me enviou, está comigo: não me deixou só, porque sempre faço as coisas agradáveis a ele".
30. Falando estas coisas, muitos creram nele.

Alguns hermeneutas julgam ser esta palestra uma continuação da anterior, baseados no dativo *autois*, a que atribuem o sentido "a eles mesmos", isto é" aos mesmos ouvintes de antes. Ora, da mesma forma que o *autois* do vers. 12 não se refere aos mesmos ouvintes que o circundavam no episódio da "adúltera" (a estes dirigiu-se no pátio do Templo, e o vers. 12 se refere a outros ouvintes ao lado da "câmara do tesouro"), assim o *autois* deste vers. 21 pode também significar apenas genericamente "a eles mesmos" os judeus. Tanto no vers. 12 como no 21, o advérbio empregado é o mesmo: *pálin*. ou seja, "de novo", no sentido de "outra vez", ou "em outra ocasião".

Embora o assunto apresente a mesma tônica de elevação que o trecho anterior, outros argumentos todavia são trazidos à liça. A primeira frase já fora proferida em outra ocasião, quase com as mesmas palavras (cfr. João, 7:34; vol. 4). Mas aqui é acrescentado: "morrereis em vosso erro". Lá os ouvintes supõem que pense transferir-se para a diáspora; aqui, que talvez se mate. Reações diferentes de auditórios diferentes. Confessam que realmente não poderão segui-Lo, se se matar, porque o suicídio era (e é) veementemente condenado entre os israelitas.

O prosseguimento também varia, com uma explicação de motivo de Ele poder ir a lugares aonde não possa ser seguido por eles: "vós sois de baixo, (*kátô*), eu sou de cima (*ánô*)". E para que não parem dúvidas a respeito do sentido dessas palavras é fornecido o esclarecimento final: "vós sois deste mundo" (*toútou tou kósmou*), pertenceis a este planeta em que fazeis vossa evolução, "eu não sou deste mundo", pois venho de outro plano. O evangelista João (3:31; vol. 2) já havia consignado a distinção entre os habitantes do planeta Terra e os de outros planos: "o que vem de cima, é sobre todos; o que é da Terra, é da Terra e fala da Terra; o que vem do céu é sobre todos".

Depois o orador pede que acreditem que Ele é o mesmo YHWH, pois dá de Si a mesma definição que aparece em Êxodo 3:14, isto é: "Disse o elohim a Moisés: EU SOU QUEM SOU: dize aos filhos de

Israel: EU SOU enviou-me a vos” (*vaiomer elohim el-mosheh ehieh asher ehieh; vaiomer ki tomar libeni israel ehieh selahani eleokem*).

Este ponto é de importância capital para estabelecer a identidade do Espírito de Jesus.

ELOHIM YHWH

Já estudamos em “La Reencarnación en el Antiguo Testamento” (Revista SPIRITVS, n.º 1, 1964, págs. 19 a 25) que ELOHIM, plural de EL ou ELOHÁ, tem o sentido exato de “espírito desencarnado”.

Com efeito, a médium de Êndor (1.º Sam. 28:13) ao ver o espírito desencarnado de Samuel aparecer-lhe, diz a Saul: "vejo um ELOHIM subir da terra.

O espírito desencarnado que se “manifestava” como “guia” de pessoas, cidades ou nações (“Santo” protetor), era chamado EL ELOHÁ ou ELOHIM entre os hebreus; “Deus” entre os romanos”; “Theós” entre os gregos. Mas nenhum desses termos jamais se referiam ao DEUS o ABSOLUTO. Então, apesar da pecha de politeístas, os povos antigos (pelo menos a elite intelectual e espiritual) cria num só DEUS, embora atribuisse aos espíritos desencarnados de categoria mais elevada os epítetos de ELOHIM (hebreus), DEUS (romanos), THEOS (gregos), exatamente como nós, hoje, da idade moderna acreditamos num só Deus supremo, imanente em tudo e transcendente a tudo, mas denominamos “SANTOS” (católicos), DEVAS (hindus), “GUIAS” (espiritistas), aos espíritos desencarnados de elevada categoria moral e espiritual. Compreendamos, pois, que ELOHIM, DEUS, THEÓS deverão entender-se como “santos”, “Guias”, “devas”.

Ora, bem numerosas são os passos do Antigo Testamento, em que lemos a frase: "porque eu, YHWH, sou vosso ELOHIM". Se lermos a Bíblia sem preconceitos de "escolas", veremos que é irresponsável nossa argumentação: YHWH é um ELOHIM, isto é, um “espírito desencarnado”, GUIA (Protetor) do povo hebreu (e por isso encarnou entre eles), mas nunca o Deus Absoluto. O próprio Moisés (Êx. 5:3) designa YHWH como "homem combativo".

Mas muitos e muitos passos o confirmam: YHWH fala com seus amigos e com seus adversários, com Caim (Gén. 4:10), com Abrão (Gén. 13:14), com Jacob (Gén. 31:3), com Moisés (Êx. 8:1, 5, 16, 20; 9:8, 13, 22, etc. etc.), com Josué (Jos. 11:6; 20:1, etc.) e com todos os profetas; responde a uma consulta de Rebeca (Gên. 25:22) que vai a ele saber por que os gêmeos lutam em seu ventre - exatamente como qualquer espírita vai a um “centro” consultar o guia -; e aparece visualmente (Gén. 26:2, etc.) e desce para ver (Gên. 11:5) ou desce ao *Sinal* para conversar com Moisés (Êx. 19:20); ou se arrepende (Gen. 6:6; Êx. 32:14); ou se encontra com Balaão (Núm. 23:16); por vezes se ira (Êx. 4:14; Deut. 9:8, 20) e até se vinga (1.º Sam. 4:8); no deserto caminha à frente da coluna dos hebreus (Êx. 13:21) e, quando não gosta de alguém, “põe ciladas” (2.º Crôn. 20:22), etc. Não citamos nem a centésima parte dos atos humanos de YHWH, praticados na qualidade de ELOHIM, isto é de espírito desencarnado; atos inadmissíveis para um Deus que não seja antropomórfico, isto é, feito “à imagem e semelhança do homem”.

Além disso, não é só YHWH que é ELOHIM: a mesma denominação de “guia”, com essa mesma palavra, é empregada em muitos pontos: Camos elohá dos Amorreus (Juízes, 11:24); Dagon, elohá dos filisteus (Juízes, 16:23) e elohá também de Azot (1.º Sam. 5:7); Astarté, elohá dos sidônios, Camos elohá de Moab, Milcom elohá dos filhos de Amon (1.º Reis, 11:33); Baal Zebub elohá de Acaron (2.º Reis, 18:34), etc. etc. Todos são combatidos e condenados, mas reconhecidos como elohim, título que não lhes é jamais recusado. Essa palavra elohim a Vulgata traduz sempre por “Deus”, mas exatamente no sentido que lhe davam os romanos; e os LXX traduzem por “theós”, precisamente no sentido que lhe davam os gregos, isto é, “espírito desencarnado”, ou “santo”, ou “protetor”.

No Génesis (3:22), após narrar a passagem dos animais ao estado hominal, pelo fato de "haver comido o fruto da árvore da vida", isto é, de haver conquistado o intelecto racional (localizado acima da espinha dorsal em posição vertical de árvore, e não mais na posição horizontal dos animais), dizem os elohim que "o homem se tornou igual a nós", no plural. Ora, inadmissível o anacronismo do plural, "ma-

jestático", consideremos que o homem se tornara "espírito", igual aos espíritos desencarnados, mas jamais igual a DEUS o Absoluto!

Então, YHWH é um ELOHIM, o ELOHIM dos hebreus ou israelitas e, no dizer de Isaías (60:2) "nascerá em ti (Israel) e em ti se verá sua glória".

Ora, neste trecho Jesus se declara YHWH, quando taxativamente diz: "se não credes que EU SOU, morrereis em vossos erros". Não foi assim que YHWH se definiu a Moisés: "EU SOU QUEM SOU: dize aos filhos de Israel: EU SOU enviou-me a vós" (Êx. 3:14)? Há alguma dúvida, ainda, no espírito do leitor?

No espírito dos ouvintes daquela palestra não pairou dúvida. Mas tão ousada lhes pareceu a assertiva, que eles voltaram a indagar, para certificar-se de que tinham ouvido bem: "Quem és tu? E Jesus, simples e claramente lhes confirma: "Acima de tudo, o que vos estou dizendo": é isso mesmo que vos digo: EU SOU.

Essa resposta tem sido discutidíssima há milênios. O original tem: *tên archên hó ti kai lálô humin*. Mas os tradutores não chegaram a uma conclusão.

Analisemos cada termo, e verificaremos que Jesus realmente reafirma sua declaração anterior, de que Ele é EU SOU.

Hê archê significa "o princípio". Acha-se em acusativo. Mas, não sendo objeto direto, só pode ser adjunto adverbial. Pode significar: 1) "no princípio"; 2) "antes de tudo" (mesmo em intensidade, o que nos permite dizer "acima de tudo", só para evitar equívocos, pois se disséramos "antes de tudo", poderia parecer que se tratava de tempo); 3) "primeiramente". Jamais, porém, poderá significar "desde o princípio", que seria *ap'archês* (construção usada neste mesmo capítulo, logo adiante, no vers. 44) ou *ex'archês*. Aliás, na tradução para o grego moderno (rumaico) encontramos: *hó, ti sãs légô ap'archês*, ou seja, "aquilo que vos digo desde o princípio". A Vulgata dá uma tradução que não concorda em absoluto com o original: *principium, qui et loquor vobis*, isto é, "(sou) o princípio, que vos falo". Outras traduções interpretam a frase como interrogativa: "perguntais aquilo que vos tenho dito desde o princípio"? (Versão Brasileira) ou "Por que afinal estou a falar-vos" (Rohden); "o princípio que até falo convosco" (Frei J. J. Pedreira de Castro); (Eu sou Deus), o princípio (de todas as coisas) eu que vos falo" (Pe. Matos Soares); "Que é que desde o princípio vos tenho dito"? (Almeida revisada); a Escola Bíblica de Jerusalém traduz: "D'abord ce que je vous dis"; e a melhor tradução quanto ao sentido, é a dos monges de Maredsous: "Exactement ce que je vous declare". Essas as principais variantes de uma frase obscura. Mas, prossigamos a análise.

Hó ti – "aquilo que", no gênero neutro, logo, não concordando com *tên archên*, feminino. *Kai*, literalmente conjunção aproximativa "e", quando entre duas palavras ou frases equivalentes; mas quando isolada, como aqui, é advérbio e tem, além de outros, o sentido de "mesmo" (cfr. Bailly, "Diction. Grec-Français", in verbo, B, I, 4 e B, II, 1). O verbo *lálô*, primeira pessoa do presente do indicativo, "falo ou digo", com sentido continuativo: "acabo de dizer" ou "estou dizendo". O dativo *humin*, "a vós" ou "vos".

Então, consideramos a melhor tradução: "Quem és tu?" - "Acima de tudo, aquilo mesmo que vos estou dizendo", ou seja: EU SOU, ou YHWH. Daí dar perfeitamente o sentido a tradução de Maredsous: "Exatamente o que vos declaro". No grego dos LXX, a frase de Êx. 3:14 é traduzida: *egô eimi ho ôn*, ou seja, "eu sou o ente", ou "o que é". E acrescenta: "dize aos filhos de Israel, o ENTE enviou-me a vós".

Passa depois a falar com um acento de ternura, afirmando que muita coisa tem ainda a dizer e a decidir a respeito deles. Mas uma só coisa interessa no momento; e é que enviado pelo Pai, tem a certeza absoluta de que no Pai está a Verdade e de que só essa Verdade Ele fala ao mundo, a este mundo negativista do Anti-Sistema e o evangelista interrompe a palavra de Jesus, para anotar que eles "não perceberam".

Volta, então, o Mestre a confirmar o que disse de Si mesmo: eles terão a gnose do porque Ele é EU SOU, quando desenvolverem, fazendo-o crescer, (*hypsôsête*) o Filho do Homem. A frase é clara: *tóte*

gnôsesthe hóti egô eimi; interpretamos o *hóti* como causal, não como integrante. Compreendido esse ponto em profundidade, por meio da evolução interna – não de informações externas de terceiros - se saberá que Jamais pode o EU SOU falar diferente do que o Pai ensina; e também porque nunca o deixa só: o Cristo faz apenas o que agrada ao Pai, pois é UM com Ele.

Também est'outra lição, quase incompreensível para a personagem terrena racional, traz profundos ensinamentos para o Espírito, que, embora mergulhado na carne, "tem fome e sede de ajustamento" com Divindade.

Desde o início, esta palestra só pode ser entendida num plano mais alto. Rigorosamente, a expressão portuguesa atual deveria ser: "vou retirar-me, e me procurareis e morrereis em vossa desorientação, pois para onde vou não podereis ir".

Realmente, a palavra hamartía exprime a "perda de rumo do navio", o errar ou pervagar sem orientação numa floresta (veja vol. 2 e acima).

O Cristo de Deus, que naquele momento se manifestava externamente, diante de todos, pois encontrara um veículo excelente para isso, na pessoa de Jesus de Nazaré, avisa que vai retirar-se da cena, para permanecer apenas imanente em cada coração. Ninguém queria aproveitar a oportunidade de crer Nele, de amá-Lo, de unir-se a Ele? Ao retirar-se, só seria encontrado oculto dentro do coração das criaturas e em vão seria procurado pela grande maioria ainda imatura para conseguir encontrá-Lo. Daí a conclusão: "Morrereis (ou desencarnareis) em muitas vidas, na vossa desorientação, porque, não podendo penetrar dentro do coração no mergulho interno, continuareis buscando desesperadamente as ilusões da matéria, das sensações das emoções, do intelecto: riquezas, conforto, prazeres e cultura livresca e religiosidade externa.

A incompreensão das massas é total e os ouvintes pensam em suicídio, coisa que o judaísmo não admitia, nem admite. Mas essa objeção provoca maiores ensinamentos e esclarecimentos mais úteis: é a palavra categórica e definitiva de que a personagem é "de baixo", plasmada com material dos planos inferiores do planeta: o astral, o etérico e o material, embora vivificados e sustentados pela Centelha Crística do Espírito que, esse, vem "de cima", para constituir a individualidade. Os materiais com que se formam os veículos pertencem ao mundo onde vivem as criaturas que deles se servem para plasmá-los. Então as personagens são, realmente, "deste mundo", embora as individualidades e a Centelha Crística não sejam deste mundo, mas de planos espirituais superiores.

E para reafirmar que quem falava era, de fato, o Cristo, dá a razão: "por isso vos disse que desencarnareis em vossa desorientação"; mas qual a causa? "porque se não crerdes que EU SOU, continuareis desorientados".

Aqui também a revelação é profunda. O Cristo não diz que "existe", isto é, que SISTIT EX, ou seja, que está estabelecido "de fora"; mas QUE É. O Cristo é a própria ESSÊNCIA (do verbo ESSE, "ser": ens, entis, participio presente tardio, "o que é"). Portanto, aqueles que não perceberem, que não compreenderem, e não tiverem a fé convicta, a crença consciente dessa essência profunda dentro deles, desse Cristo Interno QUE É, esses morrerão continuamente em sua desorientação personalística: materiais, sensórias, emotivas e intelectuais, porque ainda não descobriram, apesar de procurarem, loucamente, que o único QUE É é o Cristo, já que tudo o mais apenas existe, mas NÃO É. Tudo o mais é ilusório, só o Cristo é ETERNO; tudo o mais é limitado, só o Cristo é INFINITO; tudo o mais é perecível, só o Cristo é A VIDA; tudo o mais são trevas, só o Cristo é LUZ; tudo o mais são mentiras, só o Cristo é a VERDADE.

Os ouvintes, alarmados com a afirmativa "EU SOU", característica do "seu Deus", apresentam uma pergunta direta: Quem és tu? Mas uma resposta limitaria filosoficamente o Cristo, pois exigiria uma definição, e toda definição é uma limitação. "Quem és tu"? Como poderia o infinito caber dentro do limitado espaço de uma definição? A própria palavra latina FINIS significa "limite" ou "fronteira"; portanto "de-fini-ção" equivale a "de-limit-ação". E como poderia o eterno ser trazido preso a um momento transitório? Daí não ter podido o Cristo dar de Si uma definição, além do que havia dito

antes a título de uma comparação: EU SOU. Nada mais. E sua resposta confirma sua anterior asserção: "Sou exatamente o que vos estou dizendo".

Nós, seres humanos, personagens encarnadas, existimos exteriorizados na matéria. Mas essas personagens são apenas manifestações visíveis do Cristo Invisível ("não me vedes"), que constitui nossa essência íntima profunda.

Mas continua, esclarecedor e bondoso: "muito tenho que dizer-vos, muita coisa a decidir a vosso respeito", mas como fazê-lo agora, se sois ainda tão involuído, que só percebeis as personagens transitórias, julgando-as definitivas e reais, e só utilizais o intelecto discursivo, incapazes, ainda, de receber a luz de uma intuição mais ampla? "Se crerdes em mim e me seguirdes, tereis a luz em vós. E procura trazer serenidade àqueles espíritos endurecidos, com o testemunho: "Quem me enviou é verdadeiro, e só o que Dele ouvi falo ao mundo".

Contudo, eles não compreenderam que lhes falava do Pai, UNO com Ele, do logos divino; não entenderam que a Centelha se referia à Fonte que Lhe dera Vida; não penetraram o mistério da descida da LUZ ao mundo das trevas, do mergulho da VIDA nas sombras da morte, da auto-doação do Espírito ao plano da matéria.

E numa última tentativa de dar esperança, olha para o futuro em relação à Humanidade, futuro nosso que é presente para Ele que vive na eternidade, e promete: "quando desenvolverdes em vós mesmos o Filho do Homem, então conhecereis porque EU SOU e que nada faço de mim mesmo, mas falo como me ensinou o Pai". Terão entendido? Muitos não compreenderam e, só sabendo ver com a personagem manifestada na matéria, julgaram que falava na crucificação do corpo físico de Jesus sobre o Calvário ... Daí terem traduzido: "quando tiverdes levantado o Filho do homem sobre a Cruz" ... Na verdade, o Cristo exprime outra coisa: quando conseguirdes erguer vosso pequeno eu ao estado de Filho do Homem, ou seja, quando tiverdes evoluído até "a unificada fidelidade, à gnose do filho de Deus" e crescido até o grau de "homem perfeito ou Filho do Homem, à dimensão da plena evolução do Cristo" (Ef. 4:13), então sabereis que o Cristo só faz o que faz o Pai, só fala o que Logos ensina, pois "Quem me enviou está comigo, nunca me deixa só", já que somos UM, e minha vontade jamais prevalece, pois só "faço a vontade Dele, o que a Ele agrada".

Ensino sublime que desce ao cerne da Divindade em nós, revelando as operações da Trindade em Si e na Sua manifestação através das criaturas. Revelação. Revelação definitiva para quem tem olhos de ver, ouvidos de ouvir, mas sobretudo coração de entender.

"E muitos acreditaram Nele", arremata João. De todos aqueles discípulos chamados, muitos se converteram da Verdade, e talvez tenham vivido espiritualmente o "encontro" maravilhoso com Aquele Cristo que ali se manifestava abertamente através de Jesus. Muitos. Mas não todos. Nem todos haviam alcançado o degrau evolutivo indispensável à compreensão, nem tinham atingido a sintonia necessária para que, dentro deles, ressoasse a mesma sintonia daquelas palavras de Amor.

O caminho da iniciação é longo é árduo: sete passos em cada plano, e sete planos (cfr. vol. 4) representam quarenta e nove etapas a vencer, cada uma das quais trazendo suas dificuldades inerentes. Quantas vidas terrenas para galgar esses degraus altos e escorregadios! E quantas vidas ainda perdidas na busca das ilusões de tudo o que EXISTE, totalmente desorientados, longe de QUEM É! Mas, apesar da longa e lenta subida, todos atingirão o ápice, entrando conscientemente no "Reino dos Céus", com a Paz Crística no coração e a felicidade plena do Espírito, filho pródigo que regressa à Casa Paterna, após perder-se durante milênios, através das ilusões e dores do mergulho na matéria.

A GNOSE DA VERDADE

João, 8:31-59

31. Disse, então, Jesus aos judeus que nele tinham crido: "Se permanecerdes no meu ensino, verdadeiramente sois meus discípulos,
32. e tereis a gnose da verdade e a verdade vos libertará".
33. Responderam-lhe eles: "Somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém, como dizes vos tornareis livres"?
34. Replicou-lhes Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo: todo o que faz o erro é escravo do erro,
35. e o escravo não permanece na casa para a imanência, mas o filho permanece para a imanência.
36. Se, pois, o filho vos libertar sereis realmente livres
37. Sei que sois descendentes de Abraão; mas procurais matar-me, porque meu ensino não penetra em vós.
38. Falo o que vi junto ao meu Pai, mas vós fazeis o que escutastes de vosso pai".
39. Responderam-lhe eles e disseram: "Nosso pai é Abraão". Disse-lhes Jesus: "Se sois filhos de Abraão, fazei as obras de Abraão.
40. Mas agora procurais matar-me a um homem que vos disse a verdade que ouviu de Deus: isso Abraão não fez.
41. Fazeis as obras de vosso pai". Responderam: "Não nascemos de prostituição: temos um Pai, que é Deus".
42. Replicou-lhes Jesus: "Se Deus fosse vosso Pai, vós me amaríeis, porque vim de Deus e estou aqui; pois não vim de mim mesmo, mas ele me enviou.
43. Por que não conheceis a minha linguagem? Porque não podeis ouvir meu ensino.
44. Vós sois filhos do Adversário, e quereis fazer a vontade de vosso pai. Ele era homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele. Quando fala o mentira fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso como o pai dele
45. Mas porque digo a verdade, não me credes.
46. Quem de vós me argui de erro? Se digo a verdade, porque não me credes?
47. Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; vós não me ouvis por isso, porque não sois de Deus".
48. Responderam os judeus e disseram-lhe. "Não falamos certo que és samaritano e tens espírito"?
49. Retrucou Jesus: "Eu não tenho espírito, mas honro meu Pai e vós me desprezais.
50. Não busco a minha reputação: há quem a busque e decida.
51. Em verdade, em verdade vos digo: se alguém praticar meu ensino, de modo algum verá a morte para a imanência".

- 52. Disseram-lhe os judeus: 'Agora conhecemos que tens espírito. Abraão morreu e os profetas, e tu dizes: se alguém praticar meu ensino de modo algum provará a morte para a imanência;**
- 53. acaso és maior que nosso Pai Abraão, que morreu? E os profetas morreram; quem pretendes ser"?**
- 54. Respondeu Jesus: "Se eu tiver uma opinião sobre mim, minha opinião nada é; quem me julga é meu Pai, o que vós dizeis que é nosso Deus.**
- 55. E não o conhecestes, mas eu o sei, e se disser que não o sei, serei semelhante a vós, mentiroso; mas o sei e pratico seu ensinamento.**
- 56. Abraão, vosso Pai, alegrou-se esperando ver meu dia; viu-o e regozijou-se”.**
- 57. Disseram-lhe" então. "Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão"?**
- 58. Respondeu-lhes Jesus: "Em verdade em verdade vos digo: antes de Abraão ter nascido, EU SOU".**
- 59. Pegaram, então, em pedras para atirar sobre ele, mas Jesus escondeu-se e saiu do templo.**

Esta terceira palestra de Jesus - já agora no pátio do templo (único lugar que, por não estar terminada sua construção tinha pedras no chão para serem apanhadas) - dirige-se aos que nele acreditaram, convidando-os amorosamente a confiar Nele e a segui-Lo. Mas é rapidamente tumultuada pelos cépticos que só se fiam no próprio saber e alargam cada vez mais o abismo entre eles e o Mestre, que amorosamente lhes oferece a maior oportunidade de suas vidas. Neste trecho também fomos obrigados a afastar-nos das traduções comuns. Vejamos os versículos em que isso ocorre, procurando justificar nossa opinião.

Vs. 31 - Traduzimos *logos* por "ensino", e não "palavra", expressão fraca para corresponde, à força da frase e do resultado que promete.

Vs. 32 - Em lugar de "conhecereis", que dá idéia de simples informação intelectual externa que realmente e insuficiente para produzir o resultado prometido preferimos a expressão técnica "tereis a *gnose*", que exprime o conhecimento profundo e experimental-prático, vivido pela criatura (cfr. vol. 4). Só com a experiência viva é possível a libertação, jamais obtida com as simples leituras informativas, por mais claras e profundas que sejam.

Vs. 34 - A maioria dos códices adota a frase: "quem faz o erro, é escravo do *erro*". Esse final, todavia, não aparece em D, b, na versão siríaca sinaítica nem em Clemente de Alexandria, que tem apenas: "Quem faz o erro é escravo". Parece que o acréscimo foi trazido por comparação de Rom. 6:17-20. No encanto, só se desorienta quem ainda é escravo do Anti-Sistema, ao passo que os filhos, unificados com o Cristo não mais se desorientam: são livres.

Vs. 35 - Preferimos traduzir *tòn aiôna* por "imanência" (cfr. vol 2), pois aqui não se trata de "tempo" nem de "duração", e sim de essência, de *modo-de-ser*. Deixamos de lado, então, tanto o "eterno", quanto o "para sempre" (que não são o sentido de *aiôn*), não entendendo mesmo nem o "ciclo" ou "eon". A distinção é feita entre a vida imanente na casa do coração, e a vida material voltada para fora: o escravo sai da casa do coração e fica *na rua*, vagueando ou errando de léu em léu. Disso foi imagem simbólica o fato narrado em Gênesis, nos cap. 16 e 21, quando também distingue Ismael, filho da escrava egípcia Hagar de Isaac, filho da livre Sarah. Embora fossem ambos da semente de Abraão, o filho livre, Isaac, permaneceu com o pai em casa, enquanto Ismael, filho da escrava (e portanto escravo) foi expulso para o deserto.

Vs. 37 - Em vez de traduzirmos *hóti ho logos ho emós ou chôrei en humin*, como em geral, por "porque minha palavra não cabe em vós" - expressão que, analisada, não tem sentido - preferimos dar a *logos* o significado de "ensino" e interpretar *chôrei* como "penetrar". Há, então, um sentido lógico e

racional na frase: o ensino crístico não consegue atravessar a carapaça do conhecimento egoístico do intelecto para penetrar no coração dos ouvinte.

Vs. 38 - Há aí uma distinção sutil no original: a mesma preposição *para* é usada com o dativo *tôi patri*, quando Jesus se refere a Seu Pai (vi junto a meu Pai), e com o genitivo *toú patrós*, quando fala do pai dos judeus (ouvistes de vosso pai) exprimindo proveniência. Os adjetivos “meu (Pai)”, omitido em B, C L, e W, aparece em *aleph*, D, *gama*, *delta*, *theta*, a, b, c, e, f, ff², na Vulgata e na versão siríaca curetoniana; assim “vosso (pai)”, omitido em E e L, aparece em *aleph*, C, D, *gama*, *delta*, e vulgata.

Vs. 40 - Jesus se diz homem (e não Deus): “Quereis matar-me, a um homem que vos disse a verdade” (*nyn dè zêteite me apokréinai ánthrôpon hôs tén alêtheian humin lelâlêka*).

Vs. 41 - Os ouvintes tomam a acusação como de idolatria, quando arguídos de terem outro pai (outro *elohim*), coisa que merecia o epíteto de filhos da prostituição” (cfr. Hoséa. 1:2 e 2:4).

Vs. 43 - Não tendo a capacidade iniciática de “ouvir a palavra” (*akouein tôn logon*), isto é, de perceber o ensino, nem sequer podem compreender a linguagem (*ginôskhein tén lalían*) de Jesus. Era, com efeito, uma linguagem esotérica e alegórica simbólica e mística, só entendida dos preparados para recebê-la.

Vs. 44 - Ainda aqui *diábolos* é “o adversário” (cfr. vol. 1 e vol. 4). Este é um dos versículos aduzidos como defesa do ensino dualista de Jesus. No entanto, o dualismo aí é apenas aparente, constituindo simplesmente a distorsão causada pelo nosso mergulho na matéria, que interpreta as exterioridades da superfície como sendo a essência. Pelo que vimos estudando até aqui, verificamos que o ensino real de Jesus é MONISTA. O que aparece neste versículo é a teoria “dos opostos”, pela qual todo polo positivo tem também seu polo negativo; mas a barra do ímã é uma só, UNA, embora de cada um de seus lados haja um polo: o positivo, o Sistema, Deus; e o negativo, o Anti-Sistema, que é o adversário (Diabo) ou antagonista (Satanás); este porém, não é uma entidade à parte, com substância própria individual, mas somente a projeção do próprio Espírito na matéria. Então, a matéria é o próprio Espírito que se congelou, ao baixar as vibrações e adquirir um peso específico elevado, ficando prisioneiro dela, que lhe é o verdadeiro adversário. Opostos de qualidade, mas uma só substância; opostos de posições mas uma só essência; opostos de realidade; opostos de aparência, mas um só ser; opostos de pontos-de-vista, mas uma só verdade. A matéria é um prisma que bifurca num dualismo superficial e ilusório, o monismo essencial e verdadeiro do Espírito.

Afirma Jesus que o adversário (isto é, a matéria) é homicida desde o princípio. Realmente, sendo eterno, o Espírito não sabe o que seja morte nem desfazimento, características próprias da matéria. Então, desde o princípio (*ap'archés*) a matéria é homicida, porque faz o homem morrer fisicamente, fá-lo experimentar a desagradável sensação de perda e dissolução. E além de homicida, é mentiroso, porque na matéria não está a verdade, já que a matéria é ilusão (*máyá*) transitória, modificando-se constantemente, num equilíbrio instável de todas as suas células, que vivem em contínuas trocas metabólicas.

Vs. 48 - Traduzimos *daimómon* por “espírito” desencarnado. Era comum atribuir-se à influência de um espírito (geralmente obsessor, sentido constante de *daimónion* no Novo Testamento, cfr. vol. 1) quaisquer incongruências no falar e conceitos que soassem absurdos. A acusação volta no vers. 52, como já fora feita anteriormente (João, 7:20).

Vs. 50 - Traduzimos *dóxa* como “reputação” (cfr. vol. 1), único sentido que encaixa perfeitamente no contexto. As palavras de Jesus valeram-Lhe a má reputação de obsidiado e samaritano (a esta Jesus não respondeu), e Ele limita-se a dizer que não Lhe interessa Sua reputação vinda de homens, pois só vale a opinião divina do Pai. O que realmente Lhe interessa é dizer a verdade, pensem os ouvintes o que quiserem a Seu respeito. Como vemos, traduzir aqui *dóxa* por “glória”, não caberia absolutamente: Jesus nunca pareceu importar-se com essas vaidades humanas, próprias dos seres involuídos, que afanosamente buscam famas e glórias.

Vs. 51 - Aqui também nos afastamos das traduções vulgares. Acharmos sem sentido a expressão “guardar minha palavra”. Muito mais razoável “praticar meu ensino”, perfeitamente justificado pelo original grego: *tòn emòn lógon têsêsêi*. A segunda parte: *thánaton ou mê theôrêsêi eis tôn aiôna*, “de modo algum verá a morte para a imanência”. O sentido é real e lógico. O que não pode admitir-se é que o

Mestre, que vem dando ensinamentos espirituais tão profundos, venha aqui prometer que, quem cumprir seus ensinamentos, não morrerá fisicamente! Que importa ao Espírito a morte do corpo? Lembramo-nos de Paulo a dizer (Filp. 1:21): “para mim, viver é Cristo, e morrer, uma vantagem!” Jesus jamais acenaria como prêmio a alguém, o ficar preso à matéria grosseira e inimiga durante toda a eternidade ... Não sabemos como possa alguém perceber tão mal seus ensinamentos.

Vss. 52-53 - Mas os ouvintes entenderam exatamente isso: para eles o verdadeiro “eu” era o corpo físico.

Vs. 54 - Ainda aqui *dóxa* tem o mesmo sentido do vs. 50: reputação, opinião. Esse mesmo significado tem o verbo daí derivado, *doxázô*, que é opinar, estimar, avaliar, julgar”. Não cabe aqui o sentido “glória”. O sentido é racional e claro: à pergunta deles “quem pensas ser” (literalmente, “quem te fazes”, *tína seautòn poieís*), Jesus responde que não tem opinião a Seu respeito, que não se julga (*doxázô*) porque uma opinião Dele sobre Si mesmo de nada vale: o Pai é quem opina ou julga a Seu respeito. Esse Pai, é Aquele exatamente que eles dizem ser nosso Deus.

Vs. 55 - Deixamos a *oída* o sentido real de “saber”, isto é, “ter informação plena e correta de quem é o Pai”. Mas, além desse saber, Jesus sublinha com ênfase: “e pratico seus ensinamentos” (*kai tón lógon autoú têrô*). A tradução usual “guardo sua palavra” é fraca e sem sentido, nada diz de concreto. Essa que Ele tem, é uma certeza iniludível: se dissesse o contrário seria mentiroso como eles.

Vs. 56 - O original apresenta uma construção estranha: *égalliásato hína idêi tèn hêméran tèn emên*, isto é, “alegrou-se para que visse meu dia”. O sentido à essa cláusula final, iniciada por *hína* só pode ser interpretada por tratar-se de uma ação posterior, tanto que é repetida, logo a seguir, no passado: “viu e regozijou-se”. Por isso traduzimo-la pelo sentido lógico: “alegrou-se na esperança de ver”. O verbo *agalliáô*, só usado no presente e no aoristo, é um hápax do grego escriturístico (LXX e Novo Testamento). Essa “alegre esperança de ver” baseava-se, certo, na promessa (Gên. 12:3 e 22:18) de uma descendência de reis e nações.

Vs. 57 – “Ainda não tens cinquenta anos” significa cálculo por exagero (Jesus devia contar mais ou menos 36 anos) e não, como opinava Irineu, repetindo os presbíteros de Papias, que ele “tinha” mais ou menos 50 anos (cfr. adv. Haer. 2, 22, 5, 6; Patol. Graeca vol. 6 col. 781 ss). Os dados de Lucas (3:23) são mais precisos. O verbo usado, *eôrakas* (em A, C, D) ou *eôrakes* (em B, W, *theta*) é lição melhor que *eôrake* (em *aleph* e na versão siríaca sinaítica). Com efeito, é mais compreensível a admiração de que Jesus, que ainda não tinha cinquenta anos, tivesse visto Abraão, do que este ter visto Jesus, o que poderia ter ocorrido na vida espiritual (opinião de Maldonado).

Vs. 58 - As traduções correntes trazem “antes que Abraão fosse (feito) eu sou”. Ora, o original diz: *prin Abraâm genésthai egô eimi*, literalmente: “antes de Abraão nascer EU SOU” (*genésthai* é infinitivo presente da voz média). Há profunda diferença filosófica entre “ser feito” e “nascer”: é feito ou criado aquilo que não existe; nasce na carne o espírito que já existe. Jesus declara categoricamente SER, antes que Abraão nascesse na matéria. Mas com isso confirma *in totum* sua asserção de ser YHWH.

Vs. 59 - Isso mesmo é que os ouvintes entendem, pois está escrito nos Salmos (90:2) e nos provérbios, que YHWH é antes da constituição da Terra. E, segundo a prescrição do Levítico (24:16) estava “blasfemando o nome de YHWH”, merecendo por isso, a lapidação aí prescrita. Ora, o pátio do templo pelo testemunho de Flávio Josefo (Ant. Jud. 17, 9, 3) ainda não estava terminado, havendo pelo chão muitas pedras. Fácil apanhá-las para fazer cumprir a lei com as próprias mãos. Mas Jesus esconde-se (*ekrybê*) e sai do templo: não chegara ainda sua hora.

Nesta terceira palestra aos que Nele haviam acreditado, o Mestre lança amorável mas veemente convite para que viessem fazer parte de Sua "Assembléia do Caminho". A lição anterior é continuada, aprofundando-se os conceitos. Ocorreu, no entanto, que outros "judeus" (elementos religiosos, mas filiados a credos ortodoxos) se achavam presentes e começaram a lançar suas objeções de incredulidade, às quais o Cristo responde carinhosamente. Mas a Voz Espiritual proveniente da pureza diáfana do Sistema não consegue romper a armadura materialística dos que ainda pertenciam ao Anti-

Sistema. E, como é de hábito nesse pólo negativo, estes encerram qualquer discussão com a violência, e tentam apedrejá-Lo ... Típico modo de agir de seres involuídos que, não tendo argumentos, recorrem à força física.

Vejam os ensinamentos.

Inicialmente, garante que, só permanecendo na realização de Seus ensinamentos, é que se tornarão realmente Seus discípulos (cfr. João, 15:4, 7 e 1.ª João 2:6, 24, 27 e 3:24); por esse caminho experimental, conseguirão a gnose da Verdade e esta os libertará do peso da matéria na roda das encarnações indefinidamente repetidas. A afirmativa constitui uma garantia que inclui uma promessa. Compreender e realizar o ensino do Cristo, quer manifestado em Jesus há dois mil anos, quer expresso por outros avatares, quer - e sobretudo - falando dentro de nós mesmos: essa é a condição do discipulato perfeito. Ninguém pode dizer-se "discípulo" se não tiver adotado o espírito de Sua Escola e de Seu Mestre (cfr. vol. 4). O aluno pode só aprender intelectualmente as teorias de uma doutrina e até retransmití-las bem aos outros, sem que, no entanto, essa doutrina se torne nele um modo-de-viver. O Discípulo, porém, é o que vive a doutrina, tendo a mesma vivência que o Mestre. Para ser discípulo de Cristo, indispensável é, pois, viver permanentemente, PERMANECER, em Seus ensinamentos, sem acréscimos nem omissões.

Essa vivência permanente levará à união e, portanto, à gnose experimental da Verdade, possibilitando dessa forma a progressiva libertação do kyklos anánké. É a "salvação" pelo conhecimento, pela sabedoria e pela experiência vivida, conceito fundamental da gnose. O mosaísmo apresenta a salvação por meio da obediência à lei; Paulo substitui a lei pela fé, tornando esta a base e a condição da salvação; mas através do místico João, sabemos que o Cristo, embora não tenha vindo abolir a lei, mas completá-la (Mat. 5:17; cfr. vol. 2); e ainda que exija a fé (Mat. 17:20; vol. 4), coloca acima de tudo uma condição mais elevada: a gnose, a experiência iniciática superior, como última fase para a salvação dos seres evoluídos. São três estágios que o homem atravessa em sua ascensão: a LEI do primarismo da hominização rebelde, onde predomina a sensação (2.º plano, lei da verdade); a FÉ no passo seguinte, onde a supremacia cabe às emoções (3.º plano, lei da justiça); e agora a gnose no plano do intelecto desenvolvido (4.º plano lei da liberdade). Caminho longo, ascensão lenta, mas estrada segura e infalível. No entanto, os que ainda se encontram no primeiro estágio lutarão contra os do segundo, assim como estes e os do primeiro se unirão contra os que já estão no terceiro estágio. O catolicismo, sucessor direto do judaísmo, exige a obediência a suas determinações e preceitos dogmáticos, e anatematiza o protestantismo que atingiu o nível paulino da fé e do livre exame; mas os dois condenam as "heresias gnósticas" dos espiritualistas, que buscam a salvação pelo Estudo e pela compreensão da Verdade e pela prática experimental.

No campo iniciático, a frase do Cristo assume profundidade excepcional, pois constitui a garantia específica de que, estudando e praticando os ensinamentos do Deus em-nós (Immanu-El) e permanecendo na vivência de Sua mística, o iniciado atingirá a gnose plena da Verdade que é a unificação permanente com Deus, e se libertará totalmente das injunções do pólo negativo do Anti-Sistema. E outro meio não existe, pois o Cristo - 3.º aspecto da Divindade - é o único Caminho da Verdade (que é o Pai) e da Vida (que é o Espírito Santo), como Ele mesmo o revelou (João 14:16).

Como sempre ocorre nos agrupamentos humanos, os profanos, por estarem em seu ambiente, são mais audaciosos, porque donos da situação, e levantam mais a voz, ousando contradizer qualquer afirmativa que, pela aferição do gabarito intelectual puramente materialista de sua ignorância ultrapasse a capacidade de seu raciocínio. Senhores absolutos do terreno que lhes pertence (os do Sistema é que aqui na Terra estão fora de seu ambiente) não admitem autoridade maior que a sua, nem julgam possa haver ciência superior à que conhecem. Não entendem a lição, mas torcem o verdadeiro sentido das palavras espirituais para adaptá-las à sua concepção materializada da vida. Neste caso, interpretam a liberdade espiritual de que o Cristo falava, como oposição à escravidão dos corpos físicos; e, como descendentes de Abraão (valor máximo atribuído à personagem na herança do sangue) sabem que jamais foram escravos fisicamente.

Em seu teor elevado, vem o esclarecimento da palavra "liberdade" e daquilo que constitui a verdadeira escravidão, que não é a dos corpos materiais, mas a espiritual, causada pelo desvio do rumo

correto, pela perda da rota pela desorientação que faz sair do caminho verdadeiro para a floresta das miragens e ilusões: todo aquele que se desvia da estrada-mestra se torna escravo das ilusões do caminho (sensações, emoções, intelectualismo superficial), pois "vagueia" (veja acima) por sendas que o prendem em seus tentáculos enganadores, desvirtuando a luz da verdade, que lhes aparece fracionada pelo prisma defeituoso da matéria.

A consequência é inevitável: quem vagueia por atalhos, não permanece na casa (na estrada-mestre segura) que é o coração onde habita o Cristo Imanente. Mas o filho, aquele que está permanentemente unido ao Pai, esse vive na imanência divina, sem jamais perder o Contato Sublime. Ora, se o filho, isto é, o Cristo, terceira manifestação divina existente dentro de cada um de nós, conseguir libertar-nos dos desvios da ilusão, para trazer-nos ao caminho certo, no imo do coração, então haverá a conquista da liberdade espiritual (embora presos à matéria). Só é realmente livre das injunções satânicas (antagônicas, materiais) aquele que se unificar com o filho, numa total e perfeita simbiose (no sentido etimológico).

Volta-se, então, novamente para a objeção, respondendo agora à primeira parte. Admite saber que, fisicamente, eles são descendentes de Abraão por consanguinidade. Mas espiritualmente não o são, já que tem o senso do homicídio, típico do pólo negativo, procurando destruir o corpo material de seu emissário, Jesus, só porque o ensino crístico não consegue penetrar a capa grosseira de seus intelectos dominados pelo negativismo atrasado do Anti-Sistema.

Aqui percebemos um "alerta" para todos nós, confirmando o "não deis pérolas aos porcos nem coisas santas aos cães" (Mat. 7:6; vol. 2): se Jesus, trazendo aos homens diretamente, numa filtragem perfeita, o ensino do Cristo de Deus, não conseguiu convencer seus ouvintes, não haveremos de ser nós a pretender convencer as massas da realidade. Aprendemos que, para sermos entendidos, não é mister evolução de nossa parte (podemos ser entendidos mesmo se involuídos), mas é essencial a evolução da parte dos ouvintes, pois só nesse estágio superior sentirão em si o eco daquilo que enunciamos. Portanto, também quando convencemos certas pessoas, com as nossas palavras ou exemplos, e as elevamos evolutivamente - mesmo nas Escolas iniciáticas isso não é obtido em virtude de nosso merecimento, porque sejamos evoluídos, mas porque os ouvintes, eles sim, estão maduros para sintonizar com as verdades que enunciamos, das quais somos meros intérpretes, e quantas vezes imperfeitos!

Vem então o testemunho do próprio Cristo: só fala o que viu junto ao Pai, vivendo a Seu lado, UNO com Ele; enquanto os que O contradizem obedecem a voz do pai deles, que é o adversário. O protesto é imediato e enérgico: "nosso pai é Abraão". E a resposta contundente: "se sois filhos de Abraão agi como vosso pai Abraão. Ora, pensais em destruir meu corpo, só porque falo a verdade. Abraão não faria jamais coisa semelhante", pois agia de conformidade com o sistema, ao passo que eles agem na tônica do Anti-Sistema. Querem matar o "corpo" - Cristo o salienta com palavras claras - destruir "a um homem", não a Ele, o Cristo.

Feridos pela alusão a uma filiação espúria, reclamam para si também a paternidade divina, ao que o Mestre retruca com um argumento ad hominem: se filhos fossem de Deus, ouviriam a palavra de Deus. Mas a sintonia é diferente. A prova é de que, como personagens, são filhos do Anti-Sistema (do adversário), tanto que nem podem entender a linguagem crística. Não há neles, ainda escravos dos elementos do quaternário inferior, a capacidade de instruir-se pelo "ensino ouvido" (lógos akoês). Concluindo a argumentação, vem a declaração taxativa: "vós sois filhos do adversário".

Se houvesse necessidade de um texto evangélico para confirmar a revelação ubaldiana em "A Grande Síntese", em "Deus e Universo", em "O Sistema" e em "Queda e Salvação", nenhum outro melhor serviria que este. Cristo, a Centelha Divina dentro de cada criatura, provém diretamente de Deus, Pai do Espírito, de onde parte para construir a evolução dele, mergulhando na matéria; ai chegando, a Centelha se envolveu no corpo físico (átomo) e, de seu interior, provocou e impeliu a evolução da matéria, através do inorgânico, do orgânico (células), do vegetal, do animal, até chegar ao hominal e conquistar o intelecto racional; então, verdadeiramente as personagens, com seus corpos físico, etérico, astral e intelectual são filhos do adversário, isto é, filhos da matéria, antagônica (satânica, diabólica) ao Espírito, embora seja da mesma essência que este. O Espírito, filho do Sistema, de Deus; a

personagem, com seus veículos, filha da matéria, do adversário. Exatamente como explicado com pormenores nos livros acima citados de Pietro Ubaldi.

Mas o Cristo continua com a mesma lógica irresponsável: “vosso pai era homicida desde o princípio”. De fato, a “morte”, isto é, o desfazimento da forma, só se dá na matéria e nos planos inferiores a ela inerentes. O Espírito, filho ou procedente do Sistema, jamais morre. Os veículos inferiores e a personagem de que se reveste o Espírito (filhos ou provenientes do Anti-Sistema) é que estão sujeitos às mutações, ao desfazimento e reconstruções intermitentes. Mais uma vez se confirma a tese: o Anti-sistema, adversário do sistema é homicida, porque coage o homem a submeter-se a morte.

Outro argumento reafirma a mesma tese: “não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele”. Realmente, a Verdade é eterna e imutável: tudo o que é variável e mutável, está no pólo oposto da verdade, que se chama “mentira” (verdade invertida). Diz o Cristo: “Quando fala a mentira fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso como seu pai”. Eis aí a teoria completa em poucas palavras incisivas e contundentes, embora com o linguajar possível naquela recuada época. Toda personagem, adversária da individualidade, fala a mentira, porque é mentirosa como seu pai, o Anti-Sistema. E é mentirosa, porque sendo, se faz passar por coisa real; sendo mortal, busca uma imortalidade que não possui; sendo transitória, arroga-se uma perenidade falsa; sendo negativa, pretende ser juiz da positividade do Espírito, chegando por vezes ao cúmulo e negá-lo; sendo ignorante, julga-se dona do conhecimento. “Mentirosa como seu pai”.

Mentirosa, também, porque em mutação contínua: o organismo vivo é um conjunto de variações e modificações no ritmo veloz dos segundos, em constantes trocas metabólicas internas e externas, com o ambiente que a circunda: nasce, alimenta-se, cresce, expele excrementos, multiplica-se ou divide-se e finalmente morre para logo adiante renascer, tudo ininterruptamente, sem parada nem repouso. Nesse equilíbrio instável permanece a Vida estável (o Espírito); nessa matéria orgânica mutabilíssima (mentirosa) vive o Espírito permanente (verdadeiro). A personagem, filha do Anti-Sistema adversário, é “mentirosa como seu pai”. E “quando se lhe diz a verdade, não crê”.

Por que não crer quando surge alguém que pode desafiar a humanidade a arguir-Lo de erro, e traz a Verdade? Precisamente porque, não sendo de Deus, do Sistema – mas ao invés filho do Anti-Sistema, do adversário – jamais poderão as personagens “ouvir a palavra” de Deus. Posições contrárias. Qualidades inconciliáveis. Verdade e mentira. Positivo e negativo. Amor e Ódio. Deus e adversário.

O inciso seguinte consiste num desaforo ilógico e na resposta insofismável. Não há obsessão: há a consciência da honra prestada ao Pai; ao passo que o fruto do Anti-Sistema é desonrar ou desprezar o Espírito e tudo o que a ele se refira. Mas, para o Espírito, que importa a reputação, opinião ou o julgamento que dele façam as personagens ignorantes ainda? Basta-lhe a consciência tranquila e a aprovação divina. O recado estava dado até aí. Mas havia necessidade de entregar mais um ensino àqueles que confiavam, mais presentes, ou que confiariam, mais tarde.

“Em verdade, em verdade vos digo” - fórmula solene que sublinha ensinamento profundo e iniciático. Ei-lo: “quem praticar meu ensino, de modo algum verá a morte para a imanência”. A prática dos ensinamentos, a vivência da gnose, é sempre frisada pelo Cristo (cfr. João, 14:15-21, 23; 15:20 e 17:6). Morte para a imanência, isto é, morte espiritual, que bem pode assim qualificar-se a separação do Contato Sublime com o Cristo. Quem puser rigorosamente em prática todos os ensinamentos do Cristo, com Ele se unificando na casa do coração, numa imanência perfeita, esse de modo algum experimentará a perda dessa prerrogativa da imanência, porque já foi absorvido totalmente pelo Cristo de Deus. Esse sentido espiritual procede. Absurdo seria, como anotamos acima, supor que o Cristo se referisse ao desfazimento sem importância de uma forma material transitória por sua própria natureza e constituição íntima. Interpretação mesquinha e materialista de uma sublime verdade espiritual. E esses intérpretes sempre esquecem que o Cristo avisou: “o Espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveitada” (João, 6:63), acrescentando logo a seguir: “As palavras que vos digo, são espírito e são vida”.

Essa interpretação falsa e grosseiramente materialista, aceita por muitos hermeneutas, foi justamente a que deram aqueles ouvintes ignaros das grandes verdades espirituais. Tanto que eles desafiam o Cristo de Deus, ao perguntar-Lhe: “quem pensas ser”?

A resposta é uma lição de humildade para todos nós, que nos julgamos gênios, santos, iniciados, adeptos, reencarnação de figuras notáveis do passado, “qualquer opinião que eu tenha sobre mim mesmo nada vale: o Pai é Quem me julga”. Quem é afinal esse Pai? o mesmo “que vós dizeis ser nosso Deus”. Deus que eles não conhecem, pois o único deus que adoram são eles mesmos. Mas o Cristo SABE, tem a gnose do Pai, e cumpre na prática todos os Seus ensinamentos.

Chega, neste ponto, o caso de Abraão, que em sua personagem viveu alegre na expectativa de ver a luz do Cristo. O testemunho de que o conseguiu é dado: “viu e regozijou-se”. Também aqui os hermeneutas e exegetas só sabem ver a matéria, e imaginam que dia será esse: o da encarnação (Agostinho, Tomás de Aquino)? o da morte na matéria (João Crisóstomo, Amônio)? Ora, dia é LUZ: é o dia da realização interna, o dia do Encontro Sublime, o dia da unificação total. Abraão sai de sua terra e de sua gente (desliga-se de seus veículos inferiores, de seu corpo) e segue em frente para obedecer à vontade divina; cegamente cumpre a ordem da intuição (Sarah) e expulsa de si os vícios próprios da personagem (o filho de Hagar, a escrava); dispõe-se a sacrificar seu filho (que é sua alegria, Isaac) matando-o (destruindo seu corpo, seu filho único), mas é-lhe explicado que deve apenas sacrificar a parte animal de si mesmo (o cordeiro); tem o maravilhoso Encontro com Melquisedec, o rei do mundo, depois que consegue vencer os quatro reis (os quatro elementos inferiores: físico, etérico, astral, intelectual) que haviam aprisionado os cinco reis, por meio dos três aliados, e se prosterna diante do Rei do Mundo; depois da unificação, até o nome muda, de Abrão para Abraão; e tantos outros símbolos que aparecem nas entrelinhas do Gênesis. Realmente, Abraão viu o DIA, ou seja, a LUZ do Cristo.

A interpretação dos ouvintes volta a ser chã: entendem como sendo idade do corpo físico. Temos a impressão de que o Cristo se cansa dessas criancices e resolve acabar com as tolices das personagens ignorantes lançando-lhes uma resposta que as perturba e descontrola. Mas é a Verdade: “antes de Abraão nascer, EU SOU”. É a eternidade sempre presente, diante da transitoriedade temporal de uma vida terrena; é o infinito que não pode comparar-se com o finito; é o ilimitado que não se prende em fronteiras; é a onisciência que anula a ignorância; é o Cristo de Deus, Deus Ele mesmo, que É, perante uma criatura que existiu.

Isso eles compreendem bem. Isso o Cristo falou claro. Mas como reação surge a violência que quer destruir ... a matéria, mas que jamais atingirá o Espírito; quer aniquilar a forma, mas sem poder destruir a substância: quer fazer calar a voz produzida pelas cordas vocais, mas sem ter capacidade de eliminar o SOM (Lógos, Verbo, Palavra) que cria e movimenta os universos. Pigmeus impotentes que esbravejam contra o gigante; crianças pretensiosas que desejam apagar o sol com baldes d'água; seres humanos que pretendem fazer desaparecer a Divindade, destruindo-Lhe um templo; trevas que buscam eliminar a Luz, apagando uma vela; meninos da espiritualidade, sem conhecimento, nulos diante do sábio e filósofo, julgando acabar com a Sabedoria ao queimar um livro.

O Cristo esconde-se e sai do templo. Ainda aqui, há uma lição magnífica. Tentemos expô-la.

Assistimos ao trabalho da Individualidade para fazer evoluir a personagem, com seus veículos rebeldes, produto do Anti-Sistema. A figuração do Cristo diante da multidão simboliza bem a individualidade a falar através da Consciência, para despertar a multidão de pequenos indivíduos, representados pelo governo central, que é o intelecto. Imbuído de todo negativismo antagônico, o intelecto leva a rejeitar as palavras da Verdade que para ela, basicamente situada no pólo oposto, soam falsas e absurdas. O Espírito esforça-se por explicar, responde às dúvidas, esclarece os equívocos, todavia nada satisfaz ao intelecto insaciável de noções de seu plano, onde vê tudo distorcido pela refração que a matéria confere à idéia espiritual, quando esta penetra em seu meio de densidade mas pesada. Quando verifica que não tem argumentos capazes para rebater o que ouve, rebela-se definitivamente e interrompe qualquer ligação com o Eu interno, voltando-se para as coisas exteriores, supondo que a matéria (as pedras) possam anular a força do Espírito. Diante de tal atitude violenta e inconquistável, a individualidade esconde-se, isto é, volta a seu silêncio, abandonando a si mesma a personagem, e sai do templo, ou seja, larga a personagem e passa a viver no Grande-Todo, no UNO, indivisível, sem deixar contudo de vivificar e sustentar a vida daquela criatura mesma que a rejeitou com a violência. Um dos casos, talvez, em que, temporária ou definitivamente, a Individualidade pode desprender-se

da personagem que, por não querer aceitar de modo algum o ensino, continuará sozinha a trajetória (cfr. vol. 4), tornando-se "psíquica", mas "não tendo Espírito" (Judas, 19).

NOTA DO AUTOR

A partir deste ponto, podemos oferecer a nossos leitores bases mais seguras em nossa tradução do texto original grego.

Até a página anterior, seguimos o **NOVUM TESTAMENTUM GRAECE**, de D. Eberhard Nestle e D. Erwin Nestle; o **NOVI TESTAMENTI BIBLIA GRAECA ET LATINA**, de J. M. Bover; a "S. Bible Poliglote" de Vigouroux; as versões da Escola Bíblica de Jerusalém, da Abadia de Maredsous, a "Versão Brasileira" a Vulgata de Wordsworth e White, e a Análise de Max Zerwick, que eram os textos mais bem informados (só nos faltava o texto de Merck, mas a edição de Bover o colaciona).

Agora, todavia, conseguimos receber o recentíssimo volume **THE GREEK NEW TESTAMENT**, de **Kurt Aland** (da Univ. de Munster, Westfalia), **Matthew Black** (da Univ. de St. Andrews), **Bruce M. Metzger** (da Univ. de Princeton) e **Allen Wikgren** (da Univ. de Chicago), com larga colaboração de especialistas de cada setor, de forma a ser um texto realmente autorizado.

A publicação foi feita em 1967, pelo **United Bible Societies**, de Londres (que reúne as Soc. Bíblicas Americana, Inglesa Estrangeira, Escocesa, Neerlandesa e de Wurttemberg). Traz **todas** as variantes dos papiros, dos códices unciais, dos minúsculos, da ítala e da vulgata, dos lecionários, das versões antigas (siríacas, coptas, góticas, armênias, etiópicas, georgianas, núbias), dos Pais da Igreja, e de todos os editores, trazendo até as descobertas mais recentes nesse campo. Isso permite ao tradutor apoiar-se com maior segurança em seu trabalho, podendo analisar as variantes e avaliar os pesos de cada manuscrito ou tradução, tirando conclusões mais fiéis ao original.

daqui em diante, pois, seguiremos o texto grego dessa edição. E comprometemo-nos a REVER, à sua luz, e com os dados mais recentes, tudo o que até agora foi traduzido e publicado: qualquer novo testemunho que nos leve a modificar nossa opinião expendida, honestamente a divulgaremos oportunamente, para que continue, neste trabalho audaciosamente iniciado, a mesma qualidade básica essencial: honestidade sincera.

A tradução que sozinho empreendemos do original grego, sob nossa responsabilidade pessoal única, não se filia a **nenhuma** corrente religiosa antiga ou moderna. O que pretendemos é conseguir penetrar o sentido real, dentro do grego, transladando-o para o português, sem preocupação de concordar nem de discordar com quem quer que seja.

Também não pretendemos ser dogmáticos nem saber mais que outros, mas honestamente dizemos o que pensamos, como estudiosos, trazendo mais uma achega depois de quase cinquenta anos de estudos especializados nesta existência. Mas estamos dispostos a aceitar qualquer crítica e rever qualquer ponto que nos seja provado que foi mal interpretado por nós.

Só pedimos uma coisa: que nos seja reconhecida a honestidade com que trabalhamos e a sinceridade pessoal com que sentimos e nos expressamos.

CEGO DE NASCENÇA**João, 9:1-41**

1. E passando (Jesus) viu um homem cego de nascença.
2. Perguntaram-lhe seus discípulos, dizendo: "Rabbi, quem errou, ele ou seus pais; para que nascesse cego?"
3. Respondeu Jesus: "Nem ele errou; nem seus pais, mas para que se manifeste nele a ação de Deus;
4. nós devemos executar as ações de quem me enviou enquanto é dia; vem a noite, quando ninguém pode agir;
5. cada vez que eu esteja no mundo, sou a luz do mundo".
6. Dizendo isso, cuspiu no chão e fez lama com o cuspo e ungiu sua lama sobre os olhos (do cego) e disse-lhe:
7. 'Vai levar-te na piscina de Siloé (que significa Enviado). Ele foi, pois, lavou-se e regressou vendo.
8. Então os vizinhos e os que costumavam vê-lo antes, porque era mendigo, diziam: "Não é esse o que se sentava e mendigava"?"
9. Uns dizem: "É ele mesmo"; outros diziam: "Não é, mas é parecido com ele"; ele mesmo dizia: sou eu".
10. Perguntavam-lhe então: 'Como te foram abertos os olhos'?
11. Respondeu ele "O homem chamado Jesus fez lama, ungiu-me sobre os olhos e disse-me: vai a Siloé e lava-te; então fui, lavei-me e vi".
12. Perguntaram-lhe: "Onde está ele"? Respondeu: "Não sei".
13. Levaram o ex-cego aos fariseus.
14. Ora, era Sábado o dia em que Jesus fez lama e lhe abriu os olhos.
15. De novo, então, os fariseus perguntaram-lhe como via. Respondeu-lhes ele: "Ungi-me lama sobre meus olhos, lavei-me e vejo".
16. Diziam, pois, alguns dos fariseus: "Este homem não é de Deus, porque não observa o Sábado" . Outros porém diziam: "Como pode um homem errado fazer semelhantes sinais"? E havia divergência entre eles.
17. Disseram, então, ao cego de novo: "Que dizes tu a respeito dele, visto que te abriu os olhos"? Ele respondeu: "Que é profeta".
18. Mas os judeus não acreditam, a respeito dele, que fora cego e via, até que chamaram os pais do que recebera a vista,
19. e os interrogaram dizendo: É este vosso filho, que vós dizeis ter nascido cego? Como, pois, vê agora"?"
20. Responderam seus pais e disseram: "Sabemos que este é nosso filho o nasceu cego;
21. ma como agora vê, não sabemos; ou quem lhe abriu as olhos, não Sabemos: interroga-o, já tem idade, ele mesmo falará a seu respeito'

22. Isso disseram seus pais, porque temiam os judeus, porque os judeus já haviam combinado que se alguém confirmasse o Cristo, seria expulso da sinagoga.
23. Por isso disseram seus pais: "Já tem idade, interrogai-o".
24. Chamaram, pois, pela Segunda vez o homem que fora cego e disseram-lhe: "Dá glória a Deus: nós sabemos que esse homem é errado".
25. Ele respondeu: "Se é errado, não sei; uma coisa sei: eu era cego e agora vejo".
26. Disseram-lhe, pois: "Que te fez? Como te abriu os olhos"?
27. Respondeu-lhes: "Já vo-lo disse e não ouvistes; por que quereis ouvir de novo? Acaso também vós quereis ser seus discípulos"?
28. Injuriaram-no e disseram: "Tu és discípulo dele; nós somos discípulos de Moisés;
29. sabemos que Deus falou a Moisés, mas este não sabemos donde é".
30. Respondeu o homem e disse-lhes: "Nisto está o admirável, que não saibais donde ele é, e (no entanto) ele me abriu os olhos.
31. Sabemos que Deus não ouve os errados, mas se alguém for reverente (a Deus) fizer a vontade dele, a este ouve.
32. Desde séculos não se ouviu que abrisse os olhos a um cego de nascença.
33. Se esse homem não fosse de Deus, não poderia fazer nada".
34. Replicaram eles e disseram-lhe: "Tu nasceste todo em erros e nos ensinas"? E o lançaram fora.
35. Ouviu Jesus que o lançaram fora e, encontrando-o, disse-lhe: "Crês no Filho do Homem"?
36. Respondeu ele e disse: "Quem é, Senhor, para que eu creia nele"?
37. Disse-lhe Jesus: "Já o viste e é ele quem fala contigo".
38. E ele disse: "Creio, Senhor", e prostrou-se diante dele.
39. E disse Jesus: "Para um arbitramento vim a este mundo, para que os que não vêem, vejam, e os que vêem se tornem cegos".
40. Ouvindo isto, (alguns) dos fariseus que estavam com ele disseram-lhe: "Acaso somos nós também cegos"?
41. Disse-lhes Jesus: "Se fosseis cegos, não teríeis erro; mas agora dizeis: nós vemos; vosso erro permanece".

O discípulo amado soube dispor a ordem de sua narrativa de tal forma que logo após a revelação da teimosia dos "judeus" que NÃO QUERIAM VER, ele apresenta um fato (verdadeiro símbolo, que estudaremos a seguir) demonstrando a razão de ser de os judeus não crerem.

Certos hermeneutas acham que este fato não se seguiu ao tumulto no templo: "é inadmissível que Jesus se tenha mostrado à luz do dia imediatamente após a tentativa de assassinato a que escapara, antes que a efervescência da multidão inimiga se tivesse acalmado" (Pirrot, o. c., vol. 10, página 389). É não conhecer a psicologia de um "líder", julgando-o pela craveira comum dos mortais medrosos. Ao contrário, entendemos que as palavras de João salientam precisamente a sequência imediata dos fatos. Jesus "se esconde e sai do templo" e, ao sair da cidade com seus discípulos pela porta de Siloé, "passando, vê o cego de nascença", e faz questão de curá-lo, mesmo sem ser solicitado para dar uma demonstração irrecusável das verdades que havia proclamado. Assim como se dissesse: "Não acreditam em minhas palavras? pois vejam os fatos".

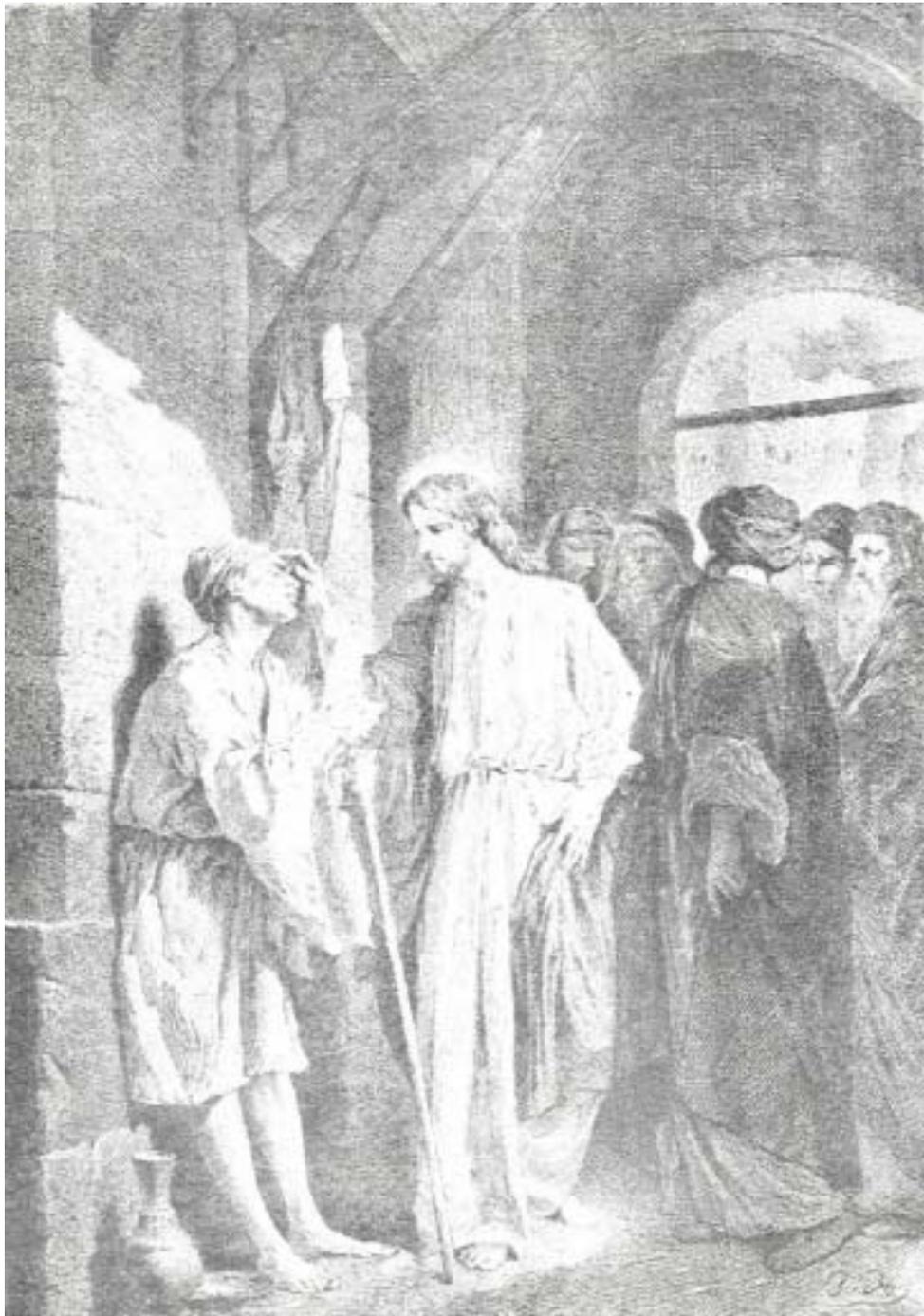


Figura “CEGO DE NASCENÇA”

Esse cego - sabemos-lo pelo desenrolar dos acontecimentos - era figura conhecida pela longa permanência naquela "porta de Siloé", pois aí o viam todos diariamente a esmolar e lhe conheciam a história. Os próprios discípulos galileus, que só raramente iam a Jerusalém, também tinham ciência disso, e aproveitam a oportunidade para provocar uma explicação de teorias, cuja certeza não haviam adquirido. Nem pensam na cura, que também a eles devia figurar-se "impossível". Mas os doutos explicavam que as enfermidades constituíam o resgate (castigo) de crimes cometido anteriormente. No entanto, as Escrituras manifestavam-se dúbias e confusas em sua interpretação literal.

Em Êxodo (20:5 e 34:7), em Números (14:18) e no Deuteronômio (5:9) afirma-se que Deus "visitará a iniquidade dos pais nos filhos sobre os terceiro e quartos", o que era explicado literalmente que os filhos "pagam" pelos pais. Todavia, no próprio Deuteronômio (24:16) está escrito: "não se farão morrer os pais pelos filhos nem os filhos pelos pais: cada homem será morto pelos seus erros". Essa mesma teoria da responsabilidade pessoal (*Veja citações completos em "La Reencarnación en el Antigua Testamento", de C. Torres Pastorino, pág. 32 - Edições Sabedoria*) é citada e reafirmada em Deuteronômio (7:9-10), em Ezequiel (18:1-32 e 33:20), em Job (34-11) nos Salmos (28:4), nos Provérbios (12:14 e 29), em Isaías (3:11), em Jeremias (31:29-30), nas Lamentações (3:64) e no Eclesiástico (16:15).

A qual das duas opiniões ater-se? Serão castigados os filhos pelos erros dos pais? Ou o resgate dos erros é pedido exclusivamente ao que errou? Ali estava um caso típico, um cego de *nascenças*: "Quem errou, para que este nascesse cego: ele mesmo ou seus pais"?

Lógico que na segunda hipótese apresentada, de estar cego por causa dos erros dos pais, a teoria do resgate dos filhos por culpas dos pais seria confirmada. Mas na primeira hipótese de *ele mesmo* haver errado, se confirmaria a teoria da responsabilidade pessoal, segundo o ensinamento das vidas terrenas múltiplas (reencarnação), já que o homem nascera cego; logo, só poderia ter cometido o erro em vida anterior. A segurança da pergunta é sinal evidente de que os discípulos não colocaram a menor dúvida a respeito da lei comprovada da reencarnação. E o Mestre não os corrige: ao contrário, confirma-lhes a certeza, quando responde: "ele mesmo não errou". Logo, viveu antes, sim mas a cegueira atual não é o resgate de erros seus de vidas anteriores, não é cármica. Mas também não é o resgate de culpa dos pais.

A idéia de que todo e qualquer sofrimento era "castigo" estava generalizada nos povos antigos, e Plantão mesmo cita a comparação órfica de que o corpo "*soma*" é uma sepultura ou cárcere (*sêma*) ou isolamento (*phrousa*) que a alma recebe como punição de seus erros anteriores, após ficar "errando cá e lá no espaço", quando não agiu bem durante a vida (cfr. Filolau, fragm. 15 D, e Plantão, Crátilo, 40 a; Górgias, 493 a; e Fedon, 62 b).

Diante da pergunta dos discípulos, o Mestre explica que não é assim baseando-se num caso concreto, que tem diante de si. A frase citada por João, embora resumida e esquemática, deixa clara a lição para quem já tenha compreendido a mecânica evolutiva. Afirma Jesus que não houve erro, nem dele próprio em vida anterior, nem de seus pais, ou seja, que a cegueira não é cármica, mas simplesmente uma experimentação ou provação (*pathós*) que serve de acicate para provocar avanço mais rápido daquela criatura, verdadeiro "agulhão evolutivo".

O ensino é límpido: nasceu assim cego "para que nele se manifestasse a ação (*érga*) de Deus", ou seja, para que se faça sentir o impulso divino, que o constrange a evoluir. Não se trata, portanto, de resgate cármico, mas de provação, tanto que veremos como o ex-cego reagiu corajosa e ousadamente contra as autoridades, com o destemor próprio da criatura evoluída, que não se submete a mentiras e injustiças. A interpretação corrente, de que "nasceu cego" só para que Jesus pudesse operar um "milagre", é de inconcebível fragilidade e irracional. Tantos meios haveria de realizar prodígios, que seria absurdo e monstruoso ter que sacrificar durante anos um filho de Deus, na cegueira, só para ser curado sem alarde, como o foi *a posteriori*, tendo sido posto em dúvida o fato, porque não foi público. Essa suposição de um Deus que não sabe fazer as coisas certas fere a racionalidade equilibrada de quem tenha um pouco de bom-senso. Qual o pai que deixaria um filho preso durante anos num cubículo sem luz, unicamente para que mais tarde viesse outro filho seu e mostrasse à humanidade que tinha a chave para abrir o cubículo e trazê-lo à luz? Por que supor sempre uma Divindade tão inferior as suas próprias criaturas?

Mas prossigamos na análise do texto.

No vers. 4, preferimos: "Nós devemos executar" (*aleph*, B, D, L, T, W, Z, *lambda*, *psi*, papiros 66 e 75, uncial 0124, mss. da siríaca palestina, etiópica e copta bohaírica, e Orígenes, Jerônimo, Cirilo de Alexandria e Nonio, a "EU devo executar" (A, C, K, X, *delta*, *theta*, *pi*, *psi*, fam 1 e 13, vários minúsculos, versões siríacas e latinas). No entanto, é preferível "ME enviou" (os mesmos testemunhos citados testemunhos citados acima, em primeiro lugar, exceto *aleph*, L e W) a "NOS enviou" (trazido

por papiros 66 e 75, *aleph*, L, W, e os testemunhos da segunda citação). A lição foi manuseada pela dificuldade de concordar o plural “Nós”, com o singular “me”.

Nesse versículo aprendemos que a ação (*érba*) divina precisa manifestar-se e realizar-se através dos próprios homens, e isso só pode fazer-se “enquanto é dia”, ou seja, quando a luz do Cristo nos possibilita a visão dos acontecimentos; se sobrevierem as trevas das perseguições, e entenebrecimento da Mente, a noite da alma que só vê a matéria, não se pode mais agir (as ações divinas).

O vers. 5 é iniciado com *hótan*, composto de *hóte*, “quando” e partícula *an*, que exprime eventualidade e repetição, devendo, então traduzir-se *hótan* por “cada vez que” ou “todas as vezes que” (latim: *totiens*) (Cfr. Liddell and Scott. “Greek-English Lexicon, 1086, *ad verbum*). Daí a tradução que demos, divergente das comuns: “cada vez que (todas as vezes, que) eu esteja no mundo, sou a luz do mundo”. Isso faz-nos perceber, irrecusavelmente, que aquela vez, narrada nos Evangelhos, não foi a única vez que Jesus esteve encarnado neste planeta.

Jesus utiliza-se novamente da saliva (cfr. vol. 4), com que faz lama, misturando-a à terra do chão, e com ela bezunta os olhos natimortos do cego: e envia-o a lavar-se na piscina de Siloé.

O nome hebraico tradicional é *Siloáh*: os massoretas marcaram a pronúncia *Seláh*; o grego transcreveu *Siloám* e significa “envio” (de águas). Era aplicado à fonte natural intermitente, única existente dentro da cidade de Jerusalém (cfr. Flávio Josefo, Bell. Jud. 5, 41; 6, 1; 9, 4 e 12, 2; Tácito, Hist. 5, 12). Daí ser dita “a” fonte. Mas aplicava-se também ao canal, construído por Ezequias (cfr. 2.º Crôn. 32:30) que desviou as águas do rio *Gihon*, cavando subterraneamente na rocha um canal retilíneo de 550 m de extensão por baixo da cidade, até fazê-lo desembocar a oeste de Jerusalém, onde se construía a “piscina do rei” (2.º Esdr. 3:15); mas o nome Siloé também se aplicou a essa piscina balneária (*kolybêthra*, vol. 3). À época de Jesus, tinha 22 m de norte a sul, 23 m de leste a oeste, e 5.5 m de profundidade. Hoje ainda existe, com 15 m por 5 m de largura e igual profundidade, com o nome de *birkét Silôân*, sendo ainda chamada *'Ain Umm ed-Deradj* (fonte dos degraus) ou *'Ain Sitti-Mariam* (Fonte de Maria).

O nome Siloé estendera-se à porta da cidade e à região, e parece claro que foi nessa porta que Jesus viu o cego mandando-o à piscina, que lhe devia ser bem conhecida e ficava próxima ao local em que se achava. Tratando-se de uma piscina balneária, nada impedia que o cego cumprisse a determinação de Jesus e mergulhasse. “Lava-te”, disse Jesus, e não apenas “lava teus olhos”. E após mergulhar, verificou com assombro que conquistara a visão.

O regozijo e o espanto fizeram que a nova se espalhasse. Os vizinhos - deve ter corrido para casa a fim de participar a boa-nova aos seus - não queriam acreditar no que viam. É ele, não é ele, levantava-se a discussão, tão estranha era a ocorrência. Foram ao cego, amontoados à porta de sua casa: “és tu”? – “Sou eu”! – “É ele”! Diante do fato incontestável, convenceram-se.

Como foi? O cego narra o ocorrido em palavras simples, embora se sinta, na sequência singela, um toque de emoção: lama nos olhos ... vai lavar-te ... fui ... lavei-me ... vi! O choque dos vizinhos amigos e parentes foi tão violento pelo inesperado, que agarraram o homem e deliberaram levá-lo aos chefes da religião, aos fariseus todo-poderosos. Nem quiseram esperar pelo dia seguinte. Foram no próprio sábado em que se deu o fenômeno inexplicável e nunca ouvido.

E subiram todos eles em bloco as escadarias do templo, levando de roldão o ex-cego, que não cabia em si de alegria por ver as maravilhas do sol a bailar sobre o outro brilhante e sobre o mármore branco do monumento erguido a YHWH. Queriam levar consigo, também, o herói, o curador, mas onde estaria esse Jesus? A resposta foi desconcertante: “Não sei”!

Os cépticos fariseus duvidaram. Começou o inquérito prudente, iniciado pela pergunta *como foi*. Nova repetição do beneficiado. Surge, então, a questão do quando, e a resposta de que fora naquele mesmo sábado fez explodir incontroláveis os preconceitos humanos, procurando abafar o maravilhoso do ato: esse homem não é de Deus, pois se o fora, teria respeitado o Sábado, obedecendo aos fariseus e a suas exigências, como, no entender deles, o próprio Deus o fazia. Para os religiosos desse tipo de religiões organizadas Deus não pode sair da linha de conduta que eles traçam: está sujeito a eles, como pequena e dútil marionete que eles manobram à vontade.

Mas entre eles, havia alguns não fanatizados, que chegaram a aventar a hipótese arriscada, de que não seria possível a uma pessoa que errasse fora dos caminhos de Deus, a realização de uma cura espetacular: era um cego de nascença. A discussão afervorou-se entre eles, sob os olhares atônitos do ex-cego. Resolveram pedir a opinião dele. E ele foi franco e intemorato: é um profeta.

Desconfiaram, então, os julgadores mais severos, que se tratava de uma farsa: naturalmente estava tudo combinado. Ele se dizia cego de nascença e curado, mas não era verdade. Onde estavam seus pais? Estes o reconheceriam, e não teriam coragem de mentir ... Talvez saindo do meio da pequena multidão que o acompanhara, apresentaram-se logo. Sim. Aquele era o filho deles não havia dúvida, e realmente nascera cego. Que acontecera, então? Bem, perguntem a ele, tem idade suficiente ... Que responda. Acovardaram-se, com medo de serem excomungados. Era comum, àquela época, (como ainda hoje, em muitas corporações religiosas) em três graus: a excomunhão vitalícia (*herem*) que chegava à confiscação dos bens; a expulsão da sinagoga por trinta dias (*niddui*) que obrigava ao luto e a deixar crescer barba e cabelos: e a separação por uma semana (*nezipha*), menos grave.

O texto original grego diz *homologêsêi christón*, literalmente, “falasse igual ao Cristo”, ou “fosse igual ao Cristo”, (de *homo* = igual e *logêô* = falo); algumas traduções vulgares seguem o códice D, único que dá “confessasse *ser ele* o Cristo”; outras trazem: “*ser Jesus* o Cristo”. Mas não é isso o que diz o original. Exprime uma idéia de “iniciados”, que os profanos não conheciam e por isso não podiam compreender: se alguém falasse ou fosse igual, se igualasse, ou mesmo, em última instância “confirmasse”, no sentido de “aceitasse” ou “sintonizasse” com o Cristo.

Passam as autoridades, então, a sugerir o ex-cego: se a cura foi feita num sábado. indiscutivelmente “esse homem é um errado” (1), está “fora do caminho certo. Mas o benefício não se enreda na armadilha”: bom ou mau, não sei: sei que era cego e agora vejo! É o fato que derruba qualquer argumento teórico, filosófico ou teológico.

(1) *Evitamos, na tradução, os termos que variaram no semântico, o fim de não dar idéias errôneas e anacrônicas do que foi dito. Assim, hamartía é o "erro" e Pramartolos, o errado, o que perdeu o caminho. Não dizemos "pecado", nem "pecador", pois estas palavras assumiram o significado específico de "ofensa a Deus", como se a Divindade fosse uma criatura mutável que pudesse ofender-se, zangar-se com os homens, e depois, perdoasse, quando estes se arrependessem. No sentido iniciático, hamartolós é o "profano", o "que está ainda no caminho errado".*

Tentam, agora, pegá-lo em contradição: “como foi mesmo”? O homem já estava cansado e apela para a ironia: contar outra vez? Já disse como foi. Ou quererão tornar-se seus discípulos? A ironia fere como uma chicotada e faltos de argumentos, recorrem à injúria. Ainda se envaidecem de ser discípulos de Moisés, mas “esse” de onde vem? O carpinteiro não possuía as credenciais, os títulos, a submissão a eles. Valores e fatos de nada adiantavam, sem que tivessem “reconhecido a firma”. A ironia continua, com laivos de sarcasmo: “não sabeis donde é, coisa estranha, mas ele me abriu os olhos” ... O descontrolo chega ao máximo: “nasceste todo em pecados, e pretendes ensinar-nos”? O que confirma oficialmente a tese de que a doença, sobretudo a de nascença, é resgate cármico; e indiretamente confirma, sem dúvida, o conhecimento da lei da reencarnação por parte do Sinédrio. E acabam expulsando-o do templo. Tratava-se de uma testemunha incômoda cuja presença atestava a impotência deles sobre aquele carpinteiro e os deixava perplexos e sem saída.

O ex-cego demonstrara seu destemor e se comportara varonilmente diante do perigo. Jesus o procura para recorfortá-lo. A alegria da cura fora diminuída pela decepção diante de homens que ele, talvez, esperava, em sua ingenuidade simples, ergueriam *hosanas* a YHWH pela maravilha que ocorrera em Israel, onde nunca se ouvira dizer que um cego de nascença recuperara a visão”. Jesus o procura e o encontra. “Crês no Filho do Homem”? Atônito, ele pergunta: “Quem é ele”? E Jesus, tal como o fizera com a samaritana, se revela a ele.

A expressão “Filho do Homem aparece em pap. 66 e 75, *aleph*, B, D, W, versões sahidica, achimimiana, faiúmica, boaírica (mss) e siríaca sinaítica; copta; é mais segura que “Filho de Deus”, evidente emenda posterior de A, K, L, X, *delta*, *theta*, *psi*, *omega*, alguns minúsculos e das versões latinas.

Diante do novo iluminado, declara Jesus ter vindo para um arbitramento (*krima*) a fim de que os cegos vejam e os videntes se tornem cegos. É a afirmação clara de que o fato deve ser interpretado como alegoria ou símbolo.

Alguns fariseus que se achavam presentes quiseram saber imprudentemente (a verdade ofusca e cega) se acaso eles (fariseus) eram cegos. A resposta de Jesus é sábia: se fossem realmente cegos, e nada conhecessem, a respeito da verdade, não haveria erro da parte deles; mas eles mesmos se diziam sábios, competentes, que viam, e nisso consistia a erro que permanecia neles.

A explicação teórica da lição anterior deve ter sido completa, levando a verdadeira LUZ a alguns dos Espíritos de discípulos ali presentes, adiantando-os na senda. Mas talvez em alguns deles tenha havido maior dificuldade de compreensão. Como agir diante do mundo, depois de iluminados? O ideal não seria revelar tudo isso aos chefes religiosos? Que maravilha se as maiores autoridades das religiões conseguissem VER o que ocorria àqueles que recebiam a iluminação interior! Como progrediria a humanidade se os dirigentes da religião oficial comprovassem a Realidade do Espírito! A humanidade poderia rapidamente modificar-se. Eles mesmos abandonariam o egoísmo ambicioso, para viverem a doação de si mesmos aos desamparados. Perceberiam a vaidade e falácia das coisas da terra e subiriam aos píncaros da espiritualidade, seriam "iluminados".

O Mestre ouviu, embaraçado por não querer desiludi-los, a explosão da esperança em seus corações. E resolveu dar-lhes um exemplo vivo. Nada melhor que um cego de nascença, para servir à alegoria, demonstrando que nem sequer a iluminação física seria reconhecida, quanto mais a espiritual que se oculta no fundo d'alma.

A demonstração prática foi completa, revelando a dificuldade de uma criatura obter a iluminação interior e o Encontro Sublime, se para isso não está preparada evolutivamente.

Procuremos analisar cada linha e cada entrelinha da narrativa de João e do fato que foi realizado bem a propósito, como exemplificação do que é "ser a luz do mundo". Observamos anteriormente (cfr. vol. 3) que o Mestre agia primeiro para explicar depois. Aqui a ordem foi invertida.

O evangelista, bem imbuído do ensino aprendido em sua vivência, soube ocultar em suas palavras, com rara sabedoria, tudo o que foi dito aos discípulos de boca a ouvido, e que não deveria ser divulgado naquele momento da História. Só muito mais tarde poderia ser publicado, quando a humanidade fosse abrindo os olhos de ver, os ouvidos e ouvir e sobretudo o coração de entender.

A lição parece ter sido provocada pelos próprios discípulos, ávidos de conhecimento mais profundo do ensino místico do Cristo.

Já vimos que a primeira parte se refere às causas das doenças. Nem todas constituem resgates cármicos de ações de vidas anteriores: algumas há que são "agulhão evolutivo". Os termos registrados pelo narrador resumem a lição em algumas linhas, onde só o essencial é dado a lume, para que os profanos não penetrassem o significado total, mais tarde, viria a inspiração para que se revelassem um pouco mais do teor da lição. Mas a palavra érga, "ação", levanta a pista. Estando Deus dentro de todos e de tudo, a ação divina se manifesta de dentro para fora.

No entanto, a este segue-se logo outro ensino de capital importância. Fala o Cristo Interno a Seus discípulos: "Nós devemos executar as ações de Quem Me enviou". A Centelha crística é enviada ou projetada pelo Pai (SOM) e se reveste de forma e veículo físicos para, de dentro, fazer evoluir o Espírito que dela se individou. O processo é conhecido, não precisamos repeti-lo. No homem, a Centelha continua seu trabalho de impulsionar à evolução. Mas o grosso da humanidade não alcançou ainda o contato e a comunicação direta com a Centelha, pois nem sequer atingiu o conhecimento intelectual desse fato. A Seus discípulos, já iluminados, o Cristo afirma que a verdadeira evolução é proveniente dessa ação divina interna, e que ela só pode efetivar-se "enquanto é dia", pois vem a noite quando ninguém pode agir. Parece enigmático o resumo que João faz do ensino.

Mas, sentindo isso, ele apressou-se a acilitar a explicação: "cada vez que eu esteja no mundo, sou a luz da mundo", isto é, todas as vezes que me manifesto no coração da criatura, ilumino-a, tornando-a dia (LUZ) para que ela tenha claro seu caminho.

Segundo o Prof. José Oiticica o termo "mundo", exprime os veículos físicos. Logo conforme escreve ("Os Sete eu sou", 1958, pág. 7), o significado da frase é: "O Cristo encerrado nos veículos físicos da manifestação é a luz desses veículos".

Mas enquanto o Cristo se mantém "adormecido no fundo do barco" (Mat. 8:24, Mr. 4:38, Luc. 8:23) levantam-se as tempestades nas trevas da noite do Espírito e ele não pode agir, não consegue dar os passos evolutivos (ergázesthai = evoluir), porque perde o rumo certo, desvia-se da rota, "erra" (hamartânô) o caminho.

Passa então ao ensino prático, de ação física, reveladora do processo espiritual. Começa mostrando que o Cristo Cósmico lança de Si uma Centelha ("cospe no chão"), a qual se mistura com os elementos materiais (terra), formando um corpo físico (lama) cuja VIDA é a Centelha (cuspo). Estando esta oculta num corpo, enquanto assim se mantiver, a criatura é cega de nascença; mas quando essa criatura receber o impacto no intelecto (olhos) poderá reaver a visão. Para isso, é mister cristificar (o verbo grego usado aqui é epichríô, composto de chríô, ungir, cujo particípio passado é christós) o cérebro (visão). Maravilhosa lição contida numa pequena palavra! Por isso, unge (cristifica) os olhos do cego de nascença (de quem se acha na ignorância completa) e manda-o "lavar-se na piscina de Siloé", ou seja, manda que mergulhe (batismo) nas águas (na interpretação alegórica da doutrina) da Enviado (isto é, do Cristo, o Enviado do Pai).

Haverá lição mais clara e explícita para indicar-nos o caminho certo do Encontro com o Cristo Interno?

O cego é dito "de nascença" porque só nascera como ser humano "de baixo", e jamais conhecera a luz do alto (José de Oiticica, o.c., pág. G). Podemos, também, interpretar como um ensino o cuspir na terra: só através da encarnação, do mergulho da essência crítica na matéria e especialmente depois que se lavou, mergulhando nos ensinamentos alegóricos (não os literais) do Enviado do Pai, é que o Espírito pode evoluir.

Quando isso ocorre com uma criatura, a modificação é tão radical e profunda, que todos os "vizinhos" (sejam células, órgãos, veículos físicos, ou pessoas externas) chegam a duvidar se trate daquele mesmo que estavam habituado, a ver triste, sorumbático, miserável, a mendigar nas esquinas um pouco de felicidade, como tantos que vemos a correr ansiosos pelas instituições espiritualistas, mendigando luz sem obrê-la, e permanecendo cegos, desorientados, angustiados. Mas, cuidado com os equívocos: muitos há que experimentam arrebatamentos, êxtases, iluminações ou "samádhis" e acreditam que isso constitua a União definitiva. São passos decisivos para alcançá-la, mas ainda não são o final ansiado. Aqui, neste capítulo, trata-se exatamente da obtenção da União por meio da iluminação.

Verificado o resultado, vem o desejo de todos de saber como foi isso conseguido. A resposta do recém-iluminado esquematiza o processo com extrema simplicidade: o homem chamado Jesus (a individualidade) fez lama (misturou a Centelha divina com a matéria, plasmou o corpo físico), ungiu-me sobre os olhos (cristificou-me a capacidade intelectual) e ordenou-me que me lavasse (mergulhasse) nas águas (na interpretação alegórica da doutrina) de Siloé (do Enviado do Pai, o Cristo Interno); fui (obedeci: faça-se a tua vontade), lavei-me (mergulhei no coração) e vi (encontrei-me com a Centelha divina). A concisão da frase, em sua singeleza, transmite esperançosa mensagem a todos os que lêem o sentido, e não apenas as palavras; a todos os que "sentem", e não apenas vêem as letras impressas.

Contínua o desejo de saber mais; "Onde está ele"? A resposta só podia ser a que foi dada: "Não sei". Como saber ONDE se encontra o Infinito, ONDE se situa o Eterno, ONDE se aloja o Ilimitado? Impossível dizê-lo, porque impossível sabê-lo: está em todo lugar e em nenhum lugar, já que não se localiza no espaço: é inespacial; está sempre presente, mas sempre ausente, pois não se manifesta no tempo: é eterno e atemporal; é o grande nada; é o Absoluto em que mergulha o relativo que não pode defini-Lo nem percebê-Lo; é invisível aos nossos olhos, insensível a nossos sentidos, pois vibra em

outra dimensão, só perceptível à superconsciência do Eu profundo, quando este desperta para a Realidade.

Vem a seguir uma lição para aqueles que encontram na escola da Iniciação, na "Assembléia do Caminho": a exemplificação do que sempre ocorrerá com eles em relação aos profanos. Ao descobrirem um Iniciado verdadeiro (não os que se dizem tais, mas os que realmente o são, e nunca o dizem a quem quer que seja) eles querem forçá-lo a limitar-se numa religião, a restringir-se numa seita, a filiar-se a um partido, cerceando sua liberdade sob o jugo dos poderosos da Terra. E de modo geral o círculo escolhido é dos piores e mais farisaicos e anáticos que quererão obrigá-lo ao obedecer a todos os preconceitos e conveniências humanas, por mais ilógicas e absurdas.

O processo utilizado é descrito em pormenores, finalizando com a excomunhão, inevitável para que as organizações religiosas oficiais mantenham sua "autoridade" e supremacia sobre os profanos; a presença de um iluminado entre eles viria ofuscá-los diante do público, obumbrando-lhes a ignorância travestida de sabedoria. Corpo estranho que pertubaria os interesses materiais ardentemente buscados e que jamais são suficientes para aplacar-lhes a ambição.

Mas a criatura iluminada procura demonstrar com fatos, mesmo perante assembléias hostis, a verdade que experimentou, apresentando todos os testemunhos pedidos, embora, firme na sua convicção e na experiência vivida (fui cego e agora vejo) não se deixe abater nem intimidar. Já os profanos ame-drontam-se com as ameaças; os "judeus" (religiosos ortodoxos) podem excomungá-los.

Observemos que o verbo homologueô significa literalmente "falar igual", donde "ser igual", "ser conforme", "confirmar", "Dele se derivam o nosso "homologar". Vemos nesse verbo o sinônimo mais aproximado do nosso atual verbo "sintonizar", ou seja, vibrar na mesma tônica, expressões que àquela época não podiam ser proferidas, por serem desconhecidas as ondas elétricas e hertzianas(1).

(1) Confessamos que essa interpretação pode causar estranheza a alguns leitores, porque nós mesmos a estranhámos. Mas temos sempre procurado ser sinceros e honestos, escrevendo com toda fidelidade as idéias que chegam, algumas tão inesperadamente (como esta) que chegamos a ficar atônitos. Mas depois de recebê-la ficamos inteiramente de acordo com ela (**homologêkamen**), sentimo-la, houve perfeita sintonia mental. Assim também a condenação dos profanos virá fatalmente, traduzida em lutas contínuas e perseguições contra todos os que conseguirem SINTONIZAR O CRISTO. Não fosse tão nova e chocante a idéia, inclusive constituindo o termo forte anacronismo, e o teríamos colocado na própria tradução do texto evangélico, porque, a nosso ver, "sintonizar" é o verbo moderno que traduz mais perfeitamente **homologéo**.

Uma lição que precisa ser bem aproveitada é o final do capítulo.

Inicialmente observemos que houve uma iluminação, resultante da ação crística (atuação da "graça") e do mergulho (atuação do "livre arbítrio"). A visão lhe chegou nova (não houve "recuperação", pois era cego de nascença). Mas o Encontro não havia sido atingido, apesar da "cristificação" que lhe foi proporcionada antes do mergulho. Compreendemos, então, que essa "cristificação" foi o apelo crístico interno da "graça", num primeiro chamamento.

Como, porém, a criatura obedeceu - é o caso de dizer - cegamente, e teve a coragem moral de arrostar as autoridades sem esmorecer (inclusive o próprio intelecto perquiridor) e recebeu com humildade o castigo do mundo que o expulsou do templo externo das personalidades, aí então, e só então, o Cristo se manifesta a ele. Pergunta-lhe se crê, se pretende "ser fiel", ou seja, manter a fidelidade ao Filho do Homem (ou Filho de Deus). E a boa-vontade é total: "Quem é ele para que lhe possa ser fiel"? O Cristo se revela (tira o véu = apokálypsai) e ele o VÊ em todo o Seu esplendor divino. E aniquila-se diante dele ("prostra-se"). Lógico que tudo isso se passa no íntimo da criatura. Expulsa do templo exterior da personagem, houve outro mergulho no templo interno do coração, e aí, de fato, se dá o Encontro Sublime. Coroamento celestial de uma experiência fascinante que arrebatava e transforma uma vida.

O Cristo, cada vez que se revela a este mundo - a uma criatura - produz inesquecível efeito. Mas esse efeito possui duas acetos antagônicas: os que não vêem, os que são cegos, tornam-se videntes, ilumi-

nados pelo Cristo. Mas aqueles que julgam ver, com a fraca luminosidade do intelecto, vaidosa e oca ("a sabedoria do mundo é estultícia diante de Deus", 1.ª Cor. 3:19) esses tornam-se cegos. Em outras palavras, os que são humildes e, ainda que sábios, reconhecem sua ignorância e anseiam pelo Espírito, são iluminados pela luz interior (agem enquanto é dia) e passam a ver tudo pelo prisma da verdadeira Sabedoria. Mas aqueles que só vêem as coisas materiais e por isso se julgam videntes, esses diante do Espírito se tornam cegos, e passam a não perceber mais nada. A explicação dada aos fariseus confirma esse ponto de vista. E por isso "permanecem no erro", isto é, continuam a vaguear por tempos intermináveis nas sendas ilusórias do mundo físico da personagem, presos à roda das encarnações.

A PORTA DAS OVELHAS

João, 10:1-9

1. **"Em verdade, em verdade vos digo: o que não entra pela porta do aprisco das ovelhas, mas sobe vindo de outro lugar, é ladrão e assaltante.**
2. **Mas o entra pelo porta, esse é pastor das ovelhas.**
3. **A este abre o porteiro e as ovelhas ouvem sua voz, e ele chama pelo nome suas ovelhas e as conduz para fora.**
4. **Cada vez que conduz para fora todas as suas, vai adiante delas e as ovelhas o seguem porque conhecem a voz dele.**
5. **Mas de modo algum seguirão o estranho, antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos".**
6. **Jesus disse esse provérbio, mas eles não compreenderam o que era que lhes falava.**
7. **Disse, então, Jesus de novo: "Em verdade ,em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas.**
8. **Todos quantos vieram em meu lugar são ladrões e assaltantes, mas as ovelhas não os ouviram.**
9. **Eu sou a porta: se alguém entrar por mim, será salvo, e entrará, sairá e achará pastagem".**

O trecho que acabamos de ler, bem como o próximo, parecem ser a continuação da conversa de Jesus com o ex-cego e com seus discípulos. Após a simbologia dos cegos e videntes, vem o ensino que João resumiu, de como penetrar na Escola de Jesus, a "Assembléia do Caminho", e conseguir o ambicionado objetivo.

Inicia com uma parábola a que João chama um "provérbio" (*paroimía*) palavra que aparece aqui e mais duas vezes (João, 16:25 e 29). O termo "parábola" só é empregado nos três sinópticos (47 vezes) e na epístola aos hebreus (2 vezes), e nunca em João nem em Paulo.

Interessante observar que essa parábola é iniciada com a fórmula solene das grandes verdades: "*amén, amén*", o que levanta logo a suspeita de que se trata de profundíssimo ensino que João esquematizou em forma de parábola.

É uma comparação pastoril que opõe a situação do pastor num redil à do ladrão que vem roubar. Segundo o costume palestino da época, o rebanho era recolhido à noite num aprisco, cercado de muro baixo de pedras, enquanto os pastores iam dormir, só ficando de atalaia um porteiro. Pela manhã vinham os pastores buscar suas ovelhas, o que faziam emitindo cada um seu grito gutural próprio. As ovelhas conheciam a voz de seu pastor e o seguiam para as pastagens frescas, grudadas a seus calcanhares. Era comum dar nomes aos principais animais do rebanho, as guias ou "madrinhas".

Já se qualquer estranho quisesse penetrar no cercado, tinha que pulá-lo, porque o porteiro não o deixaria entrar; e se o conseguisse, não adiantaria procurar imitar o grito do pastor, porque as ovelhas, não lhe reconhecendo a voz, não o seguiam e até fugiam, amedrontadas.

A palavra empregada, que acompanhando a tradição utilizamos na tradução como "ovelhas", é *próbaton*, que exprime qualquer animal de quatro patas (ou melhor, que caminhe para a frente), mas designa mais especialmente o gado lanígero (ovelhas, cordeiros, carneiros). Nada impede que se utilize a palavra "ovelhas".

Os discípulos não percebem a lição dessa parábola. Jesus a explica: “eu sou a porta das ovelhas”; só quem entrar por mim será salvo. A expressão “entrar e sair” é semítica, e manifesta a liberdade de ir e vir (cfr. Núm. 27:17; Deut. 31:2 e 1.º Sam. 17:15).

O vers. 8 é violento: *pántes hósoi êlthon*, “todos quantos vieram”, *prò einouí*, “em meu lugar”, *kléptai eisin kai lêptai*, (observemos a assonância, tanto mais que o *kai* era popularmente elidido na conversação) “são ladrões e assaltantes”. A locução *prò emouí* pode ser interpretada como adjunto temporal, “antes de mim”, ou como locativo, “em meu lugar”, isto é, fazendo-se passar pelo Cristo. Talvez houvesse uma alusão aos que, havia pouco, se haviam dito “messias”: JUDAS, o galileu (cfr. At. 5:37), natural de Gamala, que é chamado por Flávio Josefo ora Gaulonita (*Ant. Jud.* 18, 1, 1) ora o galileu (*Ant. Jud.* 18, 1, 6; 20, 5, 2; *Bell. Jud.* 2, 8, 1; 17, 8, 9; 7, 8, 1). Segundo esse historiador, foi ele o fundador da seita dos zelotes (designativo de Simão, um dos doze discípulos de Jesus, Luc. 6:15 e At. 1:13). Morreu em 6 A.D. em combate com os romanos; e TEUDAS (cfr. At. 5:36) só conhecido por essa citação, e que talvez seja o Simão citado por Flávio Josefo (*Bell. Jud.* 2, 4, 2; *Ant. Jud.* 17, 10, 6), assassinado pelas autoridades. Ambos combatiam o domínio romano, atribuindo-se as qualidades do messias.

Mas se a interpretação aceitar o “antes de mim”, essa frase englobaria todos os profetas e avatares anteriores a Jesus o que não seria fácil de explicar. Donde talvez o melhor sentido seja “em meu lugar”, o que seria confirmado por Mateus (24: 24) e Marcos (13:22), quando falam que outros pseudo-cristos aparecerão na Terra, os quais “enganariam até os escolhidos, se fosse possível”.

Aqui se nos depara mais um ensinamento simbólico e iniciático.

Vejamos, primeiro, o simbolismo. Observemos que os elementos citados são: a porta, o aprisco, o pastor, o ladrão, as ovelhas, o porteiro, a voz e a pastagem.

Num plano restrito encontramos:

- *ovelhas - as células do corpo humano*
- *aprisco - o corpo humano*
- *ladrão - a matéria, as sensações, as emoções*
- *porteiro - a intuição*
- *pastor - o Pai*
- *voz - a consciência*
- *porta - o Cristo Interno*
- *pastagens - a espiritualidade*

A ação assim se desenrola: as ovelhas ou células do corpo humano, individuações conscientes que trabalham ativamente e sem descanso para ajudar a evolução do Espírito, vivem no aprisco do corpo das criaturas. Mas acontece que, por vezes, surgem os ladrões e assaltantes, que são as sensações, emoções e até o intelecto, que sobem vindo de outro lugar, isto é, do polo negativo do Anti-Sistema, metaforicamente situado “em baixo”. Daí ter sido usado o termo “sobem”. Não podem entrar quando o porteiro, a intuição, lhes percebe as más intenções e proíbe o avanço. Às vezes, porém assaltam com violência atraindo-nos com desejos incontrolados (soberba, avareza, sensualidade, inveja, gula, ira e preguiça) que nos roubam a paz, turbam a visão e atrasam na caminhada evolutiva. Mas as ovelhas (células) ouvem a voz do Pastor, a voz silenciosa da consciência, o SOM do Pai que é o Bom Pastor, e que penetra em nós pela porta, que é o Cristo Interno. Essa porta não apenas serve de entrada para a orientação superior, como também é utilizada para a saída, a fim de que as células (e o homem) evoluam. Só através do Cristo Interno, essa PORTA divina em nós, poderemos evoluir, alcançando as pastagens, a espiritualidade, e a liberdade de ir e vir, sem estar sujeitos ao ciclo fatal das reencarna-

ções compulsórias. Só por meio do Cristo Interno a criatura poderá elevar-se do astral ao mental e a outros planos superiores.

Num plano mais amplo, temos:

ovelhas - as criaturas humanas, células do corpo de Jesus;

aprisco - a humanidade do planeta Terra;

ladrão - elementos inferiores rebeldes, intelecto;

porteiro - intuição;

pastor - o Pai;

voz - Jesus;

porta - o Cristo;

pastagem - o planeta espiritualizado.

Já vimos que as células, individualizações conscientes, evoluem gradativamente, passando pelo estágio animal até chegar, após milênios sem conta, ao estágio hominal. Firmemos bem o princípio de que as células são constituídas da parte física (corpo material), do etérico, do astral, do mental (concreto e abstrato), do psiquismo (ainda não é pneuma, Espírito, grau que o psiquismo atingirá somente quando chegar ao estágio hominal) e da Centelha Divina.

Aqui cabe mais um passo na explicação a respeito da Centelha Divina e da Mente, que dissemos estar no homem, "localizada" no coração. Como então, existe em cada célula? A Centelha divina, já o dissemos, (vol. 4) não se localiza, pois é infinita e não se destaca do Todo. O que existe no coração é o PONTO DE CONTATO, a "antena" que entra em sintonia com o Cristo. Na célula, como em tudo está toda a Divindade, a Centelha e a Mente, ou seja, cada célula tem seu PONTO DE CONTATO. Afirmamos que o homem é uma condensação da Centelha e da Mente: ora, "condensar" é reduzir, e não ampliar. A Centelha com sua Mente, infinitas ambas, se reduzem a um ponto material, mas permanecendo infinitas como a Divindade de que fazem parte e da qual não se destacam (nada se pode tirar nem acrescentar ao que é infinito). Portanto, a Centelha com sua Mente, no homem, permanecem infinitas, embora no "coração" haja um "ponto capaz de entrar em sintonia, de vibrar em uníssono, com a Divindade. Então, nossa Centelha e nossa Mente são infinitamente maiores que nosso próprio corpo, e o envolvem e se estendem ilimitadamente. Nós constituímos uma condensação material delas. Talvez um exemplo, dado por Sérgio Mondaíni, faça compreender bem a coisa. No Oceano Atlântico, forma-se, em determinado ponto, pequeno cristal de sal. É a condensação da água salgada, mas continua mergulhado no Oceano que o envolve e interpenetra. Nesse pequeno cristal de sal, existe um "ponto de contato" com o Oceano, e por isso dizemos que naquele ponto" se localiza, no cristal, o Oceano. Assim acontece conosco. E tal como nesse pequeno cristal, endurecido, cristalizado, a água não pode movimentar-se à vontade, porque está "condensada em sólido", assim, em nós, a Centelha e a Mente não podem agir livremente, porque estão "condensadas" na matéria, e só podem agir através do cérebro físico material com seus neurônios. No entanto, nossa Mente continua infinita, UNA com o Cristo, apesar de nosso cérebro físico não ter conhecimento disso porque se "destacou" ou "se isolou" do conjunto, mesmo continuando mergulhado nele, tal como a cristalzinho de sal no Oceano Atlântico. O objetivo que procuramos é fazer que esse cristal novamente se desfça e se perca no Oceano, ou seja, que aprendamos a superar nossa personagem física, para (através do ponto de contato do coração mas não nele) podermos novamente infinitizar-nos no Todo Infinito. Acreditamos que ficou tudo claro.

As células são, pois, seres verdadeiramente completos, a caminhar na escala evolutiva. As células físicas, que vemos em nosso corpo, são a materialização ou condensação (encarnação) de seres vivos, já animais, embora monocelulares, que se encontram nos primórdios da evolução.

Ora, desde que chegamos pelo menos, ao estágio hominal, as células que nos acompanham e ajudam na evolução, são AS MESMAS, até o final de nosso progresso. Não as mesmas fisicamente (a duração máxima da vida físico-material de uma célula é de sete anos, excetuadas as do sistema nervoso), mas mentalmente, pois quando perdem o corpo físico (desencarnam) adquirem outro (reencarnam) imedi-

ata e automaticamente, no mesmo local e com as mesmas funções. Poderão mudar de funções entre um desencarne nosso e outro (se largamos o corpo astral) a fim de irem treinando as diversas tarefas que lhes forem cometidas.

Daí termos aventado a hipótese (vol 1) de que a atual humanidade do planeta Terra é constituída das células já evoluídas ao estágio hominal, do corpo que serviu a Jesus em sua evolução há milhões de séculos ou milênios, e por isso foi ele o encarregado de construir este planeta como habitat de SUAS antigas células, para ajudar e dirigir a evolução dos que também O ajudaram a evoluir a seu tempo, e isso sob a orientação de Espíritos superiores a Ele (por exemplo, Melquisedec, cfr. Hebr. 4:14; 5:6, 10; 6:20 e cap. 7). Então, o planeta Terra é o aprisco em que se reúnem todas as suas ovelhas; mas os elementos inferiores, provenientes do Anti-sistema, com o intelecto ainda rebelde e não iluminado, procuram roubar essas ovelhas para outros caminhos tortuosos, apesar dos esforços do porteiro (intuição) que ouve a VOZ (SOM) do Pai, através dos avatares que nos mostram o caminho.

Ora, falando o Cristo Interno, diz-nos que é a PORTA, através da qual nos chega a Voz do Pastor (o Pai), e através da qual, pela união atingiremos a unificação e infinitização com o Pai, a perfeita SINTONIA com o SOM. Só com esse trabalho evolutivo, através do Cristo, conseguiremos a liberdade de ação espiritual e as pastagens, isto é, a vida liberta no planeta espiritualizado. Sem essa união através do Cristo, nada se conseguirá.

No campo da iniciação sabemos que há uma passagem estreita e difícil, que os Espíritos têm que atravessar para atingir o estágio superior. Há um ponto-chave, uma angustura, que é a passagem da personagem à individualidade, a perfeita metánoia ou mudança da mente ou pensamento, que deixa de agir através da mente concreta (intelecto) para fazê-lo diretamente por meio da mente abstrata (ou Mente), com o indispensável desapego total (ou o abandono, se necessário, na vida monacal) de todos os contatos inferiores (matéria, sensações, emoções, intelectualismo) que são definitivamente superados. E só um meio existe de atravessar essa passagem estreita, conforme foi ensinado: "entrai pela porta estreita ... poucos são os que a encontram" (Mat. 7:13-14) e "forcejai por entrar pela porta estreita, porque vos digo que muitos procurarão entrar e não serão capazes" (Luc. 13:24. cfr. vol. 2), Pois o Cristo é essa PORTA ESTREITA, mas segura e garantida. Se conseguirmos atravessá-la, teremos liberdade de entrar e sair e pastagens maravilhosas.

Realmente, a passagem através do Encontro com o Cristo Interno (que é também externo e infinito) é das mais difíceis de conseguir na senda evolutiva. Mas há que atravessar essa porta, para alcançar "o outro lado" das pastagens, para conseguirmos passar da matéria ao Espírito. E esse passo só o conseguiremos dar enquanto mergulhados na carne (o cuspo, misturado com a terra, é que possibilita a visão). Tentemos com todas as nossas forças e não desanimemos de tentá-lo, ainda que levemos nessa luta dez, vinte ou cinquenta encarnações.

O BOM PASTOR

João, 10:10-21

10. "O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir; eu vim para que elas tenham vida e a tenham abundante.
11. Eu sou o Bom Pastor. O bom pastor aplica sua alma sobre as ovelhas.
12. O mercenário, não sendo pastor, de quem as ovelhas não são próprias, vê vir o lobo e deixa as ovelhas e foge, e o lobo as agarra e dispersa,
13. porque é mercenário e não interessam as ovelhas
14. Eu sou o Bom Pastor, conheço as minhas (ovelhas) e as minhas me conhecem,
15. assim como me conhece o Pai e eu conheço o Pai; e aplico minha alma sobre as ovelhas.
16. E tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; estas devo trazer, e ouvirão minha voz e haverá um rebanho, um pastor.
17. Por isso o Pai me ama, porque aplico minha alma para que de novo a recolha.
18. Ninguém a tira de mim, mas eu de mim mesmo a aplico. Tenho o poder de recolhê-la: esse mandamento recebi de meu Pai".
19. Por causa desses ensinamentos, houve de novo divergência entre os judeus.
20. Muitos deles diziam: "Ele tem obsessão e treva, por que o escutais?"
21. Outros diziam: "Essas palavras não são de um obsedado; pode acaso um obsessão abrir os olhos aos cegos"?

Sem intervalo, no resumo de João, passa-se à segunda aplicação da parábola, em que Jesus se diz "O Bom Pastor".

A figura de *pastor*, com aplicação ao guia espiritual, já era comum no Antigo Testamento. É atribuída a YHWH "a rocha de Israel" por Moisés (Gên. 49:24); e o próprio YHWH verbera os pastores de Israel porque relapsos (Ez. 34:1-10) e diz que ele mesmo será o pastor de seu povo (Ez. 34:11-31), salientando que "suscitará sobre eles um só pastor, que as apascentará, meu servo amado (1). Ele as apascentará e servirá de pastor. Eu YHWH serei seu Elohim, e meu servo amado será príncipe entre eles" (2).

(1) As traduções trazem "meu servo David". Ora, David reinou em Israel de 1055 a 1015 A.C., ao passo que Ezequiel escreveu essa profecia no cativeiro da Babilônia, com Oconias, em 592 A.C., isto é, mais de quatrocentos anos depois de David. A não ser que se queira aceitar que Jesus seio o reencação de David, o que parece contradizer os fatos, temos que admitir não se possa falar no futuro de uma personagem passado. Evidente, então, que nesse passo david é um substantivo comum, e como tal temos traduzi-lo: "o amado".

(2) Outros passos do A.T. em que "pastor" tem esse sentido de "guia" espiritual: Núm. 27:17; 1.º Reis 22:17; 2.º Crôn. 18:16; Judit, 11:15; Ecl. 12:11; Ecl. 18:13; Cânt. 1:7; Isaías, 13:20; 31:4; 38:12; 40:11; 44:28; (referindo-se a Ciro); 56:11; 63:11; Jeremias, 2:8; 3:15; 6:3; 10:21; 12:10; 17:16; 22:22; 23:1, 2, 4; 25:34-36; 31:10; 33:12; 43:12; 49:19; 50:6, 44; 51:23; Ezeq. 37:24; Amós, 1:2; Miq. 5:5; Nah. 3:18; Zac. 10:2, 3; 11:3, 5, 8, 16, 17; 18:17. No Novo Testamento. Mat. 9:36; 25:32:

26:31: Marc. 6.34: 14:27; 1.º Cor. 9; 7; Ef. 4:11; 1.º Pe. 2:25; 5:2, 4. E em João, 21:15-17, Jesus encarrega Pedro de cuidar de Seu "rebanho".



Figura “O BOM PASTOR”

Nesta segunda interpretação da parábola é dado um passo adiante. Salienta Jesus, de início, que o “ladrão” só vai ao rebanho para “roubar, matar e destruir”, ao passo que Ele veio para vitalizá-las mais abundantemente (*perissóm*). E afirma: “eu sou o bom pastor”: caracterizando-o pelo que faz: “aplica sua alma sobre as ovelhas”. Aqui afastamo-nos das traduções correntes que trazem: “dá a vida pelas ovelhas”. Vejamos o original: *ho poimên ho kalos tèn psychén autoú títhêsin hypèr tòn probátôn*; ora, *títhêmi* só tem contra si *dídômi* (dar) no papiro 45, numa emenda posterior do Sinaítico, em D e na versão latina e siríaca sinaítica; e *títhêmi* significa “depositar, colocar e aplicar” (como prefere o Prof.

José Oiticica, "Os 7 Eu Sou", 1958, pág. 7): *tên psychên* é a "alma", o princípio espiritual vivificador; e *hypér* pode ser "em favor de", sem dúvida, mas o sentido principal é "sobre", e há razões para mantê-lo. Não devemos modificar, na tradução, o significado das palavras, sob pena de escapar-nos o sentido profundo que elas exprimem.

Enquanto o mercenário foge e abandona as ovelhas ao ver o lobo, o pastor a elas se dedica, porque as ovelhas são de sua propriedade e ele as ama e as conhece uma a uma pelo nome. Mas outras há que não são deste aprisco e mister será reuni-las para que haja um só rebanho, um só pastor. Notemos que no original não há a cópula "e". Essa universalidade de "salvação" é assinalada por Paulo: "todos vós sois UM em Cristo" (Gál. 3:28): "há um só Espírito ... até que TODOS cheguemos" à perfeição (Ef. 4:4, 13).

O vers. 8, ao invés das traduções vulgares que trazem: "tenho direito de dar minha vida e de reassumi-la" (coisa sem sentido) diz no original: "tenho o poder de aplicar minha alma e tenho o poder de recolhê-la", também aqui concordando com a opinião do Prof. José Oiticica.

Novas discussões (cfr. João, 7:43 e 9:16) causaram esse ensino, uns apontando Jesus como obsedado, outros não acreditando que um obsessivo pudesse ter aberto os olhos a um cego de nascença.

Examinemos, agora, a parte muito mais importante do ensino, que tem que entender-se penetrando em profundidade as palavras do rápido resumo que João nos legou.

Analisemos segundo a interpretação dada, no capítulo anterior, aos termos utilizados. Estamos no plano a que denominamos "mais amplo".

"O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir". Trata-se da personagem (a matéria, com seu peso; as sensações com seus gozos; as emoções com seus descontroles apaixonados; o intelecto com sua rebeldia analista e discursiva), também chamada "antagonista" (satanás) ou adversário (diabo) que pode mesmo considerar-se um "ladrão" da espiritualidade. Realmente a personagem "rouba, mata e destrói" tudo o que é espiritual, pois só vê e percebe as coisas da matéria e dos sentidos. O Cristo Cósmico, entretanto, penetra tudo e todos, dando-lhes Vida, e "age" para que essa Vida seja mais abundante e plena, mais rica e vibrante, do que a simples "vida" psíquica dos veículos inferiores.

Então chega-nos a declaração enfática: "eu sou o BOM PASTOR", o que governa o conjunto das ovelhas, o que vive nelas e por elas, que delas cuida e as ama, que constitui a "alma grupo" de todo o rebanho, "a cabeça de todo o corpo" (cfr. 1.ª Cor. 11:3; Ef. 4:15 e 5:23; Col. 1:18 e 2:10).

A esta segue-se a frase que foi modificada por não ter sido entendida: "o bom pastor aplica sua alma sobre suas ovelhas", ou seja, o Cristo utiliza e aplica toda a Sua alma, a Sua força cristônica, sobre Suas criaturas, para fazê-las evoluir a fim de alcançá-Lo. Isso foi representado ao vivo com o cuspo misturado à terra, para ser colocado sobre os olhos do cego de nascença. O que também exprime que só através da encarnação, do mergulho na matéria, é que o ser pode trabalhar por sua evolução.

Aqui entram mais dois elementos de comparação: o mercenário e o lobo. O "mercenário" é o intelecto, que "faz as vezes" de pastor, isto é, que em nome do pastor (Mente Crística) toma conta dos veículos inferiores. No entanto, sendo mercenário, não cuida como deve do tesouro que lhe foi confiado; é quando aparecem os lobos (as paixões desordenadas vorazes, insaciáveis, trazidas pelos instintos, pelos desejos, pelas necessidades). O mercenário "se retira", deixando campo aberto e livre às paixões, aos lobos. A frase é de sentido usual e corrente: perturbação dos sentidos, obliteração intelectual, a ira cega, e tantas outras expressões que demonstram que realmente nos grandes embates emocionais, os lobos paralisam o intelecto, amordaçam a acuidade de racionar, e o corpo e o psiquismo são estraçalhados pelos paroxismos passionais, agarrados e desorientados pelos rapaces devoradores, que roubam, matam e destroem.

Assim age o intelecto "mercenário", porque as células não lhe pertencem e não lhe interessam, já que é simples coordenador, como governo central, substituto eventual e temporário da Mente. Além disso, julga-se a autoridade máxima e única que tem a capacidade de resolver seus problemas e os da per-

sonagem, pois chega até a ignorar a existência da *Mente abstrata*: ele vem "de baixo" (sobe), e a *Mente* é "de cima"; ele pertence ao *Anti-Sistema*, a *Mente* ao sistema; ele representa o polo negativo, a *Mente* o positivo: ele é o chefe dos veículos inferiores, a *Mente* é espiritual. Daí, com frequência, recusar o intelecto a espiritualização e confessar-se materialista e ateu, só acreditando no que a ele chega através dos sentidos, e não da *PORTA* que é o Cristo.

Já com o Cristo o caso difere fundamentalmente. Ele conhece uma a uma cada célula (cfr. Mat. 10:30; Luc. 12:7 e 21:18), porque de dentro de cada uma, embora também de fora (imane e transcendente) a impele à evolução, ajudando-lhe a escalada ascensional. As células lhe pertencem, porque são condensação Sua, quando Se sacrificou, baixando Suas vibrações até o *Anti-Sistema*, a fim de provocar-lhes a individuação que lhes forneça a diferenciação do *Todo*, para o aprendizado. O Cristo Interno, por isso, *APLICA SUA ALMA* sobre cada uma das células, e por isso as conhece plenamente, tanto quanto conhece o Pai e é conhecido pelo Pai; pois assim como Ele é *UM* com o Pai e o Pai *UM* com Ele, assim Ele é *UM* com as células e as células são *UM* com Ele.

Como agora estamos considerando as células já evoluídas ao estágio hominal (na acepção do "plano mais amplo"), neste sentido o Cristo afirma também que conhece cada ser humano tanto quanto é conhecido pelo Pai e vice-versa, porque o Cristo é *UM* com cada uma de Suas criaturas, embora cada criatura ainda não saiba que é *UM* com Ele. E não o sabe porque se acha dissociada Dele pelo intelecto da personagem que, tendo vindo "de baixo", ainda é cega de nascença: o mercenário ainda não conhece o pastor verdadeiro e chega até ao cúmulo de negar Sua existência ...

Acontece, porém, que na evolução do planeta Terra, onde foram reunidas todas as antigas células, hoje seres humanos, houve várias trocas de domicílio. A Terra recebeu, sabemos-lo, pela generosidade de seus Mentores, grande grupo de "espíritos" provenientes de Capela e outros planetas, que não pertencem a evolução terrena, assim como também muitos dos nativos da Terra estão estagiando em outros planetas ("Na casa de meu Pai há muitas moradas", João, 14:2). A quais se refere o Cristo? Aos que estão em outros planetas e que precisam ser trazidos para cá, a fim de formarem o conjunto com seus antigos companheiros? Os aos que estão aqui, mas "não são deste aprisco", aos quais, porém, é mister unir aos deste, para que formem um todo? De qualquer forma - ou trazendo os de fora para cá, quando o planeta tiver evoluído para recebê-los, ou conquistando os estranhos que aqui estão - o fato é que deverá formar-se um só rebanho, uma só humanidade, um só pastor; da mesma forma que cada corpo possui um só Espírito, assim a humanidade possui uma só "alma grupo". Para reunir a todos, será utilizado o processo científico da sintonização de vibrações ("ouvir a voz", isto é, igualar a frequência vibratória do *SOM*).

A ação do Cristo, embora constante ("Meu Pai age até agora, eu também ajo") João, 5:17) é sentida por nós intermitentemente, porque Ele tem "o poder de aplicar e o poder de recolher" Sua força cristônica, segundo Sua vontade, sem que por ninguém seja coagido. Realmente, em muitos momentos sentimos o "apelo" que nos ativa o desejo de encontrá-Lo. Daí a teoria da "graça", que não chega quando nós queremos, mas quando a vontade divina o determina, por ser o melhor momento para cada um de nós. Então, podemos interpretar a "graça" como uma atuação mais forte do Cristo Interno dentro de cada um, aplicando a vibração do *SOM*, "Sua alma", e buscando dar-nos a tônica, para que, de nossa parte, busquemos sintonizar com essa nota básica. A tônica é o AMOR, por isso o Pai vibra como Amante e o Cristo age como Amado (david), constituindo o "príncipe" entre todos. Essa é a ordem do Pai.

O Cristo, portanto, é o bom pastor, o chefe de todo o rebanho que atualmente constitui a humanidade terrestre; conhece todas e cada uma de Suas ovelhas, e aplica Sua força a cada uma delas no momento mais oportuno; e quando elas começam a agir por si, recolhe essa força, a fim de permitir que elas trabalhem pessoalmente por sua própria evolução. Indispensável que aprendam a trabalhar sozinhas, assumindo a responsabilidade plena seus atos.

No campo iniciático, o Cristo é o Bom Pastor, ou seja, o verdadeiro Hierofante e Rei, dentro de nós ("Um só é vosso Mestre, o Cristo", Mat., 23:10). As criaturas que agem em Seu nome, os intelectos personalísticos que se fazem passar por Mestre, são simples agentes que vêm "de baixo", mercenários e ladrões de almas, que roubam, matam e destroem tudo o que é verdadeiramente espiritual, para seu

próprio proveito vaidoso, de terem sequazes que os endeusem. São numerosos e enganam a muitos só não chegando conquistar as ovelhas escolhidas, porque estas conhecem a "voz" do verdadeiro pastor, e não seguem estranhos. Os SONS que produzem são diferentes, fora da tônica do AMOR do Cristo.

Os que são realmente emissários Seus, esses jamais falam em seus próprios nomes, não aceitam sequer o nome de mestres, sabem que nada sabem, e que tudo o que lhes vem, é proveniente do Cristo Interno que neles age. Não fazem seguidores, porque convidam apenas os homens e acompanhá-los no cortejo do Cristo, para onde todos caminham, uns mais à frente, outros mais à retaguarda, uns como "guias" do rebanho, com a campainha ao pescoço, outros colaborando, mas todos simples ovelhas do único rebanho do único pastor.

O evangelista assinala, ainda uma vez, a divergência entre os religiosos ("judeus"): uns julgando obcecado aquele que transmite os ensinamentos do Cristo, outros, porém, "sentindo" em sua voz a doce tônica do AMOR, que faz os cegos verem, isto é, que ilumina os intelectos, e comove os corações, atraindo-os ao Cristo.

Que a voz do Bom Pastor seja sempre o guia de nossos Espíritos, para que jamais percamos o rumo certo, para que não erremos pelas estradas invias, para que nos libertemos dos lobos vorazes, e só vivamos pelo AMOR e para o AMOR.

PREGAR SEM MEDO

Luc. 12:1-12

1. Nesse ínterim, tendo-se reunido dezenas de milhares de pessoas, de tal forma que pisavam uns sobre os outros, começou a dizer a seus discípulos primeiro: "Precatai-vos contra o fermento que é a hipocrisia dos fariseus.
2. Nada existe encoberto que não se descubra, nem oculto que não se conheça.
3. Por isso, tudo o que dissestes nas trevas, será ouvido na luz; e o que falastes ao ouvido, na adega, será proclamado dos terraços.
4. Digo-vos, a vós meus amigos, não temais os que matam o corpo, e depois disso nada mais conseguem fazer.
5. Mostrar-vos-ei a quem temer; teme o que, depois de matar, tem o poder de lançar na geena; sim, digo-vos, teme a esse.
6. Não se vendem cinco passarinhos por dois asses? E nem um deles está esquecido diante de Deus.
7. Mas até os cabelos de vossa cabeça estão todos contados. Não temais: valeis mais que muitos passarinhos.
8. Digo-vos mais: todo o que me confirmar perante os homens, também o Filho do Homem o confirmará perante os mensageiros de Deus;
9. mas o que me negar diante dos homens, será renegado diante dos mensageiros de Deus.
10. Todo aquele que proferir um ensino contra o Filho de Homem, ser-lhe-á relevado; mas o que blasfemar contra o santo Espírito, não lhe será relevado.
11. Todas as vezes que vos levarem perante as sinagogas, os magistrados e as autoridades, não vos preocupeis como ou com que vos defendereis ou o que falareis;
12. porque o santo Espírito vos ensinará nessa mesma hora o que deveis dizer".

Aqui temos uma série de exortações do Mestre a Seus discípulos, para que não temam os perigos, quando se trata de anunciar a boa-nova do "Reino de Deus" dentro dos homens.

O evangelista fala de dezenas de milhares de pessoas (*myria* = 10.000) dizendo literalmente: *episynachtheisôn tōn myriádōn toú ochlóu*, isto é, "se superajuntavam às dezenas de milhares de povo", a tal ponto que pisavam uns sobre os outros em torno de Jesus para ouvir-Lhe a voz. Os comentaristas julgam isso uma hipérbole. A própria Vulgata traduz *multis turbis circumstantibus*, "estando em redor muito povo", não obedecendo ao original.

Há uma enumeração de percalços, que são encontrados quando alguém acorda esse assunto vital e decisivo para a espiritualização da humanidade.

- 1) "O fermento que é a hipocrisia dos fariseus". O fermento que permanece oculto, que ninguém vê, e no entanto tem ação tão forte que "leveda a massa toda" (cfr. Mat. 13:33; Marc. 13:21; 1.^a Cor. 5:6 e Gál. 5:9). A comparação do fermento com a hipocrisia aparece em outros pontos (cfr. Mat. 16:6, 11, 12; Marc. 8:15). Não acreditar, portanto, de boa-fé, "abrindo o jogo" nas aparências dos que se dizem ou fingem, mas NÃO SÃO. Muitos exteriorizarão piedade, fé, santidade, mas são apenas "sepulcros caiados". Cuidado com eles!, adverte-nos o Mestre.
- 2) O segundo princípio vale para essa admoestação que acabou de ser dada e também para o que se segue: tudo o que estiver escondido e oculto virá a luz. Os hipócritas serão vergonhosamente des-

mascarados ao desvestir-se da matéria, única que lhes permite enganar, pois o "espírito" se encaminhará automaticamente, por densidade, por peso atômico ou por sintonia vibratória, para o local que lhe seja afim.

Doutra parte, todos os segredos iniciáticos ou não, aprendidos de boca a ouvido, serão divulgados a seu tempo. O que foi dito a portas fechadas, será proclamado de cima dos terraços, às multidões. É o que está ocorrendo hoje: tudo está sendo dito. Não mais adiantam sociedades ou fraternidades "secretas": a imprensa divulga todos os segredos. Quem tem ouvidos de ouvir ouve: quem não os tem, nada percebe ...

3) Prossegue o terceiro aviso, de que há dois perigos que precisam ser bem distinguidos:

- a) os que "matam o corpo", que é coisa sem importância. que qualquer pessoa pode sofrer sem lhe causar transtorno maior, como o próprio Jesus o demonstraria em Sua pessoa, deixando que assassinassem com requintes de crueldade Seu corpo - e com isso até conquistando o amor de toda a humanidade - e depois reaparecendo vivo e glorioso, como vencedor da morte;
- b) e o perigo *real*, que vem "daquele" que tem o poder (*exousía*) de lançar na "geena". Já vimos que "geena" (vol. 2) é o "vale dos gemidos", ou seja, este planeta, em que "gememos" (cfr. 2.^a Cor. 5:4 e 2.^a Pe. 1:13-14). Portanto, só devemos temer a volta constante e inevitável às reencarnações compulsórias, que nos fazem sofrer neste "vale de lágrimas", dores morais e físicas indescritíveis e desoladoras. E quem pode lançar-nos nas reencarnações é nosso Eu Profundo. Isso é revelado com especial carinho, de pai a filhos: "eu vou mostrar o que deveis temer". Mas, matar o corpo, crucificá-lo. Queimá-lo, torturá-lo? Outro melhor será construído!

Depois é dada a razão por que não devemos temer. O Pai, que está EM TUDO e EM TODOS, mesmo nas mínimas coisas, está também DENTRO de cada um. Se cuida dos passarinhos, que cinco deles custam "dois vinténs", como não cuidará muito mais carinhosamente dos homens. "Seus amigos"? É a argumentação a *minore ad majus*. Se até todas as fios de cabelo de nossa cabeça estão contados (coisa que a criatura humana não consegue fazer), porque o Pai está inclusive dentro de cada um deles, muito mais saberá com antecedência, o que conosco se passa e "o de que necessitamos" (Mat. 6:8).

- 4) Segue um ensino de base: só quem confirmar o Cristo perante os homens, será por Ele confirmado perante os mensageiros divinos. Volta aqui o verbo *homologeín* (veja atrás) que já estudamos. A interpretação comum até hoje, de "confessar o Cristo", trouxe no decorrer dos séculos enorme série de criaturas que não temeram confessar o Cristo e por Ele dar a vida, em testemunho de sua crença, tornando-se "mártires" (testemunhas) diante dos verdugos e perseguidores.
- 5) A advertência seguinte é uma repetição do que foi dito atrás (Mat. 12:32; Marc. 3:29), embora lá se refira a quem atribua ao adversário uma obra divina, e aqui venha em outro contexto. Mas o sentido é o mesmo. Em nossa evolução estamos caminhando entre dois pólos: o negativo, reino do adversário, a matéria, do qual nos vamos afastando aos poucos: e o positivo, reino de Deus, o Espírito, do qual lentamente nos aproximamos. A quem ensinar contra o Filho do Homem (Jesus ou qualquer outro Manifestante Crístico), lhe será relevado o erro: isso embora possa atrasar-lhe a caminhada, não o faz regredir; mas quem, ao invés de caminhar para o Espírito já puro (livre da matéria, porque o adversário também é Espírito embora revestido de ou transformado em matéria), esse não terá como ser relevado, pois virou as costas ao ponto de chegada e passou a caminhar na direção contrária, mergulhando mais na matéria (Anti-Sistema). Os agravos das personagens contra as personagens não têm gravidade. Mas quando atingem o Espírito, assumem graves características cármicas.

Há uma observação a fazer. Neste trecho (vers. 10 e 12) não aparece *pneuma hágion*, mas *hágion pneuma*; isto é, não "Espírito Santo", mas "Santo Espírito". Abaixo, voltaremos ao assunto.

- 6) A última advertência transforma-se numa garantia de que, quando diante das autoridades, eles não devem preocupar-se com a defesa nem com as respostas "porque o santo Espírito lhes ensinará nessa mesma hora, o que devem dizer". Trata-se de uma inspiração direta, da qual numerosos exemplos guardou a história, bastando-nos recordar, além dos ocorridos com os discípulos daquela

época (cfr. Atos. 4:5-21; 7:1-53; 22:1-21; 23:1-7; 24:10-21 e 26:2-29) as respostas indiscutivelmente inspiradas de Joana d'Arc, diante do tribunal de bispos que a condenou à fogueira.

Note-se que em Mateus (10:18) e Marcos (13:9) fala-se em governadores e reis, termos que Lucas substitui por "magistrados" (*archai*), e autoridades" (*exousiai*) expressões que também aparecem reunidas em Paulo (Ef. 3:10; Col. 1:16 e Tit. 3:1).

De tudo se deduz que não devem temer os discípulos: a vitória espiritual está de antemão garantida, embora pereça o corpo físico.

PNEUMA HAGION

Trata-se de uma observação de linguística: o emprego do adjetivo *hágion*, ao lado do substantivo *pneuma*. Sistemáticamente, o substantivo precede: *pneuma hágion* ("Espírito santo"). No entanto, Lucas, e só Lucas, inverte nove vezes, contra 41 vezes em que segue a construção normal. Qual a razão?

Para controle dos estudiosos, citamos os passos, nos quatro autores dos Evangelhos, dando os diversos textos em que aparece a palavra *pneuma* com suas diversas construções:

1 - *tò pneuma tò hágion* = o Espírito o santo.

Mat. 12:32;

Marc. 3:29; 12:36; 13:11;

Luc. Ev. 3:22; 10:21; At. 1:16; 2:33; 5:3, 32; 7:51; 10:44, 47; 11:15; 13:2; 15:8, 28; 19:6; 20:28; 21:4; 28:25.

Em João aparece uma só vez, e assim mesmo em apenas alguns códices tardios, havendo forte suspeição de haver sido acrescentado posteriormente (em 14:26).

2 - *Pneuma hágion* (indefinido, sem artigo) = um espírito santo:

Mat. 1:18, 20; 3:11;

Marc. 1:8;

Luc. Ev. 1:15, 41, 67; 2:25; 3:16; 4:1; 11:13; At. 1:2, 5; 2:4; 4:8, 25; 7:55; 8:15, 17, 19; 9:17; 10:38; 11:16, 24; 13:9, 52; 19:2 (2 vezes);

João, 20:22.

3 - *tò hágion pneuma* = o santo Espírito (inversão):

Mat. 28:19, num versículo indiscutivelmente apócrifo;

Luc. Ev. 12:10, 12; At. 1:8; 2:38; 4:31; 9:31; 10:45; 13:4; 16:6.

E em todo o resto do Novo Testamento, só aparece essa inversão uma vez mais, em Paulo (1.^a Cor. 6:19), onde, assim mesmo, alguns códices trazem a ordem comum.

Para completar o estudo da palavra *pneuma* nos Evangelhos, mesmo sem acompanhamento do adjetivo *hágion*, damos mais os seguintes passos.

4 - *tò pneuma* = o espírito:

Mat. 4:1; 10:20; 12:18, 31;

Marc. 1:10, 12;

Luc. Ev. 2:27; 4:14; At. 2:17, 18; 6:10; 8:18, 29; 10:19; 11:12, 28; 16:7; 20:22; 21:4;

João, 1:32, 33; 3:6, 8, 34; 6:63; 7:39; 14:17; 15:26; 16:13.

5 - *pneuma* (indefinido, sem artigo) = um espírito:

Mat. 3:16; 12:28; 22:43;

Luc. Ev. 1:17; 4:18; At. 6:3; 8:39; 23:89;

João, 3:5, 6; 4:23, 24; 6:63; 7:39.

Resumindo:

	Mat.	Marc.	Luc.		João	totais
	Ev.	Ev.	Ev.	At.	Ev.	
1. <i>tò pneuma tò hágion</i>	1	3	2	15		21
2. <i>pneuma hágion</i>	3	1	7	17	1	29
3. <i>tò hágion pneuma</i>			2	7		9
4. <i>tò pneuma</i>	4	2	2	11	10	29
5. <i>pneuma</i>	3		2	4	6	15
totais	11	6	15	54	17	103

* * *

O evangelista resume, neste trecho, uma série de ensinamentos, de que só escreveu o esquema mas como sempre em linguagem comum, embora deixando claro indícios para os que possuíssem a “chave” poderem descobrir outras interpretações da orientação dada pelo Mestre.

No atual estágio da humanidade, conseguimos descobrir pelo menos três interpretações, senão a primeira a exotérica que vimos acima.

A segunda interpretação que percebemos refere-se às orientações deixadas em particular aos discípulos da Escola Iniciática “Assembléia do Caminho”. E, antes de prosseguir, desejamos citar uma frase de Monsenhor Pirot (o. c. vol. 10, pág 158). Ainda que católico, parece inconscientemente concordar com a nossa tese (vol. 4) e escreve: “Seus discípulos teriam podido ser tentados a organizar círculos fechados, só comunicando a alguns apenas a plena iniciação que tinham recebido”.

A contradição flagrante do início do trecho demonstra à evidência que algo de oculto existe nas palavras escritas. Com efeito, é dito que “se supercongregavam (epi + syn + ágô) dezenas de milhares de povo”, a ponto de “se pisarem mutuamente, uns por cima dos outros” e, no entanto acrescenta que “falou a seus discípulos” apenas! Como? Difícil de entender, se não lermos nas entrelinhas a realidade, de que modo falou apenas a alguns, no meio de uma multidão.

No âmbito fechado da Escola Iniciática é compreensível. Às instruções que dava o Mestre aos discípulos encarnados, compareciam também os discípulos desencarnados, que se preparavam para reencarnar, a fim de, nos próximos decênios, continuar a obra dos Evangelizadores de então. O que o evangelista notou é que esses espíritos desencarnados compareciam “as dezenas de milhares” (cálculo estimativo, pela aparência, já que é bem difícil aos encarnados, mesmo videntes, contar o número de desencarnados que se apresentam em bloco numa reunião). Sendo desencarnado, eram visto, juntos (syn), uns como que “por cima” dos outros (epi). pisando-se (literalmente katapatéô é “pisar em cima”) ou seja, uns espíritos mais no alto outros mais em baixo. Compreendendo assim, fica clara a descrição e verdadeira.

Seguem se as instruções dadas aos iniciados:

- 1) *Precisam. primeiro que tudo (prôton) tomar cuidado com o fermento que é a hipocrisia do tipo dos fariseus, e que, mesmo iniciando-se pequenina, cresce assustadoramente com o decorrer do tempo. Em outras palavras, eles mesmos devem ser verdadeiros, demonstrando o que são; e não apresentar-se falsamente com um adiantamento espiritual que não possuem ainda. Sinceridade, sem deixar que os faça inchar um convencimento irreal. Honestidade consigo mesmo e com os outros, analisando-se para se não ficarem supondo mais do que são na realidade. Naturalidade, não agindo de um modo quando sós e de outro quando observados.*
- 2) *A segunda instrução refere-se aos ensinamentos propriamente ditos. Da mesma forma que não adianta exteriorizar algo que não exista na realidade íntima, porque tudo virá à tona cedo ou tarde, desmascarando o hipócrita, o mentiroso, assim também de nada valerá querer manter segredos - quando o tempo for chegado - os ensinamentos iniciáticos que ali estão sendo dados. Haverá gente que se arvorará em "dono" do ensino do Cristo, interpretando-o somente à letra e combaterá, perseguindo abertamente ou por portas travessas, os que buscam revelar a Verdade desses ensinamentos. Nada disso terá resultado. A Verdade surgirá por si mesma, tudo o que estiver oculto será revelado, às vezes pelas pessoas menos credenciadas, e todos, com o tempo terão acesso à verdadeira interpretação. O que está dito "na adega" (en tois tamieíois), será apregoado por cima dos tetos; tudo o que foi ensinado nas trevas, será ouvido na luz plena da Imprensa. Preparem-se, pois, porque os que se supõem "donos" do assunto, encarnados ou desencarnados, se levantarão dispostos a destruir as revelações. Não haja susto, nem medo, porque não os atingirão.*
- 3) *Sobre isso versa a terceira instrução, esclarecendo perfeitamente que o **HOMEM NÃO É SEU CORPO**. Por isso, podem os perseguidores da Verdade lançar nas masmorras, torturar, queimar e assassinar nas fogueiras das inquisições os corpos de todos eles: a Verdade permanecerá de pé, íntegra inatingível e indestrutível. "Eles" matam apenas os corpos e nada mais podem fazer, embora se arvorem o poder que eles mesmos se atribuem ridiculamente de condenar ao inferno eterno. Mas isso é apenas vaidade e convencimento tolos e vazios. São palavras sem fundamento real.*

E o Mestre, o Hierofante e Rei, Sumo Sacerdote da "Assembléia do Caminho", assume o tom carinhoso para falar "a seus amigos", e diz que só há um que deve ser temido: aquele que tem o poder real de lançar a criatura na "geena" deste vale de lágrimas, em novas encarnações compulsórias. E o único que possui essa capacidade é o Eu Profundo, o Cristo Interno que, ao verificar que não progredimos como devêramos, nos mergulha de novo neste "vale dos gemidos", em nova encarnação de aprendizado.

Porque tudo o que geralmente chamamos "resgate" é, na realidade, nova tentativa de aprendizado, embora doloroso. O Espírito que erra numa vida, em triste experiência, por sair do rumo, e comete desatinos, voltará mais outra ou outras vezes para repetir a mesma experiência em que fracassou, a ver se aprende a evitá-la e se resolve a comportar-se corretamente, reiniciando a caminhada no rumo certo. Se alguém comete injustiças ou crueldades que prejudiquem aos outros, voltará na vida seguinte à "geena" para assimilar a lição de experimentar em si mesmo o que fez a outrem. Verá quanto dói em si mesmo o que fez os outros sofrerem. Mas isso não é castigo, nem mesmo, sob certos aspectos é resgate: trata-se de APRENDIZADO, de experiências práticas, único modo de que a Vida dispõe para ensinar: a própria vida. A esse Eu Profundo, Cristo-em-nós, devemos temer. É nosso Mestre - nosso "único Mestre (Mat. 23:10) - e Mestre severo que nos ensina de fato, cumprindo Sua tarefa à risca, sem aceitar "pistolões". E, para não incorrer em sua justa e inflexível atuação, temos que ouvir-Lhe as intuições, com a certeza absoluta de que Ele está vigilante a cada minuto segundo, plenamente desperto, sem distrações nem enganar, e permanece ativo em cada célula, em cada fio de cabelo.

- 4) *Por que temer, então, os perseguidores das personagens transitórias, que nascem já destinadas a desaparecer, que se materializam somente durante mínima fração de tempo, para logo se desmaterializarem? Cada fio de cabelo está contado e numerado (êríthmêntai) por esse mesmo Cristo que está em nós, em cada célula, em cada cabelo, em cada passarinho, por menor e mais comum que seja, em cada inseto, em cada micróbio: em tudo. Se a Divindade que está EM TUDO e EM TODOS cuida das coisas minúsculas e sem importância (cinco são vendidos por dois vinténs) como*

não cuidará de nós, SEUS AMIGOS, já muito mais evoluídos e com o psiquismo desenvolvido, com o Espírito apto a reconhecê-Lo?

- 5) Depois dessa lição magnífica, passa o evangelista a resumir outro ensino, no qual tornamos a encontrar o mesmo verbo homologado que interpretamos como "sintonizar". Aqui também cabe esse mesmo sentido. Todo aquele que, em seu curso de iniciação, tiver conseguido sintonizar com o Cristo Interno ("comigo") durante a encarnação terrena ("perante os homens"), esse terá confirmada, quando atingir o grau de liberto das encarnações humanas a sintonia de Filho do Homem "entre os Espíritos de Luz", já divinizados, que se tornaram Anjos ou Mensageiros de Deus.

Mas se não conseguiu essa sintonia, negando o Cristo e ligando-se à matéria (Anti-Sistema) "será renegado" pelos Espíritos Puros, e terá que reencarnar: não alcançou a sintonia, a frequência vibratória da libertação definitiva. Em sua volta à carne, continuará o trabalho de aprendizado e treinamento iniciático, até que chegue a esse ápice, que é a meta de todos nós.

- 6) A instrução seguinte é o resumo do que já foi exposto em Mateus e Marcos, com o mesmo sentido. Mas Lucas, nesta esquematização, abreviou demais a lição. Felizmente as anotações dos dois outros discípulos nos permitem penetrar bem nitidamente o pensamento do Mestre.
- 7) A última instrução deste trecho é uma garantia a todos os discípulos que se iniciaram na Escola de Jesus. As perseguições virão. Os interrogatórios serão realizados com incrível abuso de poder e falsidade cruel e ironia sarcástica, por indivíduos que revelam possuir cérebros cristalizados em carapaças de fanatismo. Não importa. O Espírito será iluminado pelo Cristo Interno, e as respostas, embora não aceitas, virão à luz, para exemplo e lição.

*

* *

Mas percebemos terceira interpretação: O Cristo Interno, Eu Profundo, dirige-se ao Espírito da própria criatura e à personagem.

Sendo a personagem, de fato, constituída de trilhões de células, cada qual com sua mente, não há exagero nem hipérbole na anotação de Lucas. São mesmo "dezenas de milhares de multidão que se aglomeram, pisando umas sobre as outras". Não obstante, o Cristo se dirige às mais evoluídas, capazes de entendimento por terem o psiquismo totalmente desenvolvido: o intelecto, que é o "parlamento representativo" das mentes de todas as células e órgãos.

Resumamos a série de avisos e instruções dadas em relação aos seis principais planos de consciência da personagem encarnada, através do intelecto, que é onde funciona a "consciência atual". Recomendamos que:

1.º - não assumo, no físico as atitudes falsas da hipocrisia farisaica, de piedade inexistente, de sorrisos que disfarçam esgares de raiva;

2.º - quanto às sensações do duplo, não adiantará escondê-las: serão reveladas: e as palavras faladas em segredo serão ouvidas, e as sensações furtadas às escondidas no escuro, virão à luz: tudo o que fazemos, fica registrado no plano astral;

3.º - quanto às emoções do astral, lembre-se de que constitui o astral das células e órgãos um grupo "amigo", pois durante milênios acompanham a evolução da criatura. Mas que não se emocione no caso de alguém fazer-lhe perder o físico através da morte, porque não será destruído o astral. Devem temer-se as coisas que coagem a novamente lançá-lo na "geena", no sofrimento das encarnações dolorosas: os vícios, os gozos infrenes, os desejos incontrolados, as ambições desmedidas, a sede de prazeres, os frêmitos de raiva. No entanto, apesar de tudo, o Eu Profundo controla tudo, até os fios de cabelo, e portanto ajudará a recuperação total, não abandonando ninguém;

4.º - o próprio intelecto deve buscar arduamente a sintonia com Ele, o Cristo, a fim de que receba a indispensável elevação ao plano mental abstrato, e não permaneça mais preso ao plano astral animal. Mas se não for conseguida a sintonia, porque negou o Cristo Interno, ficará preso à parte inferior da animalidade, e permanecerá renegado diante da Mente, mensageira divina;

5.º - o Espírito individualizado não se importe com os ensinados errados que forem dados contra as criaturas humanas, contra os homens: mas que jamais se rebele nem blasfeme contra o Espírito, já puro e perfeito, porque o que Ele faz, mesmo as dores, está sempre certo;

6.º - a Mente não se amedronte, quando convocada a responder perante autoridades perseguidoras: o Espírito puro do Cristo Interno jamais a abandonará, e na hora do perigo lhe inspirará tudo o que deve transmitir como defesa e resposta às inquirições.

Outras interpretações devem existir, mas não as alcançamos ainda. O fato, porém, é que essas já são suficientes como normas de vida e de comportamento para todos aqueles que desejam penetrar no caminho e segui-lo até o fim.

A AVAREZA EGOÍSTA

Luc. 12-13-21

13. Disse-lhe alguém da multidão: "Mestre, dize a meu irmão que divida comigo a herança".
14. Mas ele disse-lhe: "Homem, quem me constituiu árbitro ou partidador entre vós"?
15. E disse a eles: "Olhai e precatai-vos contra todo o supérfluo, porque a vida dele não está no superabundar de algo que esteja à sua disposição".
16. Então lhes narrou uma parábola, dizendo: "De certo homem rico, a terra era fértil,
17. e ele raciocinava consigo dizendo: que farei, pois não tenha onde recolher meus frutos?
18. E disse: Farei isto: derrubarei meus celeiros e construirei maiores, e aí guardarei toda a colheita e meus bens.
19. E direi à minha alma: Alma, tens muitos bens em depósito para muitos anos: repousa, come, bebe, alegra-te.
20. Mas Deus disse-lhe: "Insensato, esta noite te pedirão de volta tua alma; e as coisas que preparaste, para quem serão?"
21. Assim é o que entesoura para si, não enriquecendo para com Deus".

Lemos aqui uma parábola, provoca da pelo pedido feito a Jesus por "alguém" da multidão. Baseando-se na autoridade moral e na sabedoria de Jesus, solicita-Lhe que intervenha junto ao irmão do suplicante a fim de que haja divisão da herança. A lei judaica atribuía ao primogênito dois terços da herança (Deut. 21:17), sendo o terço restante dividido entre os outros filhos.

O homem dirige-se ao Mestre (no sentido de "professor: *didáskale*): é tudo o que sabemos. Não adianta especular maiores particularidades, pois o caso parece ser citado apenas como provocador do ensino que o evangelista julgou digno de registro.

Começa o Mestre por colocar um princípio de direito; não possui oficialmente credenciais para proferir sentenças decisórias de litígios de herança. Ensina-nos, assim, a não envolver-nos em questões materiais alheias, a não ser que ocupemos cargos específicos de juiz ou partidador (funcionário da Justiça encarregado de calcular ou executar as partilhas de uma herança).

As palavras conservadas nas anotações de Lucas são de clareza absoluta e constituem lição primorosa. Depois da negativa de intrometer-se em problema que Lhe não diz respeito, fala "a eles" (*prós autoús*), deixando supor que o irmão acusado estava presente, pois os conselhos a respeito da avareza egoísta destinam-se a ambos, mas com mais precisão ao que lesou o queixoso, embora as palavras em si sejam dirigidas ao irmão impetrante: "olhai e precatai-vos contra todo o supérfluo (*pleonexia*), porque a vida dele (do usurpador não está no superabundar de algo que esteja à sua disposição". Em outras palavras: não é o fato de possuir muito, que o fará viver mais (cfr. Luc. 12:25).

Depois, para não dizer frontalmente que ele pode morrer e deixar tudo, antes mesmo de gozar a herança, tem o Mestre a delicadeza de transformar a lição numa parábola, introduzindo uma personagem estranha, que ficou na abundância de bens, mas que teve repentinamente que largar tudo na própria terra donde lhe proviera a riqueza.

A conclusão é aplicação prática do "não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem consomem e onde os ladrões penetram e roubam, mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem, à psychê, isto é, ao astral (emoções) pelo intelecto personalístico.

A lição que aprendemos está exposta com clareza meridiana e serve para todos os planos: qualquer apego às coisas materiais com uso exclusivo da própria pessoa, não consegue trazer vantagens ao plano do Espírito. E isso, não apenas no nível mais elevado do Espírito, mas nem sequer ao mais baixo, do duplo etérico.

* * *

Quando afirmamos (vol. 4) que os Evangelhos fazem clara distinção das sete divisões no homem (três superiores da individualidade e quatro inferiores da personagem encarnada) não estávamos enganados, embora tivéssemos afirmado coisa inteiramente nova e original. Aqui encontramos inesperadamente plena confirmação, de precisão filosófica e linguística, em palavras que o evangelista atribui a Jesus. Salienta que de nada adianta, para a evolução, qualquer satisfação dada à personagem encarnada, e isso é feito com quatro verbos, na ordem exata do menos ao mais:

1.º - REPOUSA (anapaúou) que exprime o desejo da preguiça, que deixa imóveis os corpos densos de todo o soma, referindo-se ao corpo físico;

2.º - COME (pháge) dirigindo-se às sensações, que se comprazem, sobretudo, no bem-estar da fartura alimentar, na gula, que locupleta e leva ao sono;

3.º - BEBE (píe) que diz respeito às emoções, excitadas e descontroladas pelo álcool, referindo-se ao corpo astral;

4.º - ALEGRA-TE (euphraínou, derivado de phrên, intelecto) que fala da alegria despreocupada de quem não pensa em nada sério, mas vive a gargalhar de piadas e anedotas vulgares.

Essas quatro operações da personagem são citadas como ordens dadas à psyché, isto é, ao astral (emoções) pelo intelecto personalístico.

E a observação do Eu Profundo é iniciada com o vocativo que se dirige exatamente ao intelecto, acusando-o de "falta de senso", áphrôn (também derivado de phrên) isto é "insensato" ou "demente".

A conclusão da parábola é uma comparação entre a personagem terrena e a Individualidade espiritual: as maiores surpresas estão reservadas àqueles que entesouram para a personagem, não enriquecendo (ploutôn, participio presente) para o Espírito.

De toda a oposição do ensino transparece, pelo final, que o mal não consiste em enriquecer, mas em entesourar, isto é, guardar a riqueza improdutiva, sem que faça a prosperidade da comunidade em que vive; o mal reside em não produzir, em guardar nas arcas egoisticamente, reservando para si, sem trazer benefícios à sociedade.

O aviso não ataca propriamente a riqueza em si, mas a avareza e a ambição egoística. Também não condena a posse do que é necessário à vida na terra, mas sim do que é supérfluo (pleonexía). A criatura pode e deve, se tem capacidade, fazer multiplicar sua fortuna, desde que dela faça partícipe uma parte da humanidade, com indústria, comércio, agricultura, arquitetura, etc., produzindo bens e dando sustento ao maior número de famílias, através de salários condignos de seus empregados ou operários. O mal é entesourar as riquezas em museus e fechar as bibliotecas à consulta pública, mas jamais construir uma fábrica que beneficie a população, assim como, na parte intelectual, é saber egoisticamente, sem ensinar e publicar o que se sabe.

No decurso da história humana, se encontramos ascetas e místicos que nada possuem de seu, não conhecemos nenhum iniciado que viva só para si: de modo geral sabem agir de modo a progredir para ajudar sempre seus semelhantes, da maneira que mais se adapte ao tipo de seu "raio" (1).

(1) Só a título de exemplo: Salomão (1.º), Pitágoras (2.º), Platão (3.º), Da Vinci (4.º), Roger Bacon (5.º), João Evangelista (6.º), Máximo de Éfeso (7.º). Nunca se ouviu falar que qualquer deles "passasse privações" por falta de dinheiro, que eles sempre utilizaram em benefício da humanidade, cada um dentro das características de seu "raio".

"METANÓIA"**Luc. 13:1-5**

- 1. Vieram alguns, nessa mesma ocasião, anunciando-lhe a respeito dos galileus, cujo sangue Pilatos misturou com o dos holocaustos deles.**
- 2. E respondendo, disse-lhes Jesus: "Imaginais que esses galileus se tornaram mais culpados, em comparação com todos os galileus, porque sofreram essas coisas?"**
- 3. Não, digo-vos; mas se não mudardes vossa mente, perecereis todos de igual modo.**
- 4. Ou esses dezoito, sobre os quais caiu a torre em Siloé, pensais que eles se tornaram mais devedores, em comparação com todos os homens habitantes em Jerusalém?"**
- 5. Não, digo-vos; mas se não mudardes vossa mente, perecereis todos do mesmo modo".**

Neste trecho, a lição é dada aproveitando-se o Mestre de dois episódios recentes, ocorridos em Jerusalém, embora nenhum dos dois tenha sido registrado na história. Realmente constituem fatos que, apesar de causa, em impacto nos circunstantes, não possuem em si mesmos amplitude capaz de repercutir no âmbito de uma nação.

A morte dos galileus (quantos? talvez dois ...) provocada pela pregação da rebelião contra o domínio romano, era coisa quase comum. Também a crucificação de Jesus (mais um galileu!) não foi registrada pelos historiadores (um fato banal na vida cotidiana), sendo-o a de João Batista (Flávio Josefo, *Ant. Jud.* 18, 5, 2) por motivos políticos. Segundo esse autor, os galileus eram agitados (*Ant. Jud.* 17, 9, 3) e o então governador da Galiléia, Pôncio Pilatos, tinha a mão pesada (*Ant. Jud.* 18, 3, 2).

Também a torre, isto é, algum torreão da muralha de Jerusalém. na região que ficava perto da piscina de Siloé, e que - talvez enfraquecida e carcomida em seus alicerces pelas águas do rio Gihon, subterrâneo, que lhe passava por baixo e não podia deixar de ter ação erosiva - ruína, soterrando dezoito moradores sob seus escombros. Fato sem gravidade suficiente para ser catalogado na história de um povo.

Tal como no capítulo anterior, também aqui os fatos são citados apenas como justificativa dos ensinamentos, julgados dignos de registro; e o fundamento do ensino é duplo:

- 1) as catástrofes e calamidades não atingem somente os culpados, nem mesmo os mais culpados;
- 2) todos os culpados sofrerão as consequências de seus erros.

Há, pois, duas conclusões a tirar desses ensinamentos:

1.^a - Sendo as catástrofes e cataclismos da natureza efeitos de causas físicas, nem sempre é possível evitar que atinjam, juntamente com os culpados, outros que o não sejam, ou que o sejam menos. Mesmo porque o sofrimento e a dor não são apenas resgate: são também estímulos evolutivos. Aliás, já vimos que "resgate", propriamente, não existe, mas apenas aprendizado e experiência (cfr. Jó, 4:7).

2.^a - Como consequência dessa primeira conclusão, verificamos que, obviamente, todos os errados receberão oportunidades de correção e aprendizado, como condição de progresso. A alternativa é dada com clareza e reforçada repetição das mesmas palavras, após dois exemplos distintos:

- a) ou o errado "muda sua mente" (*eàn mê metanoête*), isto é, opera a metánoia, passando a vibrar em tônica mais elevada e portanto corrigindo-se a si mesmo e aprendendo espontaneamente; ou

- b) será constringido pela Lei a fazê-lo, embora contra sua vontade: "se não modificardes vossa mente, perecereis todos de igual modo", isto é, violentamente.

O aviso realizou-se realmente no ano 70, com a destruição de Jerusalém por Tito, que assassinou com violência praticamente todos os habitantes de Jerusalém.

Para um Mestre verdadeiro, qualquer episódio torna-se fundamento para uma lição.

No campo iniciático, vemos a necessidade absoluta de dar o terceiro passo (metánoia) para que possa iniciar-se a libertação progressiva dos carmas negativos.

Interessante anotar o número dezoito. Voltaremos a ele em breve.

A lição expõe, portanto, a inevitabilidade da lei de causa e efeito, em seus fundamentos e particularidades.

PRODUZIR FRUTOS

Luc. 13:6-9

6. **Dizia então esta parábola: "Alguém tinha uma figueira plantada em sua vinha e veio procurando fruto nela, e não achou.**
7. **Disse, então, ao viticultor: há três anos venho procurando fruto nesta figueira e não acho; corta-a, pois. Para que deixar inativa a terra?**
8. **Respondendo, disse-lhe ele: Senhor, deixa-a ainda este ano, até que eu cave em torno dela e ponha adubo, e certamente dará fruto no futuro; mas se não, cortá-la-ás".**

Logo a seguir dos exemplos e do apelo para a "mudança da mente", é narrada uma parábola que sublinha o ensino, fazendo ver não apenas a necessidade de fazê-lo, produzindo bons frutos, como a urgência de ser tomada essa atitude.

Na Palestina era comum plantarem-se outras árvores nos vinhedos, a fim de bem aproveitar o terreno, fazendo-o produzir o máximo. Daí a frase que afirma estar a figueira "tornando inútil o terreno" (*ka-targeín*). O viticultor pede um prazo de mais um ano, para tentar levá-la a produzir. Talvez se tratasse de uma figueira silvestre, na qual as flores não chegam ao amadurecimento, caindo todas (não esqueçamos que o figo não é uma fruta, mas uma "flor inclusa", isto é, fechada em si mesma). O prazo é concedido, mas com a ressalva de que é a última oportunidade.

A parábola é atribuída, pelos exegetas, aos judeus, sendo Deus o senhor da vinha, Jesus o viticultor. Por solicitação deste, foi concedido um adiamento do corte, e ele próprio desceu à Terra para ajudar a figueira. Mas, nada tendo conseguido, deu-se o corte no ano 70, com a grande matança do povo israelita e a destruição de Jerusalém.

Mas há outras lições importantíssimas, nessa pequena parábola.

A - No campo humano - Três períodos foram aguardados, para que a criatura modificasse sua mente e produzisse frutos. Após essas três oportunidades (reencarnações) o "mentor" solicita para seu tutelado mais um ensejo, em que lhe proporcionará todos os cuidados: ambiente de nascimento ou de frequência posterior, amizades boas e cultas, círculo de espiritualistas em seu redor, às vezes uniões sentimentais com pessoas de elevada espiritualidade e bondade, filhos evoluídos, meios de estudo e progresso, etc., representando o "adubo" da parábola. Se nada for conseguido, terá que voltar a Terra por sua conta e risco, porque o crédito conseguido terminou.

B - No campo evolutivo - podemos considerar o quarto ano, como uma descida na matéria (crucificação no corpo físico), já que a mudança da mente não está sendo conseguida.

C - No campo iniciático - pode esperar-se por três períodos, no máximo concedendo mais um, ao candidato que não conseguiu a metánoia. Se depois disso nada for obtido, deve seguir-se o convite para sair da Escola. Nesse adiamento, serão redobrados os esforços do Mestre, para ver se consegue o avanço do iniciando.

D - No campo do ocultismo - Alerta-nos esse jogo de três anos mais um (= quatro) para aprofundar o sentido oculto. Entre os arcanos (cfr. Serge Marcotoune, "La science secrete des Initiés", Paris, 1928), o QUATRO pode exprimir: no plano divino, o "Formador", isto é, o Demiurgo, que é representado exatamente pelo viticultor, que se propõe formar os mundos humanos e elevá-los gradativamente a níveis superiores, embora encontre humanidades rebeldes e improdutivas. Se nada obtiver no número previsto de períodos (três, número perfeito), pode conceder a essa humanidade um adiamento, envi-

ando-lhe mais profetas e avatares. Nada obtendo, a humanidade será ou destruída ou transferida para outro planeta mais atrasado. No plano humano, o arcano QUATRO exprime "o que é recebido", ou "o resultado das receptividades e da atividade que se manifestaram no terceiro plano". Precisamente o que é narrado na parábola: os três primeiros "anos" de atividade não tendo chegado a um resultado satisfatório, no quarto deve apurar-se o tratamento, para ver se se consegue algum fruto. No plano da natureza, o arcano QUATRO exprime a objetivação concreta de toda formação ou fecundação: só no quarto ano se poderá verificar se realmente virão os frutos palpáveis da fecundação, produzida nos três primeiros anos.

E - No plano da magia (e é a primeira vez que tratamos desse plano nesta obra. Mas a referência à magia é tão clara, que não podemos calar). Conhecemos, na magia, a chamada RODA MÁGICA, constituída de quatro momentos, que assim se resumem:

1.º momento - STA ("pára"), que exprime a vontade planificada do operador;

2.º momento - COÁGULA ("materializa") que se refere ao "terreno" astral-nervoso, onde se pretende operar;

3.º momento - SOLVE ("solta"), que revela a ação do operador no "terreno", realizando o trabalho e "soltando" livremente sua ação ativa, sobre o terreno passivo;

4.º momento - MULTIPLICA ("multiplica") que nos apresenta a materialização ou mesmo a realização e o resultado prático de toda a operação.

O momento mais difícil de vencer é exatamente o 3.º, como nos diz a parábola: no terceiro ano o dono da vinha já quer agir desfazendo a operação que ainda permanece infrutífera. O perigo do 3.º momento situa-se no livre-arbítrio das criaturas, onde pode esbarrar e esboroar-se toda a ação, ou na resistência passiva de outros seres vivos, que não reagem à altura (a figueira). Vencido o 3.º momento, o quarto será bem sucedido. Na parábola verifica-se, precisamente a "roda" emperrar por falta de correspondência da criatura.

Para obter êxito, é mister conhecer certos segredos dessa RODA. Em primeiro lugar, precisa-se fixar bem o eixo onde vai girar a roda: que o faça sem distorções nem perigo de paralisação; depois, indispensável calcular com o máximo cuidado a igualdade e proporção dos raios da roda: se um deles for mais fraco, ou vier a enfraquecer-se, poderá romper-se a roda; se houver cálculos errados, a roda pode assumir um movimento inverso, que atingirá e destruirá o operador (choque de retorno).

A fim de esclarecer bem o que desejamos expor, vamos dar um exemplo bem material do funcionamento dessa roda, deixando aos leitores sua aplicação nos planos espirituais. Suponhamos um capitalista (operador) que deseje criar uma indústria: é o primeiro raio da roda (STA). O segundo é constituído pelo consumidor (COÁGULA), que é o "terreno" onde os produtos vão ser lançados. O terceiro raio é o derrame da produção (SOLVE), que será ou não, aceito pelo consumidor (aí reside o perigo). O quarto é, então, o resultado dessa operação (MULTIPLICA), com a multiplicação dos lucros. Ora, o operador terá que estudar se tem capital (capacidade financeira) e qualidades (capacidade técnica) para lançar o produto: está medindo o comprimento do 1.º raio da roda. Depois terá que pesquisar as necessidades dos consumidores e sua capacidade aquisitiva. Em terceiro lugar terá que lançar o produto com publicidade eficiente, para tornar seu produto conhecido. Se tudo foi bem planejado e calculado, o quarto raio obterá o êxito desejado e a roda prosseguirá girando sem emperamentos em seu eixo, trazendo prosperidade (bons frutos) ao operador.

Mas se um dos raios da roda estiver falho (capital e de entusiasmo, incapacidade aquisitiva do consumidor do produto, publicidade inadequada, etc.), a roda assumirá o movimento contrário, e o industrial irá à falência (choque de retorno, porque moveu com forças que depois não pode controlar).

No caso da parábola, verificamos que justamente o terceiro raio não foi bem resolvido, por que a figueira não frutificou. E a causa podia ser o fato de não estar bem calculado o segundo raio: a figueira estava plantada num vinhedo, terreno errado; ou também a resistência passiva do consumidor (árvore) contra a ação do operador (viticultor). Este, todavia espera poder corrigir o defeito, (cavar em

redor e colocar adubo, isto é, fazer publicidade) para a plena realização do quarto raio da roda, obtendo assim a multiplicação dos frutos.

F - No campo simbólico abrem-se novos horizontes. Vimos já que a FIGUEIRA (vol. 1.º) exprime a "floração interna de qualidades morais e espirituais em si mesma" (a figueira não produz frutos, mas flores inclusas). A figueira, estando plantada num vinhedo, examinemos o simbolismo: a VINHA simboliza a sabedoria espiritual. Temos, então, simbolicamente, que a floração interna de qualidades morais e espirituais, embora plantada na sabedoria espiritual, não conseguiu atingir a maturação final, e a causa disso seria a falta de adubo específico. Vemos, aí, o caso de uma criatura virtuosa, com os conhecimentos indispensáveis, mas que não conseguiu a evolução própria, e isto porque se encontra na abundância material. O remédio proposto é "cavar em redor", isto é, cortar as amarras, os apegos, os liames emocionais, e "colocar adubo", ou seja, fazê-la viver entre os necessitados, pobres e mendigos, para que aprenda praticamente a doação de si mesma (frutificação). O adubo – os necessitados – embora atrasados espiritualmente ("mal-cheirosos") lhe fornecerão a seiva indispensável para ajudar-lhe a evolução. Quem desce aos necessitados para socorrê-los, apesar de Ter que suportar o "mau-cheiro" de seus defeitos, conseguirá, não obstante isso, ou talvez por causa disso, ganhar através deles mais espiritualidade e maior evolução.

Eis aí alguns dos pontos trazidos à nossa meditação por essa pequenina parábola. Muitos outros ainda poderão ser achados através da meditação.

G - No campo biológico, a VIDA INTELIGENTE, INFINITA E ETERNA, a que chamamos DEUS, permeia todas as coisas em todos os universos. Mas cada ser recebe essa VIDA em pequeno grau, segundo suas capacidades e possibilidades. À proporção que o ser sobe na escala evolutiva, aumenta o grau de VIDA de que participa: nos minerais, ela se manifesta nos vórtices atômicos (matéria densa); nos vegetais já conquista a sensibilidade, psiquismo rudimentar (duplo etérico); nos animais adquiriu a emotividade (emoções) com o psiquismo mais desenvolvido; nos hominiais, esse psiquismo mais se adianta, transformando-se em alma intelectualizada, tomando o nome de espírito.

Ora, quando o ser, em qualquer grau, não utiliza com proveito o grau de VIDA de que participa, o Eu Profundo ordena que se desligue esse ser da VIDA UNIVERSAL, a fim de que se consuma por si só, entregando os elementos que lhe servem ao acervo comum de seus planos respectivos, para que sejam aproveitados por outros seres, a fim de que evoluam com rapidez ("para que deixar inativa a terra", isto é, para que deixar os elementos inferiores estacionarem na evolução por deficiência de frutos?). subentra o apelo intercessório de amigos espirituais para que lhes seja permitido tentar, durante mais um período, ver se salvam esse ser, mediante estímulos externos, evitando-lhe a morte da alma (não do Espírito, do verdadeiro Eu Interno, que esse é eterno e jamais pode ser destruído, como centelha divina que é). O adiamento é concedido, porque a Misericórdia é ilimitada. A tentativa será feita, dependendo o êxito da reação do ser.

CURA DE UMA OBSIDIADA

Luc. 13:10-17

10. Estava (Jesus) ensinando numa das sinagogas, nos sábados,
11. e eis uma mulher tendo, havia dezoito anos, um espírito enfermo; e estava recurvada e não podia levantar a cabeça até o fim.
12. Vendo-a, Jesus chamou-a e disse-lhe: "Mulher, foste libertada de tua enfermidade".
13. E pôs as mãos sobre ela, e imediatamente levantou a cabeça e cria em Deus.
14. Respondendo, o chefe da sinagoga, indignado porque Jesus curava no sábado, dizia à multidão que "há seis dias nos quais se deve agir; nesses então vindo, curai-vos, e não no dia de sábado".
15. Respondeu-lhe, porém, o Senhor e disse: "Hipócritas, não solta cada um de vós, no sábado, seu boi ou seu jumento da manjedoura, levando-os a beber?"
16. E sendo filha de Abraão, esta que o antagonista incorporou há dezoito anos não devia ser solta dessa ligação no dia de sábado"?
17. Dizendo ele isto, envergonharam-se todos os seus opositores, e toda multidão se alegra de todas as coisas famosas feitas por ele.

Lemos aqui mais uma cura de certa mulher obsidiada. Jesus ainda fala, aos sábados, nas sinagogas dos judeus (embora seja esta a última vez que Lucas o assinala). Ao falar, num dos sábados, percebe na assistência uma criatura com um obsessor preso a ela, forçando-lhe a cabeça para baixo, porque ele mesmo era doente. O narrador não assinala nenhum pedido dela nem dos outros, mas talvez tenha havido uma intercessão no astral. Apiedado, Jesus chamou-a e anunciou-lhe a cura, efetuada ao aplicar-lhe um passe de descarga, com a imposição das mãos, cuja força magnética era extraordinária.

Sendo sábado, o chefe da sinagoga - zeloso observador da lei mosaica e das prescrições tradicionais dos fariseus - zanga-se, e dirige-se ao povo, parecendo temer falar diretamente àquele *Rabbi* poderoso. Não nega o fato: reconhece-o. Não o culpa, mas acusa os assistentes de "trazerem seus doentes justamente no sábado". E, para dar ênfase à sua reclamação, cita os termos da lei (Êx. 20:9): "Seis dias trabalharás" ... Pois que nesses dias tragam seus enfermos para serem curados.

O orador do dia retruca com a energia que lhe outorga sua autoridade, acusando os fariseus de "hipócritas", pois *soltam* jumentos e bois da manjedoura e os levam a beber, no sábado, e vêm protestar quando Ele *solta* da ligação de um espírito enfermo uma irmã de crença, filha de Abraão, como eles! O efeito da reprimenda causou mal-estar e vergonha aos fariseus, e produziu alegria ao povo, que se regozijou com a cura e com a resposta de Jesus.

* *
*
*

Há duas observações a fazer, ambas no campo do Espiritismo.

A primeira é o fato da obsessão, tão comum entre as criaturas, de qualquer raça ou credo. Dizem os exegetas que era "crença" dos judeus daquela época que algumas doenças fossem causadas por obsessores. Mas aqui é o evangelista que afirma categoricamente, com sua autoridade de médico diplomado, que a mulher NÃO ESTAVA enferma, mas que TINHA UM ESPÍRITO ENFERMO (*gynê pneuma êchousa astheneías*). E ao falar, o próprio Jesus confirmou o FATO não a suposta crença: "a qual o antagonista incorporou há dezoito anos" (*hên édêsen ho satanãs idou dêka kaí okto étê*). O verbo

édêsen, aoristo ativo de *édô*, tem o sentido de LIGAR, prender amarrando, agrilhando, vinculando, e uma boa tradução dele é "incorporou", que, na realidade, é uma ligação fluídica que prende a vítima. Não se trata de agrilhoar fisicamente, mas no plano astral: logo, é uma incorporação. Caso típico, estudado e explicado pelo Espiritismo e milhares de vezes atestado nas sessões mediúnicas.



Figura “A MULHER RECURVADA”

Observe-se, quanto à tradução, a diferença entre *desmós*, que é a ligação (de *édô*, ligar, amarrar) que tanto pode referir-se à matéria quanto ao astral, e *phylakês*, que é a cadeia, prisão material, entre quatro paredes (1).

(1) *Confrontem-se os passos: desmós: Marc. 7:35; Luc. 8:28; 13:165; Atos 16:26; 20:23; 23,29: 26:29; Philip, 1:7, 13, 14, 17; Col. 4:18; 2.ª Tim. 2:9; Phm. 10.13; Heb. 11:36 e Judas 6; e phylakês: Mat. 5:25; 14:3, 10; 18:30; Marc. 6:17, 27; Luc. 3:20; 12:58; 21:12; 23:19, 25; Jo. 3:24; At. 5:19,*

22, 25; 8:3; 12:4, 5, 10, 17; 16:2, 24, 27, 37, 40; 22:4; 26:10; 2.^a Cor. 6:5; 11:23; Heb. 11:36; 1.^a Pe. 3:19 e Ap. 2:10 e 20:7.

Na mediunidade dá-se, exatamente, a ligação fluídica, que amarra o espírito ao médium. A isso chamam "incorporação", embora o termo não exprima a realidade do fenômeno, pois o espírito não "entra no corpo" (*in - corpore*), mas apenas SE LIGA.

A segunda observação é quanto ao método da libertação, o "passe", ou "imposição das mãos". O verbo utilizado, *epitíthēmi* (também no aoristo ativo *epéthēken*) significa literalmente "colocar sobre", "pôr em cima". As anotações evangélicas não falam em "passe" no sentido de movimentar as mãos, mas sempre no de colocar as mãos sobre o enfermo (cfr. Mat. 9:18; 19:13, 15; Marc. 5:23; 6:5; 7:32; 8:23, 25; 16:18; Luc. 4:40; 13:13; At. 6:6; 8:17, 19; 9:12, 17; 13:3; 19:6; 28:8; 1.^a Tim. 5:22).

Esse derrame de magnetismo através das mãos serve para curar, para retirar obsessores, para infundir o espírito (fazer "incorporar") ou para conferir à criatura um grau iniciático que necessite de magnetismo superior do Mestre.

O passe foi utilizado abertamente por Jesus e Seus discípulos, conforme farta documentação em Evangelhos e Atos, embora não fossem diplomados por nenhuma faculdade de medicina (o único médico era Lucas). Hoje estariam todos condenados pelas sociedades que se dizem cristãs, mas não seguem o cristianismo. O próprio Jesus, hoje, teria que responder a processo por "exercício ilegal da medicina", acusado, julgado e talvez condenado pelos próprios "cristãos".

O passe com gestos e com imposição das mãos (embora só produzindo efeitos em casos raríssimos) continua a ser praticado abundante e continuamente, ainda que com outro nome, nas bênçãos de criaturas e de objetos, sendo o movimento executado em forma de cruz traçada no ar e em certos casos, colocando as mãos, logo a seguir, sobre o objeto que se abençoa.

A lição aqui ensinada é de interesse real. Além da parte referente ao Espiritismo, aprovado e justificado com o exemplo do Mestre em Seu modo de agir, encontramos outras observações.

Por exemplo, Lucas salienta que a ligação ou incorporação do obsessor enfermo durava havia dezoito anos, quando se deu o desligamento. Esse número dezoito aparece duas vezes neste capítulo, pois também oram dezoito as vítimas do desabamento da torre em Siloé. Façamos, pois, uma análise rápida do arcano DEZOITO, para depois tentar penetrar o sentido do ensino.

No plano divino, simboliza o abismo sem fundo do Infinito; no plano humano, denota o crepúsculo do espírito e suas últimas provações; no plano da natureza, exprime as forças ocultas hostis do Cosmo.

Baseando-nos nesses ensinamentos ocultistas, observamos que os números citados por Lucas têm sua razão de ser. As forças ocultas hostis da natureza (não personalizemos; são forças cegas, fundamentadas em leis científicas, que nada cogitam a respeito de carmas humanos, embora possam ser utilizadas pelos "Senhores do Carma", em ocasiões determinadas, para atingir objetivos desejados) agem de acordo com os impulsos das leis de atração e repulsão, de causa e efeito, de gravidade (centrípeta) e de expansão (centrífuga). No entanto, se seus resultados beneficiam (arcano 7), nós as denominamos "benéficas"; se nos causam prejuízo (arcano 18), as dizemos "hostis". Em si, porém, elas agem, essas forças da natureza material, sem ligação com as vidas dos homens. Daí a queda da torre de Siloé que, por terem sido esmagadas criaturas humanas, foram julgadas hostis, o que foi traduzido com o número dezoito.

No plano do homem, esse mesmo arcano simboliza "o crepúsculo do espírito e as últimas provações". Daí ser dito que a mulher obsidiada o estava havia dezoito anos, ou seja, finalizara sua provação. Este caso difere do da mulher que tinha o fluxo sanguíneo (Mat. 9:20-22; Marc. 5:25-34; Luc. 8:43-45; vol. 3) e que "se sacrificava" havia doze anos. Já aqui sabemos que existiu uma provação, ou seja, uma experiência que devia ser suportada, a fim de provocar uma melhoria. Como chegara ao fim o período probacional, e como a vítima estava totalmente resignada (tanto que não solicitou sua cura) o Mestre lhe anuncia que foi libertada, passando, a seguir, a desligá-la do obsessor. Ela não foi liberta-

da por causa dos passes, mas por causa do término da prova; os passes foram o meio de efetuar o desligamento já obtido antes, pela aprovação nos exames da dor. Por isso, a contradição aparente nos tempos de verbo: "foste libertada" ... é feita a imposição das mãos ... ela se cura.

Uma das lições a deduzir é que as "provações" constituem experimentações, uma espécie de "exames", para verificar o grau de adiantamento do espírito: se aprendeu a comportar-se nas lutas e tristezas, com a mesma força e equanimidade com que enfrenta os momentos de alegria e prazer. Vencida a prova, superado o exame, o espírito é libertado da prova: ascende mais um passo evolutivo.

Outro ponto a considerar é que a realização iniciática só se efetua na prática da vida. Simples e lógica a ciência, mas vale apenas na aplicação vivida do dia-a-dia. Só essa prática experimental transforma um profano num iniciado, e não o conhecimento teórico intelectual nem os títulos que ele ou outrem agreguem a si. Assim, uma experiência dolorosa e longa suportada com heroísmo é mais apta a elevar um espírito, que o simples estudo intelectual. Mas cada criatura recebe apenas o que está preparado a receber, segundo a idade de seu espírito e o estágio atingido em suas encarnações atual e anteriores.

Quando aquele que caminha pela via da iniciação atinge o arcano 18, é obrigado a enfrentar os "inimigos ocultos" que procuram levá-lo ao desespero. Trata-se de um ponto crucial da caminhada, que para ser vencido precisa da intervenção de seu mestre. Um exemplo disso é-nos dado com o "tarot" 18, que representa um iniciado a chegar ao cimo da montanha, descobrindo que esta se divide em duas, abrindo-se um abismo entre elas, cheio de monstros. Se ele se desespera, perde a caminhada. Se confia, descobre a realidade: tudo é ilusão dos sentidos. Neste ponto é que precisa ter a humildade suficiente para pedir ou pelo menos para aceitar a intervenção da misericórdia divina, tal como ocorreu com a "mulher curvada". A simples força do homem é insuficiente. E quando ele verifica isso, descobre a fragilidade de suas forças pessoais, tornando-se humilde. Quando, ao contrário, subentra nesse ponto a vaidade das posições adquiridas, dos títulos, do conhecimento intelectual, tudo se esboia e ele cai (arcano 16) constrangido pelo carma.

Torna-se indispensável, portanto, para vencer o arcano 18, que a criatura já se tenha desapegado de sua situação no mundo, de seu orgulho, de sua posição social, de seus títulos. Mas, se se dá a vitória, com a intervenção do Mestre, depois da provação do arcano 18 surge o Amor no arcano 19, como nova aurora, para ajudá-lo a transformar-se, e então a criatura "levanta a cabeça e crê em Deus", sua fé aumenta, solidifica-se sua confiança no poder Supremo, e reconhece que foi reintegrado em sua individualidade.

As palavras de Jesus, consideradas sob este prisma, adquirem novo significado: os homens que ainda se acreditam ser apenas o corpo, apegados ao animalismo, dão valor às datas (sábados) e à parte animal (jumento e boi), mas não conseguem vislumbrar a altitude que adquiriu o espírito que já se tornou "filho de Abraão", ou seja, que está ligado ao "Pai-Luz" (cfr. vol. 3) que deu origem. Embora o intelecto racionalista (os opositores) se houvesse envergonhado da interpretação involuída que havia dado, a "multidão" das células de todos os veículos se alegrou com a ação do Cristo Interno.

A imagem trazida com a "mulher recurvada" é maravilhosamente bem escolhida: é a criatura tão obediada por preconceitos que chega a andar curvada sob o peso dos preceitos e das exigências descabidas, que lhe são impostas pelos legistas. Há que libertar-se a humanidade desse peso inútil e prejudicial, adquirindo conhecimento que a coloque no nível de filhos de Deus, que só reconhecem o Espírito. "Ora, o Senhor é o Espírito, e onde há o Espírito do Senhor, aí há liberdade" (2 Cor. 3:17).

MOSTARDA E FERMENTO

Mat. 13:31-33

Marc. 4:30-32

Luc. 13:18-22

- | | | |
|---|---|---|
| <p>31. Outra parábola lhes transmitiu, dizendo: "O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, tomando o qual um homem plantou em seu campo.</p> <p>32. O qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, mas sempre que cresce é a maior das leguminosas e se torna árvore, de modo que as aves do céu também vêm nidificar em seus ramos".</p> <p>33. Outra parábola lhes falava: "O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha de trigo, até que fosse toda levedada".</p> | <p>30. E dizia: "A que assemelhamos o reino de Deus, ou com que o representaremos?"</p> <p>31. Como um grão de mostarda, o qual, sempre que se semeia na terra, sendo a menor de todas as sementes sobre a terra,</p> <p>32. e sempre que se planta, cresce e se torna a maior de todas as leguminosas, e faz ramos grandes, de forma que sob sua sombra podem as aves do céu nidificar".</p> | <p>18. Disse, então: "A que é semelhante o reino de Deus, e a que o compararei?"</p> <p>19. É semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e lançou em sua horta, e que cresceu e se tornou árvore; e as aves do céu nidificaram em seus ramos".</p> <p>20. E de novo disse: "A que comparei o reino de Deus?"</p> <p>21. É semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha de trigo, até que fosse toda levedada".</p> <p>22. E passava pelas cidades e aldeias, ensinando e jornadaando para Jerusalém.</p> |
|---|---|---|

Aqui encontramos duas parábolas, em Mateus e Lucas, e uma só em Marcos. Como o sentido de ambas é o mesmo, deixamo-las juntas.

Mateus relata simplesmente as historietas, ao passo que Lucas e Marcos as precedem de uma interrogação natural e espontânea, vívida e de grande efeito, como se o Mestre, cercado de Seus discípulos, os introduzisse em Seu próprio pensamento e lhes pedisse colaboração, para os exemplos a citar: a que compararemos o reino de Deus? Em Mateus, a expressão é substituída por "céus", já que a palavra sagrada não devia, entre os judeus, ser proferida "em vão", coisa que, para Lucas, pagão, e para Marcos, que escreveu entre os pagãos de Roma, não representava motivo de escúpulo.

Por falar em Marcos, observamos que seu estilo, nesta parábola, se revela confuso e infantil, como se escrito por incipiente aluno. Talvez dificuldade de manusear o grego, por parte de alguém que só manejava o aramaico. Mateus é o mais completo. E do ensino, Lucas registrou apenas o essencial à memória da lição.

A primeira parábola fala do grão de mostarda (*sínapis nigra*, L., da família das crucíferas), arbusto comum na Palestina, atingindo, na região lago de Tiberíades, até 3 ou 4 metros de altura. A semente é ansiosamente devorada sobretudo por pardais e pintassilgos.

A semente da mostarda é, realmente, minúscula, sendo imagem favorita dos rabinos, "pequeno como grão de mostarda" (cfr. Strack & Billerbeck, o. c. tomo 1 pág. 669). Foi novamente usada por Jesus: "se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda" (Mt. 17:20).

O verbo grego usado, *kataskênô* significa "fazer tabernáculo, campar em tenda" e, portanto, "fazer ninho, nidificar". Mas na maioria das traduções aparece "pousar" porque, no século 17, o jesuíta espanhol Maldonado atesta: *nam ego, qui magnas aliquando sinapis silvas vidi, insidentes saepe aves vidi, nidus non vidi* ("Commentarii in quatuor Evangelistas", pág. 279), isto é, "pois eu que já vi muitos bosques de mostardeiras, muitas vezes vi pássaros pousados, ninhos não vi". Isso bastou para que as traduções se modificassem ...

A interpretação comum é que o Mestre salienta que a vida espiritual, mesmo começando pequenina, cresce enormemente. Outros aplicam a parábola ao cristianismo, iniciado em pequeno grupo, mas que se expandirá por toda a Terra. Essa imagem já fora empregada por Ezequiel (17:23 e 31:6) e por Daniel (4:9). Mas Jerônimo (Patrol. Lat. vol. 26, col. 90) arrisca que a sementeira é feita na própria criatura, no coração, e quem semeia é a inteligência e a alma.

A segunda parábola é a da mulher que faz o pão, costume tradicional na 2 Palestina e nas aldeias pequenas, mesmo da Europa. Ela "esconde" o fermento na massa da farinha de trigo (*áleuron*) em quantidade pequena, mas isso basta para que a massa cresça até o dobro em sua quantidade (no campo, sendo maior a quantidade de fermento, a massa cresce até o triplo, mas o pão fica com gosto acre e mofa depressa).

As três medidas (*sáton*) correspondem à medida do módio (em hebraico *seah*, cfr. Flávio Josefo. *Ant. Jud.* 9, 4, 5) que tem, cada uma, 13, 131 lt.; o que, tomado ao pé da letra, parece exagero, pois daria para fazer mais de 250 bisnagas de pão, demais para uma família mesmo numerosa, sabendo-se que o pão era feito de duas a três vezes por semana. Mas essas três "medidas" podem significar apenas três "porções", sem rigor matemático, não exigido numa simples parábola.

Também aí Jerônimo (Patrol. Lat. vol. 26, col. 92) aventa hipóteses simbólicas: que as três medidas representam as três qualidades platônicas da alma, a racional (*logikós*), a irascível (*thymós*) e a concupiscível (*epithymós*); ou ainda, embora a classifique de *pius sensus*, a mistura da fé humana com as três manifestações da Trindade.

A interpretação profunda revela-nos que o "reino dos céus" ou "reino de Deus" não pode ser definido com palavras humanas. Daí só ter sido revelado pelo Cristo por meio de comparações e parábolas (cfr. vol. 3).

Aqui é dado, justamente, um complemento às parábolas que aí comentamos (Mat. 13:44-53). Foi dito lá que o reino dos céus era semelhante a um "tesouro oculto no campo", a "uma pérola" mergulhada no oceano, a uma "rede que apanha muitos peixes": localizava, então, o Encontro do "reino" no centro cardíaco. Mas talvez houvesse ainda algumas dúvidas por parte de alguns discípulos: esperavam algo grandioso, solene, imenso, que deslumbrasse logo no primeiro instante.

O Cristo parece encontrar dificuldade em traduzir, em palavras humanas, em conceitos intelectuais, a verdade profunda, em vista da pobreza do linguajar terreno, e da capacidade intelectual nossa. "A que poderemos comparar o reino céus"? E acaba descobrindo na semente minúscula da mostarda, um símile que pode dar vaga idéia da Mônada Divina, ultra-microscópica, infinitésima, invisível. E, no entanto, quando encontrada, agiganta-se de modo espetacular.

Assim o reino de Deus, o Cristo Interno, embora um átomo Espiritual, ao ser encontrado, dá a possibilidade de encontrar-se o infinito e o eterno, de mergulhar-se no inespacial e no atemporal. O ponto de partida pode ser o infinitamente pequeno, mas o ponto de chegada é o infinitamente grande.

A idéia do crescimento de algo pequeno, é trazida, também, com o fermento: o Encontro Sublime age na criatura como o fermento na massa de farinha de trigo, isto é, faz crescer espiritualmente de maneira inesperada.

Duas imagens diferentes, procurando explicar a mesma idéia básica. Nem atribuíamos ao Cristo a dificuldade a que acenamos acima: a dificuldade residia nos ouvintes. Figuremos um professor a querer explicar algo mais transcendental a uma criança: que dificuldade não teria em achar termos e

comparações que o intelecto infantil pudesse captar! Os próprios exemplos seriam aproximados, nunca perfeitos, porque a criança não entenderia.

Em ambas as parábolas, pormenores comuns ressaltam a justeza dos exemplos: a semente é enterrada no solo, o fermento escondido na massa. A semente é a menor antes de enterrada, mas depois de plantada, cresce; o fermento é pouco, mas depois de escondido, faz crescer: só a humildade, no mergulho interno, poderá obter o êxito desejado. Mas num e noutro caso, os "frutos" são espalhados por muitos: os grãos atraem os pássaros, os pães alimentam os homens. Assim os pensamentos, as vibrações, as palavras e obras dos que se uniram ao Cristo interno, sustentam e fazem crescer todos os que deles se aproximam.

No campo iniciático, a lição é dada aos estudantes com precisão maravilhosa. A jornada não é feita por meio de ações externas, mas com o início humilde dentro de si mesmo.

O reino dos céus - o grau de REI ou hierofante, o sétimo passo - não é o coroamento mundano de valores terrenos, mas o labor oculto ("enterrado, escondido") que é o único que pode garantir o crescimento certo e benéfico posterior.

Tudo isso faz-nos penetrar no sentido exato da Escola Iniciática "Assembléia do Caminho". Coloquemos a semente, embora pequena, e o fermento, embora pouco, no coração das criaturas, e aguardemos que cada um cresça por si; se o terreno for fértil, a semente se tornará árvore; se a massa for boa, levedará com o fermento, por si mesma. Saibamos agir, em nós e nos outros, com humildade: a ação divina fará por si, não nos preocupemos. Basta que lancemos as sementes e coloquemos o fermento: "eu plantei, Apolo regou, mas Deus fez crescer" (1.ª Cor. 3:6).

A SEMENTE

Marc. 4:26-29

- 26. E dizia: "Assim é o reino de Deus, como um homem (que) lança a semente na terra,**
- 27. e, durma ou desperte, de noite e de dia, a semente germina e cresce; como, ele não sabe.**
- 28. A terra frutifica automaticamente, primeiro a erva, depois a espiga, depois "trigo cheio na espiga.**
- 29. Cada vez que entrega o fruto, imediatamente envia a foice, porque chegou a colheita".**

Esta parábola é privativa de Marcos. Simples em suas palavras, mas profunda em seu sentido interno.

Compara o "reino de Deus" a um homem que lança a semente na terra e vai a seu afazeres. A semente germina, cresce e frutifica, porque a terra produz automaticamente (*automátê*). Madura a espiga, é só colhê-la. João Crisóstomo, Jerônimo e Beda, seguidos por Maldonado e Knabenbauer, julgam tratar-se de uma alegoria.

Mais um dos ensinamentos crísticos, referentes ao "reino de Deus", procurando dar, por meio de comparações, uma idéia de como cresce em nós a parte espiritual, e de como se desenvolvem os passos iniciáticos. Observemos os graus diversos do ensino.

O homem - qualquer que seja - lança a semente na terra, e tanto de dia quanto de noite, esteja ele dormindo ou acordado, o crescimento é silenciosa mas eficientemente realizado; como isso ocorre, ele não sabe. Imagem perfeita para demonstrar a incapacidade intelectual da criatura de penetrar os segredos da auto-realização, quanto a seu modus operandi.

O homem lança a semente, mas a maneira com que ela se desenvolve no interior de seu coração, isso ele ignora. O fato, entretanto, é que planta, e ela germina, cresce, floresce e frutifica. Por obra de quem? da terra que, automaticamente, a ajuda, ou seja, do átomo espiritual, da centelha divina, residente no coração do homem.

Os termos "entrega" (paradoí) o fruto e "envia" (apestéleí) a foice fazem-nos compreender que se trata de simbolismo. Acusam Marcos de exprimir-se mal em grego, e concordamos quanto à gramática. Mas, numa obra escriturística, não podemos admitir que as palavras sejam fruto de ignorância.

Se empregou karpophórei no versículo anterior, não saberia usar phérein kárpon, no seguinte, em lugar de paradídômi kárpon?

Quando encontramos expressões estranhas à razão, procuremos penetrar nas entrelinhas. O verbo paradídômi é termo técnico da transmissão de um ensinamento (cfr. vol. 4), de um "fruto" que amadureceu dentro da criatura.

Com isso, mais uma vez descobrimos o ensino profundo aqui oculto. O trabalho do "reino de Deus", isto é, da Centelha divina, se torna automático depois que o homem dá o primeiro passo, ou seja, que lança a semente na terra. O primeiro passo tem que ser da livre vontade do homem (4.º plano, liberdade, livre-arbítrio). O resto é consequência desse primeiro impulso. Vejamos como a descrição é perfeita em sua simplicidade resumida, confirmando-se sempre a mesma trajetória (cfr. vol. 4):

I - A semente (razão personalística, intelecto) é enterrada (mergulhada na individualidade) no coração: é o mergulho ou "batismo".

2 - A semente se desfaz, pela humildade, no seio da terra: a personagem se aniquila e morre ("se o grão não morrer" ... João, 12:24) reconhecendo a superioridade da individualidade à qual se entrega, confirmando seu desejo inicial: confirmação.

3 - Com esse ato voluntário de anulação de si ("negue-se a si mesmo") ocorre a germinação, isto é, o nascimento de outra criatura, do "homem novo": é a metánoia.

4 - Essa nova criatura, tenra e frágil, lentamente emerge, transformando-se na erva que reverdesce e tende a subir sempre em busca da luz, para, dentro de si mesma, transmudá-la, pela fotossíntese, na clorofila: é a eucaristia, alimento espiritual, ação de graças.

5 - Com a ação conjunta da terra, da água, do ar e do fogo (sol), e impulsionada pela força interior da vida divina, plasma-se a espiga, que reúne em si todos os elementos físicos e espirituais: é o matrimônio, união completa e perfeita e indissolúvel.

6 - A espiga se desenvolve, os grãos tornam-se grãos, crescidos de, amor, prontos para servir de alimento às criaturas, destinando-se ao serviço, pela doação de si mesma: é a consagração ("ordem"). Daí ser a espiga, desde os mistérios egípcios, gregos, orientais, até o cristianismo, o símbolo do sacerdócio.

7 - E "cada vez que" chega a esse ponto, soa a hora de colheita, e é "enviada" a foice (símbolo da morte) para cortar de vez a personagem, destacando a espiga da terra elevando-a ao moinho para ser triturada (martirizada) e ao fogo para ser cozida, tornando-se então o PÃO, o alimento por excelência da humanidade. É a última cristificação ("extrema unção") e por isso Mesquisedec (Gên. 14:18) quanto Jesus (Mat. 26:26; Marc. 14:32; Luc. 24:30 e João, 6:35 a 52, etc.) se utilizaram do pão como símbolo do sacrifício da total doação do homem como alimento que espiritualiza as criaturas.

Eis como, numa pequenina parábola, descobrimos um roteiro de vida, verificando que todas as palavras dos Evangelhos levam sempre às mesmas conclusões. Cada vez mais nos certificamos que nossa interpretação está certa. pois tudo a confirma.

UM COM O PAI

(Fim de dezembro do ano 30)

João, 10:22-39

22. E aconteceu a festa da dedicação em Jerusalém; era inverno.
23. E Jesus passeava no templo, no pórtico de Salomão.
24. Cercaram-no os judeus e diziam-lhe: "Até quando suspendes nossa alma? Se és o Cristo, fala-nos abertamente".
25. Respondeu-lhes Jesus: "Eu vo-lo disse e não credes; as ações que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito.
26. Mas não credes, porque não sois de minhas ovelhas.
27. As minhas ovelhas ouvem minha voz, e eu as conheço e elas me seguem.
28. e eu lhes dou a vida imanente, e nunca jamais se perderão, e ninguém as arrebatará de minha mão:
29. o Pai, que as deu a mim, é maior que tudo, e ninguém pode arrebotar da mão do Pai:
30. eu e o Pai somos um".
31. Os judeus outra vez buscaram pedras para apedrejá-lo.
32. Retrucou-lhes Jesus: "Mostrei-vos muitas belas ações da parte do Pai; por causa de qual ação me apedrejais"?
33. Responderam-lhe os judeus: "Não te apedrejaremos por uma bela ação, mas por blasfêmia, porque, sendo tu homem, te fazes um deus".
34. Retrucou-lhes Jesus: "Não está escrito na lei: "Eu disse, vós sois deuses"?"
35. Se ele chamou deuses aqueles nos quais se manifestou o ensino de Deus - e a Escritura não pode ser ab-rogada
36. a quem o Pai consagrou e enviou ao mundo, dizeis "blasfemas", porque eu disse: "sou filho de Deus"?"
37. Se não faço as ações de meu Pai, não me creiais,
38. mas se faço, embora não me creiais, crede nas ações, para que conheçais e tenhais a gnose de que o Pai está em mim e eu estou no Pai".
39. E de novo procuravam prendê-lo, mas ele saiu das mãos deles.

Este é mais um dos trechos de importância capital; nas declarações do Mestre. Analisemo-lo cuidadosamente. O evangelista anota com simplicidade, mas com precisão, a ocasião em que foram prestadas essas declarações de Jesus: a festa da "dedicação" (hebraico: *hanukâh*, grego: *egkainía*) era uma festa litúrgica, instituída por Judas Macabeu, em 164 A.C., em comemoração à purificação do templo, da profanação de Antíoco IV Epifânio (cfr. 1.º Mac. 1:20-24, 39 e 4:59; 2.º Mac. 10:1-8; Fl. Josefo, *Ant. Jud.* 12, 5, 4). Começava no dia 25 de *kislev* (2.ª metade de dezembro, solstício do inverno) e durava oito dias. Em solenidade, equivalia às festas da Páscoa, de Pentecostes e dos Tabernáculos.

Por ser inverno, Jesus passeava (com Seus discípulos?) no pórtico de Salomão, que ficava do lado do oriente, protegido dos ventos frios do deserto de Judá. Um grupo de judeus aproxima-se, cerca-O, e pede que se pronuncie abertamente: era o Messias, ou não?

Ora, essa resposta não podia ser dada: declarar-se "messias" seria confessar oposição frontal ao domínio romano, segundo a crença geral (o messias deveria libertar o povo israelita); essa declaração traria duas consequências, ambas indesejáveis: atrair a si a malta de políticos ambiciosos e descontentes, ávidos de luta; e, ao mesmo tempo, o ódio dos "acomodados" que usufruíam o favor dos dominadores, e que logo O denunciariam a Pilatos como agitador das massas (e dessa acusação não escapou), para que fosse condenado à morte, como os anteriores pretensos messias. Mas, de outro lado, se negasse a si mesmo o título, não só estaria mentindo, como decepcionaria o povo humilde, que Nele confiava.

Com Sua sábia prudência, no entanto, saiu-se galhardamente da dificuldade, citando fatos concretos, dos quais se poderia facilmente deduzir a resposta; e chegou, por fim, a declarar Sua unificação com a Pai. Portanto, Sua resposta foi muito além da pergunta formulada, para os que tivessem capacidade de entender.

Baseia-se, para responder, em Suas anteriores afirmativas e nas ações (*érga*) que sempre fez "em nome do Pai". Tanto uma coisa como outra foram suficientes para fazê-Lo compreendido por "Suas ovelhas", que "O seguem fielmente". E a todas elas é dada a Vida Imanente, de forma que elas "não se perderão" (*apóllysai*, "perder-se", em oposição a *sôizô*, "salvar-se", e não "morrer", sentido absurdo).

A. razão da segurança é que elas estão "em Sua mão" e, portanto, "na mão do Pai, que é maior que tudo".

Mais uma vez salientamos que *zôê aiônios* não pode traduzir-se por "vida eterna" (cfr. vol. 2), já que a vida é ETERNA para todos, inclusive na interpretação daqueles que acreditam erroneamente num inferno *eterno* ... Logo, seria uma promessa vã e irrisória. Já a Vida *imanente*, com o Espírito desperto e consciente, unido a Deus-dentro-de-si, constitui o maior privilégio, a aspiração máxima. que nossa ambicionar um homem na Terra.

O versículo 29 apresenta três variantes principais, das quais adotamos a primeira, pelo melhor e mais numeroso testemunho:

1 - "O Pai, que as deu a mim, é maior que tudo" (**hós**, masc. e **meizôn**, masc.) - papiro 66 (ano 200, que traz **édôken**, aoristo, em vez de **dédôken**, perfeito, como os códices M e U); K, delta e pi, os minúsculos 1, 118, 131, 209, 28, 33, 565; 700; 892; 1.009 ; 1.010; 1.071 1.071; 1.079; 1.195, 1.230, 1.230, 1.241, 1.242, 1.365, 1.546, 1.646, 2.148; os unciais bizantinos (maioria), as versões siríacas sinaítica, peschita e harclense, os Pais Adamâncio, Basílio, Diodoro (4.º séc.), Crisóstomo, Nono e Cirilo de Alexandria (5.º séc.); e aparece com o acréscimo do objeto direto neutro **autá** na família 13, em 1216, 1344 (que tem o mac. **oús**), e 2174, nas versões coptas boárica (no manuscrito), saídica, achmimiana, nas armênicas e georgianas.

2 - "O que o Pai me deu é maior que tudo" (**hó**, neutro e **meizon**, neutro) no códice vaticano (com correção antiga para **hós**), nas versões latinas ítala e vulgata, na boárica e gótica, nos Pais Ambrósio e Jerônimo (5.º século).

3 - "O Pai é quem deu a mim o maior que tudo" (**hós**, masc, e **meizon**, neutro), nos códices A, X, **theta** e na versão siríaca palestina.

A quarta variante (**hó**, neutro e **meizôn**, masc) parece confirmar a primeira, já que não faz sentido em si; talvez distração do copista, esquecendo o "s". Aparece nos códices sinaítico, D, L, W e **psi**.

A segunda variante, aceita pela Vulgata, é bastante contraditória nas traduções correntes: "O que o Pai me deu é maior (mais precioso) que tudo". Realmente, esse pensamento do cuidado de Jesus pelo que o Pai Lhe deu, é expresso em João 6:37-39 e 17:24; mas a idéia, que reconhecemos como do texto original, além de caber muito melhor no raciocínio do contexto (estão as ovelhas "na mão do Pai" e nada poderá arrebatá-las, porque Ele é maior que tudo), também é confirmado por João 14:28.

A seguir explica por que, estando "em Sua mão", automaticamente, estão na mão do Pai: "Eu e o Pai somos UM".

A expressão "estar nas mãos de alguém" é usual no Antigo Testamento. Sendo a mão um dos principais instrumentos físicos da ação, no homem, a mão exprime o "poder de agir" (Ez. 38:35), a "potência" (Josué, 8:20; Juízes, 6:13; 1.º Crôn. 18:3; Salmo 75:6; Isaías 28:2; Jer. 12:7; 1.º Sam. 4:3; 2.º Sam. 14:16, etc.). Assim, estar na mão de alguém" exprime "estar com alguém" (Gên. 32:14; 35:4; Núm. 31:49; Deut. 33:3; Jer. 38:10, etc.) ou "estar sob sua proteção ou seu poder" (Gên. 9:2; 14:20; 32:17; 43:37; Ex. 4:21; 2.º Sam, 18:2; 1.º Reis 14:27; 2.º Reis 10:24; 2.º Crôn. 25:20; Job 8:4; Sab. 3:1). Simbolicamente fala-se na "mão de Deus", que é "poderosa" (Deut 9:26; 26:8; Josué 4:25; 1.ª Pe. 5:6) e garante sua ajuda (Luc. 1:66); ou, quando está sobre alguém o protege (2.º Crôn, 30:12; 1.º Esd, 7:6, 9, 28; 8:18, 22, 31; 2.º Esd. 2:8, 18; Is. 1:25; Zac. 13:7. etc.).

A frase "Eu e o Pai somos UM" foi bem compreendida em seu sentido teológico pelos ouvintes, que tentam apedrejá-Lo novamente (cfr. João, 8:59) e "buscavam" (*ebástasan*) pedras fora do templo, já que não nas havia no pórtico de Salomão.

Mas diferentemente da outra ocasião, Jesus não "se esconde". Ao contrário, enfrenta-os com argumentação lógica, para tentar chamá-los à razão. Eis os argumentos:

1.º - Ele lhes mostrou "muitas belas ações" (*pollá érga kalá*) vindas do Pai. As traduções correntes transformaram o "belas" em "boas". Por qual delas querem apedrejá-Lo?

A resposta esclarece que não é disso que se trata: é porque "sendo Ele um homem, se faz (*poieís se-autón*) um deus", o que constitui blasfêmia.

2.º - Baseado na "lei", texto preferível (por encontrar-se no papiro 45, em *aleph*, D e *theta*) a "na vossa lei" (A, B, L e versões Latinas e Vulgata). O termo genérico "lei" (*toráh*) englobava as três partes de que eram compostas as Escrituras (*toráh, neviim e ketubim*). A frase é citada textualmente de um salmo, mas também se encontra no Êxodo uma atribuição dela.

Diz o Salmo (82:6): *ani omareti elohim atem, vabeni hheleion kulekem* (em grego: *egô eípa: theoí éste, kai hyioi hypsístou pántes*), ou seja: "eu disse: vós sois deuses, e filhos, todos, do Altíssimo". Jesus estende a todos os homens o epíteto de *elohim* (deuses) que, no Salmo (composto por *Asaph*, no tempo de Josafá, cerca de 890 A.C.) era dirigido aos juízes, que recebiam esse título porque faziam justiça em nome de Deus. Nos trechos do Êxodo (21:6 e 22:8 e 28), a lei manda que o culpado "se apresente ao elohim", isto é, ao juiz.

Tudo isso sabia Jesus, e deviam conhecê-lo os ouvintes, tanto que é esclarecida e justificada a comparação: lá foram chamados deuses "aqueles nos quais o ensino de Deus se manifestava" (os juízes) - e a Escritura (*graphê*) "não pode ser ab-rogada" (ou *dynastai lysthênai*). É o sentido de *lyô* dado por Heródoto (3, 82) e por Demóstenes (31, 12) quando empregam esse verbo com referência à lei.

3.º - Ora, se eles, simples juízes, eram chamados deuses na lei, por que seria Ele acusado de blasfêmia só por dizer-se "filho de Deus" se Ele fora "separado" (*hêgiasen*, verbo derivado de *hágios* que, literalmente tem esse significado) ou "consagrado" pelo Pai, e "enviado" ao mundo? E tanto só se dizia "filho", que se referia a Deus dando-Lhe o nome de Pai.

4.º - As ações. Pode dividir-se em dois casos:

a) se não as fizesse, não era digno de crédito:

b) fazendo-as, devia ser acreditado.

Todavia, mesmo que, por absurdo, não acreditassem em Sua palavra, pelo menos as ações praticadas deviam servir para alertá-los, não só a "conhecer" (*gnôte*) mas até mesmo' a ter a gnose plena (*ginôskête*, papiro 45, e não *pisteuête*, "creiais") de que, para fazê-las, era indispensável "que o Pai estivesse Nele e Ele no Pai".

De nada adiantaram os argumentos. Eles preferiam as trevas à luz (João, 3:19-21), pertenciam ao Anti-Sistema (João, 8:23), porque eram filhos do Adversário" (João, 8:47), logo, não tinham condições espi-

rituais de perceber as palavras nem de analisar as ações "do Alto". Daí quererem passar à violência física, prendendo-O (cfr. João, 7:1, 30, 32 e 44, e 8:20). Mas, uma vez mais, Ele escapa de suas mãos e sai de Jerusalém (como em João 4:3 e 7:1).

Lição prene de ensinamentos.

Jesus passeava no pórtico de Salomão (que significa "pacífico" ou "perfeito") na festa da "dedicação" do templo (corpo) a Deus. Eis a primeira interpretação.

Jesus, o Grande Iniciado, Hierofante da "Assembléia do Caminho", é abordado pelos "religiosos ortodoxos" (judeus), que desejam aberta declaração Sua a respeito de Sua missão. Mas o "homem" Jesus, que já vive permanentemente unificado com o Cristo Interno, responde às perguntas na qualidade de intérprete desse mesmo Cristo.

Cita as ações que são inspiradas e realizadas pelas forças do Alto (cfr. João, 8:23), suficientes para testificar quem é Ele; mas infelizmente os ouvintes "não são do seu rebanho", e por isso não Lhe ouvem nem reconhecem a voz (cfr. João 10:14,16). A estas suas ovelhas é dada a vida imanente e elas não se perderão (cfr. João 8:51), porque ninguém terá força de arrebatá-las de Seu poder, que é o próprio poder do Pai, já que Ele e o Pai são UM.

O testemunho não é aceito. Antes, é julgado "blasfêmia", pois Ele, simples homem, "se faz um deus". Jesus (o Cristo) retruca que, se todo homem é um deus, segundo o que está na própria Escritura, Ele não está usurpando direitos falsos, quando se diz "filho de Deus", em Quem reconhece "o PAI". Contudo, se não quisessem acreditar Nele, não importava: pelo menos reconhecessem as ações divinas realizadas pelo Pai através Dele, e compreendessem que o Pai está Nele e Ele no Pai, já que, sem essa união, nada teria sido possível fazer.

Inútil tudo: o fanatismo constitui os antolhos do espírito.

Transportemos o ensino para o âmbito da criatura encarnada, e observemos o ceticismo do intelecto, ainda mesmo quando já iluminado pelas religiões ortodoxas ("judeus"), mas ainda moldado pelos dogmas estreitos de peço fanatismo.

A Individualidade (Jesus) é solicitada a manifestar-se ao intelecto, à compreensão racional e lógica do homem. Como resposta, cita as ações espirituais que ele mesmo vem sentindo em sua vida religiosa: o conforto das preces, a consolação nos sofrimentos, a coragem nas lutas contra os defeitos, a energia que o não deixa desanimar, a doçura das contemplações. Mas, sendo o intelecto um produto do Anti-Sistema, não consegue "ouvir-lhe a voz" (akoúein tòn lógon, vol. 4) nem segui-lo, porque não o conhece. Mas se resolver entregar-se totalmente, anulando seu eu pequeno, ninguém poderá derrotá-lo, porque "o Pai é maior que tudo" e Ele se unificará ao Pai quando se unificar à Individualidade, que já é UNA com o Pai.

O intelecto recusa: julga ser "blasfema" essa declaração, já que o dogma dualista de sua religião lhe ensinou que o homem está "fora de Deus" e, por sua própria natureza, em oposição a Ele: logo, jamais poderá ele ser divino. Politeísmo! Panteísmo! Blasfêmia! ...

O argumento de que todo homem é divino, e que isto consta das próprias Escrituras que servem de base à sua fé, também não abala o intelecto cético, que raciocina teologicamente sobre "unidade de essência e de natureza", sobre "uniões hipostáticas", sobre "ordens naturais e sobrenaturais", sobre "filho por natureza stricto sensu e filhos por adoção", sobre o "pecado de Adão, que passou a todos", etc. etc. E continua sua descrença a respeito da sublimidade do Encontro, só conhecido e experimentado pelos místicos não-teólogos. E, como resultante dessa negação, a recusa do Cristo Interno que, por ver inúteis seus amorosos esforços, "se afasta e sai de Jerusalém".

No campo iniciático, observamos o ensino profundo, em mais um capítulo, manifestado de maneira velada sob as aparências de uma discussão. Eis alguns dos ensinamentos:

Para distinção entre o verdadeiro Eu Profundo e os enganos tão fáceis nesse âmbito, há um modo simples de reconhecimento: as belas ações que vêm do Pai.

Entretanto, uma vez que foi feita a íntegra doação e a entrega confiante, ingressando-se no "rebanho do Cristo", nenhum perigo mais correremos de perder-nos: estamos na mão do Cristo e na mão do Pai. Não há forças, nem do físico nem do astral que nos possam arrebatá-lo de lá. Nada atingirá nosso Eu verdadeiro. As dores e tentações poderão atuar na personagem, mas não atingem a Individualidade. Já existe a união: nós e o Pai somos UM, indistintamente.

Não há objeções que valham. A própria Escritura confirma que todo homem é um deus, embora temporariamente decaído na matéria. Não obstante, o Pai continua DENTRO DO homem, e o homem DENTRO DO Pai.

Aqui vemos mais uma confirmação da onipresença concomitante de Deus, através de seu aspecto terceiro, de Cristo Cósmico.

O CRISTO CÓSMICO é a força inteligente NA QUAL reside tudo: átomos, corpos, planetas, sistemas estelares, universos sem conta nem limite que nessa mesma Força inteligente, nessa LUZ incriada, nesse SOM inaudível, têm a base de sua existência, e dela recolhem para si mesmos a Vida, captando aquilo que podem, de acordo com a própria capacidade receptiva. Oceano de Luz, de Som, de Força, de Inteligência, de Bondade, QUE É, onde tudo flutua e de onde tudo EX-ISTE.

Mas esse mesmo Oceano penetra tudo, permeia tudo, tudo impregna com Sua vida, com Sua força, com Sua inteligência, com Seu amor.

Nesse Infinito está tudo, e esse Infinito está em tudo: nós estamos no Pai, e o Pai está em nós.

E é Pai (no oriente denominado Pai-Mãe) porque dá origem a tudo, Dele tudo parte e Nele tudo tem a meta última da existência. Partindo desse TODO, vem o movimento, a vibração, a vida, o psiquismo, o espírito, nomes diferentes da mesma força atuante, denominações diversas que exprimem a mesma coisa, e que Só se diferencia pelo grau que conseguiu atingir na evolução de suas manifestações corpóreas nos planos mais densos: é movimento vorticoso no átomo, é vibração no éter, é vida nos vegetais, é psiquismo nos animais, é espírito nos homens. E chegará, um dia, a ser chamado o próprio Cristo, quando atingirmos o ponto culminante da evolução dentro do reino animal: "até que todos cheguemos à unificada fidelidade, à gnose do Filho de Deus, ao estado de Homem Perfeito, à dimensão da plena evolução de Cristo" (Ef. 4:13).

VOLTA A TRANSJORDÂNIA

Mat. 19:1b-2

Marc. 10:1

João, 10;40-42

- 1b ... e veio para as fronteiras da Judéia, além do Jordão,**
- 2. e o acompanhavam grandes multidões, e ali as curou.**
- 1. E levantando-se daí, veio para as fronteiras da Judéia e além do Jordão, e novamente o acompanhavam as multidões e, como costumava, de novo as ensinava.**
- 40. Retirou-se outra vez para além do Jordão, para o lugar onde João estava mergulhando no princípio, e ali permaneceu.**
- 41. E muitos vieram a ele e diziam: João, na verdade, não fez sinal algum, mas tudo quanto deste disse João, era verdade".**
- 42. E ali muitos creram nele.**

Em Mateus, no cap. 19, toda a viagem da Galiléia a Jerusalém para a festa dos Tabernáculos, é descrita no vers. 1, que também se refere à partida dessa cidade para a Transjordânia depois da festa da dedicação. No vol. 4.º, pág. 147, comentamos todo o versículo.

A expressão de Marcos *ekeithen anastás* lembra o mesmo em 7:24. Era um modismo hebraico comum (*vaiaqom*, cfr. Gên. 22:3 e Núm. 22:14, 21, etc.) indicando o início de uma viagem.

O fato de que temos aqui notícia é que Jesus, tendo saído de Jerusalém, retira-se para além Jordão, nos arredores de Betânia, no local em que o Batista costumava mergulhar nas margens do Jordão (João. 1:28; vol. 1), antes de transferir-se para Enon, perto de Salim (João, 3:23; vol. 2). Exatamente aí Jesus iniciara Sua "vida pública" (João, 4:23; vol. 2) e aí convocara seus primeiros discípulos (João 1:35-43; vol. 1.º). Os moradores locais ainda se recordavam bem de João, "que não dera sinais exteriores", mas que falara certo quando se referiu a Jesus, recém-chegado, dizendo que era o Esperado. Essa fé valeu de muito, pois foram curados "todos" os que a Ele recorreram.

Daí por diante, Jesus permanece naquela região (*eis tà hória*), indo a Efraim ou Efrém na Samaria, nos arredores e regressando a Jericó, donde se dirigirá a Jerusalém, onde será crucificado na páscoa do ano 31.

A Peréia (Transjordânia) era uma região que se estendia por uns 100 km nas margens orientais do Jordão, entre o lado de Tiberíades ao norte e o mar Morto ao sul. O rio limitava-a a oeste e Filadélfia a leste, Péla ao norte e Maquérus ao sul. Sua capital, antes denominada *Betharamphtha*, fora cognominada *Lívias* por Herodes, o grande, em homenagem à esposa de Augusto, e engrandecida por Herodes Antipas que, porém, preferia residir em Maquérus. Lívias ficava defronte de Jericó, na outra margem do Jordão que, nesse ponto, tinha vários vaus. permitindo travessia fácil.

A lição que nos dá essa notícia é a comparação entre a personagem, mesmo santificada (João) e a individualidade (Jesus). Embora a primeira, mesmo com o intelecto iluminado, nada consiga fazer por si mesma, no entanto o testemunho que dá a respeito da individualidade é verdadeiro.

O papel da individualidade é plenamente realizado: ensina e cura, isto é, ilumina e corrige, acaba com a enfermidade do espírito (ignorância) e com a enfermidade do corpo.

Exemplo de como devemos agir, mesmo nos retiros forçados: jamais "parar". Ainda repousando, ainda revendo lugares passados, o trabalho prossegue ininterrupto, firme, sem esmorecimento.

CURA DE DOIS CEGOS

Mat. 9:27-31

- 27. Seguiram a Jesus que saía de lá, dois cegos, gritando e dizendo: "Compadece-te de nós, Filho de David".**
- 28. E entrando em casa, vieram a ele os cegos; e Jesus disse-lhes: "Credes que posso fazer isso"? Responderam-lhe: "Sim, Senhor" .**
- 29. Então tocou-lhes nos olhos, dizendo: "Seja feito a vós, conforme vossa fé".**
- 30. E abriram-se seus olhos. Jesus ameaçou-os, dizendo: "Vede, ninguém saiba!"**
- 31. Eles, porém, saindo, fizeram-no conhecido em toda aquela terra.**

O local geográfico do episódio não é citado. Alguns hermeneutas o situam em Cafarnaum, em vista de estar, em Mateus, logo a seguir à ressurreição da filha de Jairo, e se dividem quanto à "casa" a que se refere o narrador, que diz apenas "entrando em casa" (*elthónti eis tèn oikían*). Loisy ("Les Évangiles Synoptiques") supõe, como em geral, ser casa de Pedro, mas Lagrange ("Évangile selon St. Matthieu", pág. 189) acha que é a casa de Mateus, o que é aceito por Durand ("Évangile selon St. Matthieu", Paris, 1924) ; Pirot (o.c. vol. 9, pág. 122) opina que "Jesus alugara um apartamento para si, independente, para ter a liberdade de movimento indispensável a um ministério como o seu". E essa dedução é feita porque em Mat. 8:14 é dito "foi à casa de Pedro", e em Mat. 13:1 "saiu de casa" ou "voltou a casa" (Mat. 13:36 e 17:25). Logo é a "sua casa". Não cremos haja Jesus abandonado a casa de Pedro, nem para trocá-la por uma mais rica (a de Mateus), nem para um apartamento próprio, onde teria o problema de quem lhe cuidasse das coisas, o que não faltava, com todo o amor, na casa de Pedro, com as esposas dele e de André, suas filhas e a própria sogra de Pedro, que fora curada por Jesus.

Pela cronologia geralmente aceita, a cura foi efetuada na Transjordânia, em sua estada depois da festa da dedicação.

Os cegos acompanham Jesus "que vai saindo de lá", e vão "gritando" (*krázontes*, como são sempre apresentados os cegos nos Evangelhos). O título "Filho de David" designava o messias (cfs. Salmo 17:23, etc.) e já fora empregado pela Cananéia (vol. 4). Não é plausível que eles soubessem que se tratava do messias. Mais viável que, desejando um favor, atribuíssem interessadamente, um título que honrava a pessoa: *ben David*. É mais da psicologia humana, não só daquele tempo, como de hoje: elogiar aquele de quem esperamos um favor.

Jesus primeiro pergunta se eles acreditam que Ele tenha a força (*dynamis*) de fazer isso. A resposta é singela: "Sim, Senhor" (em grego, *kyrie*, em aramaico, *mari*, "meu senhor", cujo feminino é marta).

Em resposta, Jesus lhes diz: "faça-se (*genêthêto*) a vós segundo a vossa crença", e lhes toca os olhos, recuperando eles imediatamente a visão. Depois adverte-os (o verbo grego *embrimaómai*, só usado aqui e em João, 11:33 e 38, mas com outro sentido, é de difícil tradução: "roncar, fremir, zangar-se") que ninguém saiba. Mas bastava olharem para eles, para verificar que haviam recuperado a visão, e eles tornam Jesus conhecido (*diephêmisan autón*) em toda a região.

Este episódio abre também nossos olhos para revelações dignas de registro.

Notemos que os cegos são DOIS. Ora, já vimos (vol. 2 e vol 3) que o "dois" exprime a receptividade passiva feminina. Há, portanto, nessa súplica vibrante e veemente de luz ("gritando") um espírito pronto para a iluminação, com a receptividade perfeita.

Ora, esse espírito segue Jesus (a individualidade) quando "sai de lá" (parágoni ekeíthen) e quando "entra em casa" (elthónti eis tèn oikían), isto é, quando peregrina partindo da Luz e faz seu caminho na "casa" de seus veículos físicos. Acompanha-a dentro da "casa" (coração) "gritando" por "misericórdia" (eléléson), para receber a iluminação.

O pedido é feito ao "Filho de David". Realmente, vimos que David significa "o Amado", e simboliza o Cristo Cósmico, o terceiro aspecto da Divindade. Ora, o espírito se dirige ao "filho" de David, ou seja, à Centelha Crística, que proveio (é filha) do Cristo Cósmico, e é essa Centelha ou Eu Profundo que ele segue até dentro de casa.

A persistência, essa ânsia em "mendigar o espírito" (tôchoí tòi pneúmati, Mat. 5:3; vol. 2), esse preparo comprovado pela receptividade perfeita ("dois") vão merecer resposta favorável. É quando o Cristo Interno indaga se ele tem fé (emoções) e se confia (intelecto) que Ele tenha a força (dynamis) de realizar a iluminação. A resposta é "sim".

Diante dessa garantia, vem o deferimento ao pedido, com a ordem de que "seja feita" ou "ele evolua" (genêthêto, de gínomai) de acordo exatamente com a fidelidade (sintonia vibratória espiritual) que tiver. Isso porque ninguém recebeu nem receberá jamais por favoritismos nem privilégios: a única medida do que se recebe é a capacidade intrínseca do receptor, nem mais nem menos.

E isso é medido pela frequência vibratória do SER (não do "fazer", nem do "saber", nem do "crer", nem do "falar").

E a luz flui da força potencial (dynamis) simbolizada pela "mão" que toca os "olhos", ou seja, os órgãos da compreensão, o intelecto, que se abre para deixar penetrar a flux os raios luminosos do Cristo. Com a força crística atuante, a luz é feita de imediato. Não mais necessidade de testemunhos alheios, de pesquisas, de estudos, de raciocínios: é a intuição instantânea que tudo clareia a visão objetiva que tudo vê, a mente aberta para o infinito, o Espírito que se incendeia no Cosmo, a Luz que tudo ilumina.

O Cristo "treme" ou "murmura" (aqui podemos entender o pleno sentido e o porquê do emprego de enebrimêthê, do verbo embrimáomai: "roncar" ou "fremir", isto é, fazer sentir vindo de dentro, sem palavras) que "ninguém tenha conhecimento" (ginôskétô) do que se passou.

No entanto, não houve desobediência como pensam os profanos. Como criaturas "preparadas", nada foi dito. O segredo foi mantido. Mas, assim como a própria presença de um cego conhecido que recupera a visão atesta o que com ele se passou, assim também a simples presença da criatura iluminada pelo Encontro, mesmo sem palavras, "torna o Cristo conhecido" a todos os que dela se aproximam. O Cristo transparece através daqueles que tiveram a felicidade indescritível de a Ele unificar-se .



Figura "CURA DE DOIS CEGOS"

O OBSIDIADO MUDO

Mat. 9:32-34

32. Retirando-se eles, eis trouxeram-lhe um homem mudo obsidiado.

33. E, expulso o obsessor, falou o mudo. E a multidão admirou-se, dizendo: "Nunca se manifestou isso em Israel".

34. Mas os fariseus diziam: "Pelo chefe dos obsessores, expulsa os obsessores".

Mais um episódio de obsessão, explicitamente, confessada. Obsessão com efeitos fisiológicos acentuados, pois o adversário espiritual emudeceu a vítima.

Não entra o narrador em pormenores da cura, mas deixa claro mais uma vez que o Mestre, não "doutinava" o obsessor (cfr. vol. 3 e atrás): simplesmente o afastava, e de modo enérgico "expulsar = lançar fora, *ekbállô*). Livre do obsessor, o homem voltou ao uso normal da palavra.

Aprendemos, pois, que um obsessor (e a *fortiori* um bom espírito) pode dominar o aparelho fonador ou os centros da palavra de seu instrumento psíquico. E, se pode fazê-lo emudecer, evidentemente pode constrangê-lo a falar.

As apreciações registradas por Mateus dão conta dos dois extremos: os entusiastas que afirmam jamais ter ocorrido fato semelhante em Israel, e os incrédulos que logo atribuem a força divina aos próprios obsessores. Exatamente como hoje: os homens não mudam: ou elevam o médium às alturas, enaltecendo-o como um ser supra-humano, ou o acusam de influenciados pelo "demônio". A lição do Evangelho, ensinada há dos mil anos, não foi aprendida até hoje, nem mesmo pelos que se *dizem* "cristãos".



Figura "O OBSIDIADO MUDO" – Desenho de Gustavo Doré, gravura de Piaud

Lição curta, que nos mostra a Individualidade a vencer a resistência passiva da matéria inerte de que se revestiu, ao condensar-se, o espírito. O peso do físico-denso é qual zavorra que lhe tira a liberdade não só de movimentação como de qualquer ato espiritual. Se o espírito quer orar, meditar, falar, seu estado de congelado na carne o torna mudo e sonolento, não lhe permitindo vôos altaneiros. A ação da individualidade, em certos casos, é decisiva: destaca o espírito, expulsando a carne, nem que seja nas horas de sono.

Outra consideração: quando nosso eu pequeno fica mudo, sem saber sequer balbuciar uma prece, nos momentos de dificuldade, aprendamos a arrebatá-lo o peso das preocupações, do medo, das angústias - dos "obsessores" que emudecem - para que, liberto, possa ele, a sorrir, entreter-se com o Cristo Interno, a fim de receber o conforto e o auxílio indispensáveis, por meio de palavras de gratidão e amor.

RECADO A HERODES

Luc. 13:31-33

- 31. Naquela mesma hora, vieram alguns fariseus, dizendo-lhe: "Sai e vai embora daqui, porque Herodes quer matar-te".**
- 32. E disse-lhes (Jesus): "Indo, dizei a essa raposa: eis expulso obsessores e realizo curas hoje e amanhã, e no terceiro (dia) me aperfeiçoô."**
- 33. Mas devo caminhar hoje e amanhã e no (dia) seguinte, porque não convém a um profeta morrer fora de Jerusalém".**

A expressão "naquela mesma hora" dá-nos a impressão de que se tratava de um fato que provocara a admiração na massa com ampla repercussão. Aproximam-se alguns fariseus, avisando a Jesus que saia da Peréia onde se encontrava, e que pertencia ao território governado por Herodes Antipas porque este queria matá-Lo. Já o fizera a João Batista, podia repetir a façanha com Jesus.

Surge natural a curiosidade de saber por que essa solicitude dos fariseus, que tinham sido terrivelmente arrasados pela palavra candente do carpinteiro humilde. Mas o grupo de fariseus da Peréia parece não ter sido tão dogmático e intransigente como o de Jerusalém, pois estavam mais distantes do centro político do partido. Nos próximos capítulos veremos o Mestre dirigir-se a eles com certa consideração. Desse modo, pode ser que realmente alguns se interessassem pelas lições que dava, e portanto por Sua pessoa.

De outro lado parece que estavam apenas dando, disfarçadamente, um recado do próprio Herodes. O assassinato do Batista, executado contra sua vontade - porque o sabia justo e o temia (cfr. Marc. 6:20) - trouxera-lhe pesado remorso, chegando a afirmar que Jesus era o mesmo Batista que ressuscitara (Mat. 14:1-2; Marc. 6:14-16; Luc. 9:7-9; vol. 3).

Ora, nessas condições era psicológico que ele não se interessasse absolutamente em envolver-se de novo com aquele homem: "avisem-no que saia do meu domínio, para que não seja eu obrigado a matá-lo".

O recado foi transmitido fielmente. E a resposta de Jesus, inesperada e desconcertante. Percebendo que os fariseus eram emissários do próprio Herodes, manda-lhe a resposta: "regressando a ele, dizei a essa raposa que continuarei a expelir obsessores e a curar, hoje e amanhã, e no terceiro dia me aperfeiçoô", isto é, atinjo à minha perfeição (*teleioúmai*, presente do indicativo da voz média de *teleiôô*, "completar, terminar, atingir a perfeição").

E continua afirmando que "hoje, amanhã e no dia seguinte" é-Lhe necessário caminhar (seguir à frente, evoluir) porque a um profeta não convém morrer (*apotésthai*, infinitivo aoristo segundo da voz média de *apólymi*) fora de Jerusalém. Palavras todas enigmáticas, que os exegetas procuram compreender e explicar em relação à próxima morte de Jesus; como estamos em janeiro do ano 31, julgam tratar-se não de "dias", mas de "meses"; com efeito, três meses, mais ou menos, depois desse episódio, houve a crucificação. Daí o *teleioúmai* ser geralmente traduzido por "serei consumado", na voz passiva.

Aqui encontramos indicações de "horas" e "dias".

Desse episódio, verificamos o modo de agir do Espírito que não teme as ameaças terrenas, mas realiza seu trabalho missionário rigidamente dentro do pre-estabelecido: primeiro o serviço de atendimento aos que sofrem, libertando-os das cadeias dos planos inferiores: astral (obsessões) e físico (curas). São duas etapas distintas, ambas dependentes de poderes psíquicos. A terceira etapa será a ob-

tenção da perfeição plena em si mesmo. Mas, de qualquer forma, é indispensável caminhar, pois na evolução dá-se o mesmo que ao subir a correnteza de um rio: parar é regredir.

A conclusão, introduzida com uma oração causal, só faz sentido pleno quando compreendida em sua interpretação mais profunda: um profeta (médium) não deve terminar sua carreira terrena fora do âmbito (cidade) da Paz (cfr . vol. 1). E para que não seja a Paz perdida, mister que a obrigação seja cumprida. E cumprida totalmente, sem medo de ameaças de morte nem da própria morte.

Compreendamos ainda, outra lição: a perfeição (teleíós) ou iniciação total, vem através e em consequência do serviço prestado por amor, aos semelhantes, quer se trate de curas espirituais (expulsão de obsessores) ou físicas (doenças da matéria). Já dizia Allan Kardec: "fora da caridade não há salvação", e também Juvenal: "mens sana, in corpore sano", (Sat. 10, 356), ou seja, se a mente é perfeitamente sadia, em consequência o corpo também o será.

O físico é a condensação do espírito. Logo, só adoecerá o físico, se o espírito for ou se tornar doente (a não ser casos de acidentes externos, desastres, etc.). Mas a própria medicina está chegando à conclusão de que as enfermidades são desarmonias vibratórias do psiquismo (1).

(1) Daí ser muito mais eficiente para a cura, o tratamento psicossomático combinado com os remédios de homeopatia; pois estes, não contendo a substância, mas apenas a vibração da substância, harmonizam as vibrações do corpo astral, diretamente, e, como reflexo, operam a cura definitiva do corpo físico-denso. Ao passo que, sendo os remédios alopatas baseados nas combinações químicas, eles atacam o resultado, mas não a causa da desarmonia psíquica que influenciou no corpo físico-denso. A causa se acha no pensamento (ação psicossomática) e na desarmonia vibratória do corpo astral, que só podem ser corrigidas por vibrações do mesmo teor (simília similibus curantur) que agem na fonte, no perispírito. E isso só se consegue com a homeopatia.

Digna de meditação a dupla repetição das TRÊS etapas, numa insistência que nos alerta para que pesquemos o substrato das enumerações.

Há uma confirmação clara do TRÊS como número de perfeição, pois só na terceira etapa é atingida: "no terceiro ME APERFEIÇÔO". O original não tem a palavra "dia", que suprimos para a sequência dos dias: "hoje e amanhã, e no terceiro me aperfeiçoar".

A primeira dedução que fazemos é quanto ao Espírito (individualidade) que age em relação à personagem: antes tem que curá-la psíquica e fisicamente, em etapas que podem ter qualquer duração (como vemos no Gênesis) mas, de qualquer modo, são dois períodos. Só no terceiro poderá dar-se o aperfeiçoamento, depois de superados os dois primeiros, anulados todos os vícios e defeitos, imperfeições e aleijões, morais e materiais.

Outra dedução é quanto aos aprendizes da iniciação. Mesmo se lhes chegam ameaças por parte de autoridades, o temor não deve prevalecer, nem o "instinto de conservação" de um corpo material, destinado mesmo a desaparecer e que, além disso, não constitui a essência do Eu, mas simplesmente um estado transitório do próprio Espírito. Se destruído o corpo físico, o Espírito continua intacto, tal como, destruídas as roupas, o corpo nada sofre.

Muito mais importante - aliás a única coisa importante - é viver a fieira reencarnatória em seus vários períodos, libertando-se de todas as mazelas psíquicas e físicas. Mas, seja como for, é mister não parar em nenhum dos três graus.

Daí ter sido feita a repetição: "expulso obsessores (vícios) e laço curas, HOJE e AMANHÃ, e no terceiro ME APERFEIÇÔO", depois de totalmente libertado dos entraves e mazelas. Mas deve caminhar em qualquer dos três períodos: "hoje, amanhã e no (dia) seguinte, pois não convém perder-se (apóllymi também tem esse sentido) fora da Paz". Se houver parada ou paralisação, há perturbação.

Também aprendemos que o passado não mais interessa, pois não mais existe senão em nossa memória. A enumeração do caminho é feita a partir do presente: "hoje, amanhã e depois devo progredir". O ontem passou, com ou sem progresso, e dele já somos escravos. Mas a partir de hoje temos nas

mãos as rédeas de nossa vida, somos senhores absolutos e decidimos o que fazer, e podemos fazê-lo, e devemos fazê-lo sem temor, sem desânimo, sem demora.

QUEIXA DE JERUSALÉM

Mat. 23:37-39

Luc. 13:34-35

- | | |
|---|---|
| <p>37. 'Jerusalém, Jerusalém, a matadora dos profetas e apedrejadora dos que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis ajuntar teus filhos, como uma galinha aconchega seus pintinhos sob suas asas, e não quiseste!</p> <p>38. Eis que vos é deixada deserta vossa casa.</p> <p>39. Digo-vos, pois, que desde agora não me vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do senhor".</p> | <p>34. 'Jerusalém, Jerusalém, a matadora dos profetas e apedrejadora dos que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis ajuntar teus filhos como uma galinha aconchego seu ninho sob as asas, e não quiseste!</p> <p>35. Eis que vos é deixada vossa casa. E digo-vos que não me vereis até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor.</p> |
|---|---|

O mesmo trecho foi colocado em dois contextos diferentes. Mateus o narra em sequência aos "ais" lançados contra os fariseus. portanto, como tendo sido pronunciado na própria Jerusalém, depois do "domingo de ramos". Lucas o liga ao aviso a respeito das intenções assassinas de Herodes, por conseguinte, como proferido na Peréia. Esta segunda colocação responde muito melhor à crítica interna, além do que, Lucas é mais cuidadoso que Mateus na sequência cronológica.

Outra observação é a forma hebraica, reproduzida nos códices gregos: *Ierousalém* (ao invés de *Ierosólýma*, como era dito em grego). Em Mateus esta é a única vez que aparece a forma hebraica, pois nos outros lugares (11 vezes) está a forma grega. Já em Lucas, é mais frequente a forma hebraica que a grega, o que não deixa de ser estranho, sendo Mateus israelita e Lucas grego.

Traduzimos como adjetivos ativos "matadora" e "apedrejadora", os participios presentes ativos femininos *hē apokteínousa* e *lithobólousa*, por falta de correspondência em português dessas formas verbais.

Chamamos a atenção, ainda, para o "Ihe" (*prós autên*) na terceira pessoa, no meio de uma apóstrofe vocativa. Conservamo-lo em português, preferindo pequeno solecismo, a quebrar a beleza do original em sua singela simplicidade, pois a frase nada perde em clareza.

Os hermeneutas vêem no texto uma alusão à perspectiva da morte próxima, mas não aceitam que o final "não me vereis até que digais bendito o que vem em nome do Senhor" (cfr. Salmo 118:26) possa referir-se à "entrada triunfal" em Jerusalém, no domingo antes da paixão. A alegação é que Mateus coloca o episódio depois desse dia (o que não convence, pois sabemos que foi proferida a invectiva antes). Mas há outra razão: o período entre a apóstrofe e a entrada seguinte em Jerusalém (dizem eles) é muito curto (três meses, no máximo) para justificar uma profecia em forma de ameaça tão solene. A opinião mais generalizada é que o dito se refere a uma vinda triunfal "no final dos tempos". Mas aí teríamos um erro na predição, já que a ida a Jerusalém daí a três meses - e com essa mesma frase cantada pelo povo - desmentiria a profecia. Pensamos se refira exatamente a essa "entrada" que estudaremos mais adiante (Mat. 21:1-11; Marc. 11:10; Luc. 19:38).

A imagem da "galinha que aconchega seus pintinhos" (*tá nossiá, Mat*) ou "seu ninho" (*tén nossián, Luc*), é bela, delicada, original.

A "casa deserta" parece referir-se às palavras de YHWH a Salomão (1.º Reis. 9:7-9), "exterminarei Israel da Terra que lhe dei e expulsarei de minha visão o templo que consagrei a meu nome, e Israel

será motejo e riso de todos os povos. E por mais alto que seja este templo, quem quer que passe diante dele assobiará de pasmo e dirá: Por que YHWH fez isto a este templo e a este país? E responderão: Porque abandonaram YHWH, seu *elohim*, que tirou seus pais do Egito, e ligaram-se a outros *elohim*, diante deles se prostraram e os adoraram; eis porque YHWH fez vir sobre eles todos esses males". Sabendo, como sabemos, que Jesus é a encarnação de YHWH, compreendemos plenamente tudo o que ocorreu. E a previsão feita refere-se, evidentemente, à destruição de Jerusalém em 70 A.D. e à consequente dispersão dos israelitas por outros países perdendo o domínio da Palestina, só reconquistado recentemente, no final do ciclo, "pois YHWH se compadecerá de Jacob, ainda recolherá Israel e os porá na própria terra deles" (Is. 14:1).

A triste frustração dos grandes instrutores e Manifestantes divinos, ao verificar a rebeldia dos homens, é aqui expressa com todo o sentimento de dor. Quantos grandes Iniciados e Adeptos da Fraternidade Branca desçam entre os homens, tantos são sacrificados, perseguidos, assassinados. E isso, não apenas na antiguidade, classificada pelos historiadores atuais como "bárbara", mas, ainda hoje, em plena segunda metade do século XX, por homens e em países que se dizem civilizados no mais alto grau. Por mais que esses Emissários, com delicadeza e amor, tentem "ajuntar os homens", como a galinha faz com seus pintinhos, aconchegando-os sob suas asas, eles se rebelam, não aceitam, vão para uma oposição injusta e incompreensível, e voltam contra Eles sua inferioridade negativa típica do Anti-Sistema. Como evitar que a Lei os venha defender, e sua casa se torne vazia?

"Eis que YHWH devasta a Terra e a torna deserta, sua superfície revolta e seu, habitantes dispersos ... A terra será totalmente devastada, inteiramente pilhada ... A terra está em desolação, quebrada, o mundo enfraquece e murcha: os chefes transgrediram as leis, violaram as regras, romperam a aliança eterna. Por isso a maldição devora a terra e seus habitantes recebem seu carma; os habitantes da terra são queimados e só pequeno número de homens sobrevive ... O pavor, a cova e a rede vão apanhar-te, habitante da terra. Quem correr para escapar ao pavor, cairá na cova; quem sair da cova será pegado na rede, porque as represas do Alto se abrirão e os fundamentos da terra tremerão. A terra é feita em pedaços, a terra estala e se fende, a terra é sacudida, a terra cambaleia como um bêbado e balança como uma rede de dormir" (Isaías. 24:1, 3, 4, 6, 17,-20).

Nada disso, porém, pode classificar-se como vingança nem "retribuição do mal" por parte desses seres superiores. Trata-se de simples efeito da Lei. Aquele que atira pedras para o Alto, em vertical, as recebe sobre sua cabeça, em virtude da própria lei da gravidade. Assim os povos que sacrificam os avatares, ou mesmo Adeptos e Iniciados, não demoram em receber o choque de retorno, pelo efeito da própria Lei, sem nenhuma interferência dos atingidos que, em muitos casos, pedem ao "Pai que os perdoe, porque não sabem o que fazem" (Luc. 23.34). De qualquer forma, porém, isso não evita o resultado da Lei, que é inflexível e age automaticamente como a gravidade, que atrai príncipes e mendigos, santos e criminosos, sem distinção. Assim a LEI que destrói homens, nações e planetas, quando estes jogam suas pedras para o Alto, derrubando, por qualquer meio, os Enviados que vêm salvar o planeta: "A Lei trata igualmente, seja uma nação, seja um homem" (Job. 34:29).

CURA DO HIDRÓPICO

Luc. 14:1-6

1. **E aconteceu que ao vir ele (Jesus) à casa de um dos chefes fariseus, no sábado, para comer pão, este o estava observando.**
2. **E eis que certo homem hidrópico estava diante dele.**
3. **E respondendo Jesus falou aos doutores da lei e fariseus, dizendo: "É lícito curar no sábado, ou não"?**
4. **Eles calaram-se. E tocando, curou-o e libertou-o,**
5. **e a eles disse: "qual de vós, se cair no poço um filho ou um boi, imediatamente não o levanta, mesmo em dia de sábado"?**
6. **E não puderam responder a isso.**

Este trecho e os três seguintes pertencem ao mesmo episódio: um almoço na casa "de certo chefe fariseu" (*tínos tôn archóntôn pharisaíôn*), ou seja, de algum dos membros influentes do partido, porque os fariseus jamais tiveram o que pudesse denominar-se um "chefe" oficial. No entanto, havia vários membros do partido que, por sua posição social, cultural, política ou financeira, gozavam de maior prestígio, e eram considerados "archontes" (principais, destacados, influentes, chefes etc.).

O que convidou Jesus parece que era simpático ao Mestre, como veremos pela atenção e delicadeza com que O trata, e pelas lições de perfeição que recebe, num grau bem mais elevado que o da plebe. E o convite, mesmo depois de tantas acusações feitas a Jesus e de Suas invectivas contra os fariseus demonstra que havia, pelo menos, admiração e desejo de aprender. Não obstante, o anfitrião não deixa de observá-Lo.

A expressão "comer pão" era corrente em hebraico para significar uma refeição sem formalismo.

Ao entrar em casa dos fariseus Jesus vê diante de si (*émprosthén autoú*) um hidrópico. Dizem os hermeneutas que no oriente há mais liberdade de alguém penetrar na casa de estranhos, do que um ocidental permitiria, e por isso o hidrópico deve ter entrado ao ver Jesus para já dirigir-se. Mas quem nos diz que o hidrópico era um mendigo? podia até ser um dos convidados. Nem só os mendigos adoecem de hidropisia. Ou podia ser um dos agregados ou empregados. O texto diz que Jesus "viu diante de si", dando a entender que o enfermo já estava na casa. E o verbo *apolyô* não significa rigorosamente, nem apenas, "despedir" (dando idéia de que se manda embora uma pessoa), mas também "libertar".

O fato é que Jesus aproveita o ensejo e pergunta se é lícito curar no sábado, como o fizera na sinagoga (Luc. 6:9; vol. 2) com o homem da mão atrofiada. Já fora criticado por fazê-lo (Luc. 13:14), mas sempre ensinou que o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado (Mat. 12:8 e Luc. 6:5; vol. 2).

Como não pudessem responder sobre a liberdade ou não do ato, o Mestre não perde tempo: toca o enfermo, despejando sobre ele Seus poderes e Seu magnetismo curador, e liberta-o da enfermidade; além de curá-lo, deixa-o livre. Não exige declaração de fé, como fizera em outros casos, nem avisa quanto ao perigo de uma recaída, se tornasse a errar. Por faltarem esses pormenores é que preferimos traduzir *apolyô* por "libertar": o curado estava libertado do carma.

Depois prossegue na argumentação, demonstrando aos presentes que, se eles libertam um filho ou um boi, quando caem num poço num dia de sábado por que não poderia Ele fazê-lo a uma criatura huma-

na? Por que um filho merece mais que um estranho? Não sofrem ambos? E por que um boi vale mais, por ser "nosso", do que um irmão, filho do mesmo Pai celestial ?



Figura “CURA DO HIDRÒPICO” – Desenho de Bida, gravura de Gilbert

A comparação já fora feita com "um boi e um asno" (Mat. 12:11; Luc. 13:15). Agora aparece um filho ou um boi", com ótimos testemunhos (papiros 45, 75, códices A, B, E, G, H, L, M, S, U, V, W, *gama*, *delta* e *boi*) (códices sinaítico, K, X, pi, psi e siríaca sinaítica).

O argumento era decisivo. Nada foi dito e, parece, o fato foi bem aceito.

A lição versa sobre o serviço aos estranhos, oposto aos do próprio círculo de parentesco ("filho") e das propriedades ("bois"). Todos somos UM. E não há dias nem datas prefixadas para atender aos necessitados. Desde que se apresente a necessidade, ajuda-se, sem burocracia, sem exigências, sem condições, com todo o amor.

Mas todos os que entram no "Caminho" são agudamente observados pelos profanos, que os julgam por sua pauta humana mesquinha, e fazem questão cerrada de amoldá-los a suas formas prefabricadas, segundo os preceitos inventados por eles como regras infalíveis, atribuindo-os sempre a um deus que lhes está sujeito, como títere em suas mãos.

A figura do hidrópico é típica como exemplificação, tal como fora a da "mulher recurvada" (Luc. 13:11). Aqui a imagem é tirada de um hidrópico (1).

(1) A hidropisia é causada pelo derrame de serosidade em qualquer cavidade do corpo, tomando nomes técnicos de acordo com o local (hidrotórax, no peito; hidrocefalia, na cabeça; hidroftalmia, nos olhos; edema ou anasarca a total ou parcial infiltração no tecido celular, etc.). No entanto, vulgarmente, a hidropisia é tida como sinônimo de "barriga d'água", embora, no ventre, os médicos a denominem oficialmente "ascite" (doença de que desencarnou o famoso Domingos de Gusmão, fundador dos frades dominicanos (cfr. Frei Luiz de Souza, "História de São Domingos", livro 5, cap. 38).

A hidropisia faz inchar a parte do corpo atacada pela enfermidade. Assim, o convencimento de ser "dono da verdade" incha o pequeno eu vaidoso (cfr. Paulo: 1.ª Cor. 4:18, 19; 5:2; 8:1; Col. 2:18, 1.ª

Tim. 3:6). Nada mais típico para ensinar-nos que precisamos curar (sobretudo em nós mesmos!) essas hidropisias intelectualóides, a fim de conseguir a humildade indispensável para compreender as lições que nos são trazidas. Curada a hidropisia do orgulho, o espírito é libertado (apolyô) e progredirá sem empecilhos.

OS PRIMEIROS LUGARES

Luc. 14:7-11

7. **Observando, porém, como escolhiam para si os primeiros lugares, narrava aos convidados uma parábola, dizendo-lhes:**
8. **“Todas as vezes que sejas convidado por alguém para um casamento, não te reclines no primeiro lugar, acaso não seja por ele convidado um, mais honrado que tu,**
9. **e vindo o que convidou a ti e a ele, te diga: Dá o lugar a este; e então começarás, envergonhado, a ter o último lugar.**
10. **Mas todas as vezes que sejas convidado, indo, reclina-te no último lugar, de modo que, vindo o que te convidou, te diga: Amigo, sobe mais acima; então será uma glória diante de todos os que se reclinam contigo.**
11. **Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado”.**

Depois da chegada à casa do fariseu, e do parênteses da cura do hidrópico, dirigem-se todos para os triclinios, a fim de se reclinarem, para participar do ágape. Vimos que os convivas eram pessoas selecionadas: fariseus e doutores da lei. Jesus também os observa. E vê que à porfia, buscam os "primeiros lugares", isto é, os mais próximos do anfitrião. E aproveita para, delicadamente, dar um ensinamento de humildade. Da mesma forma que curou o hidrópico do corpo, quer agora curar-lhes a hidropisia do espírito.

A lição foi dada com tato, tomando como exemplo um convite para “casamento”, onde o rigor da escolha dos lugares é maior que numa refeição informal como aquela. Aconselha, pois, que procurem ocupar os últimos lugares, de modo que (*hína* tem aqui mais sentido consecutivo que final: se alguém vai para o último lugar a fim de que seja chamado para o primeiro, isso seria uma falsa humildade, e não podemos admitir que Jesus haja ensinado a ser hipócrita) de modo que o dono da casa, se o achar digno, o convide a ocupar lugar mais honroso.

Aqui, sim, *dóxa* tem exatamente o sentido de "glória", isto é, boa reputação, boa opinião (cfr. vol. 1, vol. 3 e vol. 4).

A razão é dada pela frase que Jesus gostava de repetir: "o que se exalta será humilhado, o que se humilha será exaltado", que já vinha do Antigo Testamento (p. ex., Is. 10:33) e fora dito pela Mãe de Jesus (Luc. 1:52) e pelo próprio Mestre (Mat. 18:14 e 23:12). A lição era boa para os fariseus que, em geral, faziam questão dos primeiros lugares e de outras honrarias (cfr. Luc. 11:43).

O ensino primordial é que devemos ser humildes. Mas humildade nada tem que ver com humilhação. Podemos e devemos evitar que nos humilhem, em público ou em particular, pois isso nenhuma vantagem nos trará ao progresso espiritual. Mas sim, SER humildes. Se, fora de nosso controle, nos vier a humilhação, o humilde não sofrerá com isso, nem a julgará humilhação, mas justiça: aceitará calado, considerando que realmente nada vale e, portanto, qualquer que seja o modo com que for tratado, isso lhe parecerá justo. Mas não se procure ser humilhado, pois isso talvez revele o cúmulo do orgulho disfarçado.

O fato, também, de buscar com toda a naturalidade os últimos lugares, deve ser sincero e real, respondendo a uma convicção e necessidade e não com o intuito de ser engrandecido pelo dono da casa.

Essa lição serve, às maravilhas, para os aprendizes da iniciação e para "iniciados" que, pelo fato de estarem entre profanos, julgam merecer acatamento e distorções especiais, em virtude de seus conhecimentos e do caminho que já percorreram na senda.

Aviso oportuno, que deve permanecer sempre presente: na personagem transitória nada somos e nada valemos. Qualquer honraria que nos chegue, seja recebida como um acréscimo de bondade da pessoa que a presta a nós, e não atribuída a merecimento pessoal.

Difícil, mas necessário ser assim. Não nos julguemos merecedores de graças especiais, de favores da espiritualidade e dos encarnados: por mais que tenhamos feito ou realizado, "somos sempre servos inúteis, que fizemos apenas o que devíamos fazer" (Luc. 17:10).

OS CONVIDADOS

Luc. 14:12-14

- 12. Dizia, também, ao que o convidara: "Cada vez que fazes um almoço ou jantar, não chames teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos, não suceda que eles te retribuam o convite e (isso) se torne retribuição para ti.**
- 13. Mas cada vez que fazes recepção, convida mendigos, mutilados, coxos, cegos,**
- 14. e feliz serás, porque não possam retribuir-te, pois serás retribuído na ressurreição dos justos".**

A outra lição é muito mais dura, tanto que os exegetas procuram todos os meios para destruir-lhe a pureza original. A magnífica tradução dos monges de Maredsous manda "acrescentar" (!) no versículo 12, a palavra somente, isto é: "não convides somente teus amigos" ... Monsenhor Pirot (o.c. vol. 10, pág. 182) escreve: "o que diz, não é um conselho que deva ser seguido pessoalmente e à letra, mas uma comparação". E assim por diante.

Observamos que quando não interessa aos comentadores o ensino evangélico - talvez porque não possam ou não queiram compreendê-lo e praticá-lo - procuram de todos os modos torcer o original à sua maneira de pensar. Jesus só pode ensinar o que esteja de acordo com seu nível evolutivo. Negam o que supere esse gabarito. Mas o que devemos fazer é dizer exatamente o que aparece nos Evangelhos, e humildemente reconhecer que ainda não nos achamos suficientemente evoluídos para praticá-lo, *por atraso nosso*. Tenhamos a hombridade e a humildade de reconhecer nossas deficiências.

Imaginemos um aniversário de nosso filho, para o qual convidamos em geral os primos, parentes e amigos. Deveríamos, entretanto, convidar crianças pobres, aleijadas, apanhadas na rua ou nas favelas, ou de famílias sem fortuna. Quem tem a coragem de fazer isso?

Imaginemos um almoço de comemoração festiva em nossa residência. Convidar a quem? Aos pobres e deserdados, mendigos e cegos, aleijados e favelados. São sujeitos? Que melhor comemoração que dar-lhes de presente, por ocasião dessa data, um enxoval novo a cada um, e trazer alegria à vida miserável em que vivem? Mas quem tem coragem de agir assim?

Nós, que escrevemos, ainda não a temos. E no entanto essa é a ordem: clara, nítida, sem subterfúgios possíveis. E a felicidade virá, íntima e incalculável, não comparável a qualquer alegria terrena.

A frase "na ressurreição dos justos" pede algum raciocínio. Diz o grego: *en têi anastásei tôn dikaiôn*. Ora, *anástasis* significa literalmente "o levantar-se", isto é, o "ficar em pé" (*stasis*) em cima (*aná*). Portanto, o sentido pode ser duplo:

1.º - quando o espírito se levantar, com seu corpo astral, depois que o físico-denso se desagregou na morte, a criatura terá a sintonia apta a sustentá-lo permanentemente no mundo astral entre os justos;

2.º - quando o espírito se levantar, com novo corpo físico-denso, em nova encarnação, a criatura terá a retribuição de um bom carma, como ocorre com os justos.

Ambas as interpretações são legítimas, dependendo do sentimento de cada um, segundo as palavras do texto original. E como sabemos que as Escrituras, em suas expressões, manifestam vários sentidos, podemos escolher o que preferirmos, inclusive concomitantemente os dois.

Penetrando mais em profundidade, além desses sentidos, podemos entrever aqui uma ordem de aplicar na prática os ensinamentos dados em outros locais: desapego das ligações de sangue e das riquezas, e coração aberto para receber todos os sofrimentos do corpo, da alma e do espírito.

Ordem de realizar tudo na vida, sem cogitar de recompensa nem de retribuição. Servir desinteressadamente. Dar indistintamente. Pois só essa ação que não se prende aos frutos pode trazer real libertação do espírito, das amarras que o retêm em baixo, na desagradável convivência com a massa de involuídos do pólo negativo do Anti-Sistema.

A ação desinteressada garantirá aos que assim agem, a retribuição automática de uma elevação evolutiva, para atingir o nível dos "justos" (cfr. vol. 3 e vol. 4). Trata-se de uma terceira interpretação da frase: anástasis tôn dikaiôn: compreendemos, aqui, então, o genitivo como subjetivo, e não como objetivo.

Se para atingir o nível dos "justos" é necessária essa renúncia total aos frutos, que não será preciso SER, para alcançar o nível de "discípulos"? E como podemos ter a pretensão de dizer-nos "discípulos de Jesus", se ainda não VIVEMOS os ensinamentos dados?

PARÁBOLAS DOS CONVIDADOS

Mat. 22:1-14

Luc. 14:15-24

1. E respondendo Jesus, de novo falo-lhes em parábolas, dizendo:
2. "É semelhante o reino dos céus a um homem rei, que fez o casamento de seu filho.
3. E enviou seus servos a chamar os convidados para o casamento, e não quiseram vir.
4. De novo envia outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis preparei meu almoço, meus touros e cevados estão abatidos e tudo preparado, vinde ao casamento.
5. Eles, porém, não ligando, foram um para seu campo, outro para seu negócio,
6. e outros, prendendo os escravos dele, ultrajaram e mataram.
7. O rei, contudo, aborreceu-se e mandou suas tropas e matou aqueles e incendiou a cidade deles.
8. Então disse a seus escravos: O casamento está preparado, os convidados, porém, não eram dignos.
9. Ide, pois, às encruzilhadas das estradas e chamai todos quantos achardes, para o casamento.
10. Saindo aqueles escravos para as estradas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons, e encheu-se a sala de convivas.
11. Entrando o rei, porém, para ver os convivas, viu aí um homem não vestido de roupa de casamento,
12. e disse-lhe: Companheiro, como entraste aqui não tendo roupa de casamento?
13. Então o rei disse aos servos: Amarrando-lhe pés e mãos, lançai-o às trevas de fora: ali haverá o choro e o ranger de dentes.
14. Muitos, pois, são chamados, poucos escolhidos".
15. Ouvindo essas coisas, um dos que se reclinavam (ao tricínio) disse-lhe: "Feliz quem comer pão no reino de Deus"!
16. Ele disse-lhe: "Certo homem fazia um grande jantar e convidou muitos.
17. E enviou seu escravo, na hora do jantar, dizer aos convidados: Vinde, já está tudo preparado.
18. E começaram todos à uma a desculpar-se. O primeiro disse-lhe: comprei um campo e tenho necessidade de sair para vê-lo. Peço-te ter-me por escusado.
19. E outro disse: Comprei cinco juntas de bois, e irei examiná-las. Peço ter-me por escusado.
20. E disse outro: Casei-me, e por isso não posso ir.
21. Voltando, o escravo narrou isso a seu senhor. Então, insatisfeito, o dono da casa disse a seu escravo: Sai depressa às ruas e vielas da cidade e introduze aqui os mendigos e aleijados, cegos e coxos.
22. E disse o escravo: Senhor, feito o que mandaste, e ainda há lugar.
23. E disse o Senhor ao escravo: Sai pelas estradas e atalhos e obriga a entrar, para que se encha a casa,
24. pois digo-vos que nenhum dos homens convidados me provará o jantar".

A parábola das bodas, em Lucas, não apresenta dificuldade. É introduzida pelo comentário de um dos presentes à última frase de Jesus: a ressurreição dos justos, que lhe provoca a exclamação: "feliz o que comer pão no reino de Deus". A metáfora é comum em vários pontos das escrituras (cfr. Mat. 8:11; 26:29; Marc. 14:25; Luc. 13:29; 22:30; Ap. 19:9) para designar a intimidade dos eleitos com o Rei, pois o Reino de Deus era compreendido como verdadeiro reino, segundo o modelo dos impérios e reinos da Terra (compare Mat. 10:35-37), todo externo, com trono, coroa, ministros. etc.

Todavia Jesus alerta o interpelante para o fato de que nem todos os convidados (só por fazerem parte dos "filhos de Abraão, por seguirem à risca os mandamentos, etc.) terão a sorte de comparecer a ele. Narra-lhes, então, uma parábola .

Quem oferece o jantar é "um homem", e quando tudo está pronto, manda o escravo para convocar os convidados. A expressão *toú doulou autoú* , "o escravo dele", não exprime que só tivesse esse escravo, mas que mandou "o" escravo que tinha essa função específica de fazer contato com os amigos, o "public relation".

Todos recusam "à uma (*apò mías*) com as mais variadas desculpas. O dono da casa ficou "insatisfeito" (*orgistheis*, cfs. vol. 2) e mandou convocar mendigos, aleijados, cegos e coxos (tal como ensinara no vers 13 deste capítulo) até que se encha a casa, pois os convidados não eram dignos e não provariam do jantar.

Já em Mateus a parábola apresenta outros pormenores e alguns contraditórios entre si, a ponto de alguns hermeneutas afirmarem não se tratar da mesma parábola. Analisemos.

O convite parte de um rei que celebra o casamento do filho. Seus emissários são vários escravos: Os convidados recusam sem desculpar-se. São novamente instados a comparecer. Mas não fazem caso e vão a seus afazeres normais. E aqui entra um procedimento novo: alguns ferem outros matam os escravos do rei que, aborrecido, manda suas tropas para matá-los e queimar a cidade deles.

Alguns exegetas vêem aqui uma interpolação de outra parábola, e argumentam: como queimar a cidade, se possivelmente era a própria cidade em que morava o rei? E se a cidade fosse incendiada, como realizar o banquete, e como buscar os que estavam nas ruas e encruzilhadas? E enquanto as tropas iam e vinham, as comezainas se estragariam.

Depois, aparece outro fator ainda. Foram chamados bons e maus. Por que então zangar-se, por ver um conviva sem o trajo de cerimônia? Sugerem, então, que se trata de nova interpolação de terceira parábola. E como lançar às "trevas exteriores" (contrastantes com a luz do banquete) se se tratava de almoço (*áriston*), portanto à luz do dia? Verdade é que Gregório Magno (*Patrol. Lat.*, v. 76, col, 1282) afirma que a designação era elástica, podendo tratar-se de jantar.

Loisy (o. c., tomo 2.º, pág. 324/5) diz tratar-se de uma alegoria, em vista das contradições que tornam a parábola ininteligível. Pirot (o. c, vol. 10 pág. 291) sugere que aí vejamos três parábolas, cujos "resíduos" se conglomeraram numa só.

A "veste nupcial", segundo Jerônimo (*Patrol. Lat.* v. 26 col. 1601) são os mandamentos e as boas obras. Para Gregório Magno (*Patrol. Lat.* v. 76 col. 1287) é a caridade, e o expulso é o homem que tem fé, mas não caridade. Dom Calmet ("L'Évangile de Matthieu", pág. 472/3) interpreta que é o "homem novo" de que fala Paulo, ou seja, a fé e a caridade.

No vers. 12 traduzimos "companheiro", em lugar de "amigo", das traduções correntes, pois o original tem *hetaíre*, e não *phíle* (como em Lucas 14:10).

Nenhum desses problemas típicos do intelectualismo perquiridor chega a afetar a interpretação profunda da parábola, que é realmente uma nos dois evangelistas, ou seja, que traz um ensino cujos pormenores se acham mais ampliados em Mateus e mais simplificados em Lucas.

O "senhor" que convida para a refeição - para Sua intimidade - envia aos homens e às nações seus servos (os Emissários que pregam o progresso e o amor, sem distinção de raças, credos ou pátrias). Mas indivíduos e nações recusam, porque estão demasiadamente ocupados com os negócios da maté-

ria: campos, compra de bois, casamentos. E alguns até prendem e matam os Enviados. Evidentemente o castigo não tardará para os que assim agem, sejam indivíduos ou povos.

Ainda aqui descobrimos diversos graus interpretativos.

No campo humano, em geral, evidente tratar-se da vida espiritual em contraposição à material. Muitos comprometem-se, enquanto na espiritualidade, a realizar trabalhos meritórios no campo do espírito: pregadores, servidores da caridade, socorristas de órfãos, atendentes das mesas mediúnicas, escritores, sustentadores financeiros de obras espiritualistas. etc. Mas, em aqui chegando, o mergulho da carne os faz esquecerem as resoluções. Distraídos com os bens móveis e imóveis, com casamentos e compras de fazendas, com construção de apartamentos e de casas de campo confortáveis, e com a modernização do tipo de automóvel e a prosperidade financeira sempre maior, enveredam pelo mundo dos negócios, engolfados em preocupações que aumentam dia-a-dia.

O Senhor envia emissários para recordar-lhes os compromissos, manda verdadeiros convites para banquetes espirituais. E aí manifesta-se o apego material superposto aos benefícios do espírito. O comportamento varia. Em Lucas, vemos:

a desculpa da aquisição de imóveis: não posso aceitar o convite para o trabalho espiritual: tenho que superintender a construção de minha casa;

a desculpa dos bens materiais: não posso comparecer à mesa do banquete do espírito: preciso atender a meus empregos, para dar conforto à minha família;

a desculpa da vida amorosa: não posso ir: tenho que manter a paz do lar e a esposa (ou o marido) não gosta que eu saia, não admite o espiritualismo, etc. Ou então: preciso atender a esse caso de amor, que é cármico, não tenho tempo de comparecer (todos os casos amorosos dos espiritualistas são "cármicos").

Conforme vemos, são enumerados os bens da terra (campos) correspondentes ao corpo físico; os bens animais para a movimentação do veículo, que correspondem às sensações; e o casamento, que simboliza as necessidades emotivas.

São escolhidos, pelo Senhor, os mendigos, ou seja, os que não possuem bens terrenos e portanto, simbolicamente, são desapegados; os aleijados, isto é, os que dominaram as sensações a ponto de "não terem" mais certos membros vivos; os cegos, aqueles que não têm mais olhos físicos para contemplar as coisas materiais e podem, por isso, ensimesmar-se na meditação; e os coxos, os que não mais correm atrás de bens e riquezas.

Aqui somos alertados para outro princípio: ninguém é indispensável. Se alguém recusar a tarefa de que foi encarregado, outro virá substituí-lo, mas o serviço será realizado. Não importa que o trabalho não venha a ter a perfeição "humana" esperada. Pode o substituto ter suas deficiências (ser aleijado, cego ou coxo, ou não ter o dinheiro que o outro tinha), mas o resultado será obtido. Porque o homem é simplesmente instrumento, e o verdadeiro executante é a Força Cósmica que age em todos. Se o instrumento for bom, tudo será ótimo. Se o instrumento for defeituoso, o operador é tão formidável, que obterá o mesmo êxito maravilhoso. Quando a corda do violino arrebitou em pleno concerto, no palco, fenômeno que teria perturbado qualquer violinista, Paganini prosseguiu o concerto sem dar a menor importância, utilizando-se apenas das três cordas restantes. É fato registrado na história. Quanto mais não fará a Força Cósmica!

Em Mateus o comportamento dos "convidados" é mais violento. Parece-nos referir-se mais a povos que a indivíduos. Há nações ou raças predestinadas a exercitar tarefas de responsabilidade espiritual no planeta. Vimos - são rápidos exemplos - a Itália receber o bastão orientador da religião cristã no ocidente, e transformá-lo em instrumento de domínio e prepotência, tendo por isso sua estrela decaído no firmamento; vimos a França, luminar da libertação, malbaratar pela violência a pregação dos missionários, perdendo, por isso, o posto, em favor dos Estados Unidos; agora estamos observando que este último, destinado a educar as massas, dá-lhes como pasto histórias, filmes e exemplos de violência injustificável, que seus próprios cidadãos estão empregando contra os missionários encarregados de levar esse povo ao caminho de que se desviou. O "Senhor" enviará suas tropas, suas cidades

serão incendiadas e seus habitantes mortos. Muito se fala da missão do Brasil no terceiro milênio. Mas se seu povo não corresponder, a tarefa será cometida a outra nação. Mister cuidar em não perseguir nem anular as forças dos missionários que cumprem seu dever.

Podemos, ainda, interpretar a parábola como o episódio do despertar. O Eu Profundo (o Rei da criatura) deseja realizar as bodas (união mística) de seu filho (a personagem) consigo mesmo (o Cristo Interno). Manda que o escravo (o intelecto) convide os demais veículos para esse banquete (a que assistirão). Mas, apegada ao físico, às sensações, às emoções, a personagem recusa recolher-se interiormente e busca apenas exteriorizar-se (campos, bois, sensualidade). O Eu Profundo decepciona-se, e manda que suas tropas destruam a cidade e exterminem seus habitantes (que sobrevenha a morte física da personagem) e convoca outros convidados (outros veículos, em nova encarnação) para que possam assistir às bodas sem distrair o Espírito. Como os primeiros convidados recusaram, por estarem voltados para o mundo externo, o Eu Profundo faz vir à luz outros convidados (outra personagem) que possuam impedimentos sérios à exteriorização. São criaturas que terão como dotes a pobreza ("mendigos", para que os bens materiais não os distraiam); a deficiência física ("aleijados", ou seja, com fraquezas orgânicas ou doenças congênitas, que cortem os abusos das sensações); a cegueira (a fim de que, fechadas as janelas para a contemplação das formas físicas, não haja tentações fortes a desviá-los do caminho); e a dificuldade no caminhar (para que nem sequer se tente perseguir as riquezas e os postos honoríficos). A tudo isso, costuma chamar-se "resgate". Mas muitas vezes, é simples "estímulo evolutivo".

Na nova personagem, há coisas (convivas) boas e más, porque a evolução não dá saltos; mas, pelo menos externamente, surge uma impossibilidade inata de desvios perigosos. A luta prosseguirá, sem dúvida, mas para que se consiga dar um passo à frente, o Eu Profundo examinará os novos veículos com todos seus órgãos e células.

Se entre eles descobrir algum elemento estranho que envolva (como veste negra) o novo ser (por exemplo algum obsessivo renitente), fazendo que não apareça à vista sua "veste de casamento", ele será expulso para nova encarnação compulsória ("amarrados pés e mãos será lançado às trevas exteriores", a matéria, onde haverá choro e ranger de dentes, ou seja, dores e sofrimentos). Muitas personagens são chamadas pelo Eu Profundo para esse passo definitivo, mas muito poucas são realmente "eleitas", por sua correspondência integral ao convite, a fim de assistir às bodas do intelecto com o Eu Maior.

Mais uma interpretação especial merece o caso da "veste do casamento". O trecho não tem defesa na lógica racional: o rei manda chamar a todos, nas ruas e encruzilhadas, e os servos os recolhem diretamente da rua à sala do banquete, bons e maus. Será que todos estavam vestidos de gala? Não é possível. Referir-se-á a "veste nupcial" à parte moral da virtude? Não, porque entraram bons e maus, e no entanto só um não estava adequadamente trajado. De que se trata? Que o fato era grave, verifica-se pelo castigo aplicado. Que será a "roupa de casamento"? A conclusão tem, bem manifesta, sua contradição evidente. Se a sala se encheu de convivas, e só um foi expulso, como são "muitos chamados e poucos escolhidos, se foi escolhida a totalidade menos um?"

Toda essa contradição in terminis indica-nos que só pode haver uma explicação: trata-se de simbolismo, e simbolismo iniciático, totalmente incompreensível para os profanos. Tentemos decifrar o enigma. Analisemos.

Trata-se, aqui, da admissão de discípulos aos graus iniciáticos, nas Escolas, e a lição versa a respeito desse tema, sobretudo em Mateus.

Observemos que o evangelista fala num "homem-rei", ou seja, um ser que tem a categoria de hierofante. Os primeiros convidados recusam segui-lo. Então ele "queima a cidade", abandonando-a, e transferindo-se para outra localidade; os primeiros, que não atenderam ao chamado, "morrem" para o caminho iniciático. Feita a transferência, faz-se a convocação de novos elementos, de todas as partes, classes, culturas, raças, profissões: arrebanhamento atabalhado, para que o tempo precioso que o "rei" (hierofante) destinou à formação de novos candidatos não se perca no vazio.

Feita a introdução na Escola de bons e maus - ou seja, de aparentemente aptos e ineptos - o hierofante vai observar a aura ("veste") dos convivas e verifica que um deles não na tem própria para o "casamento", isto é, para a união de amor. Encarrega, então, seus representantes encarnados de afastá-lo da Escola, não sem antes dirigir-lhe a palavra, denominando-o "companheiro". Significativo: trata-se, pois, de alguém que é companheiro (que já está no segundo grau iniciático, sendo o primeiro o de "aprendiz", e do terceiro em diante, "irmão") e portanto, possui algum conhecimento, mas não tem ainda a "aura de amor" (roupas de casamento). Não operou ainda a "metánoia" (mudança de mentalidade). Trata-se, pois, de adepto da "matéria-negra". Conhece algo, iniciou a caminhada, mas volta-se para o mal, para o egoísmo, para o auto-interesse, a venda de benefícios por dinheiro ou jóias, a escravidão do livre-arbítrio dos que o seguem. Daí a condenação ser severa: "trevas exteriores", ou seja, perda dos poderes psíquicos externos, que já adquirira, regressando à treva cega da matéria densa, onde as dores e sofrimentos cármicos se encarregarão de purificá-lo (de fazer nova catarse) a fim de que, mais tarde, operada então a "metánoia", possa reabilitar-se e ingressar na Escola.

O vers. 14 não se refere a essa conclusão apenas, nem a expressão "um homem" exprime somente a unidade. São elementos simbólicos. O "muitos chamados" atinge a todos os que primeiramente tinham sido convidados, mas que, experimentados nos "testes" da vida, sucumbiram à ambição terrena e se afastaram; aos que, levados por vaidades, abandonaram o caminho; aos que, presos aos interesses materiais, aos sonhos de grandeza, à sede de postos, às exigências de família ou das conquistas amorosas absorventes, ao conforto material, não se dispõem a seguir. Outros os substituirão. Mas o local será outro, bem diferente, bem distante, e a frustração que os invadir no mundo espiritual pela oportunidade perdida, os preparará para um regresso à carne com melhores disposições.

Os "poucos escolhidos" são aqueles que, mesmo após a aceitação, e o ingresso na Escola, tenham capacidade de prosseguir e chegar a "saltar sobre o abismo". Poucos, sem dúvida, muito poucos galgarão o cimo, sustentados pelo irmão mais velho (espiritualmente). Mas, embora somente número reduzido atinja o cume (poucos escolhidos), o fato de muitos já se equilibrarem na encosta da montanha é um consolo e um prêmio, para quem os tirou da profundeza do vale, "das ruas e encruzilhadas" do mundo.

ÍNDICE REMISSIVO

- A ADÚLTERA, 51
 A AVAREZA EGOÍSTA, 102
 A GNOSE DA VERDADE, 66
 A PORTA DAS OVELHAS, 86
 A SEMENTE, 117
 AÇÃO DE OBSESSORES, 31
ALEGRA-TE, 103
 Allan Kardec, 8, 31, 131
 ALMOÇO COM O FARISEU, 40
Anaxágoras, 19
aprisco, 88
Aristoclês, 19
Aristóteles, 19
Arquimedes, 19
 BEELZEBUL, 23
Capela, 93
 CEGO DE NASCENÇA, 76
COÁGULA, 108
 COINCIDÊNCIAS, 7
COME, 103
CRISTIFICAÇÃO REAL, 6
CRISTO CÓSMICO, 123
 CURA DE DOIS CEGOS, 126
 CURA DE UM OBSIDIADO, 22
 CURA DE UMA OBSIDIADA, 110
 CURA DO HIDRÓPICO, 135
 Da Vinci, 103
Demócrito, 19
Demóstenes, 19
 EMISSÁRIOS, 3
Epicuro, 19
 EPÍLOGO DO ALMOÇO, 50
 FALAR CONTRA O ESPÍRITO, 26
hamartía, 81
Isócrates, 19
 JESUS DECLARA-SE YHWH, 61
 João Evangelista, 103
ladrão, 88
 LUZ DO MUNDO, 56
 MARIA E MARTA, 14
 Máximo de Éfeso, 103
 METANÓIA, 105
 MOSTARDA E FERMENTO, 114
MULTÍPLICA, 108
 NOTA DO AUTOR, 75
 O BOM PASTOR, 90
 O ELOGIO DA MULHER, 34
 O OBSIDIADO MUDO, 128
 O REGRESSO DOS 72, 16
 O SINAL CELESTE, 36
 OS CONVIDADOS, 140
 OS PRIMEIROS LUGARES, 138
 OS SETE AIS, 43
ovelhas, 88
 PARÁBOLAS DOS CONVIDADOS, 142
pastagem, 88
pastor, 88
 percalços, 95
Pitágoras, 19, 103
Platão, 19, 103
 PNEUMA HAGION, 97
PONTO DE CONTATO, 88
porta, 88
porteiro, 88
Pramartolos, 81
 PREGAR SEM MEDO, 95
 PRODUZIR FRUTOS, 107
 QUEIXA DE JERUSALÉM, 133
 RECADO A HERODES, 130
REPOUSA, 103
 Roger Bacon, 103
 Salomão, 103
 SAMARITANO, 9
 servo amado, 90
Sócrates, 19
SOLVE, 108
STA, 108
 UM COM O PAI, 119
 VOLTA A TRANSJORDÂNIA, 124
voz, 88